Hori Cadernos Técnicos

6

Fernando Costa Straube



Ruínas e urubus:

História da Ornitologia no Paraná

Período de Natterer, 2
(1835 a 1865)











Hori Cadernos Técnicos
6

RUÍNAS E URUBUS:
HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

PERÍODO DE NATTERER, 2

(1835 a 1865)

1ª edição

Fernando C. Straube

Hori Consultoria

Curitiba, Paraná, Brasil

Agosto de 2013

Ficha catalográfica preparada por
DIONE SERIPIERRI (Museu de Zoologia, USP)

Straube, Fernando C.
Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 2 (1835 a 1865) ; por Fernando C. Straube, apresentação de Alessandro Casagrande. – Curitiba, Pr: Hori Consultoria Ambiental, 2013.
314p. (Hori Cadernos Técnicos n. 6)
ISBN 978-85-62546-06-8

1. Aves - Paraná. 2. Paraná - Ornitologia. 3. Ornitologia – História. I. Straube, Fernando C. II. Casagrande, Alessandro., apresent. II. Título. III. Série.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme **Decreto n°1825**, de 20 de dezembro de 1907.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Capa: Composição com mata de araucária na Lapa (Paraná) (Foto: Fernando C.Straube), documentos e ilustrações de Franz Keller-Leuzinger, William Michaud, Julius Platzmann, Emmanuel Liais; foto da arara-vermelha (*Ara chloropterus*) em voo por Ciro Albano.

2013



http://www.hori.bio.br

HORI CADERNOS TÉCNICOS n° 6

ISBN: 978-85-62546-06-8

CURITIBA, AGOSTO DE 2013

CITAÇÃO RECOMENDADA:

Straube, F.C. 2013. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná**. Período de Natterer, 2 (1835 a 1865). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 6. 314 + viii pp.

APRESENTAÇÃO

É com imenso júbilo que apresento a obra “Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná” em seu terceiro volume. O conjunto desta obra trata-se, inegavelmente, do maior compêndio de informações sobre a história e meio ambiente do estado do Paraná já escrito. Um notável trabalho de pesquisa que apenas por este motivo, já seria uma grata satisfação fazer este prólogo. Todavia, torna-se um regozijo ainda maior pelo que representa o seu criador: o incansável naturalista do século XXI Fernando Costa Straube.

Para o leitor desavisado, aviso-lhe: o título engana. Há muito mais do que simples história da ornitologia paranaense em suas páginas. Na verdade, *Ruínas e Urubu*s é uma obra fascinante e surpreendente sobre a história ambiental paranaense.

Em linhas gerais, define-se história ambiental como o estudo histórico da relação entre homem e natureza. Esta nova disciplina da História propõe a inserção do homem como parte integrante da natureza, encerrando o histórico olhar antropocêntrico sobre a mesma que vinha sendo escrita desde os estudos seculares de Aristóteles (384-322 a.C.) com a sua *Historia animalium* e de Plínio, o Velho (23-79 d.C.), em *Naturalis historiae* - considerada a primeira enciclopédia da Antiguidade e que reuniu diversas informações sobre plantas, animais, minerais e vários outros assuntos. A esta última, inclusive, se atribui o cunho e a perpetuação do uso do termo “História Natural”.

Contudo, a origem do termo “História Ambiental” como nova disciplina socioambiental é mais recente. Foi concebida nos anos 1970 nos Estados Unidos, fruto de um processo de reflexão ambiental iniciado nos controversos anos 1960 e 1970. No Brasil, os primeiros trabalhos se concentraram no final dos anos 1980, destacando-se entre outros, os autores Donald Worster, Warren

Dean, José Augusto Pádua, José Augusto Drummond, Arthur Soffiati, entre outros.

Worster, um dos autores teóricos referenciais da temática, entende que são três os níveis em que a História Ambiental se desenvolve; sendo que o primeiro trata da reconstituição dos ambientes naturais do passado; o segundo descreve a influência socioeconômica sobre a natureza; o terceiro analisa o mundo das ideias e concepções que formam o *zeitgeist* de uma determinada sociedade com o mundo natural.

No que tange à reconstituição dos ambientes naturais do passado, a primeira das três perspectivas elencadas por Worster no estudo desta ciência, Straube apresenta um importante diferencial em relação aos demais historiadores ambientais: conhece a fundo os lugares, os ecossistemas, a fauna e a flora nativas do Paraná e do Brasil - fruto de suas incursões trabalhando como consultor ambiental há mais de duas décadas. Deste modo, ele se distingue dos demais autores de história ambiental por ser um profissional forjado nas ciências naturais e com grande conhecimento na interpretação pretérita e atual da paisagem, assim como as espécies que as compõe, mesmo àquelas que não se encontram mais.

Outro atributo do autor se refere ao seu conhecimento particular da história do estado do Paraná, demonstrado nesta obra por meio das efemérides que auxiliam o leitor a entender a contextualização histórica de que trata o referido momento temporal descrito e que antecede a apresentação de cada personagem. Esta metodologia conduz o leitor para uma viagem ao passado com uma aterrisagem mais precisa. Ressalta-se, na obra, a grande quantidade de autorreferências de sua blibliografia no campo historiográfico ambiental, revelando a sua pródiga produção no levantamento de informações de fontes primárias.

É digno de nota que os autores oriundos das ciências naturais são exceções neste novo campo de estudos da historiografia, e Straube, com o perdão do trocadilho ornitológico, tem se destacado como uma *avis rara* no Brasil.

O seu trabalho se assemelha ao do biólogo e historiógrafo ambiental americano Jared Diamond, pesquisador que também

transita com facilidade em ambos os campos das ciências sociais e naturais, realizando um diálogo interdisciplinar cujos trabalhos de história ambiental tem recebido notoriedade internacional, como é o caso do *best seller* "Colapso - como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso".

Vale destacar que Straube vem produzindo artigos sobre história ambiental desde os fins dos anos 1980 silenciosamente, sendo portanto, sem exagero, um dos seus precursores desta nova ciência socioambiental, não apenas no estado do Paraná, mas também no Brasil. Vide, por exemplo, os seus artigos sobre: a contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná (1989), o zoólogo Johann Natterer (1990 e 1993), o naturalista polonês e Patrono da Ornitologia no Paraná, Tadeusz Chrostowski (1990 e 1993), e outras mais de duas dezenas de trabalhos produzidos nas últimas décadas.

O autor consegue, com perspicácia singular, reconstruir algumas paisagens extintas do estado do Paraná exumando personagens e seus relatos de um longínquo passado ambiental paranaense; trazendo a lume os guarás escarlates de Vieira, os socó-bois de Lellis da Silva, os jaós de Telêmaco Borba, as araras do rio Tibagi de Cândido Pitanga, as lamúrias tropicais de Tschudi, entre outras preciosas informações, descrições e análises.

Esta maestria do autor em desvelar informações históricas e ambientais importantes através do seu rigoroso escrutínio técnico-científico, faz ressuscitar autores, paisagens, animais e plantas, informações singulares que provavelmente estariam fadadas ao esquecimento dos escaninhos empoeirados de uma estante qualquer.

Em alguns casos, corrige eventuais erros de identificação das espécies feitos pelos seus biografados. Desta forma, Straube manifesta-se como um tradutor do passado, uma espécie de médium que nos faz revelar espécies e lugares que às vezes se camuflam na eventual falha de diagnóstico do biografado ou na inexorável passagem do tempo, colaborando sobremaneira para uma descrição mais realística de cenários ambientais extintos ou desfigurados pela ação humana - tarefa quase improvável de ser

realizada por um historiador que não tenha a formação necessária sobre os conceitos das ciências naturais.

Neste conjunto de volumes de *Ruínas e Urubus*, o autor claramente presta um serviço inestimável aos interessados na natureza e na história do estado do Paraná. Contribui, neste sentido, para uma reflexão sobre a transformação da natureza paranaense durante os últimos séculos. Uma obra que já nasce clássica e referencial, que apenas o tempo será capaz de dimensionar a sua importância e de seu autor.

Definitivamente, Straube merece mais espaço na galeria dos estudiosos referenciais de história ambiental no Brasil. Assim, nesta apresentação, em nome da memória ambiental do estado, e de toda sorte de exploradores, viajantes, naturalistas e pesquisadores, e de toda a lama entranhada nos seus pés advinda da miséria das expedições em meio a florestas pristinas, das excruciantes transposições de rio com canoas de cedro pesadas, de toda miríade de insetos de todas as ordens, de espinhos e taquarais sem fim, humildemente vimos aqui lhe dizer: muito obrigado por ter se lembrado de nós!

ALESSANDRO CASAGRANDE

ALESSANDRO CASAGRANDE é engenheiro agrônomo, especialista em Ciência de Solo e Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento. É coordenador da Rede Brasileira de História Ambiental e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão a uma infinidade de pessoas e instituições que colaboraram com toda a produção do projeto “Ruínas e urubus” (ainda parcialmente concluído) está detalhadamente tratada nos volumes anteriores, em alusão à obra como um todo. Reitero aqui minhas palavras de admiração e apreço a todos que, por certo, irão compreender essa “economia editorial”. Para este livro em particular, eu gostaria de incluir, ou mesmo repetir, meu reconhecimento a alguns deles, seja porque não figuraram na versão anterior, seja por terem aqui participado de forma diferenciada.

Novamente pude contar com a competente intervenção de Dione Seripierri (Museu de Zoologia, USP) que, com o costumeiro zelo, preparou a ficha catalográfica. Ciro Albano (NE Brazil Birding, Fortaleza) cedeu gentilmente a foto da arara-vermelha (*Ara chloropterus*) que aparece na capa do livro.

Várias pessoas colaboraram com detalhes particulares do período 1835-1865, por acréscimo de informações, cessão de dados ou mesmo sugestões de redação, incluindo traduções. Nesse sentido aponto André A. R. de Meijer, Érico T. Viensci, Carlos Eduardo Conte, Fernando A. Sedor, Hans Jacobs, Lucas Mariotto, Philipp Stumpe, Renato S. Bérnils, Vinicius Abilhoa, além de Hitoshi Nomura, Jacques Vielliard (*in memoriam*), Jefferson de Lima Picanço, José Carlos Veiga Lopes (*in memoriam*), José Fernando Pacheco, José Flávio Cândido Júnior, José La

Pastina Filho, Maria Cecília Vieira-da-Rocha, Paulo E. Vanzolini, Pedro Salviano Filho e Pedro Scherer Neto.

José Carlos Veiga Lopes (*in memoriam*) alertou sobre a menção a várias espécies de aves na obra de Salvador Coelho; Michel Miretzki dividiu grande parte do texto sobre Lellis da Silva, sobre cuja temática chegamos a esboçar um artigo específico; também com relação a esse capítulo, contribuíram Pedro Scherer Neto e Fernando F. Fontana, revelando dados sobre Pierre Aloys Scherer e também Sebastião Laroca, que me alertou sobre os Beaurepaire-Rohan. Para o texto sobre Vieira dos Santos quero, antes de tudo, relembrar de Ruy Altamir da Cruz (*in memoriam*) e sua valorosa contribuição para que tivéssemos acesso à sua obra-maior; também aponto a colaboração de Vanessa G. Persson e Maria Lúcia Lorini, bem como Vítor de Q. Piacentini e Daniel "Kurupira" pelas informações e verdadeira varredura bibliográfica. Sobre Michaud, destaco a generosa cessão das cópias do acervo depositado no *Musèe Historique de Vieux Vevey* (Suiça), propiciada pelo amigo Waldeir "Carioca" da Silva Teixeira.

A cansativa e pouco produtiva pesquisa em busca de vestígios de desenhos e outros materiais de Platzmann contou com o esforço voluntário e amigo de Hans Jacobs, Birgit Ohlhof, Gerd Spitzer, Carlos Roberto Maciel Levy, Birgit Thiemann e Kerstin Fuhrmann. As instituições investigadas, a cujos dirigentes sou igualmente grato, foram: *Stadtarquiv*, *Museum der bildenden Künste*, *Naturkunde Museum*, *Stadtgeschichliches Museum*, Biblioteca Central da *Universität Leipzig* (todos de Leipzig, Alemanha), *Staatliche Kunstsammlungen* e *Staatliche Ethnographische Sammlungen Sachsen* (*Museum für Völkerkunde*), esses dois últimos de Dresden (Alemanha). Também desejo ressaltar a importância do resgate (por Henrique "Vitamina" Schmidlin) e da tradução (por Francisco Paulo Lothar Lange) dos

originais em alemão, que propiciaram à sociedade paranaense, o acesso definitivo à raríssima e quase esquecida obra sobre Paranaguá.

Para o texto sobre Liais, contei com a amizade e colaboração de Marcos Maranhão, com o qual divido a autoria na produção de um artigo específico que se encontra em preparação; além disso, também tive o apoio e estímulo da maior especialista no assunto: Christina Helena Barboza.

Devo também expressar meu reconhecimento a Anthony Leahy e Carlos A. Brantes (*in memoriam*) pela abnegação em torno da reedição da obra "Actualidade Indígena" de Telêmaco Borba, que agora se encontra acessível a todos os cidadãos paranaenses.

Aspectos relativos a espécimes depositados em vários museus brasileiros, inclusive a permissão de consulta aos respectivos acervos, foram possíveis graças à intervenção de Dante L. M. Teixeira, Jorge B. Nacinovic e Marcos A. Raposo (Museu Nacional, Rio de Janeiro: MN), Hélio F. de A. Camargo (*in memoriam*), Luis Fábio Silveira, Vitor de Q. Piacentini, Marina Somenzari, Marco Antônio Rego (Museu de Zoologia, São Paulo: MZUSP), José Maria Cardoso da Silva, David C. Oren e Alexandre Aleixo (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: MPEG).

Pelas sugestões aqui e ali, empolgação e estímulo, menciono vários confrades do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, destacadamente Carlos Brantes (*in memoriam*), Wenceslau Muniz, Carlos Zatti, Nelson "Farofa" Penteado Alves e, claro, meu pai Ernani C. Straube.

O projeto "Ruínas e urubus" que agora vê publicado seu terceiro volume é uma iniciativa da Hori Consultoria Ambiental, a quem agradeço – bem como a todos os amigos que lá atuam – pela participação direta: Anderson Gilliet, Caroline Carneiro, Débora Zancanaro, Fernando J. Venâncio, Leonardo R. Deconto, Marcelo A. Silva, Marcelo

A. Villegas Vallejos, Marise Pim Petean e Vanessa Ariati. Dentre todos eles quero destacar Alberto Urben-Filho, meu irmão por opção, por ter compartilhado grande parte do material aqui apresentado.

Também ressalto que jamais poderia ter a recepção e aceitação que a obra conseguiu sem o esforço de algumas pessoas e instituições que contribuíram para a sua divulgação, desde mesmo o primeiro volume. Quero, desta forma, mencionar Pedro Salviano Filho (e o periódico Atualidades Ornitológicas), Guto Carvalho (Avistar Brasil), Eric Gallardo (Revista Birdwatcher), Juan Pablo Culasso, Maicon Mohr e Juliana M. Mohr (COAVE), Zé Edu (*National Geographic*), Luciano Breves (Projeto Ornithos), Natália Allenspach (blog A Passarinhóloga), Tietta Pivatto (blog Bonito Birdwatching), Roberto Cirino (blog Passarinhando), Alessandro Casagrande (Rede Brasileira de História Ambiental), Zélia Sell (Rádio E-Paraná), Luiz Álvaro (blog Surucuá e Tristeza do Jeca), Zé Edu Camargo (*National Geographic* Brasil), Luciane Marinoni e Sionei Bonatto (Sociedade Brasileira de Zoologia).

Last but not least, sinto-me feliz por agradecer novamente ao amigo Alessandro Casagrande pela revisão e especialmente pelo texto preparado para a Apresentação, trazendo um ornamento a mais a esta produção e que faz transparecer parte de sua dedicação e conhecimento da História do Paraná.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Em 1856, de acordo com o relatório de Henrique Beaurepaire-Rohan, um dos marcos que definiam oficialmente os limites entre os municípios de Curitiba e São José dos Pinhais era uma jabuticabeira que, nas palavras do notável militar e explorador, estava "*junto á estrada que segue para Matto-Dentro; desta jabuticabeira á cabeceira de um corrego, que se acha pouco distante* [...]" (Beaurepaire-Rohan, 1856; Gillies, 1998). O prosaico detalhe topográfico é algo que ilustra muito bem a importância dos assuntos de história natural no contexto histórico e não somente no tocante à parte econômica ou narrativa. Uma árvore como ponto de referência político!

Embora o curioso exemplo seja algo pontual, ele se inclui em um panorama que ganhou muita força a partir da primeira década do Século XIX. Os elementos da biodiversidade brasileira e dos demais recursos naturais, especialmente geológicos, já não eram mais tratados como matéria-prima pura e simples mas também como fontes para o desenvolvimento, agora claramente sustentado pelo que passou – então – a se chamar de ciência básica.

Este livro é o terceiro volume da revisão histórica sobre a Ornitologia no Paraná, em continuação aos que foram lançados a partir de dezembro de 2011 e que englobaram, até agora, o período de 1541 a 1834. Nesse

sentido, toda a filosofia de concepção, a apresentação dos objetivos e os procedimentos metodológicos adotados na obra como um todo poderão ser lá encontrados, particularmente no volume de abertura, onde estão detalhadamente descritos e explicados.

No número anterior, já ultrapassados quase todos os vestígios do Descobrimento e da Reforma Pombalina, tratou-se das consequências diretas da Abertura dos Portos, episódio que inaugura, de fato, todo o processo descritivo e analítico da coleção.

Agora, no intervalo que agrega pouco mais de três décadas entre 1835 e 1865, tudo se modifica. A palavra agora é comunicação, centrada no ainda inexplorado oeste, cuja exploração demandava o estabelecimento de projetos para acesso e definição de percursos consensuais. Sob esse pano de fundo, o cenário faz transparecerem algumas questões sociais, relacionadas aos obstáculos criados pelas etnias indígenas, frente à invasão constante de seus territórios e ao início do processo imigratório europeu.

Esse volume, assim, desperta o leitor não somente para uma série de mudanças em todos os panoramas vividos naquele tempo. Serve também como “divisor de águas” de um Paraná independente, revelando a percepção de natureza pelos cidadãos, algumas décadas antes e outras depois, do penoso processo de emancipação política do estado.

Além disso, é para mim um momento especial do ponto de vista genealógico. Afinal, aproximadamente na metade do período aqui abordado é que um de meus antepassados emigrou da Alemanha, buscando uma nova vida no continente americano e criando as raízes familiares hoje existentes no Sul do Brasil. Franz Gustav Straube (1802-1853), naturalista e comerciante de material biológico representa, desta forma, uma parte da dedicação, carinho e esforço que deixo impresso nesta obra.

O SEGUNDO PERÍODO DE NATTERER

Como já tratado anteriormente, o ano de 1820 é um marco divisório da Ornitologia – e de todas as outras ciências naturais – no Paraná. É a partir dele que emanam todas as contribuições sedimentares de um processo de conhecimento gradual, cujas paisagens de interesses e concepções vão se alterando anos após ano, de acordo com as políticas vigentes.

Passados treze anos desde que o Brasil já se considerava um país independente, é de 1835 a primeira narrativa genuinamente paranaense tratando das paisagens ali disponíveis, como manifestação de ufanismo e recordações pessoais. Sob um padrão completamente distinto de todos os textos anteriormente preparados, o lapiano Salvador Coelho descreve acontecimentos vivenciados em uma prosaica viagem à sua terra natal. O texto, embora modesto e carente tecnicamente, reflete um novo cenário literário que ainda estava por vir e sedimentar-se de maneira definitiva. Nesse sentido, a elaboração da obra visava claramente à leitura – por parte de leigos – das considerações ali incluídas. Não por acaso, ela se tornou um clássico da historiografia local, pioneira que foi no tratamento de informações que anteriormente jamais foram cogitadas de serem divulgadas.

Seu caráter "paranista", ainda, refletia uma série de anseios socio-econômicos, centrados na almejada

emancipação política do Paraná, planejada antes mesmo da Independência do Brasil e finalizada, a bom termo, apenas em 1853.

O lapso analisado neste livro, por assim dizer, enfoca um momento de transição, evocado pela política mas claramente expresso pela população. A tão sonhada unidade independente, hoje conhecida como estado do Paraná, precisava estar livre de São Paulo para levar a efeito todos os seus projetos autônomos, de desenvolvimento e comunicação.

Mas pouco antes disso, já havia um problema crônico: a necessária ligação do litoral com o interior – leia-se "Mato Grosso" (*sensu lato*), planejada e sonhada por João da Silva Machado, depois Barão de Antonina, que era uma das personalidades paulistas mais destacadas.

Com isso, vias de acesso intercalando acessos por terra e pelos rios, única forma de se atingir as cobiçadas terras do interior, passaram a ser consideradas prioridades máximas. E isso de seu não apenas sob a demanda de integração nacional, haja vista que a intenção pelo reconhecimento das terras do interior se ligava também à contenção e "pacificação" dos chamados índios bravios que, nas antigas palavras de João VI, eram elementos que atrasavam o desenvolvimento.

Muitos caminhos coloniais já existiam desde tempos pré-colombianos, ligando todas as regiões do estado, mas os chamados percursos "oficiais" eram poucos e ainda havia uma grande área a ser consagrada como via de acesso trivial. Conquistados os Campos de Guarapuava, agora tornava-se obrigatório o estabelecimento de ligação com as antigas possessões espanholas (Paraguai, Bolívia e Argentina) pelo oeste. Isso acabou acontecendo gradualmente, graças às inúmeras incursões de militares, engenheiros, topógrafos e exploradores, com destaque para John Henry Elliot e

Joaquim Francisco Lopes, ao longos dos rios Iguaçu, Tibagi, Paranapanema e Paraná e, claro, Pierre Aloys Scherer, Henrique de Beaurepaire Rohan e Camilo Lellis da Silva, no trato entre Guarapuava e Foz do Iguaçu.

De forma muito mais destacada, as atenções se voltaram também para o insistente projeto de unir a região litorânea, ou seja, a zona portuária de Antonina e Paranaguá, às longínquas terras que iam além dos "Campos da Vacaria" (Mato Grosso do Sul), chegando aos confins da mítica Terra dos Xaraiés, na então Mondego, hoje cidade de Miranda. De lá, o traçado ambicionava o Oceano Pacífico, cruzando a cordilheira dos Andes e chegando ao litoral peruano. Esse projeto, idealizado pela *Paraná and Mato Grosso Expedition*, visava à identificação de condições de relevo e hidrografia para o estabelecimento de caminhos terrestres e fluviais e, por assim dizer, acabou por subsidiar grande parte do sistema ferroviário primevo, iniciado já em 1828 e expandido por iniciativa do Barão de Mauá, por volta de 1840. Entrávamos na chamada Idade das Ferrovias (1850-1880), tal como descrita por Hobsbawn (1988).

Sob esse contexto surgem, no Paraná, as primeiras contribuições genuinamente paranaenses, por parte de Epifânio Cândido Pitanga, Telêmaco e seu irmão Nestor Borba, dos irmãos Rebouças e da família Keller, mas também Thomas P.Bigg-Wither, Theodoro Sampaio e do Visconde de Taunay, esses três últimos tratados no próximo volume.

Algo importante é lembrar que esses exploradores não se restringiam apenas aos traçados pré-estabelecidos, visto que a devassa do território era exatamente o objetivo central de suas incursões. Com isso, o Paraná passou a ser mais conhecido, pelo estímulo adicional de sua posição geográfica, permitindo o acesso à zona fronteiriça do Pantanal do Mato Grosso do Sul.

Outro detalhe importante que se interliga com essas viagens é a formação intelectual desses exploradores, via de regra profissionais do campos da geografia, engenharia ou mesmo leigos esclarecidos, incluindo militares de formação superior e artistas. É por seu intermédio que as excursões passaram a ser não apenas realizadas como, ainda, realmente narradas e notificadas em revistas, livros e outros meios de publicação. Obviamente que pouco se pensava sobre o alcance e importância futura de tais escritos, produzidos geralmente como meros relatórios. Aí une-se outra variável importante: tais narrativas, embora com forte cunho geográfico, incluiam dados sobre espécies utilizadas na alimentação e em outras necessidades cotidianas, durante as viagens. Sendo, por questões de sobrevivência, notáveis observadores, todos eles acabaram por incluir menções valiosíssimas de animais e plantas encontradas durante suas peregrinações.

O fluxo de imigração estrangeira[1] no País, iniciado em 1818 também teve grandes ligações – neste período – com o desenvolvimento do processo científico nacional e, como sabido, de todo o Sul do Brasil. Isso porque dentre milhares de europeus que convergiram para o País desde então, estavam incluídos verdadeiros naturalistas amadores que aqui planejavam, com sua chegada, uma nova vida, repleta de saúde sob o clima tropical e com uma economia mais amigável do que aquela vivencida na Europa em eterna crise.

A presença de estrangeiros, na realidade, não era puramente espontânea e sim contava com grande incentivo por parte do governo imperial, em especial a partir de 1850. Assim enquadra-se a "Lei de Terras" (Lei nº 601 de novembro de 1850), que deu especial atenção e

[1] Entenda-se imigração não-portuguesa e não-africana.

favorecimento à colonização, ofertando propriedades aos interessados (especialmente alemães, italianos, poloneses e ucranianos) e algumas condições para estabelecimento de frentes agrícolas.

Em princípio, as atividades do imigrantes foram concentradas na criação de quistos étnicos no além-mar, de forma a propiciar a obtenção de matéria-prima fácil e barata, subjugando-se a "raça inferior nativa" (Richter, 1986). Isso pode ser verificado no próprio contingente germânico instalado no sul do Brasil no fim do século passado, ou seja, 15% da população do Rio Grande do Sul, 20% da de Santa Catarina e 7% do Paraná (Richter, 1986). Na realidade, desde mesmo os tempos de Cabeça de Vaca, época que pode ser chamada de Renascimento, havia um consenso geral sobre a necessidade de "europeizar" a América e o mundo (Theodoro, 1996).

Ao fim dessa filosofia, começam a surgir novos objetivos para as vindas de estrangeiros, resultado de uma pressão da população e dirigentes políticos brasileiros contra o expansionismo passivo das grandes potências. Esse novo sentido diplomático viria, então, a delinear os propósitos locais e oriundos do exterior, quanto às explorações científicas em território paranaense.

O novo rumo passou, com maior ênfase, a acompanhar os campos da Geologia, visto seu relacionamento com os recursos minerais economicamente exploráveis, cujas jazidas já encontravam-se bastante conhecidas nos estados adjacentes. Da mesma forma, as riquezas biológicas, alusivas às plantas nativas de interesse ao cultivo e ao enorme potencial de caça, orientaram essas investidas. Não por acaso, toda essa geração fôra, com propriedade, baseada no suporte dado pelas observações publicadas por naturalistas de tempos anteriores, como Saint-Hilaire, Sellow, Spix e Martius (Maack, 1968).

Alguns imigrantes chegados ao Paraná, definitiva ou temporariamente, se notabilizaram pela contribuição deixada para a história e ciências naturais. Enquadram-se sob esse critério William Michaud, além de Julius Platzmann, ambos tratados neste volume, mas também Giuseppe Franco-Grillo, Carl Schwacke e Carl von Koseritz.

No tocante à imigração, também ocorreram visitas de estudiosos com o intuito de realizar verdadeiras viagens de fiscalização, a fim de conhecer e orientar seus compatriotas para as condições reais aqui encontradas e estabelecer políticas diplomáticas com Portugal. Nessa condição especial enquadram-se Johann von Tschudi, Robert Avé-Lallemant e, mais tardiamente, Jozéf Siemiradzki.

Sob esse tratamento, os três fundamentos que definiram o avanço da Ornitologia paranaense no Século XIX basearam-se inicialmente no interesse por descobertas científicas (a partir de 1820) depois pela necessidade de consagração de vias de acesso pelo interior (a partir de 1842) e, por fim, ligados ao fluxo imigratório europeu (a partir de 1852).

É nesse contexto entrelaçado e gerador de várias consequências, que inicio aqui a análise das contribuições produzidas em prol da Ornitologia e de toda a História Natural no Paraná oitocentista entre os anos de 1835 e 1865.

Cronologia

1835 Início da Revolução Farroupilha (ou Guerra dos Farrapos), levante republicano contra a monarquia na então Província de São Pedro do Rio Grande, dada como independente do Império e denominada – pelos revolucionários – República Rio-Grandense. Sob a liderança de Bento Gonçalves, dura até 1845.

1835 Johann Moritz Rugendas publica "***Malerische Reise in Brasilien: Voyage Pitoresque dans le Brésil***", luxuosa obra iconográfica publicada por influência de Alexander von Humboldt. O livro inclui suas anotações de viagem e a vasta quantidade de desenhos por ele preparados quando de sua permanência no Brasil em companhia do Barão de Langsdorff. Esse material é utilizado até os dias de hoje como fonte documental segura sobre o cotidiano brasileiro, suas paisagens originais, tipos humanos e sociais e numerosos exemplos da naturália, especialmente plantas.

1835 Eduard Friedrich Poeppig lança o primeiro volume (o segundo saiu no ano seguinte) da obra "***Reise in Chile, Peru und auf dem Amazonenstrome während der Jahre 1827-1832***", baseado nos sete anos de estudos geográficos, botânicos e zológicos realizados no Chile, Peru e Brasil, de onde obteve material para a descrição de mais de quatro mil plantas.

1835 O naturalista e farmacêutico Johann Rudolf Rengger publica "***Reise nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826***", uma extensa corografia de geografia física do Paraguai, narrando os resultados de sua longa permanência naquele país, inclusive aspectos ornitológicos relevantes. Rengger manifestara anteriormente (1830) sua preferência pelos mamíferos, descritos na obra "*Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay".*

1835 O naturalista alemão Robert Hermann Schomburgk e seu irmão Richard viajam pelas Guianas por seis anos (até 1840), obtendo informações geográficas, biológicas e etnológicas. Em 1841, o primeiro retorna ao País com a incumbência de definir e mapear as fronteiras com a Venezuela. Tendo sido bem sucedido, recebe o título de Cavaleiro da Coroa Britânica, pela Rainha Vitória. Publica livros sobre corografia e descrições geográficas mas o relato de sua expedição às Guianas acabou sob o encargo de um outro irmão, Otto: "*R.H. Schomburgks Reisen in Guiana und am Orinoco während 1835-1840*".

1836 Charles Waterton, com base em sua viagem para o nordeste do Brasil, publica: "***Wanderings in South America, the North-west of the United States, and the antilles in the years 1812, 1816, 1820, & 1824. With original instructions for the perfect preservation of birds, etc. for cabinets of Natural History***", obra que inspiraria naturalistas como Charles Darwin e Alfred R.Wallace. Waterton

(lembrado em uma espécie de beija-flor endêmico do Nordeste: *Thalurania watertonii*) foi um dos poucos naturalistas que criou técnicas alternativas de taxidermia, as quais foram descritas com minúcias em seu livro. Por esse motivo, a ele se deve creditar grande parte do avanço decorrente da documentação por meio de exemplares de museu, o que serviria como subsídio para uma infinidade de outros estudos relacionados com esse tipo de material.

1836 No Brasil inicia-se o período literário do Romantismo, com a publicação de "**Suspiros poéticos e saudades**" de Gonçalves de Magalhães, seguido pelas obras de Gonçalves Dias, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Fagundes Varela, Castro Alves e Tobias Barreto, dentre outros.

1837 Nasce Ladislau de Souza Mello Netto, botânico (depois antropólogo) alagoano que ocupou a direção do Museu Nacional em 1875, tendo sido nomeado por Pedro II graças ao seu projeto de transformação da instituição em um centro de referência para pesquisas e formação de novos valores. Durante sua gestão é que foi publicado o primeiro volume da Revista do Museu Nacional, bem como a contratação de naturalistas como Fritz Müller, Emil Goeldi, Hermann von Ihering, Domingos Ferreira Penna, Carl Schwacke e Orvile Derby.

1838 É fundado o “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” por proposição do padre Januário da Cunha Barbosa e do marechal Raimundo José da Cunha Matos. Pouco depois foi financiado pelo imperador Pedro II que se tornou membro e ativo colaborador, além de patrono e defensor perpétuo. Dois anos após a sua fundação, a entidade promoveu um concurso de textos sobre a História do Brasil, vencido pelo famoso botânico Carl von Martius, com a monografia “*Como se deve escrever a História do Brasil*”.

1839 Início do povoamento dos “Campos de Palmas” e fundação do núcleo povoado de Palmas, no sul do Paraná, o qual foi transformado em freguesia em 1855. A região teria sido explorada já no Século XVIII, mas apenas contou com a pacificação dos indígenas ali instalados pelas bandeiras de José Ferreira dos Santos e Pedro Siqueira Cortez.

1840 O príncipe-regente Pedro II (filho de Pedro I e Leopoldina), atinge a maioridade e assume de fato o Império do Brasil, que ele herdara com a abdicação de seu pai, em 1831.

1840 Em um grande projeto que estende-se até 1906, Carl Friedrich Phillip von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignaz Urban editam, com a participação de outros 65 especialistas em Botânica, a “***Flora Brasiliensis***”, que totaliza 15 volumes e mais de dez mil páginas sobre as plantas do Brasil.

[1840]

CACIQUE CONDÁ

VITORINO CONDÁ (n. *circa* 1810, Campos de Palmas; f. 25 de maio de 1870, aldeamento do Chapecó, Abelardo Luz, SC) era o nome aportuguesado de um líder indígena kaingang que se destacou na história do Paraná[2], notavelmente da colonização dos campos de Palmas e Guarapuava, bem com de uma grande extensão do oeste catarinense e da região do Nonoai, no Rio Grande do Sul.

Aqui cabe lembrar que o reconhecimento dos chamados Campos de Palmas (originalmente chamados de Butiatuba[3]) como unidade "natural" própria e portanto distinta dos equivalentes de Guarapuava, iniciou-se já no Século XVIII, com a sua descoberta por uma expedição liderada pelo bandeirante Zacarias Dias Cortes, no ano de 1726. Essa região foi visada para a ocupação desde mesmo os tempos de Diogo Pinto de Azevedo Portugal (vide sob Padre Chagas Lima em Straube, 2011:157), o que entretanto custou tempo considerável, em virtude das já conhecidas

[2] Em 1840 ele recebeu o título de capitão, depois o de major, mas – embora a semelhança com o termo utilizado para as forças armadas – essa condição, quando outorgada para um líder indígena, era meramente honorífica. Excelentes estudos feitos com os kaingang, bem como menções abundantes a Condá podem ser encontradas em Mota (1996), D'Angelis (2003) e Malage (2010).

[3] Alusão à grande quantidade de palmeiras chamadas localmente de butiás (*Butia capitata*).

reações, por parte dos indígenas locais, quanto à presença de elementos europeus e respectivo estabelecimento de núcleos de povoação. O momento épico é narrado em várias obras de literatura paranaense, inclusive Paraná (1899) e particularmente pelo sertanista John Elliot, no romance "Aricó e Caocochée", datado de 1844 (*vide* adiante).

Por volta de 1845, o brigadeiro Francisco Ferreira de Rocha Loures (1785-1871) ficou encarregado de organizar os planos de colonização, bem como de intermediar o contato com os indígenas e definir o traçado para uma estrada que ligasse os campos de Guarapuava com os territórios da província de São Pedro do Rio Grande (ou seja, Rio Grande do Sul), para o que contou com a colaboração de seu irmão, o major João Cipriano Rocha Loures[4].

Segundo Durat (2011), "*...os irmãos Rocha Loures criam pontos estratégicos e comerciais ligando o Rio Grande do Sul a Guarapuava. Situação cômoda para quem tinha como aliados os índios de Palmas, sob a liderança do cacique Condá. Sendo assim a passagem por esses caminhos e o transporte de objetos e alimentos estariam protegidos de qualquer inconveniente e a rota comercial estrategicamente organizada e definida*".

O assunto que tange a Ornitologia paranaense, embora apenas perpetuado pela literatura oral, vem logo em seguida. Menezes (2008), endossada por Narozniak (2009), aponta que Condá "mantinha o encantamento entre seus peões, com a presença de uma enorme águia uiraçu que o acompanhava nas viagens. Assustados, diziam que era a alma da esposa morta que, temerosa em deixá-lo à mercê de perigos, havia se transformado metade águia, metade

[4] Francisco, embora nascido em São José dos Pinhais, teria tido contato com Condá já em sua infância na região de Guarapuava (ao tempo em que seu pai, Antônio Rocha loures assumira a direção do presídio de Guarapuava), onde se tornaram amigos, dividindo conhecimentos de ambas as culturas (Malage, 2010).

mulher". De acordo com a autora, a lenda teria se espalhado pelo mundo, pelo reino do além-mar, confirmando as palavras de Cabeça de Vaca (vide Straube, 2011:41-53). E adiciona: "A águia de Condá, na verdade eram várias. Ele conhecia seus habitats por percorrer várias vezes o mesmo trajeto e ao chegar ao lugar de cada uma assoviava para que elas saíssem de seus ninhos, dando a impressão aos peões de que era sempre a mesma e que obedecia ao seu chamado. Isso mantinha a aura de mistério em torno dos poderes mágicos do cacique".

Aqui, no entanto, são necessários alguns reparos, ainda que sem desmerecer o legado folclórico perpetuado ao longo de várias gerações. A ave harpia (*Harpia harpyja*) foi mencionada pela primeira vez na literatura em 1628, pelo relato *post mortem* do explorador espanhol Francisco Hernandez. Ele foi, de fato, um dos primeiros a observar a poderosa espécie de rapina, durante sua expedição de sete anos ao México (1570-1576), acompanhando o cosmógrafo Francisco Dominguez, ambos mandados ao Novo Mundo por ordem de Filipe II. Nos dezesseis volumes de sua obra póstuma (1628) sobre História Natural publicada em latim, Hernandez cita uma enorme águia sulamericana, ali denominada *yzquauhtli*. Foi baseado em tais informações que o sueco Carl von Linné, patrono da classificação de animais e plantas, descreveu a espécie com maiores detalhes no ano de 1758, batizando-a de *Vultur harpia* (Linnaei, 1758:86). Quase 60 anos depois, em 1816, o competente ornitólogo francês Louis J. P. Vieillot, criou para ela um gênero próprio (*Harpia*) que, como o fez Linné, aludia às harpias da mitologia grega, entidades meio ave, meio mulheres.

Provavelmente será impossível confirmar se Condá tinha, de fato, alguma noção de falcoaria ou se esse alegado hábito era real ou simplesmente fundamentado nos tantos

mitos que, em torno dele, foram criados. A verdade é que Cabeça de Vaca, em sua descrição sobre a viagem pela América do Sul – datada de 1555 – nada trata sobre essa ave, havendo aqui uma provável confusão entre autores e datas.

Cronologia

1841 George Robert Gray inicia sua enorme produção literária, com o "***List of the genera of birds***", estudo sucedido, dentre outros, por 5 volumes do "***Catalogue of the British Birds in the Collection of the British Museum***" (1848-1863).

1842 Curitiba e Paranaguá tornam-se cidades, a primeira delas pela Lei n° 5 (5 de fevereiro de 1842) da Assembléia Provincial de São Paulo.

1842 Nascimento do botânico (e engenheiro) carioca João Barbosa Rodrigues, autor de vasta obra sobre a flora do Brasil, com destaque para a família das orquídeas, grupo do qual era especialista reconhecido mundialmente. Como administrador, foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro por quase 20 anos (1890-1909).

1843 Chega ao Brasil, o médico e naturalista britânico Hugh Algernon Weddell, que viaja pelo sudeste, centro-oeste e depois Bolívia e Peru. Retorna em 1851. Uma de suas pesquisas ligava-se ao uso da cinchona (*Cinchona* spp.), planta medicinal secularmente usada como relaxante muscular pelos índios Quichua do Peru e, posteriormente, reconhecida como portadora de quinino, remédio contra a malária.

1843 Tem início (perdurando até 1847) a grande expedição liderada por François Louis Nompar de Caumont La Force (Conde de la Porte de Castelnau), encarregada de estudar a geografia física da Amazônia (inclusive o Peru) e do Brasil Central (também a Bolívia) e que tinha como zoólogo Emile Déville e, como botânico, Hugues A.Weddell. A viagem foi relatada na monumental obra (1850-1859) intitulada "*Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au para: exécutée par ordre du Gouvernement Français sous la direction de Francis de Castelnau: Histoire du voyage*".

1843 Nasce ALFRED D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, Visconde de Taunay.

1843 Falece JOHANN BAPTIST VON NATTERER.

1844 O primeiro monge João Maria chega ao Paraná, instalando-se na Lapa e praticando o curandeirismo e tornando-se figura folclórica local cultuada, até os dias de hoje, em um abrigo rochoso no Parque Estadual de Gruta do Monge.

1844 O naturalista francês Claudio Gay publica o primeiro, de um total de 28 volumes (1844-1871) da enciclopédica obra "***Historia fisica y politica de Chile***". Oito volumes são dedicados à Zoologia, sendo o primeiro – assinado por Marc Athanase Parfait Oeillet Des Murs – alusivo às aves e mamíferos daquele país. O trabalho de Des Murs é

considerado bastante imperfeito, embora sua produção seja realativamente vasta, incluindo os livros “*Iconographie Ornithologique”* (1849) e “*Traité général d'oologie ornithologique au point de vue de la classification”* (1860) onde faz uma tentativa de classificação das Aves com base no padrão oológico.

1844 No periódico “*Archiv für Naturgeschichte*”, o naturalista suiço Johann Jakob von Tschudi publica “***Avium conspectus, quae in Republica Peruana reperiuntur et pleraeque observatae vel collectae sunt in itinere a Dr. J.J.Tschudi***”. No estudo, lista as espécies de aves colecionadas em suas viagens ao Peru, entre 1838 e 1842, incluindo descrições de novos táxons, alguns deles com a colaboração de Jean Louis Cabanis. Dois anos depois, o estudioso publica o livro “*Peruanische Reiseskizzen wuhrend der Jahre 1838-42”* e, em 1860, lança o *“Reise durch die Andes von Südamerika”.*

1844 SALVADOR COELHO viaja em férias pelo litoral paranaense e Curitiba. Com as observações de viagem, escreve o livro “***Passeio à minha terra***”, lançado em 1850.

1844 a 1845

SALVADOR COELHO

SALVADOR JOSÉ CORREIA COELHO (n. Lapa: *circa* 1825; f. Sorocaba) foi advogado e juiz, mas também político, antes como vereador e presidente da Câmara dos Vereadores em Mogi das Cruzes (São Paulo)[5], depois como deputado provincial por nove legislaturas (1850-1857 e 1870-1879)[6]. Ficou conhecido no Paraná tão somente pela publicação do livro "Passeio á minha terra" [7] mas é inegável sua contribuição no campo da literatura poética, sendo considerado o primeiro poeta paranaense (Santos, 1985).

A obra relata uma viagem "de férias" realizada pelo autor em 23 de novembro de 1844, quando – acompanhado de três outros companheiros[8] – deixou a cidade de São Paulo em direção a Curitiba, por Santos. Dividido em três partes, cabe às duas últimas o relato, fortemente romanceado, sobre a sua estada em solo paranaense.

---

[5] Coube a ele, junto com o deputado Pereira Chaves, o projeto de lei de emancipação deste município, por meio da Lei Provincial n° 5 de 13 de março de 1855.

[6] Segundo a Base de Dados da Assembleia Legislativa do estado de São Paulo (http://www.al.sp.gov.br/web/acervo2/index_acervo.htm, acessada em 9 de setembro de 2012)

[7] Essa obra mereceu, além da primeira versão (Coelho, 1860), ao menos duas outras edições por iniciativa da Livraria Kosmos Editora (1958, facsimile) e da Fundação Cultural de Curitiba, nesse caso como integrante da "Coleção Farol do Saber" (1995).

[8] Tratavam-se de seu irmão Messias José Correia [Coelho?], além de Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá e José Lourenço de Sá Ribas, todos eles paranaenses e estudantes de Direito em São Paulo.

A partir de uma navegação pela Baía das Laranjeiras, descreve a paisagem circundante e, nesse contexto, aponta para uma ave observada: "*Cortando a bahia vimos grandes bandos d'***alcatrazes** *que formavam immensos cordões, voando lentamente quase á flôr das aguas*" (Coelho, 1850:72). A descrição prossegue, permitindo a identificação segura dessas aves, também conhecidas como atobás (*Sula leucogaster*) e que são tipos comuns naquela região:

> "*Por vezes avistais um desses individuos librando-se em razoavel altura, peneirando as azas, suspenso no espaço de depois vêdelo colhêl-as ao corpo esguio, alongar o pescoço e descer, como a flecha despedida do arco do bugre, ao mar, onde mergulha, e, passados instantes, surgir com um peixe atravessado no bico. De bordo com uma espingarda atirámos á esmo á um bando que adejava sobre nosso baixel: duas victimas cairam nas ondas. Recolhidas á canoa ainda vivas, porque não foram malferidas, tanto estas como suas companheiras levantaram altos gritos e as que voejavam procuravam offender-nos com seus longos bicos, dando inequivocos symptomas de feroz vingança. O bando insurgente era compacto e numeroso e nessa crittica situação passageiros e tripolação, armas em punho, ergueram-se para a resistencia e defesa, ficando a canoa á cortesia das ondas; cessou porém a hostilidade depois que adotámos o alvitre d'arremessar ao mar ambas as presas que tínhamos a bordo*".

No dia 3 de dezembro, o grupo embarca em Paranaguá demandando Morretes, pela via fluvial do rio do Cubatão (hoje rio Nhundiaquara). Dessa pequena vila saem,

no dia seguinte, montados em mulas, passando por Porto de Cima e, enfim, subindo a Serra do Mar. É nesse momento que Coelho (1850:78) informa sobre um detalhe interessante, muito embora a informação por si não possa ser resgatada com total certeza. Durante o começo da subida da serra:

> *"Lanço um derradeiro olhar sobre as praias viajadas; o caminho do littoral é aspero; alguns de seus rios produzem febres intermittentes*[9]*, correm por terrenos paludosos e planos, pelo que ficam em muitas partes as aguas estagnadas. Pelas praias do mar encontram-se bonitas conchinhas de variadas côres, differentes e caprichosas. As vezes avistais voando bandos de* ***guarazes****, passaros de um vermelho carregado e mui lindos; - de pequenos tem a plumagem branca de neve, depois esta torna-se cinzenta, e em fim quando o individuo adquire todo o seu desinvolvimento, ella toma a côr vermelha. Nossos indigenas com suas pennas fazem os seus faceiros enfeites".*

A indicação, aqui transcrita, é não somente curiosa como motivadora de suspeitas, ao menos com relação à presencialidade do registro. A descrição da mudança de plumagem do guará (*Eudocimus ruber*) ao longo de seu desenvolvimento etário, assim como o uso feito por suas penas para a plumária indígena era conhecida desde o Século XVI, mediante relatos de Hans Staden [10]. Desta forma, o autor, ao apresentar esses dados – que dificilmente escapariam ao seu diário se tivessem efetivamente sido

[9] Refere-se à malária que por muitos anos (até aproximadamente os anos 40) acometia sazonalmente a população do litoral do Paraná.

[10] O mesmo acabou confirmado por Saint-Hilaire (1851, vide acima), inclusive tratando do registro visual da espécie na foz do rio Nhundiaquara, em 1820.

testemunhados – sugere que ele mais estivesse “refletindo” sobre a notável espécie e sua presença no litoral do Paraná do que efetivamente a tivesse constatado pessoalmente.

Esse é um assunto importante para a datação do início do declínio da ave naquela região sul-brasileira, questão das mais difíceis de ser razoavelmente esclarecida, em virtude da carência de documentações pertinentes. Afinal, a partir da época vivida por Coelho, uma grande parte dos interesses narrativos sobre o Paraná, voltaram-se para o interior, coincidindo com o período em que iniciaram-se as várias expedições para o reconhecimento e colonização do oeste.

Sobre esse aspecto é importante frisar que vários autores que, anos depois, se referiram aos guarás no litoral do Paraná, eram compiladores, mais interessados em mencionar a riqueza local (p.ex. Vieira dos Santos, Sebastião Paraná e Romário Martins) do que em expressar pessoalmente experiências porventura colhidas *in situ*. Os que porventura construíram suas obras empenhados nesse último enfoque, alguns deles narradores muito detalhistas (p.ex. Johann von Tschudi, Thomas Bigg-Wither), simplesmente omitem a conspícua espécie de nossa avifauna de seus diários, levando a crer que já estivessem em vias de redução populacional ou, ainda, formando apenas pequenos bandos pontuais e localizados (*vide* Johann Natterer).

A única exceção é provavelmente Julius Platzmann (ver adiante) que, residente na Baía das Laranjeiras entre 1858 e 1864, não somente cita como descreve a oportunidade em que abateu um exemplar dessa ave. E vai adiante: notifica a mais importante razão para a diminuição desta ave no nosso litoral! Por outro lado, seu contemporâno William Michaud (que viveu em Superagui entre 1852 e seu falecimento em 1902), sequer sugere ter visto guarás nas áreas em que residiu ou visitou. Esse detalhe se configura

como algo altamente curioso (e endossando a presente tese), em virtude de seus dotes indiscutíveis de desenhista e pintor, preocupado em ilustrar a rica (e colorida) biodiversidade local.

Bem da verdade, com exceção do exemplo circunstanciado por Platzmann (1872), grande parte das indicações do guará para o Sul do Brasil são motivo de certa desconfiança. Isso se baseia, em especial, pela repetitividade do apontamento sobre a modificação de plumagem conforme o desenvolvimento e, especialmente, do uso de suas penas para adereços de indígenas, aspectos que – desde Staden – passaram a ser tratados como características de relevância midiática e, desta forma, sem nenhuma associação com testemunhos propriamente ditos.

Dois dias depois de sua saída de Morretes, o grupo de Coelho já se encontrava em Curitiba, passando por Tindiquera (hoje Araucária) e atingindo, enfim, a terra natal do autor: Lapa, na época denominada "Villa do Principe". Volta-se ele a reminiscências e adiciona informações históricas e genealógicas. Na terceira parte da obra narra o retorno para São Paulo, passando por Palmeira, Ponta Grossa e Castro.

É justamente alguns quilômetros além dessa última cidade que surge a sua mais valiosa contribuição apontando, inclusive, para uma preocupação incomum na época (Coelho, 1850:114-115):

> *"Passámos o piscoso* [Rio] *Yapó sobre uma ponte de madeira e marchámos cinco léguas; costeámos no dia 27 as fraldas das montanhas – furnas, – onde vimos bandos d'**araras** voando e guinchando rude e desagradavelmente sobre nossas cabeças, e depois d'havermos despejado oito legoas fizemos poiso. Tem-se observado que estes passaros são sertanejos e que á*

> *medida que a população vae-se estendendo no Imperio, arredando por assim dizer os desertos, elles tendem á emigrar até que um dia provavelmente desapparecerão: o facto não é singular, a Europa actual já não possue em toda a sua superficie muitos dos faunos da primitiva, sendo aliás certo e a historia natural o attesta que vão desapparecido completamente algumas especies d'animaes de regiões, onde habitavam muitos individuos dellas".*

Coelho estava, portanto, mantendo contato com araras-vermelhas (*Ara chloropterus*) e, com isso, permite-nos adicionar mais uma localidade de ocorrência histórica dessa ave no Paraná, aspecto omitido em nossa revisão (Straube, 2010). Esse inconfundível representante de nossa avifauna contava apenas com um contato resgatado para aquela região paranaense[11], reconhecida como a mais fria em toda a área de distribuição da espécie.

A data do registro de Coelho é, portanto, 27 de janeiro de 1844 e o local situa-se nas encostas montanhosas da Serra das Furnas, perto das nascentes do rio Iapó, nas divisas municipais atualmente consignadas para Castro, Piraí do Sul e Jaguariaíva. Além disso, parece surpreendente que o autor tenha se preocupado com um suposto declínio nas populações locais dessa ave, causado pela expansão do processo de colonização. Essa ideia, tecida um século e meio antes de nossa opinião, coincidem com o que foi formulado (Straube, 2000:66): "Não resta dúvida, por assim dizer, que a arara-vermelha era rara localmente, o que vem a concordar com sua relação biogeográfica muito mais ligada a regiões de clima quente que, no Paraná concentram-se na

[11] Alude ao exemplar colecionado por Dominick Sochor (*vide* acima) em março de 1821 na fazenda Morungaba, hoje depositado no Museu de Viena (Straube, 2010).

porção norte e noroeste, áreas que coincidem de fato com a maior parte dos registros colhidos até então".

Em seguida, Coelho e seus acompanhantes, pernoitam em Morungaba, assim referindo-se à secular propriedade: "*O terreno de Morungaba é montanhoso, massar enormes de rochas limitam os horizontes; seus campos são cobertos d'arbustos. Neste lugar ermo há onças e ainda temem-se aggressões d'hordas de indios selvagens*" (Coelho, 1850:116).

Chega, enfim, o momento de deixar o Paraná. Dia 29 cruza o rio Itararé e dirige-se pelo planalto paulista, passando na fazenda Pirituba, depois Taquary, Itapeva, Apiaí, Itapetininga, Iperó, Sorocaba, São Roque, Cotia e, por fim, a cidade de São Paulo.

Cronologia

1845 **"**Episódio Cormorant": o cruzador britânico *Cormorant* invade a Baía de Paranaguá, perto da Ilha da Cotinga, aprisionando três embarcações brasileiras que supostamente estariam envolvidas no tráfico de escravos, violando acordos entre Inglaterra e Brasil. Levados por instinto patriótico, moradores locais, organizados na Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres (Ilha do Mel), travam combate com o navio, avariando-o e se declarando "vencedores".

1845 O geólogo alemão Carl Friedrich Joseph Rath (1802-1876), nesse ano emigrado para o Brasil, inicia suas pesquisas geográficas e geológicas (jazidas de ferro, petróleo, carvão e calcário), bem como dos sambaquis sul-brasileiros. Parte do acervo por ele recolhido deu origem, junto àquele acumulado pelo major Joaquim Sertório, às coleções do Museu Paulista. Sua visita ao Paraná, como parte de uma viagem ao vale do Ribeira, foi publicada em 1856 como "*Fragmentos geologicos e geographicos etc. para a parte physica das estatisticas das provincias de S.Paulo e Paraná*".

1846 O major (depois marechal) Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan (Visconde de Beaurepaire-rohan), engenheiro do exército, realizou uma expedição para o início da abertura de estrada que ligasse Guarapuava com o rio Paraná, demonstrando o interesse oficial pela integração dessas duas regiões, estratégicas dos pontos de vista territoria, comercial e social.

1846 a 1884

JOHN ELLIOT
e
JOAQUIM FRANCISCO LOPES

JOHN HENRY ELLIOT (n. Filadélfia, Pensilvânia/EUA: 1809; f. aldeamento de São Jerônimo[12], PR: 4 de maio de 1884) ou, na forma aportuguesada, João Henrique Elliot, foi um dos mais conhecidos exploradores e sertanistas que o Paraná já conheceu. Segundo Ermelino de Leão, em seu clássico "Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná", era um "notável engenheiro que muito concorreu para tornar conhecidos os sertões paranaenses".

Elliot ficou muito conhecido por suas antigas aquarelas retratando a cidade de Curitiba, produzidas em meados do Século XIX (1855 e 1865) mas, também, pela sua participação no conhecimento geográfico de territórios inexplorados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Bigg-Wither, 1878:261). Excelente aquarelista e desenhista, mas especialmente cartógrafo (mapista), chegou ao Brasil (Rio

[12] Trata-se de uma área originalmente de propriedade do Barão de Antonina, que foi desapropriada (1859) para o estabelecimento de um aldeamento indígena, para abrigar os kaingang que se encontravam em luta territorial com ao guarani estabelecidos no aldeamento de São Pedro de Alcântara. Atualmente, constitui o município de São Jerônimo da Serra, oficializado em 1918.

de Janeiro) em 1825, como guarda-marinha (oficial de patente menor) da fragata *Cyane*.

As contingências do destino o fizeram radicar-se no país, visto que logo aqui aportado já foi arregimentado como tenente na esquadra brasileira, por ocasião da Guerra Cisplatina, que acabava de iniciar. Algum tempo depois, acabou prisioneiro dos uruguaios por dois anos e, retornando ao Brasil, conheceu o Barão de Antonina (João da Silva Machado) que logo identificou o valor do jovem desenhista, contratando-o como cartógrafo para expedições pelo interior do Paraná, sob o comando de **JOAQUIM FRANCISCO LOPES**[13] (n. Piumhi, MG: 1806; f. aldeamento de São Jerônimo, *circa* 1884). O Barão, na realidade, tinha interesses pessoais na empreitada, empenhando-se em investir na colonização da bacia do rio Tibagi, visando a ocupação e exploração territorial e a pacificação dos temidos índios Kaingang[14].

As viagens de Elliot e Lopes realizadas entre 1845 e 1847, foram subdivididas pelo primeiro (Elliot, 1848), em seis partes, que ele chamou de "Entradas". A primeira delas, entre 16 de agosto e 19 de dezembro de 1845, englobou extensos setores ao longo dos "rios Verde, Paranapanema, Paraná, Ivaí e sertões adjacentes" e foi narrada em publicação específica (Elliot, 1847).

Descrevendo dia a dia sua empreitada, Elliot é bastante detalhista. A viagem se inicia com o relato de sua estada e saída na "fazenda Perituva", que situa-se entre os rios Verde e Itararé. A este último rio (que ele grafa

[13] Lopes foi diretor do aldeamento indígena de São Jerônimo entre 1859 e 1867, acompanhado por Elliot e do frei Mathias de Gênova, como elemento catequizador. Foi substituído pelo frei Luiz de Cimitile, que ocupou o cargo até 1881. No meio tempo, em virtude da necessidade de se ausentar, foi substituído interinamente por Telêmaco Borba, o próprio Elliot e, depois, por Joaquim José Pereira de Souza Araújo (APP, 2007).

[14] Um dos estudos mais sensacionais sobre essas viagens é de autoria de Wissenbach (1995), em minha opinião uma leitura obrigatória para a compreensão do contexto das expedições.

“*Itareré*”) chegam – portanto na divisa com o estado do Paraná – em 26 de agosto de 1845 e sobre ele escreve, em nota de rodapé (Elliot, 1847:19):

> *“(2) O Itareré abunda em peixe e caça; é ladeado por terras e matos proprios para qualquer cultura, pouco aurifero, e de mui difficil navegação: da barra do rio Verde á sua foz no Paranapanêma tem 14 leguas a rumo geral de N. 1/4 N.O.*”

Em sua confluência, no rio Paranapanema, informa terem chegado no dia 30. Em seguida atingem as desembocaduras dos rios das Cinzas e Tibagi, onde adentram navegando a montante, retornando ao Paranapanema e, ao longo do tempo que se passou, citam várias árvores, porém nada zoológico.

O panorama se altera a partir do dia 5 de outubro, ao chegarem ao rio Paraná: “*Partindo pelas 7 horas da manhã, avistamos o Paraná com duas leguas e meia de marcha, e deixando o Paranapanéma (3) entrámos no Paraná, rodando em vista de muitas ilhas grandes e pequenas cobertas de relva e poderosas arvores, entre as quaes haviam jaboticabas, jatubás, jenipápos, guavirovas e de outrs fructas saborosas: muitos passaros, como* ***mutúns****,* ***jaós****,* ***patos****,* ***ganços****,* ***marrecos****,* ***socós****,* ***anhúmas*** *e enormes* ***tuiins****, &c.*”.

Aqui observa-se a indicação valiosa de três espécies em particular: mutuns (*Crax fasciolata*), jaós (*Crypturellus undulatus*) e anhumas (*Anhima cornuta*). Embora tais citações nada tragam de relevante do ponto de vista biogeográfico, constituem-se de registros históricos importantes, visto a raridade dessas aves no contexto estadual moderno. Já os tuiins, apesar de parecerem, à

primeira vista, serem menções ao tuim (*Forpus xanthopterygius*) aludem, de fato, aos tuiuiús (*Jabiru mycteria*).

No dia 7 já estavam na foz do rio Ivaí e poucas horas de navegação pelo rio Paraná a montante dessa confluência, já revelavam uma interessante mudança de paisagem (Elliot 1847:28):

> *"Pelas 8 horas da manhã seguimos avistando sempre uma multidão de ilhas; e o aspecto da barranca, que desde a barra do Paranapanema é alta, de rocha, de piçarrão e terra barrenta quasi roxa, transformou-se em pantanaes cobertos de relva até a barra do Ivahy, onde chegámos pelas 10 horas da manhã..."*

A partir do dia 8 de outubro, empreenderam a penosa subida do rio Ivaí que, segundo Elliot, foi feita "à forquilha e gancho". Por um longo trecho de seu relatório, os dias são descritos meramente pelo rumo e espaço percorrido, eventualidades meteorológicas, superficiais menções ao ambiente e alguns itens caçados e, ainda, pelo encontro de vestígios da presença de "bugres".

Em 7 de novembro, anuncia terem chegado à "*barra do Corimbaty, rio caudaloso de vinte braças de largura, com cama de lage solida, contendo crystal, pingos d'agua, cornalinas, &c., e mostra não ser aurifero*" (Elliot, 1847:33). Referia-se ao rio Corumbataí, cuja foz coincide com a antiga cidade colonial espanhola de *Villa Rica del Espiritu Santo*, hoje protegida pelo Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo. A essa cidade, o autor realmente faz alusão mas, segundo consta, não pôde ali localizar nenhum vestígio arqueológico.

Algo interessante a ser notado quando da estada nesse local é a presença de pinheiros (*Araucaria angustifolia*), espécie que não condiz com a flora da mata tipicamente estacional (Elliot, 1847:34):

> *"Alli do cume de uma peroveira variava o aspecto do terreno, avistando-se altos espigões vestidos de pinheiros, cujas arvores não viamos desde o rio Verde, a excepção de alguns pés na barra do Corymbaty".*

A partir de então, pouco se pode resgatar dos locais visitados, situação que se altera em 21 e 23 de novembro, com a passagem – respectivamente – pela foz dos rios Bom e Alonzo (também chamado de rio do Peixe). É nesse último que valiosas informações fitogeográficas podem ser colhidas:

> *"Seguimos pelas 7 horas da manhã passando a barra do rio – Alonzo – de quatorze braças de largura, que entra no lado direito: cessaram as larangeiras azedas, e avistaram-se pinheiros".*

A chamada barra do rio do Peixe está a pouco mais de 370 metros sobre o nível do mar, um pouco a montante do salto do Cobre. É uma altitude consideravelmente baixa para a existência de pinheirais, que – no Paraná – são tipicamente reconhecidos acima dos 500 metros. A situação aponta, então, para a presença isolada de alguns indivíduos da árvore, em situação ambiental transitória e que, explicaria, de certa forma, os indivíduos encontrados na foz do rio Corumbataí, distante dali a uns 80 km a jusante. Não parece nada absurdo imaginar que pinhões possam ter sido carreados pela força fluvial de alguns tributários de médio a

grande porte do rio Ivaí e mesmo pelo curso principal deste, que tem suas nascentes em áreas de expressivas altitudes na região de Prudentópolis[15].

O mais relevante dos relatos de Elliot, não são propriamente as menções a animais encontrados nos trajetos percorridos, quase sempre – como dito – restritos a um ou outro exemplar caçado para uso alimentar. Destacam-se, isso sim, as indicações de paisagens, vegetação e características orográficas, aspectos normalmente subestimados por cronistas comuns. Esses panoramas oferecidos por ele são de inestimável valor, porque foram colhidos *in situ* e em um momento em que as regiões visitadas eram ainda virgens, portanto, quase que sem intervenções humanas.

Nesse artigo em particular, Elliot parece especialmente empenhado em descrever o rio Ivaí, o que o faz – adicionalmente – em apêndice incluído ao fim do documento (Elliot, 1847:42).

Um dos detalhes que chama a atenção é sobre a presença de laranjeiras, aspecto citado por vários viajantes que se aventuraram pelo interior do Paraná, inclusive na região entre Guarapuava e Foz do Iguaçu (*vide* Léllis da Silva). Mesmo sabendo se tratar de uma planta exótica, pouco se tem investigado sobre suas origens e datações para que atingissem tão formidável dispersão pelo planalto meridional do Brasil, além da região de Misiones (Argentina) e leste do Paraguai. E, segundo Elliot (1847), os laranjais eram realmente abundantes e, de certa forma, serviam-se até mesmo para definir a paisagem contemporânea, visto sua grande extensão: "*Quarenta leguas mais ou menos antes de*

[15] Pinhões, frutos do pinheiro-do-paraná – como se sabe – não flutuam quando em condições de germinação. No entanto, há algumas outras maneiras potenciais de terem sido dispersados como, por exemplo, pelo transporte por camalotes.

chegar á sua foz [rio Ivaí] *é bordado de espesso laranjal azedo*...".

As cinco demais viagens empreendidas por Elliot e Lopes descrevem, por partes, as várias incursões feitas a partir da fazenda Monte Alegre [16] de acordo com a permissão das circunstâncias. Aludem, respectivamente, os trechos entre essa fazenda e os campos do Inhonhô (2ª Entrada), deste local até o futuro aldeamento de São Jerônimo (3ª Entrada), depois dali até a cordilheira do Congonhas, perto da foz do Tibagi (4ª Entrada), trajeto repetido logo depois (5ª Entrada) e, então, o longo percurso entre essa confluência, já no Paranapanema, e o forte de Miranda, no Mato Grosso do Sul (6ª Entrada). Essas cinco viagens foram profundamente tratadas em 1848, em artigo publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, também de autoria de Elliot (1848), mas encaminhado e assinado pelo Barão de Antonina, sócio correspondente daquela instituição.

A segunda entrada iniciara em agosto de 1846, partindo da fazenda Monte Alegre em direção norte-noroeste acompanhando o rio e atingindo as encostas da chamada serra da Apucarana (Serra da Esperança) de onde foi possível vislumbrar os chamados campos do Inhonhô (ou "*Inhohõ*" ou "*de Santa Barbara pelo nome mais moderno*", segundo Elliot, 1848) (Mota, 1996). Com isso, idealizou-se a navegabilidade do rio Tibagi mas também a grande probabilidade de que aqueles campos fossem amplos o suficiente para estabelecimento da pecuária, bem como para a criação de um entreposto para as tropas que rumavam para o "*Mato Grosso* [do Sul]". Meia década depois, o Barão de Antonina já teria estabelecido um latifúndio (33.800 hectares) nos citados campos, área posteriormente doada ao

[16] Hoje no município de Telêmaco Borba.

governo imperial para a criação do aldeamento indígena de São Jerônimo (Mota, 1996).

É assim descrita a região e o itinerário compreendido nesta fase (Elliot, 1848):

> "*Entramos pela Fazenda de Monte Alegre do Sr. Manoel Ignacio do Canto e Silva, que nos penhorou com sua franqueza e hospitalidade, dando todo peso á antiga amizade que tem como Sr. Barão; e d'alli desmandámos o Rio Tibagy como fim de ir á Serra de Apucarana, que azulando a grande distancia, calculou o Sr. Barão ser uma sufficiente atalaia (e não se enganou) para reconhecer-se todo o sertão circumvizinho. Do fim do campo da mencionada fazenda a uma légua de mato chegámos ao rio Tibagy, o qual atravessámos seguindo sempre o rumo O. N. O. Tres leguas distante do Tibagy, passando sempre por matos de pinhaes, encontrámos um ribeirão consideravel, que corria E. N. E., e se lhe deu o nome de Pederneiras por causa da abundancia que n'elle havia; d'aqui subindo uma alta serra seguimos pelo cume atravessando pinhais e algum mato de palmital, ate que descemos para o ribeirão da Fartura, distante do Tibagy seis leguas; daqui para diante é uma continuação de serranias e as matas serradas de creciuma, de tal maneira que são quasi impenetraveis: descendo uma serra coberta com mato de capoeirão, avistámos pela primeira vez (depois da nossa entrada) á distancia de tres leguas O. N. O. a celebre Apucarana, tão decantada nos aranzeis dos antigos Paulistas do decimo setimo seculo, cujo alto cume defendido por enrugados e escarpados rochedos parecia ser inaccessivel. (D'este logar tirei uma vista da serra). D'alli para diante encontrámos menos pinhaes, terreno sempre montuoso, e matos muito serrados.*"

Pode-se já de antemão colher diversos detalhes importantes do ponto de vista histórico e mesmo biológico acerca da narrativa. O primeiro é que a fazenda Monte Alegre, no ano de 1846, seria o ponto de partida para as explorações e, consequentemente, da colonização de todo o vale do Tibagi até o norte paranaense. Apresentando-se como uma fazenda bem estruturada, mantida por um militar destacado na sociedade paranaense, proveria os exploradores com todas as facilidades necessárias para as incursões realizadas ao longo do médio Tibagi.

Assim como a pequena vila de Cândido de Abreu era considerada o último ponto habitado através do rio Ivaí rumo ao rio Paraná, a fazenda Monte Alegre também significava o limite da "civilização" entre as cidades de maior porte e o vasto sertão de matas e campos do Tibagi abaixo. Com efeito, entenda-se como "Tibagi" todo o sertão inexplorado da diagonal nordeste-sudoeste paranaense, tal como concebido por outros exploradores, particularmente Edmundo "Toca" Mercer que, inclusive, traçou um mapa desta vasta região (Lopes, 2002a,b).

Além da importância no contexto da história ambiental do Paraná, as observações de Elliot também são valiosas no sentido que permitem o fácil reconhecimento da transição de vegetação que ocorre naquela região, decorrente da variação altitudinal, orográfica e especialmente pedológica. Isso é perfeitamente notável na passagem que indica a convivência entre duas espécies (quase) ecologicamente antagônicas na fitogeografia paranaense: pinheiros (*Araucaria angustifolia*) e a palmeiras-juçara (*Euterpe edulis*).

E não ficaria apenas nisso. Há também outras informações sobre as condições ambientais e mesmo da

avifauna ali encontrada. Em 21 de outubro do mesmo ano, o grupo passou a abrir um “picadão” para chegar aos campos do Inhonhô que foi concluído apenas um mês depois. Avaliadas as situações, retornam destes campos em 4 de dezembro, tendo batizado aquele ponto de São Jerônimo.

Em 16 de dezembro, nova incursão (que durou até 13 de janeiro do ano seguinte), visando a preparação de um caminho entre esse último local e a foz do Tibagi. Chegando ao Ribeirão Santa Bárbara tomaram o rumo norte “*...e acabando-se logo os pinhaes, entrámos em chapadões de palmital até o ribeirão das Congonhas, que é cercado por uma pequena cordilheira*” (Elliot, 1848:158). Em seguida, Elliot (1848:158-159) relata novamente o estado transicional da vegetação; tendo a visão panorâmica do alto da cordilheira do Congonhas, informa:

> *“Da ponta mais alta d’esta cordilheira avistámos o Paranapanêma correndo de léste a oéste, distante pouco mais de duas leguas, e o Tibagy distante quatro ou cinco serpeava por vargedos de palmital: d’aqui virando a rumo do sul acompanhámos este rio retirados d’elle duas leguas pouco mais ou menos. Todo o terreno de mato comprehendido entre as campinas de S.Jeronimo e a foz do Tibagy (que terá fez leguas) é o melhor possivel para a factura de uma estrada permanente, que nunca precisará aterrados nem estivas, e (com excepção da pequena cordilheira das Congonhas) é uma continuada planicie”.*

Entre 15 de março e 10 de abril, fazem nova entrada no sertão, novamente a partir dos campos. Agora, a descrição da paisagem torna-se ainda mais complexa (Elliot,

1848:159-160), inclusive com a convivência de pinheiros e palmeiras juçara:

> *"Seguimos pelas campinas de S.Jeronimo até á distancia de duas leguas e meia, e d'aqui caminhando ao nascente passámos uma campinas, que não tinhamos visto, e subimos um espigão alto com matos de pinhal e palmital: d'ahi para diante era uma constituição de serrania, e os matos muito cerrados de creciuma e carahá. Passámos novamente o ribeirão das Congonhas (chamámos assim por causa da abundancia de herva mate que alli tem) a menos de uma legua adiante, e seis leguas N.N.E. do Inhohõ sahimos na queimada; era um avencal cercado por cerradões de pinhal. Subimos a uma serra alta, e vimos que na direcção de Cachambú era uma continuação de terreno montuoso e coberto de grosso mato".*

Chega então a sexta e última entrada, iniciada em 14 de junho de 1847, "*para descobrir um transito fluvial (embarcando no rio Tibagy) para a provincia de Mato Grosso*". Segundo Elliot, tratava-se de "*...uma empreza desapprovada por todos; pois que jámais alguem se persuadia que se podesse conseguir a via de communicação que o Sr. Barão tinha premeditado*".

Parte o grupo pelo rio Tibagi, passando por matas de grande porte (magníficas, nas suas palavras), palmitais com "*gigantescas perovas, pao d'alho, figueiras e outras arvores soberanas das florestas*" e várzeas, eventualmente com formações insulares revestidas por sarandis. No dia 29 de junho chegam a um ponto especial:

> *"Pouco mais de uma legua do pouso chegámos a uma pequena e romantica ilha com um*

barreiro na ponta superior, aonde affluia um ***bando immenso de passaros****, e ahi pousámos do logar onde nós embarcámos até esta ilha (que chamámos ilha dos Passaros) terá nove ou dez leguas, e é de muito difficil navegação".*

Esse local, cujos pássaros infelizmente não podem ser identificados, trata-se aproximadamente de onde está hoje a cidade de Jataizinho, segundo se pode calcular com base nas distâncias oferecidas por Elliot, ou seja, 6 léguas (29 km) a montante da foz do rio Congonhas. É situação diferente da presenciada em outro ponto, conhecido por ilha das Araras [17] e sabidamente um ponto de grande concentração destas aves, perto da foz do Tibagi (*vid*e Franz Keller):

"1° de Julho. – Seis leguas para baixo da ilha passámos tres corredeiras; logo adiante sa segunda entra pelo lado direiro o ribeirão das Congonhas, e menos de meia legua para baixo d'este começam os baixios das Sete Ilhas, que continuam até á ***ilha das Araras*** *quasi uma legua; mas estes baixios pouco estorvam a navegação".*

Em seguida, Elliot e seus companheiros seguem pelo rio Paranapanema, passando pelas ruínas da cidade de Loreto (foz do rio Pirapó) e, no dia 10, aproximam-se do rio Paraná, onde descreve:

"*10 [de junho]. – A apparição de* ***gaivotas****,* ***colhereiros****, e* ***outros passaros aquaticos****, nos*

[17] Essa área encontra-se, hoje em dia, totalmente submersa pelo reservatório da Usina Hidrelétrica de Capivara.

> *anunciou a approximação do Paraná: d'aqui os matos são de uma qualidade inferior, acha-se o palmito* bacury, *e começam a apparecer as* ***anhumas*** *e* ***mutuns***.".

A situação mostra claramente o momento em que as matas estacionais, fortemente influenciadas, ora pelas várzeas do terço final do Paranapanema, ora pelo solo pobre do Arenito Caiuá, passam a apresentar fisionomia completamente distinta. O elemento de indicação usado por Elliot é, agora, a palmeira bacuri (*Attalea phalerata*) que conta com muito escassas informações de ocorrência no Paraná[18], quando muito confinadas àquela região, contígua com o Mato Grosso do Sul. É tambem notável a menção às espécies da avifauna, indicadoras da aproximação da planície de inundação do rio Paraná, mais adiante notada com muito mais propriedade. Ali passam a ser encontradas as gaivotas (*Phaetusa simplex*), colhereiros (*Platalea ajaja*) e, destacadamente, as anhumas (*Anhima cornuta*) e os mutuns (*Crax fasciolata*).

Já investigando as margens sul-mato-grossenses do rio Paraná, as atenções voltam-se agora às águas cinzentas do rio Samambaia[19], onde (Elliot, 1868:164):

> *"28. – Entrámos por este rio, que meia legua acima da barra faz rumo a N.E., acompanhando o Paraná em marcha opposta,*

---

[18] Bem da verdade, nunca observamos essa palmeira em território paranaense, embora tenhamos localizado uma associação considerável nas imediações da barragem da UHE-Porto Primavera, precisamente nas coordenadas 22°30'31,3"S/53°00'49,4"W, distante cerca de 9 km do Paraná. Julgamos que, por conhecedor que era de parte do Mato Grosso do Sul (onde a espécie é muito comum), Elliot estivesse familiarizado com o nome popular lá utilizado (também acuri) e, desta forma, a possibilidade de ter confundido a planta com outra qualquer seria mínima.

[19] Que, em nossa opinião, nada mais é do que um braço do rio Baía, neste complicado sistema hidrográfico do Mato Grosso do Sul.

> *correndo por vargedos e formando diversas bahias: n'estes logares admira-se o* ***grande numero de passaros aquaticos****. Este rio pelo lado direito é bordado em algumas partes de mato carrascal, e pelo lado esquerdo ha unicamente brejos cobertos com capim guassú, que acompanham tambem o Paraná".*

No dia seguinte, outros dados relevantes do ponto de vista faunístico mas também de fitofisionomia:

> *"29. – Matámos um tigre, que nos ia seguindo pela margem do rio; era fêmea, e tinha tres pequenos no ventre inteiramente perfeitos e já íntados: menciono esta circumstancia porque parece-me que rarissimas são as vezes que ellas tem mais do que duas crias de um parto. Oito ou dez leguas acima da barra começa a apparecer muitos palmitos burití; logo adiante o rio pendendo para N.O. afasta-se do Paraná, e a aparição de muitos cervos asseguravа-nos que o campo não estava longe: d'aqui para cima ficava cada vez mais estreito e mais tortuso o rio, e a corrente mais rapida".*

Embora isso pareça estranho em confronto com o conhecimento tradicional (e resumido) da vegetação paranaense, nessa região efetivamente ocorrem buritizais (*Mauritia flexuosa*), palmeiras que – de fato – tem ali o seu limite meridional de ocorrência. Parte da avifauna associada a tais ambientes como o soldadinho (*Antilophia galeata*) a maracanã-do-buriti (*Orthopsittaca manilata*), o pula-pula-de-sobrancelha (*Basileuterus leucophrys*) e várias outras, encontra-se também ali presente.

Em seguida, o relato volta-se para o Mato Grosso do Sul. Passam os exploradores pelos cerrados de Bataytporã, Nova Andradina e Amandina e passam pelas várzeas dos rios Ivinhema, São Bento, Anhanduí-guaçu e Vacaria. Cruzam a serra de Maracaju e, em 6 de setembro, chegam à cidade de Miranda. Adiante, atravessam os rios Mondego (atualmente rio Miranda), Negro e Aquidauana e, enfim, ao rio Paraguai dirigindo-se para a vila de Albuquerque. O retorno, pelo mesmo caminho utilizado na ida, ocorreu a partir do dia 18.

No ano seguinte, precisamente em 3 de agosto de 1848, Joaquim Francisco Lopes realizou, ainda, a 7ª Entrada, cujo roteiro é descrito em artigo de sua autoria, agora sem a menção a Elliot (Lopes, 1850); infelizmente nada é citado sobre a fauna ou a flora que não indicações esparsas e, na maior parte das vezes, concentradas no Mato Grosso do Sul.

Por fim, entre 3 de agosto e 14 de novembro de 1857, ocorreu mais uma expedição dos dois exploradores, com o mesmo trajeto inicial percorrido antes mas concluído após várias peregrinações pelo rio Paraná, entre as foz do Paranapanema e Iguatemi. Na ocasião, o único trecho paranaense visitado foi o espaço entre a colônia de Jataí[20] e a foz do Paranapanema; depois disso investigaram somente a margem direita (Mato Grosso do Sul) pelos rios Ivinhema (inclusive o canal do Ipuitã), Amambaí (Samambaí-guaçu), Curupái (Curupanã), Pirajuí e Iguatemi. Todo o percurso foi narrado em um manuscrito (Elliot, 1857), publicado 150 anos depois, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS, 2007).

[20] Leia-se colônia militar de Jataí, no rio Tibagi, tendo na outra margem do rio, o aldeamento de São Pedro de Alcântara. A colônia foi criada em 1851 mas entrou em funcionamento apenas quatro anos depois. Em 1872 foi elevada a vila, mas deixou de ser uma colônia militar apenas em 1890.

Ao contrário dos relatos anteriores de Elliot, as menções tanto à flora quanto à fauna são muito mais objetivas e diretas, quando muito restritas à toponímia e acompanhando um diário (portanto, no estilo de escrita de Joaquim Lopes[21]). No primeiro dia de viagem, por exemplo, recém saídos da vila de Jataí, cita: "*...saímos do porto do Jataí, às três horas da tarde foi unicamente para dar princípio à viagem, passamos no baixo do* ***Jacutinga****, que apenas merece este nome*". Esse córrego, até hoje com a mesma denominação, situa-se pouco adiante da atual cidade de Jataizinho, ficando a ele consignada a presença da jacutingas (*Aburria jacutinga*). Isso é tudo o que se trata sobre avifauna na parte paranaense do itinerário.

Já explorando a região do rio Ivinhema, Elliot dá uma boa noção sobre as diferenças ecológicas existentes entre a margem paranaense (esquerda) e sul-mato-grossense (direita): "*...logo abaixo do último braço do Ivinhema (no lado oposto) entra o rio Ivaí. As terras do lado oriental são altas e cobertas com bons matos; no lado ocidental são baixos e em grandes brejos*". Esse padrão orográfico, pouco variável, foi novamente notado no trecho: "*...caminhamos mais duas léguas neste rio, e fizemos pouso na barra do rio Baracaí*[22]*. O Paraná neste lugar tem duas léguas de largura e é um arquipélago de ilhas de todos os tamanhos e formas; a margem oriental é elevada, a ocidental, baixa e coberta com grandes brejos; logo abaixo do Baracaí começa a ilha Grande da Sete Quedas*".

---

[21] A autoria deste manuscrito é atribuída a Lopes e Elliot, mas, um certa passagem força-nos a conferi-la apenas ao segundo: "Tendo o Governo Imperial determinado mandar explorar os rios do Iguatemi e Amambaí, foi incumbido desta comissão o sertanista Joaquim Francisco Lopes e **eu** nela encarregado como piloto e desenhador" [o grifo é meu]. Note-se que, para fins de compreensão, o cargo de "piloto" era equivalente ao de agrimensor.

[22] Leia-se "Maracaí" sem confundir, contudo, com o rio quase homônimo (Paracaí) da margem paranaense, visitado – dentre outros – por Emílio Dente e Dionísio Seraglia nos anos 50.

Outras citações aproveitáveis aparecem para o rio Amambaí ("*...ouvia-se piar* ***perdizes***": 31 de agosto de 1857), possivelmente já consideravelmente a montante de sua foz, portanto a algumas dezenas de quilômetros da atual cidade de Naviraí. Nessa área Elliot faz menção à vegetação do tipo cerrado, diferente portanto dos outros lugares visitados onde a mata fechada chegava até às margens dos rios.

Pouco abaixo da foz do rio Pirajuí (Mato Grosso do Sul): "*...às duas horas da tarde fizemos pouso na barra do rio Mutum-i (***rio dos mutuns***), com cinco braças de boca; ouviu-se distintamente deste lugar a bulha do salto das Sete Quedas*".

Já a alguns quilômetros a montante da foz do Iguatemi, cita: "*Vimos vestígios de veados-do-campo, cervos e* ***avestruzes***". Perto dali, em 19 de setembro de 1857, encontram um chefe indígena que "*...trazia na cabeça uma grinalda feita de penas de* ***tucano*** *e* ***canindé*** *com pulseiras do mesmo*". Segundo Elliot, o Iguatemi é formado por matas em sua desembocadura, a qual é cercada por campos e cerrados nas porções mais elevadas; para ele: "*Estes campos são em rincões por cristalinas águas com altura suficiente para qualquer maquinismo; cervos,* ***emas****, veados, e antas vagam por estes lugares; o maior inimigo que se encontra aí é o terrível sucuri...*".

Essas importantes narrativas de viagem, mesmo aquelas atribuídas ao estado vizinho do Mato Grosso do Sul, constituem-se de relatos de imensa importância e que servem para ilustrar a participação de Elliot nas primeiras investigações geográficas (e mesmo biológicas) do interior do Paraná.

Uma das mais interessantes passagens da presença desta sertanista no Paraná, por exemplo, nos é dada pelo

britânico Thomas P.Bigg-Wither[23], quando de sua estada no aldeamento de São Jerônimo em 1871, momento em que o velho explorador já se encontrava em situação lamentável de saúde. A ele, dedica um subtítulo do Capítulo VI (Volume 2 de Bigg-Wither, 1878)[24]: "*Elliott, the explorer: his life and discoveries*" e alguns trechos de seu artigo alusivo (Bigg-Wither, 1876). Segundo ele (Bigg-Wither, 1878:270):

"These particular spots on the Agudos range were discovered in the year 1845, by an American named Elliott, who was exploring the country on behalf of the Baron de Antonina. He discovered them from the top of one of the peaks of the Apucarana between 20 and 30 miles distant on the opposite side of the valley; and a few years later the present settlement of St. Jeronymo was founded, and Mr. Elliott himself, now old and broken down in health from his part hard life as an explorer, is spending his declining years on the very spot which he himself had discovered thirty years before".	"Esses sítios particulares na área dos Agudos foram descobertos no ano de 1845 por um estadunidense de nome Elliott, que esteve explorando o país por encargo do Barão de Antonina. Ele o descobriu a partir do topo de um dos picos da [Serra de] Apucarana, entre 20 e 30 milhas distantes da outra margem do vale do rio[25]; alguns anos depois a atual colônia de São Jerônimo foi fundada e o sr. Elliott, sozinho, agora velho e com saúde debilitada, tem gasto seus últimos anos no local que ele próprio havia descoberto 30 anos antes.

Esse encontro, entre dois gigantes do sertanismo paranaense, foi intermediado pelo frei Luiz de Cimitile[26], pároco do aldeamento que lhe trouxe um bilhete de Elliot

[23] Essa descrição de Elliot apresentada por Bigg-Wither é, com certeza, a melhor, mais detalhada e mais vívida dentre todas as que se podem encontrar na literatura; e, ademais, baseara-se em informações colhidas ao vivo, a partir do próprio informante.

[24] Bigg-Wither grafa "Elliott", talvez por considerar a forma mais óbvia. Carvalho (2010), com base na obra biográfica de David Carneiro sobre o explorador estadunidense, grafa da mesma forma. Optei aqui pela grafia usada pelo próprio autor, em suas publicações.

[25] Aqui, Bigg-Wither refere-se a uma conformação orográfica singular conhecida como Serra de Apucarana (entre as cidades de Sapopema, Ibaiti e Curiúva) que tem como ponto culminante o Pico Agudo (1210 metros de altitude). Segundo Maack (1947), o vale do rio Tibagi nessa região forma vertentes de diabásio porfirítico que capeia as camadas gonduânicas. O solo local alterna-se constantemente e há oscilações florísticas surpreendentes, alternando matas de araucária, estacionais, campos e cerrados.

[26] Há também outras grafias, como "Cemitille"; preferimos a que é usada em italiano e que é semelhante à pequena e antiquíssima comuna de Nápolis.

convidando-o a visitá-lo e desculpando-se por ele mesmo não o fazê-lo, devido à sua condição precária de saúde. Ao chegar à humilde residência, Bigg-Wither (1878:260) descreve o encontro:

"I had never seen so splendid a wreck of a man. He was above six feet in height, with frame that must have once been massive, but which was now shrunken and gaunt, and with one of those countenances that seem to have been moulded in iron, indicating a vigour and energy of character such as Pallas offered Paris, to push him 'forward through a life of shocks, dangers, and deeds', such indeed as for forty long years his own life had actually been".	"Eu nunca tinha visto imagem tão esplêndida da ruína de um homem. Ele tinha pouco mais de seis pés (1,83 m) de altura, com estrutura corpórea que deve ter sido algum dia maciça, mas agora estava encolhido, magro e com aquele tipo de fisionomia que parece ter sido moldada a ferro, indicando o vigor e energia de caráter, como Pallas submeteu Paris, para forçá-lo 'adiante por meio de uma vida de percalços, perigos, e obstáculos' tal como, de fato, por quarenta longos anos a sua própria vida tinha sido realmente'".

Elliot o recebe, em seguida, com um inglês abrasileirado que, segundo Bigg-Wither, "não lhe trouxe nenhuma lembrança de sua terra". Apesar de filho de um inglês como uma estadunidense, o velho homem tinha bem pouco dos hábitos e da língua que aprendera na infância, devido a tantos anos em que já estava no Brasil.

Segundo suas próprias palavras, Elliot – quando ainda em atividade na região litorânea (incluam-se as viagens marítimas) – olhava para a Serra do Mar e mostrava-se curioso acerca do que haveria por detrás daquelas vertentes[27]:

"You know, I had seen those big mountains so often now from on board ship, that I began to get curious to know what there was behind them, and I determined to go and have a look."	"Sabe... Eu havia visto aquelas montanhas grandes com tanta frequência a bordo do navio, que comecei a ficar curioso para saber o que havia por trás delas e, assim, decidi dar uma olhada".

[27] Palavras do próprio Elliot, narradas a Bigg-Wither (1878:261).

Bigg-Wither mostrou-se não apenas feliz mas realmente emocionado pelo encontro com o abnegado viajante. Tanto que em seu livro dedica oito longas páginas e diversas citações ao longo do texto sobre o especial momento. Essas informações, valiosas pela oportunidade e também pela fidedignidade do narrador, incluem dados sobre as primeiras viagens de Elliot em companhia de Lopes, a origem dos aldeamentos de São Jerônimo e Jataí[28], a constante presença de índios bravios, uma briga entre porcos-do-mato e uma onça-pintada ("*...in the forest between the rivers Ivahy and Tibagy*") e vários outros detalhes, incluindo aspectos geográficos da região e leis de terras em vigência no Brasil.

O legado de Elliot, infelizmente, concentrou-se em alguns poucos relatórios, parcialmente publicados e diversas anotações e rascunhos de mapas que inevitavelmente perderam-se ao longo do tempo. Para Wright & Cunha (1999:375), ele era um "*american adventurer*", em nada concordando com a sua trajetória, entusiasmo e inclinação para a busca pelo conhecimento mediante documentação cartográfica. Newton Carneiro, na obra "Iconografia Paranaense", o tratou como aquarelista sem formação e de interpretação ingênua (Carollo, 1991). Essa opinião acabou radicalmente alterada pelo mesmo historiador (*in* "Pintores da Paisagem Paranaense") que, ao rever sua posição, percebe "*...nas aquarelas de Elliot qualidades de uma paisagem reveladora de seu amor à natureza e ao silvícolas, destacando sua habilidade no manejo das tintas d'água,*

[28] Esse, no caso, situado a cerca de 200 milhas a montante do rio Paranapanema, a partir da foz do Tibagi, cuja iniciativa de estabelecimento foi malograda tanto após a tentativa de Elliot (1846) quanto, posteriormente, por Franz Keller (1856) (Bigg-Wither, 1878:284, nota de rodapé).

certamente, como resultado de suas atividades de cartógrafo" (Carollo, 1991).

Dentre suas obras acessíveis à consulta, destacam-se paisagens do aldeamento de São Jerônimo (que tratam-se dos primeiros testemunhos de plantações de café no Paraná), o retrato do dr. Faivre, pioneiro da colônia Teresa Cristina e, em especial, a paisagem urbana de Curitiba em meados do Século XIX; essa última, pode-se dizer, é a mais antiga imagem conhecida – e colhida *in situ* – da capital paranaense[29].

De pequena produção escrita, Elliot produziu em 1844 o romance "Aricó e Caocochée: uma voz no deserto", tido como a primeira novela indianista paranaense e que trata da pacificação dos índios na região dos "campos de Palmas". A obra foi publicada apenas em 1857 no periódico "O Jasmim", com diversas e indesejáveis alterações em sua estrutura original, inclusive um subtítulo nada oportuno ("*Uma voz no deserto: historia fundada em factos*"). De qualquer forma, o autor pode ser considerado vanguardista, levando-se em conta o seu completo isolamento do mundo urbano e a conclusão de material visivelmente romântico, poucos anos depois (1836) do estabelecimento, no Brasil, do período literário conhecido como Romantismo. Note-se que em 1845, portanto, um ano após a conclusão da obra de Elliot, José de Alencar lança "O Guarani", que confirma "...o significado do indianismo como uma das principais vertentes do romantismo e afirmando a contribuição dos cronistas como fonte de pesquisa e inspiração" (Carollo, 1991).

Com relação a alguns de seus resultados etnológicos, pode-se ainda citar o artigo versando sobre a migração dos índios Kaiuá no interior do Paraná, escrito pelo brigadeiro

---

[29] Desta forma, excluímos aqui as apresentações de Debret (*vide*), sabidamente baseadas em rascunhos de terceiros (ver Straube, 2012).

Machado de Oliveira, com base em seus apontamentos (Oliveira, 1856). Todas essas contribuições, como pode-se perceber explicitamente pelos trechos transcritos acima, são especialmente importantes para o conhecimento da história ambiental paranaense, em particular tratando-se de um período pouco fértil de autores criteriosos como o explorador Elliot[30].



Primeira edição do romance "*Aricó e Cacocochée*" de John H. Elliot, como suplemento de "Illustração Paranaense" de 1928 (Fonte: reprodução de Carvalho, 2010).

[30] Uma excelente contextualização histórica sobre Elliot e os momentos vividos no Paraná foi recentemente produzida por Carvalho (2010).

1847 O tenente Pierre Aloys Scherer, experiente explorador dos rios Tibagi, Paraguai e Ivaí, lidera uma expedição que dura quase dois anos para o reconhecimento geográfico do rio Paraná.

1847 O botânico alemão Theodor Peckolt chega ao Brasil, com a finalidade de colecionar material que seria estudado para a produção da obra *Flora Brasiliensis* (da qual foi um dos mais importantes revisores). Para isso viaja pelo interior do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Depois titula-se em farmácia e estabelece-se no Rio de Janeiro, onde dirige uma farmácia até seu falecimento (1912). Em sua carreira publica mais de 120 títulos sobre botânica e realiza valiosas pesquisas sobre as propriedades químicas das plantas e farmacognosia, disciplina da qual é um dos precursores.

1847 Na fregata dinamarquesa *Galatea* chega ao Brasil o zoólogo dinamarquês Johannes Theodor Reinhardt para sua primeira viagem ao País, em companhia do explorador alemão Wilhelm Friedrich Georg Behn. Reinhardt visita diversas vezes o seu amigo Peter Wilhelm Lund (por exemplo, entre 1850-1852 e 1854-1856); depois, retorna ao seu país, onde publica vários artigos ornitológicos, baseados no material colhido por Lund e que se encontrava conservado em Copenhague. Behn, por sua vez, abandona a expedição no norte do Chile e ruma

para a região montanhosa do sudeste do Brasil, onde obtém considerável número de exemplares de aves.

1847 Fundação da colônia Teresa Cristina (originalmente "Colônia Theresa", depois "Therezina") pelo médico francês Jean Moritz Faivre que, desgostoso com a vida no Rio de Janeiro, decidiu migrar para o sertão, trazendo várias famílias de franceses.

1848 Alfred Russell Wallace e Henry Walter Bates, naturalistas britânicos, chegam ao Brasil, o primeiro permanecendo até 1852 e o segundo até 1859, ambos trabalhando especialmente na Amazônia.

1848 Incêndio de grandes proporções no Museu de História Natural de Viena (Áustria), em episódio chamado de *Hofburg Fire*, destruindo a Biblioteca Imperial, onde estavam guardadas partes das anotações de Johann Natterer e vários exemplares por ele obtidos no Brasil.

1848 É criado o "Licêo de Coritiba", depois Ginásio Paranaense e, modernamente, Colégio Estadual do Paraná. Por muito tempo foi um dos centros de referência da intelectualidade paranaense e local de ensino destacado nacionalmente.

1849 Expedição de CAMILLO LÉLLIS DA SILVA pelo interior do Paraná, entre Guarapuava e Foz do Iguaçu.

1849

LELLIS DA SILVA

Quase três décadas depois do ano de 1820, tido como marco das investigações geográficas no Paraná (Maack, 1968), **CAMILLO LELLIS DA SILVA** (n. Cachoeira/BA: 2 de março de 1819)[31] foi designado pela Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha do Império do Brasil, para participar dos trabalhos de abertura da estrada entre Guarapuava e o rio Paraná (Moreira, 1975). Camillo – que depois lutou na Guerra do Paraguai – era, além de militar, arquivista do Quartel Geral da Marinha e cavaleiro das ordens de Cristo e de São Bento de Avis (Blake, 1902), mas é muito pouco o que existe sobre sua biografia.

Esse caminho tinha grande importância estratégica para o império por servir-se de ligação entre as áreas povoadas do leste da província e o rio Paraná, tendo sido percorrido e demarcado apenas após a pacificação dos temidos índios dos "campos de Guarapuava" (Macedo, 1951). Por essa vasta e temida região, muitos expedicionários passaram, mas inexistia uma rota consensual, o que seria imprescindível para a necessária colonização do sertão oeste paranaense. A pretendida

[31] Segundo o dicionário Sacramento Blake (1902), seu nome seria "Camillo de Lellis e Silva", mas preferimos a grafia tal como aparece no artigo original. Há, ainda seu filho homônimo (São Paulo/SP: 1849; Petrópolis/RJ: 1882), naturalista, engenheiro, professor e diretor de empresa de tecelaria em Petrópolis. É provável que tenha ocorrido uma intromissão a partir do nome de São Camillo de Léllis, religioso italiano do Século XVI.

ligação entre o litoral, a capital e o "resto do Estado", era forçada a desviar dessa área, evitando contatos com os índios bravios que ali habitavam (*vide* Friedrich Sellow: Straube, 2012). Em vez de seguir ao longo do curso do rio Iguaçu (ou, na língua kaingang, "Goyó-Covó"), o que seria o trajeto mais óbvio de leste para oeste, até mesmo os antiquíssimos caminhos coloniais provenientes do Primeiro Planalto acabavam por percorrer o curso de grandes rios como Tibagi, Ivaí e Piquiri, exigindo inúmeras vadeações e difíceis transposições de relevos. A expedição de Martim Afonso de Souza, por exemplo, consta ter sido dizimada naquele setor geográfico, fato relatado por Cabeça de Vaca (Straube, 2011).

Aberto o "portal hostil" dos campos de Guarapuava, cujos índios haviam sido contatados pelo padre Chagas Lima já no início do Século XIX, restava atingir o rio Paraná, consolidando as fronteiras territoriais e favorecendo a comunicação por terra entre praticamente todo o território da província. É aí que surge a figura de Camillo Léllis da Silva, encarregado de determinar essa nova rota, já planejada (e, em parte, levada a efeito) por outros militares e engenheiros do porte de Pierre Aloys Scherer[32], Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan[33] e outros.

---

[32] Emigrado para o Brasil, onde se estabeleceu na colônia Teresa Cristina (do dr. Faivre), passou a ser tratado como Pedro. É tio-bisavô de Pedro Scherer-Neto, precursor da Ornitologia contemporânea no Paraná e tio de Pedro Scherer Sobrinho (militar, ex-prefeito de Ponta Grossa e Antonina, chefe das Casas Civil e Militar do Paraná). Pierre, além de um dos primeiros a percorrer vários sertões do interior do Paraná, também contribuiu com a épica construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá. Era engenheiro, médico, professor, promotor público e cartógrafo.

[33] O famoso militar (chegou ao posto de marechal) tinha o projeto de uma grande estrada ligando Paranaguá a Foz do Iguaçu que, nem mesmo sua grande influência política tanto durante o Império (era Visconde [com grandeza] de Beaurepaire-Rohan) quanto depois, na República, o permitiu concretizar. De extensa formação, Rohan foi político, sertanista, geógrafo e autor de vasta produção bibliográfica, destacando-se o "Diccionario de vocabulos brazileiros" (Beaurepaire-Rohan, 1889). Também era auto-didata em Botânica, atividade que desempenhava com conhecido zelo e dedicação (RBG, 1941; Gillies, 1998); atuou no Paraná entre 1853 e 1856 (Gillies, 1998).





Pioneiros na exploração e traçado do caminho entre Guarapuava e Foz do Iguaçu, antecedendo a expedição de Camillo Lellis da Silva: Pierre Aloys Scherer e Henrique de Beaurepaire Rohan. (Fontes: http://www.museumaconicoparanaense.com [esq.] e http://pt.wikipedia.org [dir.]).

Retornando da penosa expedição, Lellis publicou um pequeno diário de viagem, indicando as atividades realizadas dia a dia e, em anexo, uma "Resenha da caça, peixe e abelheiras" (Lellis-da-Silva, 1865). Os originais[34], em 50 cópias impressas, foram enviados de São Paulo por correspondência postal ao Instituto em 26 de fevereiro de 1852 e a carta de remissão foi lida em sessão do dia 2 de julho de 1852 (IHGB, 1853:579); segundo consta, era "*acompanhado de um mappa do seu reconhecimento*" o qual – infelizmente – não foi publicado no artigo. Na sessão seguinte do Instituto, na qual inclusive participava Pedro II, o autor menciona o ofício daquela entidade agradecendo a

[34] É curioso constar, em IHGB (1853), um título diferente daquele que foi publicado: "*Diario da viagem pelos sertões de Guarapuava á margem esquerda do rio Paraná*".

sua oferta e promete enviar um outro artigo, tratando agora do trecho entre o porto de Santos (São Paulo) e Guarapuava[35] (IHGB, 1853:593).

O trecho percorrido[36] seguiu a partir da foz do rio Chagu até a foz do rio Iguaçu, seguindo paralelamente por este rio até os limites ocidentais do estado do Paraná, na fronteira com a república do Paraguai. A expedição partiu em 23 de maio de 1849, por uma direção basicamente retilínea, desde a "*Villa de Belem de Guarapuava*" (atualmente Guarapuava) até as margens do rio Paraná ("*Rio Paranan*"[37]), nas proximidades de onde atualmente localiza-se a cidade de Foz do Iguaçu. Retornou ao ponto de origem em 12 de setembro do mesmo ano, gastando, portanto, 113 dias para completar todo o percurso.

Aqui cabe um pequeno reparo, à luz de interpretação diferente daquele publicada anteriormente (Straube & Scherer-Neto, 2001): o ano em que Lellis realizou sua viagem não foi 1848 e sim 1849. Essa correção é possível com base nas informações constantes no artigo aqui analisado. Lellis da Silva (1865:30) assina o seu relatório da seguinte maneira: "*Acampamento do Chagu, em 12 de Setembro de 1849*". Logo na abertura desse (Lellis da Silva, 1865:5), ele assim se refere às suas atribuições:

> "*Nomeado por aviso da secretaria de estado dos negocios da marinha de 9 de Fevereiro do anno passado* [leia-se 1848], *para coadjuvar os trabalhos do major do imperial corpo de engenheiros Henrique de Beaurepaire Rohan, chefe da expedição encarregada da abertura da*

[35] Infelizmente não tivemos acesso a esse artigo, se é que foi efetivamente publicado.

[36] O trajeto, se fosse seguido em linha reta, seria rigorosamente retilíneo no sentido leste para oeste e contaria com precisos 200 km.

[37] Com efeito, o nome original do rio Paraná era "Paranã" que, na língua indígena, significa "mar", em uma alusão à sua impressionante largura e volume de água.

estrada entre guarapuava e o rio Paranan, parti com minha familia para S.Paulo no vapor Carioca a 23 de Julho; a 30 cheguei á capital, onde me apresentei ao Exm.Sr. presidente da provincia [leia-se Bernardo José Pinto Gavião Peixoto], *tendo-me já na côrte apresentado ao chefe da expedição* [leia-se Rohan]. *A 18 de Agosto apresentei-me de novo ao major do mesmo corpo de engenheiros Luiz José Monteiro, que fôra nomeado pelo governo imperial em substituição ao major de Beaurepaire Rohan para chefe da expedição; a 27 de Fevereiro d'este anno* [leia-se 1849] *partimos para a villa de Belém de Guarapuava, onde chegámos a 9 de Abril, e d'esta villa partimos para o acampamento do Chagú em 8 de Maio, e a 23 do mesmo fiz minha entrada no sertão, como abaixo se segue*".

Essa condição é confirmada por Gillies (1998:98), baseado no relatório provincial produzido por Beaurepaire-Rohan (1856:145), nessa época já na qualidade de vice-presidente da província do Paraná. Rohan, com efeito, afirma nesse documento que a viagem de Lellis da Silva teria sido realizada posteriormente ("em 1849") à que ele próprio comandou, em 1848, com "*29 leguas, desde o campo do Xagú até a margem esquerda do Paranã*".

Não obstante o pequeno deslize cronológico, observa-se que diversas são as menções aproveitáveis quanto a avistagens ou capturas de aves, ainda que restritas a espécies de interesse cinegético. Algumas citações mais relevantes referem-se ao "macuco" (*Tinamus solitarius*), a "arara" (*Ara sp.*), ao "pavão" (talvez *Pyroderus scutatus*) e à jacutinga (*Aburria jacutinga*), essa última caçada em grandes quantidades para servir como alimentação dos integrantes da expedição. Outros registros de menor

importância incluem um “inhambú” (*Crypturellus sp.*), “pato” (*Cairina moschata*), “jacu” (*Penelope obscura*) e “tucano-uçu” (*Ramphastos toco*).

Embora pouco úteis no tocante às espécies citadas, é de se mencionar a precisão com que foram obtidas as distâncias percorridas entre cada ponto de parada ou acampamento. Essa característica permite resgatar informações valiosas sobre abundância e pontos de ocorrência dos animais, alguns deles extremamente raros naquela região e, portanto, com relevante interesse conservacionista.

Outro aspecto importante na crônica de Lellis é a quantidade de caça utilizada para suprir a alimentação de viajantes, quando de seus deslocamentos pelos sertões. Tais informações, raramente mencionadas nas crônicas, são úteis no sentido de se avaliar não somente as dificuldades pelas quais os sertanistas passavam mas, também, de se conhecer a disponibilidade de itens de interesse na alimentação, tanto na qualidade quanto na quantidade[38].

Para Lellis da Silva, que viajou com mais dezesseis acompanhantes, durante 113 dias, o cálculo foi o seguinte: 22 antas (*Tapirus terrestris*), 22 veados pardos (*Mazama americana*), 25 macacos-prego (*Cebus nigritus*), cinco porcos-do-mato (tateto: *Tayassu tajacu* e/ou queixada: *Tajacu pecari*), uma lontra (*Lontra longicaudis*), 81 jacutingas (*Aburria jacutinga*), dois tucanuçus (*Ramphastos toco*), seis araçaris (*Pteroglossus castanotis*), dois socós[39] ,

---

[38] Helmut Sick (1997:84), por exemplo, refere-se aos animais abatidos durante parte da expedição pelo Brasil Central que fez junto aos irmãos Villas Bôas. Consta que caçaram (entre junho e dezembro de 1947), um total de 90 veados (entre *Ozotocerus bezoarticus, Mazama spp.* e *Blastocerus dichotomus*), 30 queixadas (*Pecari tajacu*), 25 mutuns e uma anta, além de 650 quilogramas de peixe. Isso para alimentar um grupo com “20 pessoas e sete cachorros”, sem contar outros itens como frutos, palmitos e mel, que podiam ser obtidos naquelas condições.

[39] Nesse caso poderiam ser várias espécies, desde o socó-boi (*Tigrisoma lineatum*), até o socó-dorminhoco (*Nycticorax nycticorax*) mas, ainda, a garça-moura (*Ardea cocoi*).

três patos (*Cairina moschata*), três marrecas (provavelmente *Amazonetta brasiliensis*), uma cegonha (*Ciconia maguari*), dois macucos (*Tinamus solitarius*), quatro inambus (*Crypturellus obsoletus*) e um uru (*Odontophorus capueira*). De peixes, o somatório final foi: quatro dourados (*Salminus brasiliensis*), um matrinchã (*Brycon orbygnianus*), sete mandis (*Pimelodus maculatus*) e 49 bagres (*Pimelodella sp*., *Rhamdia quelen* ou algum outro pimelodídeo)[40].

Esses números impressionam não pela qualidade das informações, tampouco pelo interesse biogeográfico, visto que todas as espécies indicadas são, hoje em dia, sabidamente ocorrentes na região percorrida por Lellis da Silva. O que chama a atenção é o número de animais capturados, em um trecho de com pouco mais de 300 km, bem como a indiscutível abundância de algumas delas, frente ao panorama atualmente observado.

Nesse sentido, cabe aqui uma comparação com uma das áreas visitadas pelo explorador e que corresponde à chamada zona intangível do Parque Nacional do Iguaçu, precisamente o curso do rio Floriano, detentor de uma das poucas bacias hidrográficas de médio porte ainda totalmente "preservada" em todo o Sul do Brasil. Esse mesmo local foi visitado em março de 2004 (Straube *et al*., 2004) quando um único indivíduo solitário de jacutinga (*Aburria jacutinga*) pôde ser observado em todo um trajeto fuvial de 60 km, durante oito dias. Além dele diversos fragmentos (penas) atribuídos à espécie foram encontrados nos vários acampamentos clandestinos de caçadores lá instalados, testemunhando uma situação profundamente diferente da observada em tempos mais recuados.

[40] Espécies identificadas por Vinicius Abilhôa, com base na denominação vernácula.

1849 Pierre Aloys Scherer prossegue seu projeto em busca de uma comunicação entre o Paraná e o Mato Grosso do Sul; desta vez empreende viagem de exploração entre Guarapuava e o vale do rio Ivaí até o rio Paraná, onde se encontra com o major Luiz José Monteiro. Na ocasião, colhe informações geográficas e colabora com diversas informações, depois utilizadas nos projetos de infra-estrutura que visavam a ligação do litoral e capital à região oeste do Estado.

1849 WILLIAM MICHAUD chega ao Brasil; três anos depois, estabelece-se na ilha do Superagui em Guaraqueçaba.

1849 Aporta no Brasil o médico e botânico inglês Richard Spruce que dedicou-se à coleta e estudos da flora amazônica e andina, até 1859. Foi um dos poucos naturalistas viajantes contemporâneos a explorar todo o rio Amazonas, desde suas nascentes à foz. Autor da espécie *Banisteriopsis caapi* (Malpighiaceae), foi o primeiro estudioso a relatar o uso mágico da *ayahuasca* pelos índios Uapés.

1849 John Gould inicia sua magnífica obra "***Monograph of Trochilidae or family of hummingbirds***", em cinco volumes (1849-1861). A obra foi completada, após o falecimento do autor, por Richard B.Sharpe,

entre 1880 e 1887.

1849 Até o ano de 1850, Jules Bourcier manteve-se no cargo de cônsul francês no Equador. Nesse tempo, aproveitou para pesquisar os beija-flores, grupo que tornou-se sua especialidade, inclusive em parceria com ornitólogos franceses como Martial Étienne Mulsant e Pierre Adolphe Delattre.

1850 Charles Lucien Bonaparte publica o primeiro volume do "***Conspectus generum avium***" que teria a segunda e última parte lançada apenas sete anos depois. O trabalho completo, porém, nunca foi concluído, devido ao seu falecimento em 1857.

1850 Início da colonização portuguesa no Paraná, trazendo imigrantes atraídos pelos primórdios da cafeicultura no Norte Pioneiro.

1850 É criada, no Rio de Janeiro, a "Sociedade Vellosiana", dedicada exclusivamente a estudos sobre a natureza brasileira. Mantendo-se quase que independente do patrocínio público foi, provavelmente, a primeira organização não-governamental brasileira ligada exclusivamente à natureza. Dentre seus sócios estava Alexandre Vandelli, Custódio Serrão, Emílio Joaquim da Silva Maia, Francisco Freire Allemão, Frederico L.C.Burlamarque, Gustavo Schüch de Capanema, Joseph T.Descourtilz, LUDWIG RIEDEL e Henrique P.C. de Beaurepaire Rohan.

1850 O médico e naturalista alemão Karl Hermann Konrad von Burmeister chega ao Brasil como refugiado político, com a finalidade de prosseguir os estudos de Peter W.Lund sobre a Paleontologia de Minas Gerais. Permanece no País até 1852 e, entre 1857 e 1860 trabalha na Argentina, para onde retorna em 1861, quando participa da fundação do Museu Nacional de Buenos Aires.

1850 Nascimento de Hermann Friedrich Albrecht von Ihering.

***c*.1850** O coletor profissional inglês John Hauxwell, passa a residir, até por volta de 1870, no alto Amazonas, encaminhando suas coleções ao Museu Britânico, onde foram estudadas por John Gould, Philip L.Sclater e Osbert Salvin.

1850 O cronista português VIEIRA DOS SANTOS conclui a "***Memória Histórica da cidade de Paranaguá e seu município***", material produzido por conta própria e vendido à Câmara Municipal de Paranaguá. No conteúdo constam várias menções a animais e plantas por ele compiladas.

[1850]

VIEIRA DOS SANTOS

ANTÔNIO VIEIRA DOS SANTOS (n. Porto, Portugal: 13 de dezembro de 1784; f. Morretes/PR: 4 de julho de 1854) foi um cronista e historiógrafo português que se radicou no Brasil em 1797, antes no Rio de Janeiro, depois em Paranaguá (Wachowicz, 1969) para onde (depois de algum tempo em Salvador) retornou, ali se estabelecendo definitivamente. Teve diversas ocupações, desde caixeiro viajante até oficial de milícias – atingindo o título de alferes; também foi comerciante (possuia um pequeno comércio e, depois, adquiriu um engenho para beneficiamento da erva-mate) e depois político, assumindo o posto de vereador em Paranaguá (Veiga, 1984).

Segundo Leão (1924), que o alcunhou de "pai da História paranaense", ele se destacava pela erudição, expressada tanto oralmente quanto pelas inúmeras obras que produziu, algumas delas ainda inéditas. Até mesmo suas correspondências constam ser repletas de informações, sobre a vida animal e vegetal, hidrografia, relevo, população, antropologia e muitas outras. Ele era, na realidade, um escritor compulsivo, sendo que um de seus códices relata, em dois volumes de 300 páginas, os episódios que lhe

ocorreram em sua vida, dia após dia, hora após hora! (Veiga, 1984) [41].

Em abril de 1850 Vieira dos Santos ofereceu-se às autoridades municipais de Paranaguá para produzir um tratado histórico e corológico sobre a vila de Paranaguá, estudo que ficou concluído apenas um mês depois. O trabalho continha informações valiosíssimas não somente de resgate histórico mas também incluindo dados gerais sobre a região que, na época, compreendia quase todo o litoral-norte paranaense (Costa & Moraes, 2011). É de sua autoria, por exemplo, as primeiras indicações mais precisas sobre a existência e localização de sambaquis na região. Esse documento ficou guardado por mais de 70 anos quando, em momento de comemoração ao centenário da Independência, o prefeito José Gonçalves Lobo decidiu-se por editá-lo e produzir ampla tiragem.

Esse livro, que se tornou um dos clássicos mais celebrados na historiografia paranaense[42], foi denominado "Memoria historica, chronologica, topographica e descriptiva da cidade de Paranaguá e do seu municipio"[43]. Segundo seu autor, o documento descreve as antiguidades, "*...entrelaçadas com os fatos mais memoráveis, acontecidos na Capitania de São Vicente; a descrição topográfica do município, a fitologia de suas ricas matas e a flora brasileira; a zoologia dos animais terrestres, aquáticos e*

[41] Por essas e muitas outras razões, em nada condiz com a realidade a ocupação de "negociante" atribuída a ele por Gomes (2009).

[42] Aqui prestamos nossa modesta homenagem ao saudoso RUY ALTAMIR DA CRUZ (1929-2008), por sua laboriosa intervenção na cansativa redigitação do clássico livro de Vieira dos Santos, esforço esse que permitiu o acesso às preciosas informações ali contidas. Que as tantas consultas a essa grandiosa fonte, por parte de historiadores e curiosos, e também as tantas pesquisas que nela se basearam, converta-se na devida gratidão por seu trabalho.

[43] Também "Memória Histórica da cidade de Paranaguá e seu município" e "Memória histórica de Paranaguá", respectivamente nas edições do Museu Paranaense (1952) e do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá (2001).

voláteis que povoam os três reinos da natureza; a hidrografia de suas formosas baías, lagos e rios; a mineralogia das suas minas de ouro e de outras produções, a agricultura, cultura e a população indígena antiga e a moderna civilizada e dos homens mais distintos que ocuparam cargos da governança, os que se têm distinguido nas ciências e artes e os que têm sido condecorados com as Ordens do Império, e as famílias mais ilustres, e todos os atos e deliberações que a Câmara praticou desde o ano de 1654 e apontamentos que foram extraídos dos livros originais do arquivo da mesma".

Assim, sob essa vasta temática, algumas aves são citadas logo no início:

> *"Na verdade seria bem agradável aos primeiros povoadores vindos de Cananéia quando pela primeira vez entraram pela barra a dentro de tão formoso lago semeado de tantas ilhas e suas margens orladas de verdes mangais, circuladas de serranias e montanhas de diversas configurações e alturas, acobertadas de riquíssimos bosques e espessas matas, onde sobressai o ararivá, o cedro, a palmeira, a pindaíba e o indaiá, onde cruzavam nos ares imensos turbilhões de* ***papagaios****,* ***tucanos*** *e* ***periquitos****, onde exércitos de formosíssimos* ***guarás****, vestidos de escarlate e quais soldados britânicos voavam em linha de batalha militarmente; onde o canto do* ***pintassilgo****, do* ***canário****, do* ***bonito*** *e* ***sabiá****, regozijavam os ouvidos, onde o trinado da* ***araponga*** *repicava o sino da alegria pela boa-vinda dos novos hóspedes [...]" (Vieira dos Santos, 2001 :75)*

Mais adiante, o estudioso dedicou um trecho inteiro (Capítulo 12°) à avifauna no "*Das aves e passaros voláteis que povoão a região aéria no Municipio de Paranaguá*" (Vieira dos Santos, 1951), onde descreve e nomeia uma infinidade de espécies, utilizando-se de denominações em português, por vezes miscigenado com o tupi, mas por certo originário de consulta à população local do litoral paranaense.

Parece justa uma transcrição do trecho integral do capítulo indicado, considerando-se que a obra já começa a rarear na maior parte das bibliotecas, lembrando que a versão consultada foi publicada em 1922.

CAPITULO 12.°

Das aves e passaros volateis que povoão a região aéria no Municipio de Paranaguá.

--0--

207 -- A região aérea, que serve de pavimento ao Ceo estrellado mansão daquelle que, formou toda a natureza; elle quiz povoar este reino; com passarinhos delicados em diversidades de figuras; revestidos das mais fermozas plumagens; de engraçadas cores; e melodiozo canto; e ao romper da aurora dar graças e louvores com suas ternas cantilenas áquelle grande Deos; que os creou para gloria sua e admiração do homem. Exerçitos de formozissimos **Guarás** de viva cor escarlate, atravessão em ordem marçial dessas fermozas Bahias; enramão-se nas verdes ramagens dos mangais; figurando ao longe grandes flores rozeas, outras desçem ás praias figurando Batalhões de hum exerçito Britannico; bandos de **Tucanos**, **Rolas**, **periquitos** e **papagaios**, a cada passo vão voando de jua a outra margem; turbilhõens e milhares de **bunitos**, **Canarios**, **Sahiras**, **Tangarás** e **Tietés**, enramão-se por todas as arvores; aqui se ouve o canto triste do **Sabiá**; do sino da **araponga**; acollá os gemidos da triste **rolla**; os gorgeios dos **bunitos**, dos **Canarios**, **pintaçilgos** e **Corruiras**; a contradança do **pitão há** (Tangará) - ; o chamamento do **Urú**; o furamento do **pica-páo**; a vista de tão engraçados entes que fazem realçar o embellezamento destas Bahias; e por isso vou aprezentar alfabeticamente hum catalogo dos nomes vulgares porque são conhecidas: **Arapongas** vulgarmente chamadas **Guarapongas**, brancas como a neve, - **Anuns**, e **Andorinhas**, **Beija-flor**. Ou **Colibris**, há 12 qualidades das mais lindas cores, e até doirados, - **Bemtevis**, - **Baitacas**, e **Biguás**. **Colhereira** cor de roza. – **Canarios**, - **Caracarás**, - **Coricoxos**, - **Cuitellos**, - **Corruiras**, - **Carachos**, - **Caturritas**, - **Coxixos**, - **Chupins** azulados e cinzentos, - **Cegonhas**, - **Corujas**, - **Côrvos**, ou **Urubús**, - **Faizões**, - **Garças** brancas, - **Gaivotas**, - **Gansos** do mar, **Gaviões** grandes e pequenos, - **Gralhas**, **Guarás**, - **Guaraunas**, -

Guarins, são brancos, - **guachos**, - **Jacús**, - **Jacupema**, **Jacutinga**, **Jacucacas**, **Japú**, **Inhambú**, **Jacudias**, **Jacanás**, - **Macucos**. **Maracanás**, - **Marreco** do mar e **Martinho** pescador, **Pavões**, - **Papagaios** verdes, e pardos, - **Periquitos**, - **Patos** bravos, - **pardaes**, - **picapáo**, - **papa**-arroz, - **pitãoha**, - **pichicha**, - **pombas** do matto, - **Quero**-quero, - **Soccós** pretos e brancos, - **Saracuras**, - **Sabiás**, **Sabiaunas**, - **Sainhasus**, - **Souteiras**, - **Suindaras**, - **Sahiras** azul e chilreadeira, - **Tucanusus**, - **Tucanos**, e outros pardos, - **Tucano araquans**, - **Tangarás** pretos, - **Tem-tem**, - **tico-tico**, - **Verdilhões**, - **Virá bosta**, - **Urús**, - **Xupins** pretos e amarellos, e outros; sendo que cada classe do que se designão a mor parte são divididos em familias differentes, pelas suas diversidades de cores, com que o Ente supremo os fes vestir".

Como observado, há na lista, diversas aves passíveis de reconhecimento como as "guarapongas, brancas como a neve" (*Procnias nudicollis*), os "colhereiros cor de roza" (*Platalea ajaja*), os "coricoxos" (*Carpornis cucullata*), mas também de outras, sob indicação mais generalista: "tucanos" (*Ramphastos vitellinus* ou *R.dicolorus*), "martim-pescador" (gêneros *Megaceryle* ou *Chloroceryle*) e inidentificáveis ("pichicha"; "verdilhões"); também notável é a descrição do guará (*Eudocimus ruber*).

Outro aspecto digno de nota, foi a percepção da grande riqueza de espécies de troquilídeos na planície litorânea: "*beija-flor, ou colibris, há 12 qualidades das mais lindas cores, té doirados*". Esse número, se não preciso, é bem próximo do real conhecido nos dias de hoje se consideradas as espécies mais comuns que ali podem ser encontradas.

Aspecto adicional é a sua menção a "*pardaes*", questão a ser investigada, pois a datação clássica para o episódio da introdução de *Passer domesticus* no Brasil tem sido considerada como o início do século, no ano de 1906 (Sick, 1997)[44].

[44] Em muitas regiões do Paraná, certamente por influência da colonização europeia, o tico-tico (*Zonotrichia capensis*) é também conhecido como "pardal", eventualmente "pardais" ou "pardal-do-reino", como bem alertado por Érico T. Viensci (*in litt*., 2012).

Um dos usos mais importantes que se fez do livro de Vieira dos Santos, refere-se aos primeiros indicativos sobre uma espécie de primata que, segundo o cronista, ocorreria no litoral paranaense e que apenas um século e meio depois é que acabou identificada pelos cientistas, com base em suas compilações. Embora a magnífica descoberta não seja ornitológica, cabe aqui uma intervenção sobre o quanto importantes podem ser certos relatos antigos, alguns deles caídos no total descrédito (e eventualmente certa ironia, por não se enquadrarem nos padrões tidos como "científicos"), para o conhecimento de nossa biodiversidade.

No seu capítulo sobre a "Zoologia de todos os animais quadrúpedes terrestres e aquáticos, peixes e aves que povoam os três reinos da natureza e tem nos contornos do município de Paranaguá", Vieira dos Santos (2001:107-108) refere-se à presença de várias espécies de mamíferos (e também de répteis). Em alguns casos as informações parecem fantasiosas, uma vez que não condizem com o conhecimento biológico vigente ou, ainda, podendo ser aplicáveis a outras regiões do Paraná, pela menção a espécies que sabidamente não ocorrem no litoral do estado. Há, por exemplo, apontamento sobre um cachorro do mato que não tem nenhum pelo, chamado "jaguapeva", assim como o "tamanduá-guaçu ou grande por outro nome tamanduá bandeira", além do tatu-canastra, ariranha e tatu-bola, dentre outros exemplos curiosos.

Parece que esse tipo de indicação acabou por enfraquecer o crédito que o cronista mereceria, especialmente no que toca a informações que poderiam ser consideradas, desde que sob algum cuidado. Ocorre que muitos de seus escritos calcaram-se mais em informações obtidas por terceiros, mesmo em publicações antigas, do que propriamente de observações próprias (*vide* Moreira, 1953).

Em dois trechos da obra, há menção a primatas que ocorreriam no litoral do Paraná: "[...] *monos grande e pequenos que chamam guaratás; macacos grandes, de cara branca e pequenos que chamam sagüis, são muito pintadinhos* [...]" e "[...] *os sains ou sagüis são uma espécie de macacos de tamanho de ratos lindos, alegres e estimados, com penachos brancos que saem do centro das orelhas; há também macacos barbados* [...]" (Vieira-dos-Santos, 2001:107-108). Nesses fragmentos fica clara a intromissão de dados obtidos da literatura ou oriundos de outras regiões brasileiras, porém, intercalados com informações absolutamente realistas. Parece difícil identificar a espécie a que ele se referia como "guaratás"; o vocábulo que mais se aproxima seria guatá (ou quatá), nome atribuído a alguns primatas do gênero *Ateles*, mais conhecidos como macacos-aranha. Esses animais, que não são "pequenos" e sim, de grande porte, são tipicamente amazônicos e não ocorrem no litoral paranaense, além de não possuírem espécie similar que pudesse ter sido confundida. Por outro lado, são absolutamente fidedignas as indicações aos monos de cara branca (certamente macacos-prego *Sapajus nigritus*) e aos macacos barbados (ou seja, bugios ruivos *Alouatta guariba*).

O cerne pretendido na presente discussão, porém, é outro: um pequeno macaco descrito em 1990 pelas pesquisadoras Maria Lúcia Lorini e Vanessa Guerra Persson que, pela condição inusitada, mereceu grande destaque por parte da mídia internacional. A espécie foi batizada como *Leontopithecus caissara*, uma homenagem à população litorânea do Paraná e especialmente os ilheus do Superagui que tanto colaboraram com a localização do exemplar que embasou a descoberta.

Na descrição original (Lorini & Persson, 1990), as autoras afirmam claramente terem se baseado nas indicações de Vieira dos Santos como fonte de inspiração para suas

buscas. Além disso, o animal era, desde muitos anos antes de sua descoberta, conhecido da população da ilha do Superagui. Sua denominação popular[45], na região é "sagui" e também "carinha-preta" (V. G. Persson e M. L. Lorini, verb. 1989), devido à condição de primata de pequeno porte e ao colorido enegrecido de suas faces contrastando com a pelagem castanho-amarelada, característica essa que o distingue de seus congenéricos.

Aparentemente Vieira dos Santos não teve contato visual com esse alegado "sagui" e sim teria colhido a breve descrição de informantes locais, de forma que a sua caracterização ficara grandemente adulterada. Isso fica claro na confusa e equivocada descrição de pelagem, pelos atributos de "pintadinhos" e com "penachos brancos que saem das orelhas". Teria Vieira dos Santos – essa é a hipótese – consultado fontes bibliográficas sobre "saguis" que ocorrem na Mata Atlântica (ou seja, do gênero *Callithrix*) e, desta forma, viciado sua concepção da coloração real disponível na espécie litorânea.

A suspeita quanto à correlação entre esse animal e os verdadeiros saguis (portanto do gênero *Callithrix*), enfatizamos, não é de todo absurda. Afinal, mesmo especialistas no grupo se equivocaram na tentativa de atribuir-lhe uma identidade (p.ex. Oliveira & Pereira, 1990). Sob esse prisma, algo que ficou quase adormecido na literatura zoológica, é uma discreta anotação do especialista em mamíferos Carlos Octaviano da Cunha Vieira, indicando que o pequeno mamífero que ocorreria no litoral paranaense se tratava de uma outra espécie: *Callithrix aurita* (Lorini & Persson, 1994)[46], talvez fundamentado pela descrição de

[45] O nome "mico-leão-da-cara-preta", cabe frisar, é denominação vernácula artificial criada pelos especialistas, uma vez que os nativos litorâneos sequer tinham conhecimento do que se tratava, de fato, um "mico-leão".

[46] Mesmo sob plena certeza da existência desse pequeno texto, se não me falha a memória presente em uma nota de rodapé de um artigo de Vieira, não foi possível resgatar a referida

Vieira dos Santos, com relação aos alegados "penachos brancos que saem das orelhas".

Com base nessa suposição, em agosto de 1946 o Museu Paranaense acabou por realizar uma expedição para a região de Guaraqueçaba, com a finalidade de não somente coletar itens zoológicos como de tentar documentação segura sobre o tipo de sagui que, segundo informações de terceiros, ocorreria no litoral do Paraná. Essa viagem efetivamente ocorreu, tendo o naturalista alemão Andreas Mayer dela participado e trazido numerosos espécimes para várias coleções (inclusive diversas aves), hoje no Museu de História Natural Capão da Imbuia.

No entanto, o local visitado não condizia precisamente com o hábitat existente na pequena área de distribuição do sagui caiçara. Os naturalistas estiveram, na realidade, na vila de Açungui, na Serra Negra (Guaraqueçaba), em plena floresta ombrófila densa de terras baixas, motivo mais do que suficiente para que a procura acabasse malograda por uma questão de apenas 25 km!

O interessante é que, embora o pequeno macaco fosse bastante conhecido da população local, possuindo inclusive um nome popular consagrado, ele não consta em nenhum outro documento histórico por nós analisado. Foi, inclusive omitido por Julius Platzmann e William Michaud (vide adiante) que, diga-se de passagem, residiram longamente naquela porção litorânea paranaense e ali descreveram – por textos ou imagens – a paisagem e fauna local.

O que não resta dúvida aqui é que ainda há muito o que ser investigado no legado de Vieira dos Santos e não

fonte. Embora essas autoras (Lorini & Persson, 1994) mencionem a revisão de Vieira (1944), as palavras alusivas ao fato não estão ali presentes cabendo, desta forma, a realização de diligências mais detalhadas no intuito de resgatar o texto premonitório do célebre estudioso.

apenas no vasto acervo documental manuscrito por ele, que foi deixado inédito. Afinal, a presença do próprio *Callithrix aurita*, já sugerida por Carlos O. da C. Vieira, não parece nada improvável, visto ter sido considerada em buscas – infelizmente malogradas – realizadas por Fábio Olmos e Paulo Martuscelli nas regiões paulistas limítrofes, inclusive na ilha do Cardoso e Serra do Paranapiacaba (Rylands *et al*., 2012).

Além disso, o pequeno fragmento "*macacos grandes, de cara branca...*" é um tanto sugestivo como atribuível a um outro primata, apenas recentemente localizado no território paranaense, o muriqui (*Brachyteles arachnoides*). Essa espécie contava com algumas indicações de literatura para o Paraná (Aguirre, 1971; Lange & Jablonski, 1981; Martuscelli *et al*., 1994; para revisões, ver Pereira, 2006), nenhuma delas muito bem esclarecida; não obstante, foi reencontrada em 2002 em áreas colinosas do alto rio Ribeira (Koehler *et al*., 2002, 2005).

Todo esse exercício de interpretação no leva também a uma necessária reavaliação da abrangência geográfica dada por Vieira dos Santos ao que ele chamava de "município de Paranaguá". Provavelmente estivesse incluindo também uma vasta extensão contígua de vertentes da Serra de Paranapiacaba, que hoje em dia englobam o quadrante norte da Região Metropolitana de Curitiba, incluindo o vale do Ribeira. Assim, os aspectos por ele enfocados podem ser ainda mais verossímeis, pelo simples fato de enfocarem um contexto geográfico muito maior, agora referentes a condições realmente factíveis para a presença de vários animais e plantas por ele apontados.

Retornando à contribuição de Vieira dos Santos, cabe lembrar que ele produziu volumoso material e grande parte provavelmente esteja perdida, mas, muitos documentos encontram-se até hoje inéditos. Dentre alguns

que puderam ser resgatados, destaca-se o "*Astrologia celestial*". Esse documento versa primariamente sobre fenômenos astronômicos mas – também – curiosidades históricas em geral, valores e meios para reconhecimento de metais e pedras preciosas e, ainda, inclui descrições de jogos e brincadeiras de adivinhações de salão. É de sua autoria, ainda, o códice que abriga um método (cifrado!) para ensino do saltério, instrumento que dominava com perfeição[47].

Uma outra de suas obras, em parte reproduzidas por Moreira (1984), inclui comparação entre expressões ou palavras tal como faladas em Portugal e no Brasil e, em parte, enfoca as aves parnanguaras:

> "[...] *Pássaro que tem fala grossa lhe chamam* ***terecas***
> *Os que têm fala fina lhe chamam* ***seningas***
> *Os que tem a cara suja cá é cara de* ***tiriva***"

Também produziu glossários, por exemplo, de linguajar campeiro, de superstições e, notadamente, de língua indígena praticada na região central do Paraná, provavelmente obtida de fontes escritas. Dentre suas contribuições ao folclore, também colhidas por Moreira (1984), estão ainda:

> *"Dizem que quando aparecem em cima dos telhados, de noite, uns pássaros chamados* ***corujas*** *ou* ***suindaras****, aonde estiver qualquer enfermo, piando e fazendo bulha com o rabo, é sinistro certo de morte"*

[47] Ver Budasz (1996); a obra foi impressa finalmente em 2002 por iniciativa da editora da Universidade Federal do Paraná.

Nas horas vagas, dedicava-se à fabricação de tintas e, com elas, produzia desenhos que traduziam seu espírito curioso ou expressavam fatos ou sentimentos familiares (Moreira, 1984). Sobre ele também manifestou-se Piloto (1984): "*Tempos fecundos e dificeis, de cujo valor Antônio Vieira dos Santos nos legou informações tão preciosas. E as legou traçando-nos, sem o pressentir, o seu próprio perfil de homem útil. Revelando-nos a sua multímoda personalidade, digna de nossa vocação mais reverente*".

Cronologia

1851 Por intermédio do Barão de Antonina, ocorre a fundação da colônia militar do Jataí, localizada nas proximidades do aldeamento indígena de São Pedro de Alcântara, considerada região estratégica para a manutenção de fronteiras e também rota comercial envolvendo o Paraná e o Mato Grosso do Sul.

1851 Guerra do Brasil contra Oribe (Uruguai) e Rosas (Argentina) em oposição ao expansionismo e navegação do rio da Prata (até 1852); no episódio destaca-se o Duque de Caxias.

1851 Nascimento de HERBERT HUNTINGDON SMITH.

1851 Jean Theodor Descourtilz assume o cargo de auxiliar do Museu Nacional, sendo promovido a naturalista-viajante em 1854.

1851 O alemão Rudolph Amandus (Rodolfo Armando) Philippi estabelece-se em Santiago (Chile) onde, com a colaboração ativa de seu colega Christian Ludwig Landbeck (que participou de uma expedição ao Chile em 1852), passa a se dedicar a vários ramos da História Natural sulamericana. Publica 150 artigos, dos quais 23 referentes à Ornitologia, onde descreve espécies tidas como novas, muitas delas baseadas em sutis características anatômicas.

1852 Heinrich Gottlieb Ludwig Reichenbach lança o "***Das Naturliche System der Vögel***", com várias descrições de aves brasileiras.

1852 Sete anos depois da implementação da invenção de Samuel Morse nos EUA, o sistema telegráfico elétrico é inaugurado no Brasil. A logística da iniciativa partira de Guilherme Schüch de Capanema, professor de física. Segundo consta, a primeira mensagem enviada fôra: "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá", referência à obra do maranhense Gonçalves Dias.

1852 Fritz Müller, naturalista alemão chega ao Brasil[48], onde se estabelece até sua morte em 1897.

1852 SAINT-HILAIRE publica o segundo volume do "***Voyage dans l'intérieur du Brésil***", com crônicas sobre sua visita a São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

1852 Falece Georg Heinrich von Langsdorff.

1852 Início da colonização suíça no Paraná, na ilha do Superagüi (Guaraqueçaba), advento que atrai William Michaud para ali estabelecer residência.

[48] Desconhecemos a origem fidedigna de um exemplar de planta da família Convolvulaceae atribuído a Fritz Müller como procedente dos "campos de Palmeira, PR" e alegadamente coletado em 1874; essa exsicata estaria no Herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro sob número 40399 (Teixeira *et al*., 2009). Além desse, que consideramos duvidoso, não há nenhum indício de que o "Príncipe dos Observadores" tenha visitado o Paraná (Urban, 1908), razão pela qual ele não foi considerado nesta obra.

1852 a 1902

WILLIAM MICHAUD

WILLIAM MICHAUD[49] (n. Vevey, Suiça: 1829; f. Superagui, Guaraqueçaba/PR: 7 de setembro de 1902), agricultor, depois professor e pintor[50], nasceu na histórica cidade da Suíça francesa, situada na margem norte do lago de Genebra, no cantão de Vaud, próxima de Montreux.

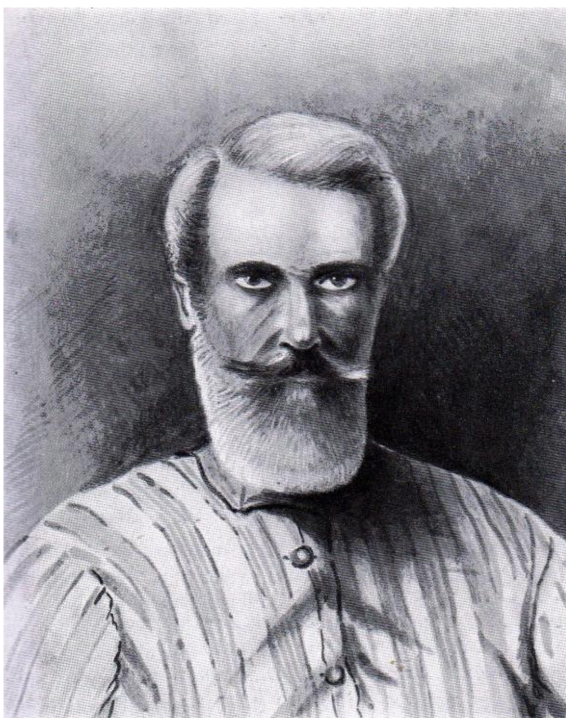
Em companhia do amigo Henri Doge viajou ao Brasil em um veleiro que aportou no Rio de Janeiro em 1° de fevereiro de 1849 (Dysarz, 2010, 2012), portanto poucos anos depois de atingir a sua maioridade. Inicialmente trabalhou no ramo da sericicultura, provavelmente em Itaguaí (Rio de Janeiro), onde situava-se a recém-criada “Imperial Companhia Seropédica Fluminense”, na região onde atualmente está o câmpus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Algum tempo depois foi empregado como desenhista de um engenheiro francês encarregado de fazer levantamentos topográficos nas províncias de Goiás e Minas Gerais[51].

---

[49] Aparentemente essa era a grafia que ele próprio preferia, e conforme assinava em suas cartas; eventualmente pode-se encontrar também a grafia francesa “Guillaume Henri Michaud”.

[50] Ofício cujos primeiros ensinamentos obtivera de Gottlieb Steinle (Stickel, 2004).

[51] Esse engenheiro seria “Ernesto Vatlée”, com quem Michaud se associara como “auxiliar de fotografia” segundo Stickel (2004). Algumas gravuras de Michaud são baseadas em paisagens não-paranaenses e poderiam atestar sua presença em Goiás e/ou Minas Gerais. Na obra “*Scéne de chasse, chevaux et chiens*” (MVV-487), por exemplo, aparecem buritis (*Mauritia flexuosa*), palmeira peculiar do Brasil Central, onde se ajunta em agrupamentos


William Michaud (1829-1902), auto-retrato (Reproduzido de Scherer, 1988).

Decidiu estabelecer-se na região de Guaraqueçaba, escolhendo a recém-criada colônia de Superagui como morada. Participava, desta forma, como integrante do primeiro projeto de colonização na região, liderado por Charles Perret Gentil.

Cônsul da Suíça no Rio de Janeiro, Gentil conduziu pouco mais de uma dezena de famílias para a ilha, tendo ali

típicos, próximos de cursos d'água. Também isso é claro em MVV-490: "*Caravane de mulets*", MVV-491: "*Char à boeufs, halte dans la forêt*" e MVV-519: "*Cavalier dans la prairie*". Todas essas ilustrações mostram cenários totalmente incompatíveis com a ilha do Superagui, região de onde provém maior parte de sua iconografia brasileira.

se estabelecido e prosperado por alguns anos (Schelbert, 1980). Segundo Ermelino de Leão (1924-1928:2256):

> *"Em 1854, existiam na colónia, 13 famílias, na maioria suissas e o director informava que estava construindo um engenho de grande capacidade para beneficiar café, arroz e mandioca; que existia na Colónia uma ferraria; construia-se uma olaria; a lavoura desenvolvia-se; projectava-se o início das culturas do anil e da amoreira; que o clima era excellente e os colonos morigerados.*
>
> *Em 1856, a colónia compunha-se de 10 famílias suissas, 5 francesas e 2 allemãs, com o total de 64 almas. Foram seus fundadores Carlos Perret Gentil, Jorge Carlos Milly e Augusto Perret Gentil, que tinham gasto 50.000,00 com a fundação da colónia, sendo o custeio annual de cerca de 8.000,00 e a renda incerta. As familias Revedo, Sigwalt, Milly e Perret foram as principais que se estabeleceram no núcleo. Alem dessas famílias, alí se localisaram as familias suissas Bada, Scinini, Tamagno, Dinhols, Devrieu, Michau, a francesa Cattelain e a dinamarquesa Ludjen.*
>
> *Em 1879, Superaguy tinha 150 casas, sendo 10 de nacionais e 140 de estrangeiros.* [...]. *O Censo Esc.*[olar] *de 1916 consignou-lhe 150 hab*[itante]*s. o que demonstra a decadência e o abandono da ex-colónia".*

Michaud deve ter se animado para morar no Brasil pelas notícias dos planos de colonização planejada determinados por João VI (maio de 1818) e que fizeram da província de Cantagalo (atualmente Nova Friburgo, Rio de Janeiro) o primeiro local brasileiro a receber levas de imigrantes suíços do cantão de Friburgo entre 1819 e 1820.

Ao mesmo tempo, parece lícito relacionar a sua vinda com a unificação da antiga república Helvética (agora sob o formato de confederação), ocorrida em 1848, quando criou-se constituição única, o fim da autonomia dos cantões e, desta forma, uma total reforma no sistema político e social do país.

Já incorporado ao litoral paranaense, Michaud aos poucos manteve uma boa renda, graças às plantações de café que ali administrava em suas terras. Em 1885, Perret Gentil o convidou para ser professor da colônia, forçando-o a passar a responsabilidade agrícola para sua esposa e filhos e à sua dedicação integral ao ensino e desenho.

O cultivo do café era, sem dúvida, o que lhe trazia as maiores rendas e por isso ele se mostrava atualizado – e preocupado – sobre o mercado brasileiro e mesmo quanto aos comentários negativos acerca do consumo do produto no Velho Mundo[52]. Isso é muito claro em pelo menos uma de suas cartas à irmã Nancy, datada de 28 de junho de 1897 (reproduzida por Guisan & Lambert, 2002):

"Les affaires au Brésil ne vont pas bien, tout est excessivement cher et nous vendons notre café pour un prix dérisoire ; l'année passée nous le vendions à 25000 reis les 15 kilos, aujourd'hui nous ne recevons plus que 10 000 (15 kilos) (le franc vaut actuellement 1280 reis quand en 1889 il valait 338 reis), le change baisse tous les jours et Dieu sait quand il s'arrêtera dans cette dégringolade. Le Brésil qui autrefois avait le	"Os negócios no Brasil não estão indo bem, tudo é demasiado caro e vendemos o nosso café por um preço irrisório; no ano passado obtivemos 25.000 réis nos 15 quilos, agora estamos recebendo pouco mais de 10.000 (15 kg) (O franco vale, atualmente, 1280 réis, sendo que em 1889 valia 338 réis), a mudança é para baixo todos os dias e só Deus sabe quando irá parar esta queda. O Brasil, que antigamente tinha o

[52] As enormes dificuldades logísticas e econômicas para os primeiros agricultores estabelecerem as plantações de café no Brasil são testemunhadas, com farta documentação por Costa (2007:226-230).

monopole du café, a aujourd'hui affaire à des concurrents nombreux, car il est planté et produit par bien d'autres pays, et il en existe aussi en Europe et en Amérique du Nord une forte propagande contre l'usage du café qui doit être, à ce que les notabilités médicales prétendent, très nuisible surtout pour les femmes. Le principal motif de ce malaise au Brésil provient de l'augmentation des droits de douane pour l'exportation du café qui paie en Europe un franc de plus qu'autrefois. A Rio et Santos il existe des masses énormes de café et pas d'acheteurs. Les grands planteurs ne peuvent pas payer des ouvriers qui exigent des salaires très élevés, puisque tout est cher et seront obligés d'abandonner leurs grands établissements qui d'ailleurs sont presque tous hypothéqués aux banques".

monopólio sobre o café, agora enfrenta muitos concorrentes, porque é plantado e produzido por vários outros países, e também existe na Europa e na América do Norte uma forte propaganda contra o uso de café, o que deve ser, segundo pretendem os notáveis médicos, muito prejudicial sobretudo para as mulheres. A principal razão para esse mal no Brasil vem do aumento nas tarifas de exportação de café que paga, na Europa, um franco a mais do que anteriormente. No Rio e Santos há enormes quantidades de café e não há compradores. Os grandes produtores não podem pagar os trabalhadores, os quais reivindicam salários elevados porque o produto tornou-se muito caro e os têm forçado a abandonar os grandes estabelecimentos, de uma maneira geral quase todos já hipotecados para os bancos".

Uma questão importante quanto à utilização do ambiente natural do litoral-norte do Paraná, notadamente a região do município de Guaraqueçaba, é o quanto de florestas ou outros hábitats nativos existiam naquela época, leia-se meados do Século XIX. Platzmann (*vide*) cita inúmeras culturas agrícolas que mantinha na foz do rio Poruquara e Michaud, em suas cartas, refere-se não somente aos seus[53] cafezais mas também a plantações de banana,

[53] Na ilha do Superagui, Michaud instalou-se no pé do Morro dos Barbados, de onde procedem grande parte de seus desenhos. Atualmente esse local é conhecido como

“campos” de milho, vinhedos, cana-de-açúcar, laranjas e outras frutas. Também menciona a dificuldade de criação de gado, por causa dos ataques de morcegos-vampiros.

O próprio naturalista austríaco Johann Natterer dá pistas indiretas sobre o uso do solo nas proximidades de Guaraqueçaba (rio do Borrachudo) já no ano de 1820. Ao se referir à gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*), aponta serem elas prejudiciais aos cultivos ali existentes, por atacarem lavoura de milho, cana-de-açúcar, legumes, batata, etc. (Pelzeln, 1871; Straube, 2012).

Esse panorama[54], contrastante com o imaginário tradicional de que muitos pontos das florestas litorâneas paranaenses seriam primitivos e intocados, concorda em grande parte com o pensamento de alguns investigadores, notadamente Dean (1996) e Papávero & Teixeira (2001), que recuam a alteração dos ambientes a muitos séculos atrás, surgidos em ciclos não muito bem esclarecidos. A respeito deste assunto concluem Straube *et al*. (2006):

> *“Além disso, a presente discussão traz outros desdobramentos que merecem atenção particular, em especial relacionadas a alguns tipos de análises biogeográficas que suportam-se em listas de espécies, essas sem a devida consideração do fator temporal e das respectivas alterações nos ambientes naturais paralelamente ocorridas. Estudos desse tipo devem contemplar tais detalhes com grande destaque, visto haver elos indissociáveis entre a dinâmica de composições avifaunísticas e a história de utilização dos ambientes naturais por parte do Homem”.*

---

comunidade de Barbados; muitos de seus descendentes vivem ali até os dias de hoje, notavelmente sua trineta, a octogenária Flozina Costa Malakias (Kashiwagi, 2011).

[54] Vide, por exemplo, Schmidlin *et al*. (2005) e Kauano *et al*. (2012).

Durante toda sua estada em Superagui, Michaud mantinha intensa correspondência com sua família, em especial as irmãs Nancy e Emma, para as quais enviava notícias e, eventualmente, despachava suas pinturas dentro de caixotes de bambu vedados com cera (Boutin, 1983; Scherer, 1988; Lichtsteiner & Teixeira, 2008; Kashiwagi, 2011). Nessas missivas expressou inicialmente estar muito feliz por ter encontrado um país de extrema generosidade – um "eldorado" – longe do clima frio e dos problemas econômicos da Suíça. Pouco a pouco, porém, passou a cogitar o seu retorno à terra natal, visto que como todos os outros colonos ali residentes, havia falhado em seus propósitos. Descreve seus tantos problemas, suas tristezas e o envelhecimento distante da família mas, ao mesmo tempo, não concordava com a possibilidade do retorno, visto ser forçado a fazê-lo mediante custeio de sua própria família. Essa melancolia seria intensificada por ocasião da Proclamação de República (1889) o que, segundo ele, teria gerado vários episódios de agitação política e uma grande crise econômica que culminaram com a derrocada definitiva da colônia suíça[55].

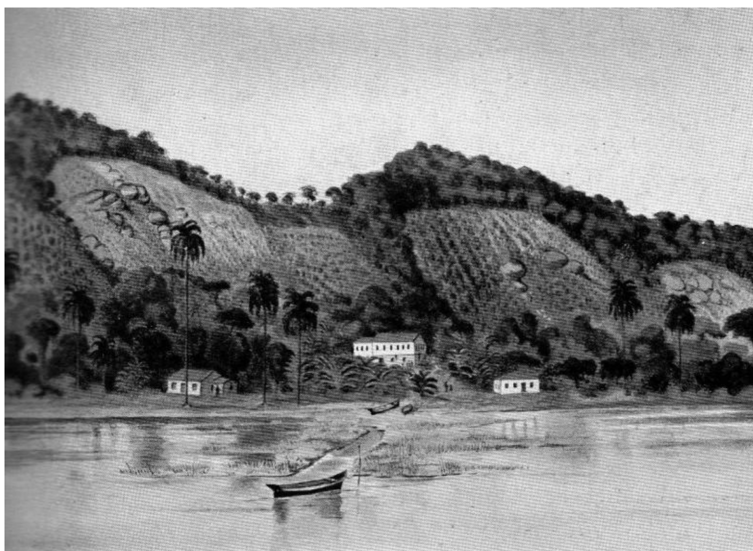
A situação era distinta, porém, daquela vivida na fazenda Ibicaba (Limeira, São Paulo) em 1855, quando imigrantes suíços submetidos à escravidão em fazendas de café, sublevantaram-se contra o proprietário, senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, diga-se de passagem, amigo de Perret Gentil. O episódio foi relatado em livro pelo seu principal amotinado, Thomas Davatz (1850 [1972])

---

[55] É curioso o confronto entre essas afirmações de Michaud e as impressões do Visconde de Taunay (1926:64) que, em novembro de 1885 – portanto exatos quatro anos antes de Proclamação da República – afirma: "*Havia nesta época em Superaguy uns cinco ou seis dos primitivos colonos apenas. Quasi todos elles com familias patriarchaes. Eram-lhes os cafesaes mediocres e definhavam até, mas já tinham dado alguma cousa e a estes inteligentes e trabalhadores colonos haviam consagrado certo bem estar*".

e se relacionava com a substituição de mão-de-obra escrava por imigrantes europeus (Sanglard, 2003). O tópico entrelaça-se, assim, com a presença de outro suíço no Brasil: Johann Tschudi (*vide*).

A coexistência de suas cartas e desenhos é o grande detalhe do legado de Michaud. Fascinado pelo mundo natural que o rodeia, o artista o descreveu e ilustrou, por materiais que acabam se complementando em letras e traços. Destaca a floresta tropical e os costumes do povo local e, segundo os críticos, demonstra com isso uma grande noção de composição (Guisan & Lambert, 2002).



A ilha de Superagui vista por Michaud em meados do Século XIX, contrasta fortemente com o que se imagina a respeito do grau de conservação do que hoje é o Parque Nacional do Superagui (Reproduzido de Scherer, 1988).

Pelo menos uma de suas obras permite a identificação confiável de uma ave ali retratada. É a "*Coin*

de forêt (oiseaux)", aquarela de 24x31 cm (MVV-525[56]), onde – meio à densa e luxuriante paisagem da mata atlântica de baixada – pode-se ver dois tucanos-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*) em voo. Em outras pinturas essa espécie volta a aparecer, embora sem tantos detalhes (MVV-498, 515, 563, 570).

Outras aves também aparecem em diversas outras pinturas, mas são nítidos coadjuvantes, sem muitos detalhes que permitam identificação (MVV-522, 546, 547). Tucanos e garças são os preferidos do artista. Há por exemplo, três indivíduos de garças, duas delas pousadas sobre um tronco semi-submerso e outra em voo, em um rio de planície (MVV-545: *Coin de forêt près d'une nappe déau*); em composição similar estão as garças em MVV-549: "*Bord de mer, oiseaux*".

Em 1922, Nancy Michaud doou ao *Musée Historique de Vieux-Vevey* um conjunto de 73 cartas e 76 obras artísticas, entre desenhos e aquarelas, bem como dois volumes de um diário, no qual haviam informações sobre sua longa passagem pelo litoral paranaense. Entre 2002 e 2003, o *Musée Historique* promoveu uma exposição temporária deste acervo, em alusão ao seu importante artista[57]. Na ocasião a "Sociedade dos Amigos de William Michaud" publicou as cartas trocadas por ele e sua família, na obra "*William Michaud (1829-1902), Lettres, dessins et aquarelles d'un émigrant vaudois au Brésil*" (Guisan & Lambert, 2002).

---

[56] Número de acervo do *Musèe Historique de Vieux Vevey,* na Suiça, onde grande parte de seus originais encontra-se depositada.

[57] Tivemos acesso a cópias em excelente estado de todos os exemplares de pintura ali citados; tratam-se dos números de acervo MVV-485 a 496, 498 a 529, 542 a 552, 554, 560 a 570, 572, 622 a 629 organizados em encadernação e que nos foram cedidos gentilmente por Waldeir da Silva Teixeira (Carioca), nosso amigo morador do Superagui e um destacado simpatizante da história e da cultura local.





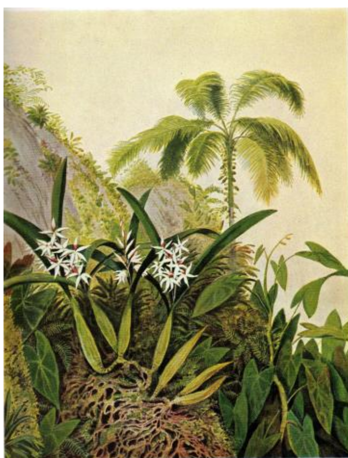
Aves são elementos eventuais na obra iconográfica da Michaud, geralmente aparecendo como figurantes, sem interesse de identificação (Fonte: acervo *Musèe Historique de Vieux Vevey*; cedidos por Waldeir "Carioca" da Silva Teixeira).

No Brasil, e particularmente no Paraná, pouco se fez em sua memória, além dos estudos de Leônidas Boutin (1983) e Emílio Scherer (1988), este último pelo livro ilustrado "O pintor de Superagui". O desinteresse e até desleixo pelo patrimônio fica ainda mais claro se considerarmos o seu jazigo que até hoje conserva-se em um cemitério a cerca de 2 km da vila de Superagui em condições deploráveis de abandono[58].

As pouco mais de 75 pinturas de Michaud que estão em Vevey são, com toda a certeza, apenas uma pequena parte da sua fabulosa produção artística que, espera-se em futuro próximo seja posta em publicidade para avaliação crítica, inclusive dos detalhes naturalísticos. Sabe-se por

[58] No início de 2008, o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná expressou, junto à Prefeitura de Guaraqueçaba, a preocupação oficial da entidade pela conservação do túmulo em documento que, até o momento, não obteve nenhuma resposta ou posicionamento.

exemplo, que ele enviava desenhos ao Visconde de Taunay (1926:63): "*Mandou-me muitos dos seus primorosos desenhos, legitimas preciosidades. Tão baldo de seus recursos que frequentemente não tinha papel proprio, para desenhar nem côres, de que o suppri algumas vezes mandando-lhe do Rio de Janeiro material em troca de retribuição generosissima: os seus lindissimos desenhos. Em certa occasião remetti-lhe um album, que me recambiou cheio de pinturas e que ciosamente conservo, porque tem real valia*".





Aquarelas produzidas por William Michaud, raros exemplos de arte detalhista, em especial de elementos da flora e paisagem natural (Fonte: acervo *Musèe Historique de Vieux Vevey*; cedidos por Waldeir da Silva Teixeira).

Taunay, inclusive, o agraciou com outras facilidades: "*Era o bom Michaud professor de primeiras letras contractado para o bairro de Superaguy. Ganhava a exhorbitancia de 300$000 annuaes! Mandei dar-lhe mais cem e o excellente homem ficou de tal modo grato que durante annos, depois que perdi a minha posição politica,*

me tem dado continuas provas de affeição e reconhecimento"[59].

E acrescenta (Taunay, 1926:66):

> *"Era um pouco de justiça para com aquelle ignorado pioneiro da civilisação perdido no recanto isolado da nossa costa para onde o lançára o destino. Como é singular o fado a que estão certos homens submettidos! No primitivo e rustico Superaguy vivia um homem cuja cultura, cujas instigações artisticas estavam em absoluta antinomia com o meio, a elle tão inferior, obrigando-o a uma existencia cheia de monotonia intensa, professor de primeiras letras, ganhando uma ninharia que pouco passava de mil réis diarios! E no emtanto podia este homem, tinha todos os direitos a aspirar uma posição distincta na sociedade. Intelligencia, cultivo, optimas maneiras, sympathica presença nada lhe faltava. Mas era um timido e um reconcentrado. Comprazia-se na contemplação das bellezas naturaes extraordinarias que o rodeavam e vivia á moda do* sage, *desta feição para a qual a nossa lingua portugueza não tem a adjectivação precisa como o qualificativo francez.* Sage *não é sensato, nem sabio, nem sabedor, e não é bem o nosso justo.* Sage *é* sage, *intraduzivel".*

[59] No relatório com o qual passa a presidência da Província do Paraná para seu sucessor (Taunay, 1886:9), a gratificação é explicitamente citada: "*Abri uma unica excepção, mandando elevar de 100$000 a subvenção de 300$000 dada ao cidadão Guilherme Michaud, professor do Superaguy. Cumpre porem ponderar que, n'aquelle mal conhecido embora muito interessante ponto da provincia, encontrei um verdadeiro mestre rodeado de muitos alumnos, homem de habilitações não muito communs, quasi um literatto e, sem duvida alguma artista bastante notavel*".



Paisagem do interior da mata do Superagui: aquarela de William Michaud (Fonte: acervo *Musèe Historique de Vieux Vevey*; cedidos por Waldeir da Silva Teixeira).

Cronologia

1853 Emancipação política do Paraná (Lei n° 704 de 29 de agosto de 1853), transformado-o em província autônoma. O baiano Zacarias de Goés e Vasconcelos assume a presidência, iniciando imediatamente uma política agressiva de reconhecimento territorial, alicerçado pela catequese e "civilização" dos índios.

1853 Falece AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE.

1853 Hermann von Burmeister publica os cinco volumes (dois deles dedicados às aves) do "***Reise nach Brasilien***", descrevendo sua expedição ao Brasil, nos três anos antecedentes.

1853 O suiço Carl Hieronymus Euler se estabelece no Brasil, onde adquire uma fazenda em Cantagalo (Rio de Janeiro). Torna-se vice-cônsul da Suíça e, nas horas vagas, dedica-se a coletar e realizar observações sobre a avifauna local, publicando (1867-1893) suas descobertas em livros e artigos em revistas especializadas, por exemplo, o *Journal für Ornithologie*. Uma de suas mais famosas contribuições é o artigo "***Descripção de ninhos e ovos das Aves do Brazil***", lançado no volume IV da Revista do Museu Paulista (1900).

1853 Nasce Ernst Garbe.

1853 Na Lapa, os vereadores João Ferreira Bueno e Antônio Alves de Oliveira propuseram a mortandade compulsória de chupins (*Molothrus bonariensis*) a todos os agricultores do município, cujo não-cumprimento incorria em multa de dois mil reis ao "contraventor". Seria obrigatório apresentar ao fiscal – entre junho e novembro – doze cabeças desse pássaro e, nos lugares onde a espécie não ocorria naturalmente, passava a ser exigido um laudo atestando sua inexistência, assinado por duas "pessoas dignas do lugar ou mediante informe do inspetor".

1853 O governo dos EUA envia uma missão oficial ("*La Plata Expedition*") para reconhecer o interior da América do Sul, como decorrência de uma política exploratória vigente desde 1838. Thomas Jefferson Page lidera a empreitada, colecionando animais e plantas (também coletadas pelo botânico Edward Palmer), bem como artefatos indígenas desde a foz do Prata e, no contexto brasileiro, ao longo dos rios Paraná[60] e Paraguai.

---

[60] Page não esteve no Estado do Paraná, tampouco em regiões limítrofes. Na sua primeira estada na América do Sul (1853-1856 segundo Page, 1859), ele subiu, a partir do delta do Prata, pelo rio Paraná até a foz do rio Paraguai, portanto, na fronteira entre a Argentina e o Paraguai. Depois, fez outras incursões por tributários da bacia do Paraná, dentre eles o Bermejo, Salado e Uruguai (na república do Uruguai), mas também tendo visitado Tucumán e Santiago del Estero (Argentina) (Cope, 1862; Vaugh, 1943). O itinerário dessa viagem foi muito confuso, em decorrência de problemas de soberania existentes na época, forçando o comandante a uma série de idas e vindas entre as principais cidades. Em uma ocasião, o navio em que Page se encontrava ("*U.S. Water Witch*") foi atacado pela marinha paraguaia, gerando desconforto diplomático. Devido a isso, uma segunda missão ("*Paraguay Expedition*", entre 1858 e 1859), agora amparada por uma enorme esquadra

1854 Falecimento do cronista ANTÔNIO VIEIRA DOS SANTOS.

1854 Curitiba torna-se capital da Província do Paraná.

1854 Joseph Théodore Descourtilz, um ano antes de seu falecimento, publica "***Ornithologie Brésilienne ou Histoire des Oiseaux du Brésil remarquables par leur plumage, leur chants ou leur habitudes***".

1854 Fundado, por Cândido Martins Lopes, o primeiro jornal paranaense: "O Dezenove de Dezembro", alusão à data de emancipação política do Paraná. O periódico prossegue sua função midiática até 1889 quando, para de ser produzido em virtude do Decreto Imperial n° 88, cujo teor limitava as atividades da imprensa.

1854 Com os resultados de sua viagem ao Brasil, Hermann von Burmeister publica o primeiro dos três volumes (1854-1856) da obra "***Systematische Übersicht der Tiere Brasiliens, welche während***

(19 vapores e cerca de 2500 homens) foi organizada para demonstrar o poderio naval dos EUA, bem como exigir indenização e retratação oficial pelo episódio. Comandada por William B. Shubrick, tinha Page como capitão, e percorreu apenas o trajeto natural entre a foz do Prata e a cidade de Assunção (Smith & Bartlett, 2009). O "Apêndice J" de sua obra (Page, 1859:599-602), assinado por John Cassin, faz algumas menções a aves coletadas na primeira viagem. Estão incorretas, desta forma, as procedências "*Province/State: Parana*" sob coletor "Page, T.J." e datadas de 1859 no acervo do *National Museum of Natural History* (*Smithsonian Institution*, Washington-DC). Nesse sentido, também merece uma correção o estudo de Zimmer *et al*. (2001:63; mas vide mapa, p.62) que atribui dois espécimes de *Suiriri suiriri suiriri* existentes naquele acervo (USNM-16367 e 16368) como oriundos do "*Parana*", explicitamente indicados como oriundos dessa unidade de federação. A origem desses exemplares, realmente colecionados por Page (outubro de 1859), tal como consta no rótulo é: "*Exploration of the Parana*". A forma que ocorre no Paraná é *S.s.affinis*, relativamente frequente nos cerrados e áreas abertas do norte do Estado.

einer Reise durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Gerais gesammelt und beobachtet wurden”, apresentando uma exposição cuidadosa sobre a fauna de mamíferos e aves, com descrições e distribuição geográfica. O tratado vem acompanhado de um apêndice iconográfico “***Erläuterungen zur Fauna Brasiliens***”.

1854 A primeira ferrovia do Brasil é inaugurada, cumprindo um trecho de 14 km entre as cidades do Rio de Janeiro e Petrópolis. Foi idealizada e construída pelo Barão (depois Visconde) de Mauá, graças a concessão feita por Pedro II.

1854 John Gould assina a “***Monograph of Ramphastidae or family of toucans***”, obra pictórica tratando dos tucanos.

1854 O botânico alemão GUSTAV WALLIS aporta no Brasil, onde permanece até 1868 após ter colecionado plantas, especialmente vivas para cultivo na Europa, também no estado do Paraná.

1854

GUSTAV WALLIS

GUSTAV WALLIS (n. Lüneburg, Alemanha: 1° de maio de 1830; f. Cuenca, Equador: 20 de junho de 1878) foi denominado "*the king of collectors*", em alusão à sua contribuição com coleções de orquídeas sulamericanas (Yearsley, 2007). Era totalmente surdo e mudo até os seis anos de idade, recuperando esses sentidos apenas parcialmente e prosseguindo com problemas de dicção até o fim de sua vida[61]. Na juventude trabalhou como aprendiz de jardineiro em Detmold (Alemanha), transferindo-se para Munique, onde se manteve no ofício e iniciando-se também na coleta de plantas.

Em 1855, mudou-se para o Brasil (São Francisco, depois Blumenau, em Santa Catarina), por causa da falência das empresas de sua família e, com isso, decidiu criar um estabelecimento de horticultura, com a finalidade explícita de proceder remessas comerciais de plantas vivas para a Europa.

Aqui cabe uma intervenção, associada às motivações da vinda de Wallis para o Brasil. A partir da segunda década do Século XIX, ocorreu na Europa um momento particular, quando milhares de pessoas passaram a se interessar, de uma forma quase obssessiva, pelo cultivo de orquídeas. Provavelmente nenhum outro grupo de plantas ficou tão célebre, e com tão altas cotações do que essas plantas,

[61] Esta biografia baseia-se primariamente em Veitch (1906) e Urban (1908).

estabelecendo um verdadeiro sistema de mecenato por parte de indivíduos e instituições para a busca de mais e mais espécimes nas terras ainda desconhecidas dos trópicos. Jardins botânicos, coleções particulares, monarcas e outros chefes de Estado – todos queriam orquídeas vivas que, por extensão, passaram a ser considerados símbolos de riqueza e ostentação. A situação ficou conhecida como *Orchidelirium* (ou *orchid fever*) e se estendeu por muitas décadas, não somente no Brasil[62] mas em diversas outras regiões do mundo como os países andinos, as Filipinas, Nova Guiné e vários outros.

No tocante ao Paraná, Wallis parece ter sido o primeiro a aqui chegar com esse objetivo. Bem perto esteve (*circa* 1832), o escocês John ("James") Tweedie (1775-1862), jardineiro do *Royal Botanic Garden* de Edinburgh estabelecido em Buenos Aires (Argentina) em 1825 e que, a partir dali, realizou muitas viagens pelo continente sulamericano (inclusive Rio Grande do Sul, Santa Catarina[63], Rio de Janeiro) (Urban, 1908). Sempre por via naval, Tweedie visitou não somente os portos mais transitados na época como o curso fluvial dos rios Uruguai e Paraná;

[62] A própria origem do *Orchidelirium* conecta diretamente essas plantas às aves. Isso porque o naturalista britânico William Swainson (1789-1855), após ter coletado grande quantidade de itens de história natural no Rio de Janeiro, por volta de 1818, resolveu empacotar aquelas estranhas plantas (segundo ele parasitas) e enviar para Londres. Só que muitas delas floresceram durante a viagem e, ao chegarem no destino, causaram um verdadeiro *frisson* por causa da beleza e do estranho formato da flores. Swainson notabilizou-se também na Ornitologia por sua grande obra científica e iconográfica e não à toa empresta o nome para diversas aves brasileiras, dentre elas a maria-leque-do-sudeste (*Onychorhynchus swainsoni*). Orquídeas e aves têm muitas outras conexões históricas. Heinrich G.L.Reichenbach (1793-1879), ex-diretor do Museu de História Natural de Dresden, por exemplo, foi considerado um dos maiores especialistas nessa família de plantas, mas também é autor de vários táxons (famílias, gêneros e espécies) de aves brasileiras, dentre eles *Ilicura*.

[63] Antes que surja algum tipo de desentendido, é bom lembrar que Tweedie morava na estância "*Santa Catalina*", uma fazenda de propriedade de William Parish Roberston, localidada nos arredores de Buenos Aires.

aparentemente, não esteve em solo paranaense (Urban, 1908; Strafleu & Cowan, 1986)[64].

Essa situação raramente é mencionada em obras de história da Biologia mas, por certo teve grande relevância para o desencadeamento de inúmeras expedições que tiveram lugar no território brasileiro. E, além disso, motivou a emigração de europeus para o País, estimulados pela emergente linha de exploração comercial[65].

Algo interessante é a semelhança entre interessados em orquídeas e aves, seja para finalidade científica, seja visando à criação *ex situ* o que tem gerado a circulação de montante financeiro considerável ligados a atividades lícitas ou não, relacionadas com ambos os grupos[66].

Em 1857, Wallis manteve contato com o botânico belga Jean Jules Linden, dono de uma empresa de jardinagem (*L'horticulture Internationale*) situada em Bruxelas (Bélgica) e especializada em orquídeas, que o contratou como coletor.

---

[64] Em 1832, Tweedie encontrou-se em Buenos Aires com Charles Darwin, quando de sua viagem pelo HMS Beagle. Naquele momento, o jardineiro escocês prestou informações sobre a geografia e navegabilidade do rio Paraná, bem como alguns locais onde se poderia encontrar plantas fossilizadas. Também forneceu sementes de plantas, depois enviadas ao botânico John Stevens Henslow (1795-1861) e provavelmente cultivadas na Inglaterra (*Ollerton et al.*, 2012).

[65] Alguns desses ficaram totalmente esquecidos na literatura, como Franz Gustav Straube (1852-1853), naturalista-comerciante estabelecido em Joinville e que também tinha relações com Heinrich Reichenbach (Straube, 2010).

[66] Há uma diferença notável, entretanto. Novas espécies de orquídeas são descobertas a uma proporção de 200 a 300 por ano, especialmente na regiões tropicais e em locais sujeitos à remoção da vegetação natural por ocasião de empreendimentos variados. Sob tais circunstâncias, espécimes coletados no Peru, chegaram a ser vendidos por 10 mil libras esterlinas cada um, provando que a "*orchid mania*" permanece entre nós até os dias de hoje, segundo o site institucional do *Kew Royal Botanical Gardens* (online em http://www.kew.org/plants/orchids/orchiddiscovery.html; acessado em 16 de junho de 2012).



Gustav Wallis (1830-1878), botânico e coletor de plantas vivas (*circa* 1868) (Fonte: Müller, 1870c).

Suas viagens foram descritas em pelo menos 23 artigos de sua autoria publicados entre 1856 e 1877 (para revisão ver Stafleu & Cowan, 1988). Quatro desses aludem especificamente à permanência no Sul do Brasil, sendo três sobre Santa Catarina (Wallis, 1856a,b,c)[67] e um sobre o Paraná (Wallis, 1859).

Segundo Urban (1908)[68], ele teria percorrido Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro

---

[67] Nesses documentos trata, respectivamente, das plantas usualmente cultivadas em Blumenau, da situação encontrada em São Francisco do Sul ao chegar da Europa e, por fim, da paisagem e vegetação dessa cidade, destacando espécies de plantas mais peculiares e alguns usos localmente feitos delas.

[68] Urban (1908) cita dois artigos publicados por Wallis, relatando sua viagem ao Brasil, em uma revista chamada *Hamburger Gartenzeitung* (talvez datados de 1866 e 1869). O nome do periódico, de fato, não é esse e sim "*Hamburger Garten- und Blumenzeitung*".

entre janeiro de 1854 e janeiro de 1860. No entanto, não parece claro que ele tenha iniciado sua viagem pelo Brasil em 1854 e sim em 1855, uma vez que seu primeiro relato (Wallis, 1856b:304) inicia-se da seguinte forma: "*Nach neunwöchentlicher glücklicher fahrt endlich, am 4. October sahen wir Brasiliens Küsten vor uns aufsteigen.*[69]"; esse documento é finalizado com a indicação de local e data "*Desterro (St.Francisco) den 26. März 1856*". O pequeno relatório (assim como Wallis, 1856c) narra as condições gerais da paisagem, notavelmente da vegetação e das plantas mais peculiares. Sua atenção com os elementos visuais, inclusive, proporciona uma valiosa informação avifaunística para a Ornitologia catarinense: "…*verschiedene Wasservögel darunter auch der prachtvolle Flamingo,* […][70]" (Wallis, 1856b:305)".

Ocorre que, embora radicado em Blumenau, Wallis realizava viagens de variadas extensões a partir dali e foi em uma dessas ocasiões que visitou o Paraná[71]. Seus itinerários quando da estada no Brasil não são, por essa razão, lineares tampouco cronologicamente organizados.

A publicação sobre o Paraná é denominada "*Bereisung der Hochebene Curitiba, Provinz Parana im Südlichen Brasiliens*"[72] e inicia-se com sua chegada em Paranaguá, a partir de Santa Catarina, após uma viagem de

---

[69] "Após nove semanas de viagem, finalmente em 4 de outubro vimos a costa do Brasil surgir diante de nós".

[70] "...várias aves aquáticas, inclusive o magnífico flamingo a elas associados". Sob tal superficialidade, fica impossível identificar a espécie a que Wallis se refere, levando-se em conta que tanto *Phoenicopterus chilensis* quanto *Phoenicoparrus andinus* já foram localizados em Santa Catarina e/ou zonas limítrofes (p.ex. litoral do Paraná) (Rosário, 1996; Scherer-Neto *et al*., 2011). Contudo, não deixa de ser relevante a informação e ao mesmo tempo curiosa, já que teria sido uma das primeiras aves a serem avistadas pelo naturalista em solo sulino, logo ao desembarcar no Brasil. Ressalta-se, ainda, que flamingos são costumeiramente confundidos com outra ave, também de cor rósea, o colheireiro (*Platalea ajaja*).

[71] Na abertura de Wallis (1859) consta: "*von G.Wallis in Santa Catharina*", ou seja, o artigo foi redigido em Blumenau, quando de sua volta.

[72] "Viagem para o planalto de Curitiba, Província do Paraná, sul do Brasil".

dois dias com o vapor “Paranaense”, na data de agosto de 1857. Depois segue para Antonina, Morretes e Porto de Cima, depois o que ele chamou de “*Baira* [Beira] *da Serra (Itupava)*” e “*Barrière von Itupava*”, indicativos de que tomara o caminho do Itupava (para trajeto, vide Moreira, 1975:mapa entre as páginas 96-97 e também Straube, 2012 sob Johann Natterer).

Em seguida, subindo a serra, chegou – afinal – no planalto de Curitiba, a partir do local hoje conhecido como bairro do Atuba. Chamaram a sua atenção os pinheiros e também as disposições das matas, entremadas pelos campos, em configuração fitofisionômica e florística completamente distinta daquele que observou no litoral. Também, por outro lado, mostra a coincidência de alguns gêneros locais de plantas, com a flora alemã.

Wallis não indica datas, mas refere-se a uma viagem feita para a Lapa (“*Villa do Principe*”), onde teria chegado após um dia de viagem, depois de se estabelecer em um lugar chamado “*Quintaqueira, auch Iguassu genannt*”[73]. Ali ressalta a existência de árvores nobres e várias outras plantas, muitas delas de interesse para o cultivo.

A partir daí, não cita mais localidades como se as tivesse vistado na ocasião da viagem. Trata, no entanto, de uma palmeira (*Diplothemium campestre*) que estaria em flor no mês de novembro, nos campos entre a Vila do Príncipe e Castro. Essa é uma indicação de que esteve em outros locais paranaenses, no caso – na região dos Campos Gerais – em

[73] “Quintaqueira, também conhecida como Iguassu”. Não nos foi possível identificar esse lugar que provavelmente estaria a meio caminho entre Curitiba e a Lapa. A menção a “Iguaçu” refere-se quase certamente ao rio Iguaçu que é cruzado pela antiga estrada nas proximidades da estação ferroviária de Engenheiro Bley, na divisa com o município de Balsa Nova.

um certo mês de novembro, quase certamente de 1856, visto a racionália acima formulada sobre seu cronograma[74].

Em 1857, seu financiador ofereceu-lhe a oportunidade de visitar a Amazônia e, para isso, percorreu todo o rio Amazonas, desde suas nascentes até a foz, incluindo grandes extensões dos principais afluentes. Também esteve no Maranhão e estabeleceu-se temporariamente em Belém[75] (Wallis, 1861a,b; 1876a,b,c,d; 1877a,b).

De retorno à Europa, após sua mais extensa viagem, voltou a peregrinar com o propósito de obter orquídeas, tendo visitado as Filipinas e Japão (1870-1871) e a América do Norte (1871-1872). Uma vez concluído seu contrato com a empresa *James Veitch & Sons* de Londres, prosseguiu o trabalho às suas próprias custas, viajando (1872-1874) para a Colômbia e Panamá, onde contraiu uma doença fatal que ocasionou sua morte em um hospital no Equador (Stafleu & Cowan, 1988).

Dedicado principalmente à coleta de plantas vivas (notadamente orquídeas, grupo ao qual sempre é associado), visando seu cultivo na Europa e utilização comercial, pouco contribuiu com exsicatas, além de cerca de 400 números em grande parte guardados no museu de Berlim (Urban, 1908; Stafleu & Cowan, 1988). São muitas as espécies e variedades de plantas descritas em sua homenagem, em especial ornamentais, como *Anthurium wallisii*, *Calathea wallisii*, o subgênero *Wallisia* e muitas orquídeas. Uma delas, em especial, merece destaque: a cicadácea *Zamia wallisii*, descrita por Alexander Braun em 1875, com base em material obtido nos Andes da Colômbia.

---

[74] Infelizmente, as suas memórias de viagem, publicadas no *Gartenflora* (Wallis, 1876a,b,c,d; 1877a,b) tratam apenas de suas expedições amazônicas.

[75] Segundo Wallis (1861:273), hospedado na residência do sr. Fournier, cônsul francês em Belém.

Visto seu interesse direcionado, é improvável que tenha colecionado aves e muito menos feito expressivas coleções zoológicas durante o período em que permaneceu no Brasil. É sabido, porém, que chegou a coletar moluscos e coleópteros na região amazônica, como atestam artigos científicos alusivos (respectivamente Mousson, 1869, 1873 e Taschenberg, 1870). Consta também um exemplar do peixe candiru (*Acanthopoma annectens*) que teria sido por ele coletado (Eigenmann, 1918:264), mas são raros e esparsos os detalhes sobre sua contribuição à Zoologia na literatura em geral.

Ademais, Wallis ficou conhecido como o primeiro informante (por carta endereçada ao seu amigo Domingos Ferreira Penna, do Museu Goeldi) sobre os índios do rio Branco e os Paumaris do rio Purus, descrevendo algumas características culturais e sociais deste grupo, dentre elas a maneira como habitualmente caçavam tartarugas (Wallis, 1863).

Karl Müller, que dividia como Otto Ule o encargo de editor da *Die Natur*, publicada pela *Deutscher Humboldt Verein* (Sociedade Alemã Humboldt), escreveu vinte artigos sobre Wallis nessa mesma revista, dentre aspectos biográficos e narrativas de suas viagens (Müller, 1870a-t)[76].

---

[76] Esses documentos, escritos em gótico, merecem estudos futuros. Nossa dificuldade em traduzi-los impossibilitou o resgate de informações disponíveis em seus conteúdos.

Cronologia

1855 Com base na coleção de Ferdinand Heine *filius*, o zoólogo alemão Johann Louis Cabanis publica o primeiro volume (dentre quatro: 1855-1863) da obra "***Museum Heineanum***" com a descrição de muitas aves ocorrentes no Brasil.

1855 É criado o "Archivo Publico" (hoje Arquivo Público do Paraná), com a finalidade de coligir memórias impressas ou manuscritas relativas à História e Geografia da Província, bem como a guarda de documentos relativos à legislação.

1856 Em uma conferência de Ornitologia realizada em Köthen (Alemanha), Charles Lucien Bonaparte enfatiza a evolução das espécies, associando as formas extintas com atuais mediante parentesco. Essas conclusões foram publicadas no *Journal für Ornithologie* do mesmo ano.

1857 O mineiro Antônio Ildefonso Gomes que, por alguns meses acompanhou Saint-Hilaire em sua expedição ao Brasil, publica "***Viagem às províncias do Norte do Brasil em 1855 e 1856***".

1857 Nasce JOZÉF CZAKI.

1857 Até 1859, o zoólogo e coletor britânico Louis Fraser

	obtém considerável série de exemplares de aves e mamíferos do Equador, os quais foram remetidos a Philip L.Sclater e serviram de base a pelo menos nove artigos (1858-1860) que inauguraram a Ornitologia naquele país.
1857	JOHANN VON TSCHUDI visita brevemente o litoral do Paraná.

1857

JOHANN TSCHUDI

JOHANN JAKOB VON TSCHUDI (n. Glarus, Suíça, 25 de julho de 1818; f. Jakobshof, Áustria, 8 de outubro de 1889) era formado em medicina e em História Natural pelas universidades de Paris, Neuchatel na Suiça e Leiden, na Holanda (Nomura, 2006) e foi aluno e discípulo de mestres como Alexander von Humboldt[77], Johann J.Hottinger, Lorenz Oken, Oswald Heer e Heinrich Rudolf Schinz. Em 1834 mudou-se para Neuchâtel (Suíça), em companhia do zoólogo e geólogo suiço Louis Agassiz[78] e, finalmente, transferiu-se para Cambridge (EUA), onde se estabeleceu definitivamente (Trevisan, 2002).

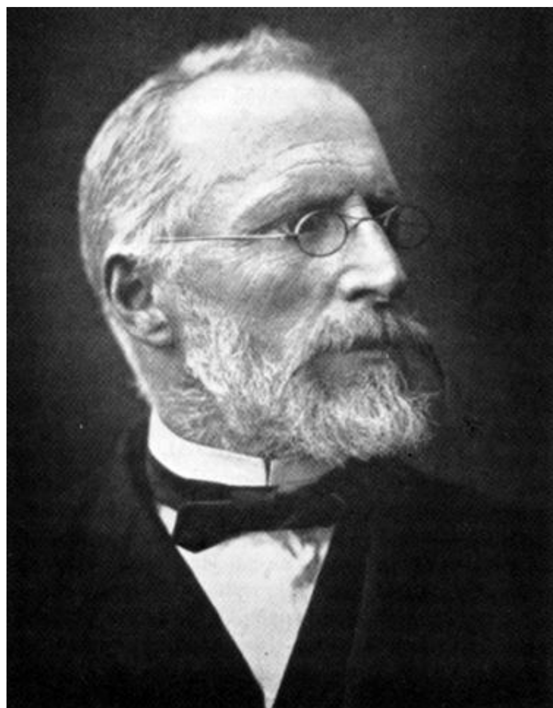
Tschudi ficou famoso por suas pesquisas e publicações sobre vertebrados (aves, répteis, anfíbios e principalmente peixes), descrevendo várias espécies, em especial da Amazônia peruana (Zimmer, 1926; Peters, 1951) e com incursões também na Paleontologia destes grupos (Tschudi, 1838; 1847). Suas contribuições mais importantes para a Ornitologia são os trechos sobre aves do "*Fauna Peruana*"[79], editados por Jean Louis Cabanis[80] entre 1845 e

[77] Foi por intermédio de Humboldt que Tschudi manteve ligação com o pintor Johann Moritz Rugendas, de célebre passagem pelo Brasil em companhia do Barão de Langsdorff.

[78] Jean Louis Rudolphe Agassiz (1807-1873), além de pesquisador em Geologia e Paleontologia, foi um dos fundadores da Ictiologia moderna, junto a Cuvier e Valenciennes. Além de diversas obras, inclusive a revisão dos peixes colecionados por Spix, é um dos fundadores do *Museum of Comparative Zoology*, de Cambridge (EUA).99999

[79] Ou "*Untershuchungen über die Fauna Peruana*"

1846 e que baseiam-se em partes dos manuscritos de Humboldt.



Johann Jakob von Tschudi (1818-1889) (Fonte: Wikipedia)

Tschudi fez três viagens à América do Sul sendo a primeira delas (1838-1842) para a costa do Pacífico e região andina ocidental, desde o Cabo Horn até o Peru, rendendo-lhe a publicação do livro "*Peruanische Reiseskizzen wuhrend der Jahre 1838-42"* (Tschudi, 1846). Também publicou um dos primeiros estudos linguísticos sobre o

[80] Esse estudioso ficou famoso pelos inúmeros táxons descritos, com base na coleção de Ferdinand Heine, na obra *Museum Heineanum*, publicada entre 1850 e 1863 (Palmer, 1928); é lembrado na espécie sulina *Poospiza cabanisi*.

kíchua em "*Die Ketchuasprache*" (Tschudi, 1853) e três obras sobre suas viagens: "*Reise durch die Andes von Süd-Amerika*" (Tschudi, 1860), "*Die brasilianische Provinz Minas-Geraes*" (Tschudi, 1863) e, a mais importante de todas, denominada "*Reisen durch Süd-Amerika*" (Tschudi, 1866-1869). Essa última [81], é uma crônica de viagem, dividida em cinco volumes, sem uma sequência cronológica de acordo com as visitas, como seria esperado, e sim obedecendo determinados tópicos conforme são enfocados. A distribuição temática tratada é a seguinte. **Volume 1**: Saída de Hamburgo (Alemanha), passagem por Lisboa, chegada a Pernambuco, viagem pelo Rio de Janeiro (Rio de Janeiro e Petrópolis) e Minas Gerais (Paraibuna, Juiz de Fora, Colônia D. Pedro II, Serra da Mantiqueira, Barbacena, Ouro Preto (Tschudi, 1866a); **Volume 2**: Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana, Itabira, Diamantina, Rio Preto, Mucuri, Colônia Leopoldina, Viçosa) e regresso ao Rio de Janeiro (Tschudi, 1866b); **Volume 3**: Espírito Santo (Vitória, Itapemirim, Guarapari, rio Itabapoana), Rio de Janeiro (Campos dos Goitacazes, São Fidelis, Cantagalo, rio Macacu) e São Paulo (Santos, São Paulo, Jundiaí, Campinas, Rio Claro, Itu) e novo retorno ao Rio de Janeiro, depois Santa Catarina (São Francisco, Joinville, Itajaí, Blumenau e Florianópolis (Tschudi, 1866c); **Volume 4**: Rio Grande do Sul (Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, São Leopoldo, Santo Ângelo) e novamente Rio de Janeiro; depois volta a tratar do interior de São Paulo (Santos, São Bernardo, São Paulo, Cotia, Sorocaba, Ipanema, São Roque, Cananéia) e Paraná (Paranaguá e Antonina) para então citar nova passagem por São Francisco e Rio Grande mais sua entrada

[81] Uma versão facsimilar desta rara obra foi republicada em 1971 em Stuttgart, Alemanha. Como muito bem lembrado por Trevisan (2002), o título original do livro é *Reisen* (viagens) e não *Reise* (viagem) como apresentado na tradução ao português. A esse mesmo autor devemos a valiosa republicação do trecho referente ao Paraná que baseia quase toda a informação aqui divulgada.

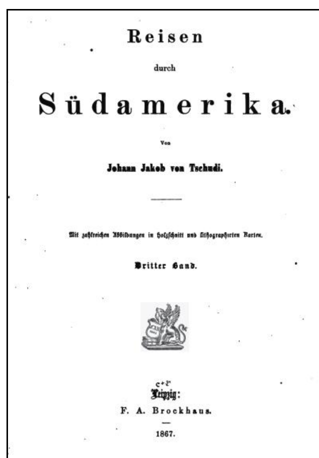
no Uruguai (Montevidéu) e Argentina (Rosário, Buenos Aires, Catamarca), neste país abrangendo com alguma profundidade a vegetação do Espinilho (Tschudi, 1868); **Volume 5**: Província de Catamarca (Argentina) e Cordilheira dos Andes, também Deserto de Atacama, Bolívia (Cobija, Tacna), Peru (Arequipa, Lima), Equador (Guayaquil) e, por fim, Panamá (Tschudi, 1869).

O Estado do Paraná é citado [82] em diversos fragmentos do Volume 4. Uma menção importante aparece quando Tschudi estava em Santos (São Paulo) e tinha planos para realizar uma grande viagem pelo interior do Paraná, partindo de São Paulo, chegando a Curitiba, depois percorrendo os Campos Gerais e, então, seguindo – por via fluvial – ao longo do rio Iguaçu. Dali chegaria ao rio Paraná e, por ele, desceria, até chegar em Montevidéu. Infelizmente, a empreitada foi cancelada, em virtude da realização de uma grande feira de mulas em Sorocaba e, ainda, pelos riscos e necessidades logísticas para a viagem fluvial; optou o explorador por seguir por mar até a capital uruguaia (Tschudi, 1868:114-155).

Sua breve estada no Paraná, precedeu sua partida do porto de Santos, onde Tschudi embarcou no navio "Catarinense" (maio de 1857), visitando Cananéia (São Paulo), Antonina e Paranaguá. O trecho particularmente alusivo a essa região (Tschudi, 1868:151-163), inicia-se com uma longa explanação (quase 10 páginas) sobre a erva-mate, sua importância econômica na região e na relação comercial com o Chile e Argentina, métodos de colheita e maneira como os nativos bebem o chá. Em seguida passa a uma descrição suscinta do local, citando Paranaguá e

[82] Por exemplo (Tschudi, 1868:133): "*Auf der Strasse nach Palmas, zwischen dem Iguazu und der Villa da Palmeira, sollen grosse Mengen zu einer Art Kieselkalk (?) umgewandelte Bäume mit Aesten und Zeigen, darunter Stämme von 3-4 Fuss Durchmesser, liegen*".

Antonina e alguns topônimos (p.ex. Ilha do Mel, Ilha das Palmas e os rios Cachoeira e Nhundiaquara), sendo digna de destaque a gravura qua apresenta do porto de Paranaguá.


Reisen

durch

Südamerika.

Von

Johann Jakob von Tschudi.

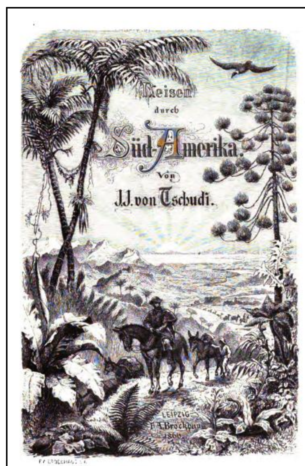
Mit zahlreichen Abbildungen in Holzschnitt und lithographirten Karten.

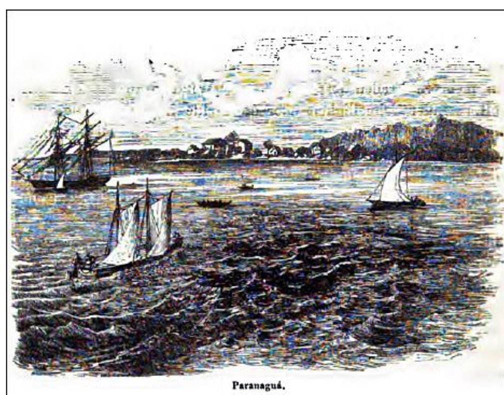
Dritter Band.

Leipzig:

F. A. Brockhaus.

1867.





Folha de rosto e frontispício da obra “*Reisen durch Südamerika*” de Johann J. von Tschudi; abaixo “Paranaguá”, segundo Tschudi (1866-1869:152, vol.4)

Segundo Hellen (1973), Tschudi foi um naturalista incomum, não apenas por suas inclinações às diversas áreas do conhecimento mas, especialmente, por sua formação acadêmica: tinha interesse pela Zoologia, para a qual servia-lhe as habilidades de coletor e caçador e também se dedicava à medicina, antropologia e linguística, bem como por assuntos variados da cultura material dos povos que visitou (*vide* Tschudi, 1848). Não à toa, no prefácio do "*Reisen...*", ressaltava a importância, para o naturalista estrangeiro, de se conhecer a língua local como forma de obter um aproveitamento máximo das informações que poderiam ser colhidas.

Depois de sua segunda visita ao Brasil, após ter granjeado confiança e respeito pelos pesquisadores e políticos da Europa, Tschudi foi designado (em 1860) embaixador-interino da Suiça no Brasil, a fim de resolver questões problemáticas nos assentamentos de emigrantes suiços "de língua germânica" no Sudeste do país[83]. Essa seria sua terceira e última viagem à América do Sul, entre 1860 e 1862 e, com base nela, Tschudi publicou "*Die brasilianische Provinz Minas-Geraes*" em 1863.

Segundo Trevisan (2002:36-37):

> *"As memórias dessas viagens quando hoje percorridas, ante o desfecho dos acontecimentos posteriores e à luz de pesquisas históricas mais recentes, proporcionam uma visão extraordinariamente completa do processo imigratório no Século XIX, no Brasil. Para esse quadro convergem todas as partes interessadas: a política dos países de origem, os agenciadores de colonos, tipos apenas pouco mais polidos que os comerciantes de*

[83] O relatório de suas opiniões encontra-se publicado em Azambuja (1861; v. também Tschudi, 1861).

> *escravos, os contratos leoninos de parceria, a inadaptação dos colonos, estabelecidos em regiões inóspitas e inteiramente diversas de suas terras de procedência. Num segundo plano, também a condição miserável do escravo, sob um estamento aparentemente humanitário, mas cuja interrupção, já brilhando no horizonte, prometia desencadear as forças de um vulcão longamente adormecido".*

Além dessas pequenas citações sobre o legado de Tschudi, que foi muito além da História Natural propriamente dita, algumas impressões chegam a divergir drasticamente do perfil que originalmente poderia ser criado sobre o viajante. Duarte (2002), por exemplo, sintetiza a sua relação com a natureza, durante sua passagem pelo rio Mucuri (Minas Gerais) da seguinte forma:

> *"Tschudi foi, de longe, o mais lamuriento de todos os viajantes aqui analisados. Do primeiro ao último passo dado no vale do Mucuri, queixa-se o tempo todo. Reclama das nuvens de mosquitos, dos carrapatos, dos morcegos chupadores de sangue, dos percevejos, dos maus caminhos e estradas que não mereciam esse nome, da monotonia, do calor, da umidade, do barulho dos sapos, da escuridão da floresta, dos guinchos das aves, de tudo, enfim. Era um naturalista com grandes restrições em relação à natureza."*

E prossegue (Duarte, 2002:281):

> *"...Tschudi, algumas décadas depois, insistiria na imagem da mata tropical como local de*

> *escassez, inclusive para os próprios indígenas. Ela é apreendida, por esse naturalista, a partir do signo da falta: sua totalidade é sem harmonia, não há luminosidade, nem ar, sua paisagem não é limitada pelo horizonte. O olhar que se dirige para o alto não encontra o azul do céu. As aves apenas guincham, sem que nenhum canto melodioso chegue aos ouvidos humanos, como se a verdadeira poesia não encontrasse lugar nessa natureza. Não há caminhos em seus entrelaçamentos intransponíveis. Falta-lhe ainda o crepúsculo, pois 'o dia e a noite se fundem aqui sem uma luz intermediária'. A exuberância da floresta e suas paisagens encantadoramente belas 'enganam com quadros de uma fantasia ilusória o olhar que se regala com elas'.*

Essa opinião, contudo, embora abalizada por referências de sua própria obra, parece discordante da biografia do naturalista, tendo ele realizado três viagens à América do Sul, inclusive para locais inóspitos dos Andes peruanos. Há que se ressaltar que, quando da guerra entre o Chile e o Peru, Tschudi foi abandonado à sua própria sorte pelo comandante do navio que o levara e, mesmo assim, "resolveu ele prosseguir nas pesquisas, que ali haviam de durar até agosto de 1842. Para Tschudi foi um teste decisivo, durante o qual dirigiu seus trabalhos para os Andes, nas florestas tropicais de Montaña e na Puna. Certa ocasião, ele próprio construiu uma cabana em plena cordilheira, onde se abrigou durante sete meses, para não interromper seus trabalhos" (Trevisan, 2002:23-24).

Independentemente, destas divergências, é bom destacar a percepção de Tschudi quanto a uma alegada "deficiência canora dos pássaros americanos", atributo sentido desde os tempos de Buffon (Duarte, 2002). Essa

mesma concepção, já notada por Aires de Casal[84], foi lembrada muitos anos depois (1910) por Chrostowski ao descrever a paisagem sonora das matas de araucária do Paraná: “Aves não cantam aqui e é possível escutar apenas algumas vozes esporádicas; um tipo de sabiá, semelhante ao nosso rouxinol (*Turdus musicus*) é a única exceção” (vide Chrostowski, 1911a,b,c, traduzidos por Straube *et al.*, 2007).

Nesse sentido, é de singular interesse uma interpretação ornitológica sobre o fato, inclusive sobre a impressão pessoal que se pode dar a uma vocalização, no sentido de identificá-la como pobre ou rica, apenas com base em sua complexidade. Além disso, cabe lembrar que o período em que Tschudi esteve no sudeste, durante sua segunda viagem à América do Sul estendeu-se entre dezembro e abril de 1857 (Trevisan, 2002), época que coincide, em parte, com o período de mudas de penas e repouso reprodutivo da maior parte das aves brasileiras. Desta forma, o “silêncio” que se nota em tais paisagens é, de fato, instigante, ainda que reflita de forma irreal a verdadeira riqueza sonora destas regiões que, em outras épocas, torna-se envolvente e especialmente rica.

Ainda com relação à aves, Tschudi não contribuiu efetivamente para o conhecimento da sua composição em solo paranaense. O pequeno trecho dedicado à sua passagem por Paranaguá e Antonina, nas “*Reisen*”, refere-se basicamente ao péssimo tratamento dado aos passageiros por empresas nacionais de navegação e descrições sintéticas sobre a constituição urbana dos vilarejos, sobre os sambaquis e especialmente sobre a erva-mate e sua importância social, cultural e econômica no sul do Brasil. É provável, entretanto, que em outras fontes por ele deixadas

[84] Se o Brasil não possui tão numerosas espécies de quadrúpedes como algumas províncias do continente, talvez nenhuma outra o iguale nas das aves, geralmente mais notáveis pela plumagem que pelo canto (Casal, 1817:44).

existam informações realmente alusivas à avifauna, visto seu interesse pelas ciências naturais, inclusive Ornitologia, da qual foi autor de títulos relevantes.

Algo que ficou adormecido na literatura histórica e que apenas recentemente acabou sendo descoberto é que uma parte dos diários do naturalista austríaco Johann Natterer encontravam-se em poder de Tschudi. Segundo Christiano (2007): "*Tanto Brinton quanto Koch-Grünberg tinham esperanças que vocabulários coletados por Natterer, que estiveram em posse de von Tschudi, fossem um dia recuperados e levados ao conhecimento da comunidade dos sul-americanistas. Se isso acontecesse, as anotações do naturalista alemão* (sic) *poderiam orientar estudos comparativos, da mesma forma que Adam*[85] *encontrou [...] evidências para promover a delimitação clara entre Tupis, Caribes e Aruaks*".

[85] Refere-se aos etnólogos e linguistas Daniel Garrisson Brinton (1837-1899), Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e Quirin François Lucien Adam (1833-1918).

1857 a 1858

EPIPHANIO CÂNDIDO PITANGA

EPIPHANIO CÂNDIDO DE SOUSA PITANGA [86] (n. Salvador/BA: 3 de outubro de 1829; f. 1894) foi diplomata, engenheiro do Exército e bacharel em Matemática pela Escola Militar (1854), autor de diversas obras, dentre elas livros de administração do ensino e mapas topográficos. Foi também professor da Escola Politécnica, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1867) e presidente da comissão de reforma do sistema métrico brasileiro.

Em 1856, logo após sua transferência do cargo de inspetor de terras devolutas da Província do Maranhão para Alagoas, o militar - na época 1° tenente-engenheiro - foi incumbido [87] de realizar uma grande expedição de exploração a partir do litoral paranaense até Miranda, no Mato Grosso do Sul.

A viagem foi iniciada em Antonina em 23 de outubro de 1857 (Lopes, 2005), quando tomou o caminho da Graciosa rumando a Curitiba. Todo esse percurso inicial foi relatado em artigo (Pitanga, 1863), concluído em 13 de março de 1858 e redigido no seu destino final.

---

[86] Ou Epifânio, na grafia atualizada.
[87] Segundo Moreira (1975:1006), "...a mando do Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, ministro e secretário de estado dos negócios da guerra".

No documento ele cita, em ordem cronológica, as localidades por onde passou oferecendo, vez ou outra, indicações da paisagem contemporânea em uma vívida e riquíssima descrição geográfica. Muitos desses locais coincidem com aqueles visitados, décadas antes, por naturalistas como Natterer e Saint-Hilaire e, dessa forma, merecem ser considerados em revisões de itinerários[88].

Infelizmente, ao tempo em que é criterioso em alguns detalhes de relevo, vegetação e aspectos humanos, não se refere à fauna. De fato, ao chegar no ponto chamado "Pinheiro Seco" (hoje dentro da grande fazenda Monte Alegre, município de Telêmaco Borba) trata da escassez de animais (Pitanga, 1863:570): "*Desde que se entra no sertão nota-se grande falta de caça, sentindo-se porém algumas especies de insectos, que sem deixarem de incommodar, não causam, comtudo, o grande vexame de que constantemente se falla*". Essa preleção é, inclusive, confirmada adiante (p.581):

> "*Sempre houve grande falta de caça na minha viagem; mas não acho motivo sufficiente para concluir, que não existe ella em abundancia na estrada do sertão, como me asseveram os praticos; já porque não internei-me na mata para caçar, já porque atravessei o sertão em tempo de muita chuva, tempo em que vive ella acoutada no centro da floresta; e mesmo porque não costuma a caça habitar a beira das estradas, onde a frequencia do transito é bastante para espantal-a*".

---

[88] Por exemplo, Curitiba, Campo Comprido, Campo Largo, São Luiz, rio Pitangui, Carambeí e Castro. Caso distinto parece ser "Boqueirão" (cf. Natterer e Sochor em Straube, 2012) que, segundo Pitanga (1863), era "um ponto em que se contava com alguns pequenos recursos".

A segunda parte da viagem foi narrada em um outro artigo, um relatório em formato de diário (Pitanga, 1864) indicando a saída, a partir da colônia Jataí, pelo rio Tibagi, em 31 de dezembro de 1857. Já no primeiro dia do ano de 1858, Pitanga faz sua primeira menção de avifauna (Pitanga, 1864:155) e que se configura como mais uma prova testemunhal da abundância de araras-vermelhas em um ponto específico do rio Tibagi, diga-se de passagem omitida por Straube (2010): "*Terminados os baixios **Biguás**, visto que elles se ramificam, sem merecer honrosa menção, segue-se o baixio das **Aráras**, assim chamado pelas variedades d'ese passaro e de quasi todas as familias de aves loquaces, moradoras em varias ilhas alli existentes, maravilhando o viajante, affeito ao unico estampido da corredeira!*".

Tendo chegado à foz do rio Tibagi, o explorador menciona (p.155) mais uma espécie ornitológica, apontada para a margem esquerda do rio Paranapanema, aproximadamente a duas horas de navegação: "*...n'uma ponta de terra onde desagua um ribeirão de 80 palmos na sua foz, conhecido pelos praticos por Barrinha-bonita, tão rico de **jacús** como de mosquitos*".

Essas são as duas únicas indicações a aves constatadas durante a viagem, mas, em diversos trechos Pitanga cita topônimos alusivos e que poderiam indicar algumas presenças interessantes, como "ilha do Mutum" e "ilha do Tuiuiú"; também menciona a abundância de caça em vários locais visitados, ainda que sem especificar os itens.

No dia 6 de janeiro cruza o rio Paraná e adentra em território sul-mato-grossense. A partir daí prossegue o mesmo estilo de narrativas, de grande interesse, agora alusivas ao estado vizinho e vez ou outra acompanhadas de indicações de animais e plantas mais notáveis. A expedição

é dada como encerrada em 19 de fevereiro e o autor assina o diário em 12 de abril de 1858, feito na cidade de Miranda.

Embora quase que desinteressado sobre os aspectos faunísticos do longo trecho percorrido, o trabalho de Pitanga é extremamente útil como ferramenta complementar para o reconhecimento, identificação e localização de topônimos visitados por naturalistas contemporâneos (Lopes, 2005). Nas palavras de Moreira (1975:1006), o estudo "...foi feito pouco depois da emancipação do Paraná, entretanto, retrata bem o caminho como ele era na época da chegada de Zacarias de Góes e Vasconcelos em Curitiba".

1858 Philip Lutley Sclater publica a obra clássica "***On the geographical distribution of the members of the Class Aves***", pela primeira vez estabelecendo as regiões zoogeográficas do mundo, com base na distribuição das aves. No mesmo ano sai, também de sua lavra: "***On a collection of birds transmitted by Mr.H.W.Bates from the Upper Amazon***".

1858 Nascimento de JOZÉF SIEMIRADZKI.

1858 O engenheiro e naturalista britânico (apesar do nome) Auguste François Marie Glaziou chega ao Brasil, onde permanece até 1897 estudando a flora. Visita vários estados do sudeste e assume cargos públicos ligados à arborização urbana do Rio de Janeiro.

1858 Início da colonização polonesa no Paraná. A presença destes imigrantes no estado intensificou-se apenas em 1863-1870, quando Jerônimo Durski e Sebastião Wos Saporski capitanearam a transferência de um grupo estabelecido no vale do Itajaí e que encontrava-se em péssimas condições. A colônia Açungui os recebeu inicialmente, mas logo transferiram-se para a capital e, em seguida, para vários locais do Paraná, principalmente na região central.

1858	John Gould inicia a publicação de sua obra "***Monograph of Trogonidae***" (1858-1875).
1858	AVÉ-LALLEMANT visita o Paraná como parte de sua longa expedição pela América do Sul.
1858	JULIUS PLATZMANN chega ao Paraná, estabelecendo-se no litoral até 1864.

1858

ROBERT AVÉ-LALLEMANT

ROBERT CHRISTIAN BERTHOLD AVÉ-LALLEMANT (Lübeck, Alemanha: 25 de julho de 1812; Lübeck, Alemanha: 13 de outubro de 1884) era explorador e médico, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Kiel (Alemanha)[89]. Com 24 anos de idade transferiu-se para o Brasil, dedicando-se por quase 20 anos às frentes de controle da febre amarela no Rio de Janeiro, no hospital da ilha de Bom Jesus, subordinado à Santa Casa de Misericórdia (Ávila-Pires, 1999). De volta à Alemanha, demonstrou grande interesse de retornar ao país para dar continuidade às suas observações. Dois anos depois, embarcou na fregata austríaca SMS Novara [90] que, por ordem do imperador Franz Joseph I, faria uma viagem de circum-navegação (abril de 1857 a agosto de 1859) sob comando do comodoro Bernard von Wüllestorff-Urbair. Teria recebido indicação pessoal de Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, com quem iniciara amizade após um encontro em sua cidade natal.

Essa, que seria a primeira expedição feita ao redor do mundo por iniciativa austríaca, levava estudiosos e coletores do museu de História Natural de Viena, coordenados pelo

---

[89] Que não se confunda com seu irmão Julius Leopold Éduard Avé-Lallemant (1803-1867), médico e botânico alemão que trabalhou no Jardim Botânico de São Petersburgo entre 1838 a 1855 e foi autor de obra sobre a flora do norte da Itália e sul da Alemanha (Stafleu & Cowan, 1976).

[90] "*Seiner Majestät Schiff*", o equivalente germânico da forma britânica HMS, ou seja, "*His Majesty's Ship*".

geólogo Ferdinand von Hochstetter (1829-1884) e o zoólogo Georg Ritter von Frauenfeld (1807-1873). O legado dessa viagem foi imenso, tanto para os campos da Zoologia, Botânica e Geologia, quanto da hidrografia e Oceanografia.

Entretanto, Avé-Lallemant pouco participou dos resultados, uma vez que logo após ter o navio cruzado o Atlântico, desistiu da empreitada, desembarcando no Rio de Janeiro em meados de 1857, em virtude de desavenças com a equipe. Nessa sua segunda estada no Brasil, dedicou-se ao empreendimento de viagens de reconhecimento das colônias alemãs, trabalho apoiado, talvez financeiramente, pelo imperador Pedro II.

Retornando a Lübeck em 1859, publicou várias obras, dentre elas um dos volumes da biografia de Humboldt (Bruhns ed., 1872) e uma biografia do matemático e filósofo alemão Joachim Jungius (1587-1757) (Avé-Lallemant, 1882). As mais importantes para a historiografia brasileira, porém, são "*Reise durch Sud-Brasilien im Jahre 1858*" (Avé-Lallemant, 1859) e "*Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859*" (Avé-Lallemant, 1860), ambas em dois volumes, onde relata minuciosamente as suas viagens para diversas regiões brasileiras.

O livro referente à chamada "*Die Provinz Paraná*" é o volume 2 da crônica ao sul do Brasil (Avé-Lallemant, 1859:275-378)[91], obra subdividida em três seções, cada uma delas sobre as três províncias abordadas: Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

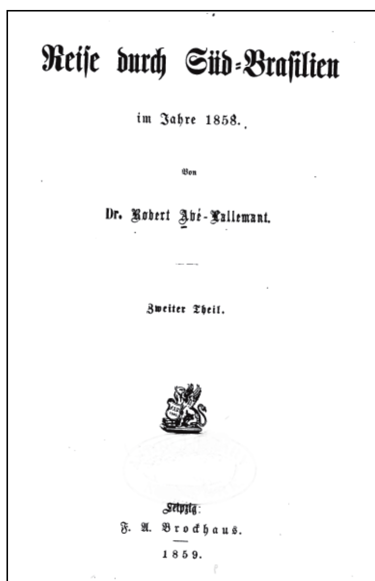
---

[91] Em Avé-Lallemant (1859), os assuntos tratados são a viagem naval ao Brasil, chegada ao Rio de Janeiro com visita a Petrópolis, depois Rio Grande do Sul, passagem por Santa Catarina (Desterro) e República do Uruguai (volume 1); saída do Rio Grande do Sul e um aprofundamento sobre as províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (volume 2). Em Avé-Lallemant (1860), aborda-se as províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (volume 1) e, por fim, a Amazônia (volume 2). A parte alusiva ao Paraná de fato (geografica e politicamente atualizado) inicia-se somente a partir do 3° Capítulo (p.321), como explicado adiante.

Em sua visão, o explorador tinha uma idéia profundamente radical quanto às questões de imigração europeia ao Brasil, também considerando o elemento indígena como um dos grandes obstáculos para a conquista e desenvolvimento do País (Duarte, 2002). Na epígrafe de seu livro, já se denuncia, citando um fragmento de relatório de exploração do rio Tietê, assinado por Antonio Mariano de Azevedo (Avé-Lallemant, 1859): "*Refiro-me principalmente aos allemães, unico povo que em meu entender nos poderá libertar das pessimas idéas e costumes, que nos legárão os portuguezes, causa primaria de tudo quanto de máo tem succedido como nação e como individuos*".







Reise durch Süd-Brasilien

im Jahre 1858.

Von

Dr. Robert Avé-Lallemant.

Zweiter Theil.

Leipzig:

F. A. Brockhaus.

1859.

Imagens de Robert C.B.Avé-Lallemant em duas épocas de sua vida, ladeadas pela folha de rosto do segundo volume da obra "*Reise durch Süd-Brasilien in Jahre 1858*" (Avé-Lallemant, 1859). Fontes dos retratos: óleo de Ferdinand Krumholtz em 1851 do acervo do *Lübecker Museums für Kunst- und Kulturgeschichte* de Lübeck (acima) e fotografia de J.F.Petersen em 1883; acervo da *Bibliothèque nationale de France,* Paris: SGPortrait-751 (abaixo).

Sua chegada ao Paraná ocorreu em agosto de 1858. Saíra de Joinville, onde esteve conhecendo pessoalmente a colonização da colônia Dona Francisca e, de lá, tomara a recém iniciada estrada para Rio Negro[92] atingindo o planalto paranaense.

Sua rota aparentemente incluiu uma passagem pela atual localidade de Pirabeiraba, subindo a serra de Cubatão e então adentrando o planalto pela crista de interflúvio que abriga as nascentes do rio Negro (ali chamado de rio Cachoeira), precisamente onde o estado de Santa Catarina faz divisa com o do Paraná (municípios de Campo Alegre e Tijucas do Sul, respectivamente).

Parte desse percurso, conhecido como “caminho dos Ambrósios”, era uma trilha pré-cabralina que, a partir da baía de Babitonga (São Francisco do Sul), demandava aos planaltos, tendo sido inclusive percorrido por Alvar Nuñez Cabeça de Vaca (Moreira, 1975). O traçado ficou sem uso por quase um século e reaberto em 1809, quando passou a ser conhecido como “Estrada de Três Barras” (“*Strasse de Tres Barras*” em Avé-Lallemant, 1859) [93].

Cabe lembrar que uma grande parte da região que alude à primeiras investidas de Avé-Lallemant pertencia na época ao Paraná[94], de onde se pode compreender porque

[92] Essa estrada, hoje chamada Estrada Dona Francisca (ou Estrada da Serra: SC-301), foi demarcada em 1855 por Carl August Wunderwaldt e Carl Pabst, visando ao escoamento da safra de erva-mate oriunda do planalto do Paraná pelo litoral catarinense, como alternativa ao caminho mais longo tradicionalmente utilizado ligando o porto de Antonina. Carl Pabst (1825-1863), natural de Halle (Saxônia) além de topógrafo, era coletor de plantas (Stafleu & Cowan, 1983), sendo inicialmente contratado como auxiliar do naturalista Franz Gustav Straube.

[93] O próprio Saint-Hilaire (1852) chegou a cogitar de usar o caminho, desistindo da ideia por sê-lo pouco frequentado e ainda mais difícil e perigoso do que o de Paranaguá.

[94] Talvez também venha daí o intuito de, em nova impressão do fragmento alegadamente paranaense do itinerário (Avé-Lallemant, 1995), se ter incluído muitos trechos que são, de fato, referentes ao atual estado de Santa Catarina. A confusão é ampliada pela homonímia

(Avé-Lallemant, 1859:275) se refere à "*...Ankunft auf der Ersten der Provinz Parana*"[95], mesmo ainda estando em terras hoje catarinenses.

Sobre a narrativa de viagem, observa-se seu interesse secundário por elementos naturais, em especial plantas e, salvo em situações especiais, alguns animais peculiares ou curiosos[96]. O primeiro apontamento sobre a fauna estadual alude a uma rã-chorona (*Physalaemus gracilis*), espécie das mais comuns naquela região e que chama a atenção pela peculiar vocalização [97]. Esse é provavelmente um dos primeiros registros oficiais (e efetivamente identificável) de uma espécie de anuro para o estado do Paraná.

"Dunkel, still und öde was es. Eine scheussliche Unkenart trieb ihre Musik dicht um uns. Die Thiere stossen in kleinen Zwischenräumen einen wimmernden Klagelaut aus, ganz wie den eines neugeborenen oder vielmehr wieder absterbenden Kindes. Der ganze Sumps schien voll kleiner schreiender Kinder zu liegen.	*Escuro, tudo o que havia era silêncio e desolação. Uma rã emitiu seu canto horrível perto de nós. Esses animais, a curtos intervalos, emitiam um choro gemido, muito parecido com o de uma criança recém-nascida, ou melhor, de uma criança em vias de morrer. O pântano inteiro parecia estar cheio de crianças pequenas lamentando.*
Mir ist der Laut schon auf dem Campo von S.Leopoldo in Rio Grande unangenehm gewesen; aber in der dunkeln Abendstunde und unserer öden Verlassenheit war er mir grausig; Bürger's 'Pfarrerstochter von Taubenhain' fiel mir ein. Zum Ueberfluss	*Esse som já havia me incomodado nos campos de São Leopoldo* [Rio Grande do Sul] *mas, naquela hora da noite e na desolação em que nos encontrávamos, ele foi horrível para mim; lembrei-me do* 'Pfarrerstochter von Taubenhain*' de Bürger* [98] *. Para piorar, um desses*

de topônimos, notadamente o rio Cubatão (catarinense) que nada tem a ver com o Cubatão que nasce na serra da Prata e deságua na baía de Guaratuba, tanto menos no antigo "Rio Cubatão dos Três Morretes", hoje rio Nhundiquara. Na obra reeditada de 1995, o trecho verdadeiramente paranaense se inicia apenas a partir do "Terceiro Capítulo", ou seja, a terceira parte do capítulo sobre o Paraná no original.

[95] "...chegada à primeira campina da Província do Paraná".

[96] Parece que a parte geológica foi um pouco mais aproveitável (Leonardos, 1973).

[97] A identificação aqui, se deve a Lucas Mariotto e Carlos Eduardo Conte (2012, *in litt*.)

[98] Refere-se a uma das partes da balada "*Lenore*" (1773) de Gottfried August Bürger. O trecho indicado, narra a história da filha de um pastor que é seduzida e, grávida de um fidalgo que a rechaça, dá à luz a uma criança que mata e enterra, em uma noite fria e úmida. A jovem moça, então, enforca-se ao lado da sepultura, passando a assombrar o local (Pellicer, 2002). Foi traduzida para o inglês como "*The lass of fair wone*", tornando-se um clássico da literatura.

kam eins von den Dingern heraufgekrochen bis zu unserm Feuer, wimmerte einmal tief auf und verschwand dann wieder im Sumpf."	*caminhou até o nosso fogo, choramingou profundamente e então desapareceu novamente no pântano. "*

A localidade coincide com os chamados "campos dos Ambrósios", hoje distrito de Ambrósios, a uns poucos quilômetros a leste da sede municipal de Tijucas do Sul.

Seguindo para norte, o explorador alemão descreve os campos a perder de vista, com frequentes representações de pinheiros e suas florestas. Passa por locais que ele trata como "*Campo comprido*", "*Campo do Taboado*", "*Campino*" e "*Campo Largo*", para então chegar em "*S. Jozé*" (dos Pinhais) [99] . Em seguida, cruza as pontes e terrenos alagadiços do "*Rio grande*" (rio Iguaçu, hoje proximidades do zoológico de Curitiba) e atinge, enfim, a capital da província[100].

Em Curitiba, Avé-Lallemant encontra-se com duas personalidades locais, uma delas o senhor Stellfeld, com quem manteve laços de amizade tendo, inclusive, frequentado sua casa e os círculos familiares. Era August Stellfeld (1817-1907) farmacêutico emigrado da Alemanha e estabelecido desde 1851 no Brasil, antes na colônia Dona Francisca (Joinville, Santa Catarina), depois em Paranaguá e, finalmente, em Curitiba[101] ("*Curityba*").

---

[99] Que não se confunda Campo Comprido com o bairro na região oeste de Curitiba (visitado por Johann Natterer; *vide* Straube, 2012). Da mesma forma, esse "Campo Largo", tal como tratado, se refere ao atual "Campo Largo da Roseira", distrito do município de São José dos Pinhais (e não o homônimo Campo Largo, onde também esteve Natterer).

[100] Ali ele teria, inclusive, participado dos festejos do dia 7 de setembro. No mesmo dia, consta ter ocorrido um eclipse solar, que Avé-Lallemant sequer pôde acompanhar. Era o mesmo fenômeno narrado por Julius Platzmann e Emmanuel Liais, anos depois (vide adiante). Pelo que se pode deduzir, Avé-Lallemant ficou apenas cinco dias em Curitiba, entre 6 e 10 de setembro de 1858.

[101] Foi o precursor do comércio farmacêutico em Curitiba, com a "Farmácia Stellfeld", ativa até os anos 70. Era avô de Carlos Stellfeld (1900-1970), farmacêutico, médico atuante, ex-diretor do Museu Paranaense e o primeiro professor de Botânica da Universidade Federal do Paraná, contribuindo ativamente com o herbário da Faculdade de

Saindo da capital, em direção a Paranaguá, descreve – em algumas linhas – a paisagem, informando sobre plantas mais características e ressaltando o pinheiro-bravo (*Podocarpus lamberti*), demonstrando surpresa de ser uma espécie nativa. Informa sobre os trabalhos em pleno andamento para a construção de uma estrada, observando o abate de muitas árvores. Logo após ter cruzado o rio "*Capivari*", hospeda-se na casa de um engenheiro que atuava nas obras e menciona a onça ("*Unze*"), que segundo ele, não mais poderia amedrontar as mulas (por ter se tornado escassa). É nesse momento que descreve a forma como a onça subjuga animais de criação (bois), situação citada por Ávila-Pires (1999).

Estava na beira da Serra do Mar, entre o início de duas elevações e o planalto de Curitiba. É exatamente dali, na manhã de 11 de setembro de 1858, que faz sua primeira e única indicação autenticamente paranaense sobre a avifauna (Avé-Lallemant, 1859:365):

"Taufendfacher Ruf von Papageien und blauen Krähen (Graios [sic]) weckte mich am 11.September vor Lagesanbruch."	"Milhares de sons de papagaios e corvos azuis (gaios) me despertaram antes do amanhecer do 11 de setembro"

Referia-se provavelmente a baitacas (*Pionus maximiliani*), haja vista que o único verdadeiro papagaio que poderia ali ser encontrado é o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), de presença rara e pontual naquela região. Os corvos eram, naturalmente, gralhas-azuis (*Cyanocorax caeruleus*), no caso comparadas com o gaio europeu, talvez com a finalidade de distingui-lo dos verdadeiros corvos (*Corvus* spp.)[102].

Farmácia (depois incorporado ao Departamento de Botânica) e realizando diversos estudos, muitos deles de fitoquímica.

[102] Menção de certa forma semelhante à de Bigg-Wither (1878).

Seguindo pelo caminho do Itupava, venceu as dificuldades do caminho, do qual descreve as paisagens, mencionando a substituição dos pinheiros pelas embaúbas, palmeiras e helicônias *("...Cecropien, Palmen und Strelissien*"). Chega em Antonina no mesmo dia, ao fim da tarde[103] e lá se hospeda até 14 de setembro, quando toma o vapor "Paraense" em direção a Paranaguá. Ali sequer desembarca, fazendo apenas menção à fortaleza da ilha do Mel e também à ilha da Figueira. Segue rumo a Cananeia, Iguape e Santos (São Paulo). Termina assim a sua estada no Paraná.

Embora celebrado pela História do Paraná, o viajante alemão pouco acrescenta de útil ou interessante aos assuntos biológicos. Centra-se basicamente nas críticas (que chegam a ser cansativas) aos sistemas sociais e comportamentais vigentes, comparando-o com os vivenciados na sua pátria e considerando que o elemento germânico seria a única forma de se iniciar o desenvolvimento local.

Mal esperava que, pouco menos de um ano depois de sua presença no Paraná, outro alemão passaria a residir no litoral do Estado, agora com outra concepção e, maravilhado, fornece informações valiosas sobre a natureza local.

---

[103] Dessa cidade portuária, Avé-Lallement menciona o fato de ter recebido a notícia do falecimento do seu amigo Aimé Bonpland, em cuja residência (Santa Ana, Argentina) estivera hospedado, dezesseis dias antes.

1858 a 1864

JULIUS PLATZMANN

O alemão **KARL JULIUS PLATZMANN** (n. Leipzig, Alemanha: 31 de março de 1832; f. Plagwitz-Leipzig, Alemanha: 6 de setembro de 1902)[104] iniciou seu interesse pela natureza já na infância. Segundo Trevisan (2002)[105], uma gravura de cobre que havia suspensa sobre o sofá da casa de seus pais (mostrando uma paisagem de mata brasileira) ficara definitivamente marcada em sua memória[106]. Era provavelmente a "*Forêt vierge du Brésil*" de autoria de seu conterrâneo Johann Moritz Rugendas, vindo ao Brasil em companhia do Barão de Langsdorff em 1822.

Quando pequeno estudou no *Gymasium St. Augustin*, antigo colégio fundado em 1550 em Grimma, cidade situada a 25 km de sua terra natal, também na Saxônia. Na juventude ingressou na Academia de Belas Artes de

---

[104] Seu nome completo raramente é encontrado na literatura (Schmeltz, 1904). No seu "*Glossar des Feuerländischen Sprache*" (Platzmann, 1882) consta ser detentor da Cruz de Cavaleiro de Primeira Classe da Ordem Real Saxônica Albrecht. Segundo Vasconcellos (1881) foi, ainda, Cavaleiro da Ordem da Rosa do Império do Brasil e agraciado com a medalha de ouro *Litteris et Artibus* do império austríaco, além de homenagem (*laureatus*) da Sociedade Americana da França.

[105] Grande parte deste texto dedicado a Platzmann baseia-se nas obras "Visitantes estrangeiros no Paraná" de autoria de Edilberto Trevisan (2002) e na tradução do *Aus der Bai von Paranaguá* feita por Francisco Lothar Paulo Lange, publicada em 2010, fontes de inestimável valor. Expressamos nossas desculpas pela citação apenas parcimoniosa das referidas fontes, cujo objetivo é única e exclusivamente o de tornar o texto mais agradável para a leitura.

[106] Vide Platzmann (1872), páginas 205-206.

Dresden (*Staatliche Kunstakademie Dresden*) sob orientação de Julius Schnorr von Carolsfeld, passando a se dedicar à pintura mas também ansioso por alargar seus horizontes para lugares distantes e desconhecidos, repletos de aventura (Trevisan, 2002).



A "*Forêt vierge du Brésil*" litogravura de autoria de Rugendas que teria motivado Platzmann a conhecer a rica e diversificada floresta brasileira (Fonte: acervo Museu do Louvre: www.louvre.fr).

Não há dúvida de que, além da citada ilustração de Rugendas, outras interessantes descobertas que chegaram à Europa graças aos relatos das viagens de naturalistas ao Brasil, aumentaram seu interesse pelo Novo Mundo. Afinal, Platzmann tinha disponíveis, nas bibliotecas locais alemãs, as obras de todos os grandes cientistas que visitaram o país como decorrência da Abertura dos Portos. Isso porque as duas primeiras décadas desde seu nascimento foram um período de efervescência cultural e intelectual, quando a natureza e o povo do Brasil passaram a ser finalmente estudados, retratados e conhecidos e, obviamente, a despertar a curiosidade dos europeus.

Além das notícias sobre Alexander von Humboldt, Barão de Langsdorff, príncipe de Wied-Neuwied, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Darwin, Wallace e Bates, o jovem Julius tomara conhecimento dos livros publicados por eles e, claro, deve ter apreciado as obras de Debret (1834) e Rugendas (1835), divulgadas em seus livros pictóricos e que por certo estariam disponíveis nas bibliotecas locais de Dresden, tida como capital cultural da Alemanha.

É mais ou menos sob este panorama que Platzmann decidiu emprender sua grande e inesquecível viagem ao neotrópico, escolhendo a histórica cidade de Paranaguá como seu início. Era o ano de 1858 e, segundo Trevisan (2002):

> *"Sua vinda para o Brasil foi certamente uma aventura individual, com seu quê de romantismo, num desejo de auto-afirmação, que levou o jovem de vinte e seis anos a deixar os confortos de uma família bem situada, as facilidades das melhores cidades alemãs da época, pelos perigos, incertezas e incômodos, nos lugares mais ermos da orla da baía. Sua decisão não foi precedida de amplos*

> *preparativos, como em outras expedições do meso gênero, quer individuais, quer coletivas, expedições então em moda, que ocupam grande espaço no século XIX".*

Mas porque Platzmann escolheu Paranaguá? Tudo indica que ele tinha convicção de que seu destino seria uma grande novidade. Afinal, queria investigar por muito tempo uma pequena região, em vez de seguir o procedimento clássico dos outros viajantes contemporâneos que viajavam por longos itinerários, ou seja, exatamente o oposto de seu projeto (Trevisan, 2002). De fato, até sua chegada ao Paraná, apenas quatro naturalistas viajantes e exploradores haviam visitado o litoral do estado e, quando muito, utilizavam-se do local como rápida escala para expedições de maior porte rumo ao interior do Brasil.

Com isso é possível supor que sua única fonte de referência sobre a cidade de Paranaguá, teria sido o livro de Auguste de Saint Hilaire que ali esteve em abril de 1820, publicando as descrições de viagem em 1851. Os outros visitantes que passaram pela cidade, Johann Natterer (1820), Friedrich Sellow (1828) e Johann J. von Tschudi[107] (1857) tiveram os resultados de suas viagens divulgados apenas a partir da década de 60 do Século XIX e, desta forma, não estavam ainda disponíveis antes da chegada de Julius ao Paraná.

Chegando a Paranaguá, Platzmann ali permaneceu por alguns dias, decidindo, em seguida, morar na extensa região estuarina localmente denominada "baía dos

---

[107] No mapa encartado no "*Aus der Bai von Paranagua*", porém, Platzmann indica os pontos visitados tanto por Saint-Hilaire (baía de Paranaguá) quanto Tschudi (região de Cananeia) e, em diversos outros pontos, faz outras menções explícitas às suas obras narrativas.

Pinheiros". Escolhera inicialmente a ilha do Pinheiro[108], hospedando-se na casa de George Melly, o francês que, junto aos irmãos Perret Gentil, participara da fundação da colônia suíça do Superagui em 1852 (*vide* William Michaud).

Em seguida, mudou-se para Bertioga, pequena vila na costa leste da ilha das Peças, onde residiu na casa de José Maria Pereira das Neves, convivendo com sua família. Depois mudou para outra casa, também na ilha do Pinheiro, onde alugara três quartos e transferiu-se, então, para uma outra casa na foz do rio Poruquara, defronte à mesma ilha e que fora alugada por um viúvo chamado João Lopes.

Finalmente, mediante compra de um lote, alterou sua residência para um sítio localizado pouco a montante de onde estava anteriormente. Ali reconstruiu o casebre lá existente e passou a conviver com a paisagem luxuriante da mata atlântica, meio aos cerca de trezentos pés de café e, no mínimo, quarenta laranjeiras, bem como pequena plantação de melancia, bananas e outras plantas de cultura [109]. Ali viveu até abril de 1864[110] quando, por influência de sua família, retornou à Alemanha visivelmente contrariado por abandonar a região: "*...nenhum poderoso, nenhum Imperador da Europa, nem a Rainha da Inglaterra, com*

---

[108] Essa mesma ilha é o principal ponto de repouso noturno da maior população do papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*), estudado pelo ornitólogo Pedro Scherer Neto desde o início dos anos 80. Tem sido, por esse motivo, destino de inúmeras atividades turísticas, consagrando-se em um local emblemático para a pesquisa e prática de observação de aves.

[109] Essas outras plantas seriam: algodão, arroz, tabaco, abacaxi, gengibre, pimenta e cana-de-açúcar. A listagem destes itens é de grande importância para se conhecer a atividade agrícola no fundo da Baía da Paranaguá, logo em meados do Século XIX e a sua história ambiental. O local não seria, então, tão preservado como se supõe nos dias de hoje, levando-se em consideração o espaço necessário para tais plantios (*vide* acima sob William Michaud e, ainda, Straube, 2012, sob Johann Natterer).

[110] Maack (1981) dá como data de retorno de Platzmann, o ano de 1863; Trevisan (2002) contudo, oferece cronologia mais precisa, aqui adotada. De fato, como apresentado na obra (Platzmann, 1872:265), em 10 de abril de 1864 (domingo) ele estava remando em sua canoa na Baía dos Pinheiros.

seus Kew Garden[s], *pode*[m] *me restituir o que eu aqui abandonar. Que seja!*"[111] (Trevisan, 2002:105).

No começo de sua vida científica, ora se dizia pintor de aquarelas, ora um botânico, talvez querendo ser reconhecido em ambos os ofícios e, além disso, aproveitando seu tempo para fazer experiências com taxidermia[112]. Segundo consta, estudou e desenhou mais de duas centenas de plantas e mais de uma centena de animais, entre aves e insetos, como conta Trevisan (2002). Esse interesse e dedicação em prol das ciências naturais, bem como na própria língua local e em vários aspectos da cultura e utilização do meio ambiente, fizeram de Platzmann um cronista interessantíssimo, visivelmente preocupado em documentar suas descobertas por meio de exemplares destinados a coleções científicas e, em especial, a narrativas detalhadas daquilo que observava.

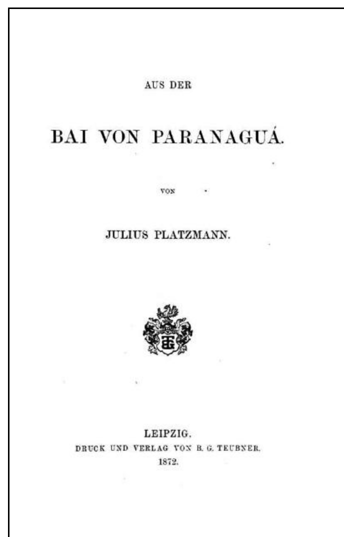
Seu livro, uma verdadeira raridade na versão impressa, foi publicado em Leipzig (1872) com o título "*Aus der Bai von Paranagua*" e, segundo Trevisan, acabou soterrado sob o restante de sua obra, muito mais enfocada nas questões linguísticas. De acordo com Reinhard Maack (1981:54), o livro é: "*...uma das mais belas descrições sob o ponto de vista geográfico e das ciências naturais em geral da região do Paraná* [que] *apareceu no ano de 1872. Tratava-se da obra de Julius Platzmann que, em forma de cartas aos seus pais, descreve a baía de Paranaguá*".

---

[111] No original: "*Kein Machthaber, kein Kaiser in Europa, nicht die Königin von England mit ihren Kew-Gärten kann mir das wieder geben, was ich hier aufgebe. Es sei!*"

[112] Infelizmente nada se pode apurar sobre exemplares de animais por ele coletados e preparados.





AUS DER

BAI VON PARANAGUÁ.

VON

JULIUS PLATZMANN.

LEIPZIG.
DRUCK UND VERLAG VON B. G. TEUBNER.
1872.

Capa e folha de rosto do "*Aus der Bai von Paranaguá*", de Julius Platzmann, publicado em 1872.

Em resumo, o livro apresenta-se da seguinte maneira:

Páginas	**Título**	**Assunto**
1-11	*"Auf dem Ocean"*	[Narrativa:] "No oceano"
12-17	*"Einfahrt in die Bai von Rio de Janeiro"*	[Carta aos pais:] "Entrada na Baía do Rio de Janeiro"
18-33	*"Totale Sonnenfinsterniss"*	[Carta ao pai:] 'Eclipse total do sol"
34-63	*"In Hause José Maria's"*	[Carta à mãe:] "Na casa de José Maria"
64-78	*"Zweiter Aufenthalt auf der Insel des Pinheiros"*	[Carta ao pai:] "Segunda estada na Ilha dos Pinheiros"
79-83	*"Der siebente September"*	[Carta à mãe:] " O Sete de Setembro"
84-87	*"Kaisers Geburtstag. Weihnachten"*.	[Carta ao pai:] "Aniversário do Imperador. Natal"
88-96	*"Taquaruçu"*	[Carta à mãe:] "Taquaruçu"
97-103	*"Das dach von Palmenblättern"*	[Carta ao pai:] "O telhado de folhas de palmeira"
104-111	*"In Agostinho's Gesellschaft"*	[Carta à mãe:] "Na companhia de Agostinho"

112-117	*“Am Strand”*	[CARTA AOS PAIS:] “Na praia”
118-127	*“Allgemeiner Eindruck des brasilianischen Küstenlandes unter dem fünfundzwanzigsten Grad südlicher Breite”*	[DESCRIÇÃO:] “Impressão geral das terras da costa brasileira a 25 graus de latitude sul”
128-147	*“Wildschweinsjagd”*	[DESCRIÇÃO:] “Caçada aos porcos-selvagens”
148-157	*“Ein Beitrag zur Kenntniss des Manguewaldes in Bezugnahme auf die Bai von Paranagua”.*	[DESCRIÇÃO:] “Uma contribuição ao conhecimento dos manguezais da Baía de Paranaguá”
158-172	*“Ueber Anpflanzung der Manihot utilissima und Zubereitung des Mandiocamehles”*	[DESCRIÇÃO:] “Sobre o plantio da Manihot utilissima e a preparação da mandioca”
173-185	*“Fang des Biraguay”*	[DESCRIÇÃO:] “Pesca do Biraguay”
186-195	*“Pfingsten”*	[CARTA AOS PAIS:] “Pentecostes”
196-206	*“Winter”*	[CARTA À MÃE:] “Inverno”
207-211	*“Urwald im Regen”*	[CARTA AO PAI:] “Floresta virgem sob chuva”
212-221	*“Adventszeit”*	[CARTA À MÃE:] “Advento”
222-230	*“Auf eigenem Grund und Boden”*	[CARTA AO PAI:] “Em sua própria terra”
231-237	*“Das Fest auf dem Rocío”*	[CARTA À MÃE:] “A celebração do Rocio”
238-243	*“Unterm Rancho am Felsen”*	[CARTA AO PAI:] “Rancho debaixo da rocha”
244-253	*“Skizze der Vegetation eines Sambaqui”*	[CARTA À MÃE:] “Esboço da vegetação em um sambaqui”
254-262	*“Reisefertig”*	[CARTA AO PAI:] “Instalado”
263-271	*“Abschied von Rio de Janeiro”*	[CARTA AOS PAIS:] “Adeus ao Rio de Janeiro”
Encarte	“MAPPA DA BAHIA DE PARANAGUÁ COMPREHENDENDO A ENTRADA DO MAR PEQUENO DE JGUAPE”	

Até o ano de 2009, poucas referências foram feitas à obra na literatura especializada, ainda que fosse questão importante a sua leitura cuidadosa e as respectivas anotações sobre os fragmentos ligados à natureza e especificamente à avifauna.

É fato, porém, que algumas menções ali existentes foram aproveitadas por estudiosos contemporâneos, mesmo

que de forma dispersa[113]. Troschel (1873:93), por exemplo, em sua revisão das obras publicadas em 1872 sobre a Mastozoologia, menciona o livro, ressaltando algumas espécies citadas: capivara, tamanduá-mirim e porco-do-mato[114]. Destacaríamos, ainda, a indicação da onça-pintada (*Panthera onca*) para aquela região litorânea, no trecho: "*Quando não mais o silêncio da noite será quebrado pelo urro da onça varão, ao que responde, em tom menor à distância, o da companheira...*" (Trevisan, 2002:103). Na realidade, são muito mais ricos os apontamentos sobre os mamíferos, bem como vários outros integrantes da fauna local (*vide*, p.ex., Platzmann, 1872:62-63).

No ano de 2010, o multifacetário pesquisador Francisco Lothar Paulo Lange produziu uma tradução da obra, sob olhar atento de Henrique "Vitamina" Schmidlin. Seria a primeira iniciativa, dentre as muitas que deverão surgir, debruçada exclusivamente sobre o importante livro e acompanhada de comentários oriundos de experiências pessoais do tradutor que pessoalmente realizou viagem para a área abrangida pela obra[115].

Para a avifauna paranaense, a obra é muito relevante, visto que se percebe, logo à primeira avaliação, que o interesse de Platzmann pela Ornitologia era notável.

---

[113] Leandro (2007) considera a obra como fonte sobre o uso dos diversos petrechos para o beneficiamento da mandioca e também Alvar & Alvar (1979), em seu grande atlas etnográfico de Guaraqueçaba, citam o naturalista.

[114] "*Platzmann 'Aus der Bai von Paranagua", Lepzig, 1872, schildert hier und da auch Thiere und Thierleben mit einer Auschaulichkeit und Lebendigkeit, die der Schilderungen auch hier Erwähnung zu thun gebietet. So ist p.73 die Rede von* Hydrochoerus Capybara, *p. 89 vom Ameisenbären, p. 128 von einer Wildschweinsjagd,* Dicotyles torquatus".

[115] O livro (no original alemão) não consta em nenhuma biblioteca pública curitibana e, tão raro que se tornou, podia ser encontrado à venda em alguns sites da internet, pelo preço médio de quase 500 euros! Foi apenas no fim da primeira década do Século XXI que o *www.archive.org* franqueou a obra, em formato pdf para acesso gratuito. No prefácio da obra traduzida por Francisco Lange (Platzmann, 2010), o historiador Henrique Schmidlin narra um pouco sobre a forma como ocorreu o resgate da obra, a partir de um xerox descartado e recuperado do lixo! Esses estudiosos merecem nosso reconhecimento, pelo interesse despertado em tornar a obra acessível.

Ainda que fosse um leigo no assunto, em seu dicionário tupi-alemão (Platzmann, 1901) ele faz um breve comentário sobre o livro "Aves do Brasil" de Emil Goeldi, publicado entre 1894 e 1900. Dá inclusive algum destaque para o encarte litográfico de autoria de Ernesto Lohse, apresentado no "Album de aves amazonicas", do mesmo autor, lançado cinco anos depois [116]. Assim, não há qualquer dúvida de que consultava literatura especializada, o que pode ser confirmado pela indicação de nomes científicos ao lado dos animais citados[117] e mesmo em várias passagens, onde certas obras disponíveis na época são mencionadas. A História Natural era, sem dúvida nenhuma, um de seus maiores interesses. Ele próprio, quando em Paranaguá, refere-se aos três volumes do "*Éléments de Botanique et Physiologie Végétale*" de autoria de Achille Richard (1822) que lhe foi emprestado por um brasileiro.

Apesar disso, nos fragmentos resgatados diretamente do "*Aus der Bai von Paranagua*", é possível notar a menção a muitas espécies de aves, algo especialíssimo se considerarmos que ele não era um naturalista propriamente empenhado em Ornitologia. Sua contribuição, tanto para essa ciência quanto para as outras áreas do conhecimento

---

[116] *"Wer sich an exquisiten Farbenzusammenstellungen, meistens heiteren, aber auch ernsten Charakters ergötzen will, der blättere in Dr. E.A.Goeldi's 'Aves do Brazil', die Vögel Brasiliens, Rio de Janeiro 1894-1900, und besonders in dessen nur genannten 'Album do Aves amazonicas' ..., das unter andern mit Jubel begrüssten Blättern einen Nistplatz der roten Ibisse, 'Ninhal de Guarás' , im Taquára-Röhricht der Insel Marajó darstellt..." (Goeldi, 1906:4).* Goeldi (1906:10), que o tratou como "autor de trabalhos sobre línguas indígenas sulamericanas", teria enviado um exemplar do álbum para Platzmann, que o agradeceu, em carta redigida em 9 de agosto de 1901: *" ...Meinem herzlichsten Dank für Ihr entzückendes 'Album de Aves amazonicas...".*

[117] Em algumas ocasiões (vide adiante), Platzmann oferece identificação errônea das espécies observadas por ele, o que seria inaceitável para uma obra técnica mas admissível para um texto de narrativa – o que de fato é. Um dos enganos aparece, por exemplo, ao atribuir ao que seria uma jararacuçu (*Bothrops jararacussu*) a denominação de "*Lachesis rhombeata*", portanto, *Lachesis muta rhombeata*, a surucucu, ofídio que meridionalmente não ultrapassa a região sudeste do Brasil (Rio de Janeiro) onde, aliás, é extremamente rara.

biológico, principalmente botânica, é comparável – e superior – à de Thomas P. Bigg-Wither, de quem foi mais ou menos contemporâneo.

Pensando no resgate dessas informações, pôde-se analisar alguns trechos da referida obra, tratados a seguir, acompanhando-se os capítulos em sua sequência original[118].

Os dois primeiros capítulos (‘*Auf dem Ocean”* e *‘Einfahrt in die Bai von Rio de Janeiro”*) abordam, respectivamente, da viagem marítima e sua chegada ao Rio de Janeiro, depois de 69 dias no mar[119]. Ali começa seu encantamento pelas terras tropicais; descreve a orografia (Pão de Açúcar, Corcovado) e as imensas florestas que pela primeira vez tinha ao alcance dos olhos.

As menções sobre aves paranaenses, aparecem já no terceiro capítulo (“*Totale Sonnenfinsterniss”*). O cenário é a ilha do Pinheiro, na baía de Paranaguá, perto de Guaraqueçaba onde Platzmann narra (p.21) a paisagem do local em uma bela manhã que precedeu noite de ventos. O dia era 1° de agosto de 1858. Cita a percepção do cantos de pássaros, incomuns aos seus ouvidos, também pombas silvestres e aves aquáticas, em busca de alimento na linha das marés:

---

[118] Quase todas as traduções aqui apresentadas baseiam-se na versão comentada por Francisco Lothar Paulo Lange (Platzmann, 2010) e, em parte, em Trevisan (2002); imprimi também uma constante interferência, apesar do meu conhecimento apenas de rudimentos da língua alemã, mas abonado pela minha especialidade, temática carente devido à formação dos respectivos tradutores. As páginas a partir de então indicadas, referem-se à obra original (Platzmann, 1872).

[119] Esses dois capítulos, bem como os subsequentes intitulados “*Das dach von Palmenblättern”, “Am Strand”, ”Winter”, ”Adventszeit”, ”Auf eigenem Grund und Boden”, ”Das Fest auf dem Rocío”, ”Skizze der Vegetation eines Sambaqui”, ”Reisefertig* e *Abschied von Rio de Janeiro”*, nada contêm sobre aves, embora muitos deles sejam ricos em descrições de paisagens e especialmente de espécies de plantas, junto a detalhamentos morfológicos, ecológicos, etc. Por falta de citação a aves, nenhum deles foi considerado nesta análise. Só a análise aprofundada deste livro de Platzmann, por si só, já renderia uma importante contribuição ao conhecimento da natureza do litoral-norte do Paraná.

O hättest Du Zeuge sein können dieses ersten Morgens! Der Landwind hatte über Nacht Alles so rein gefegt. Die Berge standen, seitlich von der Sonne beschienen, in der Morgenbeleuchtung da. Das Rauschen des Wassers, das Lispeln in den Fiedern der Palmen, das Zirpen von Heimchen, niegehörte ***Vogelstimmen*** *schlugen als ebensoviele ungewohnte Laute an mein Ohr. Um die Blüthen der Orangenbäume, welche ich seither noch gar nicht Zeit gehabt hatte unter freiem Himmel zu begrüssen, summten wirklich goldschimmernde* ***Kolibris****.* […]. *Im Schatten fremder Baumkronen girrten in bekannten Tönen wilde* ***Turteltauben****. Weisse* ***Ibisé*** *lauerten auf Beute am Ufer. In den Zweigen der Kaffeebäume erschien dann und wann ein ponceaurother* ***Spatz*** ***(*****Tanagra brasiliensis** ***L.)****.*	Oh, pudesses tu, ser testemunho dessa primeira manhã! O vento vindo da terra, durante a noite, tinha limpado tudo. Na luz matinal, apareciam montanhas lateralmente batidas de sol. O marulhar das ondas, o sibilar do vento nas copas das palmeiras, o chilrear dos grilos, o canto nunca ouvido de pássaros e outros ruídos ainda desconhecidos soavam nos meus ouvidos. E, torno das flores das laranjeiras, as quais – desde que aqui estou – não tive tempo de saudar sob tempo de céu aberto, zumbiam com reflexos dourados, colibris. [...]. À sombra de desconhecidas copas de árvores, arrulhavam em sons conhecidos diversas pombas selvagens. Na praia, íbis brancos procuravam por suas presas. Entre os ramos dos cafeeiros, aparecia – vez ou outra – um pardal[120] vermelho encarnado (*Tanagra brasiliensis* L.).

Nesse trecho Platzmann expõe a sensação tão repetidamente lembrada pelos viajantes ao chegarem nas terras brasileiras, com relação à infinidade de sons, ainda desconhecidos e que têm nas aves seus principais emissores.

Os "íbis" brancos eram certamente alguma espécie de garça, talvez a garça-branca-pequena (*Egretta thula*) e/ou a garça-morena (*Egretta caerulea*), ambas muito comuns naquela região estuarina[121]. O "pardal vermelho encarnado" é o conhecido tié-sangue (*Ramphocelus bresilius*)[122].

Adiante, ele também conta sobre sua visita à então colônia do Superagui ("*Superaguhy*"), descrevendo um

---

[120] Na Alemanha, o pardal (*Passer domesticus*) é conhecido principalmente como *Haussperling* mas, também, como *Spatz*.

[121] Cabe lembrar que a garça-morena, embora toda cinzento-azulada na fase adulta, é completamente branca quando imatura, portanto passível de erros de identificação aos olhos do leigo.

[122] *Tanagra brasiliensis* de Linnaeus nada mais é do que *Tangara brasiliensis*, traupídeo de colorido azul-celeste e confinado à faixa litorânea que vai do Nordeste do Brasil ao Rio de Janeiro. Platzmann confundiu-se, certamente, com *Tanagra bresilia*, do mesmo autor, e que é sinônimo da espécie aqui mencionada.

encontro com o líder Perret Gentil, quando – à mesa do café – foi recepcionado por um tucano cativo que, pela descrição[123], seria um araçari-banana (*Pteroglossus bailloni*) (p.22)*:*

*Auf dem Tische hüpfte ein grüner **Pfefferfresser (**Pteroglossus Aracari **L.)** umher. Das Essen verdankten wir einer Jungfer Florenza, die in langem schwarzen Haare, eine malerische Erscheinung, sich bemühte, den **Tucan** von den Speisen abzuhalten.*	Em cima da mesa, um tucano verde (*Pteroglossus aracari* L.) saltitava ao nosso redor. Devemos a refeição a uma moça, Florenza, que – com seus cabelos longos e pretos, constituía uma figura pitoresca e esforçava-se para afastar o tucano dos alimentos.

Nesse mesmo capítulo descreve o eclipse total do sol, ocorrido exatamente a poucos dias após chegar ao litoral do Paraná (7 de setembro de 1858) e, inclusive, seu contato com uma equipe que ali chegara justamente para registrar o evento[124].

Voltando-se à ilha do Pinheiro, indica a origem do topônimo, oriunda da presença de alguns indivíduos do pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) ali plantados. Aproveita e refere-se às árvores utilizadas como poleiros habituais por biguás (*Phalacrocorax brasilianus*), identificadas pela cor esbranquiçada de suas fezes (p.29):

*Ihm vis-ä-vis ragen in Büchsenschussweite einige Manguebäume aus dem Wasser, weissgetüncht vom Aufenthalte zahlloser **Seeraben**, deren Stimmen merkwürdig laut zusammen klingen.*	À distância de um tiro de espingarda, há uma área de manguezal com árvores caiadas pela estada de incontáveis **biguás**, cujas vozes em conjunto soam estranhamente altas.

Em seguida trata da configuração rochosa da ilha, repleta de cavidades e pequenas grutas nas rochas e ali

[123]*Pteroglossus aracari* não é verde e, além disso, é espécie restrita (no Paraná) à região noroeste. O único araçari que dispomos, de coloração totalmente verde, é *P.bailloni*.
[124] Vide, nesta obra, sob Robert Avé-Lallemant e especialmente Emmanuel Liais, onde o assunto é tratado com maior profundidade.

observa uma coruja branca (*Tyto alba*) e um grupo de urus (*Odontophorus capueira*) (p.29):

*Hinter einer losgetrennten Steinwand kam ich wieder zum Vorschein und befand mich einer grossen weissen **Eule** gegenüber, die in dieser endlich einmal nicht verwachsenen Schlucht ihren Sitz aufgeschlagen hatte. Am Boden promenirte ein Volk allerliebster **Uruhühner**[125] (***Perdix guianensis*** *Lath.)* mit weissen Perlflecken auf den Schwingen, so zahm, dass man sie fast hätte mit den Händen greifen können.*	Atravessei uma fenda de uma rocha e encontrei-me com uma grande **coruja** branca que tinha ali feito seu pouso, em um local desvegetado. Pelo chão passeavam **urus** (*Perdix guianensis* Lath.)[126], com pintas cor de pérolas nas asas e tão mansos que quase poderiam ser apanhados com as mãos.

O capítulo seguinte (*"In Hause José Maria's"*) refere-se à sua estada como hóspede do inspetor distrital José Maria Pereira das Neves, de profissão carpinteiro e morador da pequena vila de Bertioga, na ilha das Peças. Descreve a vida simples do pescador, a sua casa, as redes e dá um especial destaque às plantas, impressionado com a variedade, especialmente de orquídeas e bromélias. Cita a saracura-três-potes (*Aramides cajanea*) (p.46) e, adiante, refere-se aos psitacídeos (p.53-54):

*Zu diesen gehören die Schwärme kleiner grüner **Papagaien**, **Piriquittos** genannt, mit langen, keilförmigen Schwänzen* (**Conurus guianensis** ***Briss.)***, *welche unsere Orangenbäume und die reif schwer herabhängenden Fruchtstände der Jerovápalmen (*Cocos Romanzoffia *Cham.) tagtäglich besuchen, ohne sich vor den*	"Dele faziam parte os bandos de pequenos papagaios verdes, chamados **periquitos**, de longas caudas em forma de cunha (*Conurus guianensis* Briss.), que diariamente precisavam de nossas laranjeiras e dos cachos pesados e maduros da palmeira jerová (*Cocos romanzoffia* Cham.)[127], sem fazerem cerimônia na casa

[125] O substantivo *Hühner* é bastante usado por Platzmann ao longo de sua obra, como alusão a aves de caça, pelo porte semelhante ao do frango.

[126] *Tetrao guianensis* é de autoria de Gmelin (1789), com base na "*Guiana Partridge*" de Latham, mas é sinônimo de *Odontophorus guianensis*, espécie amazônica. Platzmann assim identificou a espécie, com base em Wied (1820: *Perdix gujanensis* [*nec*] Gmelin) que, de fato é sinônimo de nosso uru (*O.capueira*).

[127] *Lapsus calami*: o nome correto da palmeira jerivá (não "jerová") é *Cocos romanzoffiana*.

Hausbewohnern im geringsten zu geniren. Unter lautem Geschrei fallen sie ein. Während der Mahlzeit selbst verhalten sie sich still, in allen erdenklichen Stellungen bald mit dem Kopfe oben, bald mit dem Kopfe unten an den begehrten Früchten herumkletternd, dem suchenden Auge trotz ihrer Nähe durch die Chlorophyllfarbe des Gefieders immer wieder entschwindend. Nur ein schwaches Zwitschern verräth dann und wann ihre Gegenwart. Auf einmal fällt es ihnen wieder ein aufzufliegen. Alle stimmen mit Jubel ein und fort sind sie. Man kann sich ihnen mit einer Stange nähern, an deren Spitze eine Schlinge befestigt ist. Der Intentionirte sieht weder die Spitze der Stange noch die Schlinge, und bald zappelter, ein Gefangener, den Aufbruch der anderen veranlassend. Nur sein Kamerad kehrt nicht mit zurück in den Wald: er läuft gramvoll hin und her auf dem Zweige, wo er den Lebensgenossen verlor, den Gemahl oder die Gattin, tagelang, wie Vicente sagt, wenn man aus Barmherzigkeit ihn nicht auch fängt.

Ebenso hat man oft Gelegenheit grössere ***Papagaien*** *in ihren Bewegungen zu belauschen. Sie sind scheu, obgleich häufig und sehr laut, und sollen jeden Abend den Wald des Festlandes verlassen, um auf denjenigen Inseln, auf welchen keine Raubthiere sind, zu übernachten. In der That sieht man vor Sonnenuntergang zahllose hochfliegende* ***Papagaien*** *aus der Richtung des Festlandes vorüberziehen, laut schreiend und immer paarweise im Zuge gesondert.* (Platzmann, 1872: 53-54).

de seus proprietários. Faziam grande algazarra. Durante a refeição, calavam-se, em todas as posições imagináveis, ora a cabeça erguida, ora abaixada, para alcançar o fruto desejado, voltando sempre a se ocultarem nos olhos prescrutadores, por causa da proximidade, pela cor de clorofila da plumagem. Apenas um fraco murmúrio, de quando em quando, denunciava suas presenças. Por fim, resolviam novamente levantar vôo. Com gritos de alegria, lá vão embora. É possível aproximar-se deles com uma vara, em cuja extremidade se coloca uma armadilha. A presa não repara na vara e logo, prisioneiro, se debate, provocando a revoada dos demais. Apenas o seu companheiro não foge: grita aflito sobre o galho, para cá e para lá, quando perde o companheiro, ele ou ela, durante o dia inteiro, como conta Vicente, a menos que, por pena, também o prendam.

Além disso, pode-se ouvir **papagaios** em suas casas com grande frequência. Apesar de barulhentos, são ariscos, e, todas as tardes, têm de abandonar a mata do continente, para pernoitarem em alguma ilha onde não haja predadores. De fato, antes do pôr do sol, vêem-se inúmeros papagaios voando alto, vindos do continente, gritando, sempre formados em linhas, por casais" (tradução de Trevisan, 2002:139-140).

A primeira descrição é alusiva ao periquito-rico (atualmente denominado *Brotogeris tirica*)[128] que é, de fato, abundante na Mata Atlântica, característico pelo formato da cauda e especialmente pelo colorido verde uniforme. No

[128] *Conurus guianensis* de Brisson (1760) é, na realidade, sinônimo de *Aratinga leucophthalma* (Statius Muller, 1776), espécie que até o momento não possui registros no litoral do Paraná. A espécie a que Platzmann se referia era, sem dúvida, o comum periquito-rico (*Brotogeris tirica*).

parágrafo seguinte, Platzmann aponta para outro psitacídeo, representado pela espécie peculiar daquela região, o papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*), endemismo litorâneo do sul do Brasil.

O que causa especial interesse não é somente o fato de que desde os meados do Século XIX esse papagaio ser abundante, deslocando-se do continente para as ilhas para o repouso noturno, tal como ocorre até os dias de hoje. É muito curioso que Platzmann não o tenha verificado (pelo menos não o cita) na ilha do Pinheiro, formação insular onde ele residia e que é tida como um dos principais dormitórios atualmente conhecidos para a espécie. Em quais ilhas o papagaio-de-cara-roxa dormia em tempos mais recuados?

Em seguida (p.54), a atenção volta-se aos tucanos-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*), sendo notável o cuidado do naturalista em descrever com detalhes – todos precisamente corretos – o colorido da plumagem que apenas poderiam ser notados com a ave em mãos, tal como narrado.

Andere sich regelmässig hören lassende Stimmen aus der Stundenuhr der Naturlaute sind die der ***Tucanos****, welche die durchdringendsten, kreischendsten Töne anhaltend von sich geben.*

Von welcher Wirkung Farben sein können, das erfährt erst, wer so einen Vogel angeschossen in den Händen gehalten hat. Solche Farben schreien den Jäger förmlich an: das glänzende Schwarz des Gefieders, das kostbare Örangenroth der Brustfederspitzen über goldig gelbem Grunde, der nach unten in das herrlichste Carmin übergeht, das anklagende Himmelblau der Augen, das Citronengelb der breiten Binde am Grunde des Schnabels, das brennende Zinnoberroth der imbefiederten Augengegend und des

Outra voz do relógio da natureza que se deixa ouvir regularmente é a dos **tucanos**, que emitem sons penetrantes e estridentes.

A variedade de suas cores, isso melhor comprova quem tiver em mãos um exemplar atirado. Essas cores, então, assim aparecem ao caçador: o preto lustroso da plumagem, o precioso vermelho-alaranjado da extremidade das penas do peito, com as bases amarelo-douradas, que para baixo se transformam em vermelho-carmim. O azul celeste triste dos olhos e das colossais goelas, tudo proporciona aos olhos maravilhados um concerto de cores, até mesmo uma impressão mais forte do que a produzida pelos órgãos vocais do tucano

kolossalen Rachens geben ein vor den Augen herumtanzendes Farbenconcert ab, fast von eben so starker Wirkung als der ohrenzerreissencle Abschied der Sprachorgane des Tukan von Tag, Sonne und Leben ***(*Ramphastus Temminckii *Wagl.)****.* (Platzmann, 1872:54).	(*Ramphastus Temminckii* Wagl.) [129] (tradução de Trevisan, 2002:140).

Da narrativa seguinte também parece interessante perceber a sua sensibilidade para os sons da floresta, inclusive para o que se chama costumeiramente de “sons da paisagem”, ou seja, cantos e piados de aves que caracterizam o ambiente considerado (Sick, 1997). Também valiosa é a menção a certos nomes populares, como a “guaraponga” (variante da araponga, nome até os dias de hoje utilizado em alguns pontos do litoral do Paraná) e “sirigaita” (para *Piaya cayana*), este último desconhecido na literatura de nomes vernáculos das aves brasileiras (*cf.* Ihering, 1968).

Platzmann, ainda que discretamente, compara os esquilos com as almas-de-gato, certamente levado pela homologia notada entre o comportamento dos dois animais o que, inclusive, gerou o nome em inglês “*Squirrel Cuckoo*” (“cuco esquilo”) para a ave citada, cujo colorido e maneira de se deslocar pelas árvores são, de fato, algo parecidas com o referido roedor.

Metallisch dagegen, rein und weithinschallend, fönt in -längeren Zwischenräumen der Ruf der ***Guaraponga (*Chasmarhynchus nudicollis *Temni.),*** *welche wohl verdient, die Glocke des Waldes genannt zu werden.* *Einen eigenthüinlichen, hochansetzenden und ohne Unterbrechung*	Ao contrário, o grito da **guaraponga** (*Chasmarhynchus nudicollis* Temm.), metálico, límpido, ressonante à distância, ecôa a intervalos, bem merecendo ser ela chamada de sino das matas. Um estranho, notável assobio sem rival é proporcionado em cores ainda mais reluzentes, no **surucuá** (*Trogon viridis* L.),

[129] *Ramphastus temminckii* de Wagler (1927) é sinônimo de nosso popular tucano-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus ariel*), subespécie peculiar ao litoral Sudeste e Sul do Brasil.

in die Tiefe gehenden Pfiff giebt ein in mehreren Farben metallisch schimmernder, ***Surucuá (*****Trogon viridis** ***L.)*** *genannter Vogel von sich. Spechte, ein* ***Gelbhaubiger (*****Celeus flavescens** ***Gmel.)*** *und eine andere Art mit rothem Hals und Kopf* ***(Campephilus robustus Freyr.)*** *pochen laut an die Stämme. Ja unser Eichhörnchen (*Sciurus aestuans *L.), Serelepe geheissen; haben wir, in Stimme und Manieren ganz das deutsche, und einen sehr schönen,, aber ziemlich stummen, rothbraunen* ***Kukuk*** *mit langem Schweif, welcher letztere sich gar graziös ausbreitet und schwarz und weisse Querbinden sehen lässt, wenn sein rothäugiger Besitzer sich von Zweig zu Zweige schwingt* ***(*****Coccygus cajanus** ***L.).*** *Er hält sich gewöhnlich in den Ufergebüschen auf und bewegt sich merkwürdig geräuschlos und leicht. Die wenigstens zwölf Zoll langen Schwanzfedern scheinen den Vogel im Dickicht durchaus nicht zu belästigen. Man nannte mir ihn* ***Sirigaita*** *und* ***Alma do Gato*** (Platzmann, 1872:54).

um pássaro justamente por isso logo reconhecido. Os **pica-paus de penacho amarelo** (*Celeus flavescens* Gmel.) e outra espécie de pescoço e cabeça vermelhos (*Campephilus robustus* Freyr.) bicam ruidosamente os troncos. Sim, nossos esquilos (*Sciurus aestuans* L.), os conhecidos serelepes, temos iguais, na voz e nas maneiras, aos dos alemães, e uns cucos bem bonitos, quase mudos, de plumagem marrom-avermelhada, com longas caudas, estas graciosamente encurvadas e deixando ver pintas negras e brancas, enquanto seu detentor salta de galho em galho (*Coccyzus cajanus* L.). Em geral se estabelecem sobre os bosques da orla e se locomovem admiravelmente de leve e em silêncio. As longas penas da cauda, no mínimo com doze polegadas de comprimento, de modo algum parecem importunar a ave pelo matagal. Disseram-se chamar-se **sirigaita** e **alma-do-gato** (traduzido por Trevisan, 2002:141).

Seu raciocínio quanto a questões biológicas, desta forma, é mais do que claro. Mesmo tendencioso por efeito de sua formação criacionista, chega – em um momento – a esboçar uma conclusão biogeográfica ligando a região paleártica à neotrópica:

*Dieses dem deutschen (*Fulica atra *L.) so ausserordentlich ähnliche* ***Wasserhuhn (*****Fulica armillata** ***Vieill.)*** *ist mir wieder ein neuer Beweis, class unter gleichen Bedingungen gleiche Gestaltungen des Pflanzen- und Thierreichs aufzutreten suchen. Nur unter ausserordentlichen, in ihrer Art einzigen Verhältnissen erlaubte sich der -Schöpfer von der Einheit seines Systems*

"Essa (*Fulica armillata* Vieill.), tão extraordinariamente semelhante à alemã (*Fulica atra* L.), é para mim uma prova de que, sob idênticas condições, tendem a manifestar-se idênticas configurações no reino animal e vegetal. Somente sob condições extraordinárias, o Criador, em seu caráter único de situações, se permite afastar da unidade de seu sistema e criar uma extravagância... [...] Na outra

abzuweichen und Absonderliches zu schaffen... [...]. *Am andern Ufer in einer Bucht unter dem Morro Barbado habe ich neulich z. B. einen Taucher geschossen, der einem europäischen* Podiceps *auf ein Haar ähnlich sah; nur war er bedeutend kleiner gerathen* ***(*****Podiceps dominicus** ***Lath.)*** (Platzmann, 1872:58-59).

margem[130], por exemplo, há pouco acertei um mergulhão, que se parecia exatamente a um *Podiceps* europeu, apenas com muito menor estrutura (*Podiceps dominicus Lath.*)[131]" (versão traduzida por Trevisan, 2002:147).

O que mais atrai ao conhecimento ornitológico em si, no entanto, é o registro atribuído a uma espécie que conta com pouco registros no Paraná, a carqueja-de-bico-manchado (*Fulica armillata*). A informação, somada às observações abaixo, parece suficientemente robusta para considerar a menção como autêntica. Afinal, a espécie europeia *Fulica atra* (*Blässhuhn*, em alemão) apresenta feitio e coloração de fato muito semelhante, inclusive com relação à cor do escudo frontal. Esse comentário é realçado adiante, para o qual adicionamos transcrição:

"Zwei prächtige Vögel von eigenem Aeussern zwischen Ente und Huhn: mit dem kleinen Schnabel des Huhnes und dem dichten, ein' feistes Aussehen gebenden Gefieder der Ente von schönem Schiefergrau bei schwarzem Halse und Kopfe. Nur unter dem ganz kurzen Schwänze zeigen sich einige weisse Federspitzen, sowie eine feine weisse Linie vom Flügelbuge über den Eckflügel am Rande der äussersten Schwungfedern hinläuft. Die Zehen, mit breiten Lappen gesäumt und mit langen Nägeln versehen, sind anderthalbmal so lang als der kurze Lauf und wie dieser grüngelb, welche Farbe über der Fussbeuge, wo das Gefieder beginnt, einen gummiguttiröthlichen Anflug nimmt. Dasselbe Gummiguttiroth tritt noch einmal als entschiedener Fleck auf der gebogenen Firste des gelben, stark

Duas aves esplêndidas, com alguma semelhança entre o pato e a galinha: com o bico pequeno da galinha e uma plumagem volumosa, luzidia, de belo cinzento-ardósia, preta no pescoço e na cabeça, como do pato. Apenas, sob a cauda bem curta, apontam, algumas penas brancas, assim como uma delgada linha corre da frente da asa sobre o contorno dos remígios externos. Os dedos do pé, embainhados com largas membranas e providos de longas unhas, são uma vez e meia mais longos que as pernas curtas e, como estas, amarelo-esverdeados, cor que, com a flexão do pé, onde começa a plumagem, adquire uma tonalidade avermelhada. Essa mesma cor de novo se manifesta, como uma mancha nítida sobre a parte superior da maxila,

---

130 Melhor tradução seria: "*Na outra margem da Baía, no Morro Barbado, por exemplo* [etc]...".
131 Refere-se, na realidade, a *Tachybaptus dominicus* (Linnaeus, 1766).

zusammengedrückten Schnabels auf, der in die Stirne eine hellgelbe Platte sendet und durchgehende, in einer Grube liegende Nasenlöcher hat. Die Flügel sind kurz; das Gefieder ist auf Brust, Hals und Kopf plüschartig (Platzmann, 1872:58)".

seguindo para uma testa amarelo-claro interrompida por uma depressão onde estão as narinas, situadas em suas cavidades. As asas são curtas; no peito, no pescoço e na cabeça, a plumagem é felpuda.

A situação, além da importância biogeográfica em si, merece destaque para ilustrar o detalhismo das descrições de Platzmann, sem o qual a tentativa de reconhecimento da espécie avaliada seria virtualmente impossível, frente a tantas características em comum com outros representantes da mesma família.

O seguinte capítulo (*"Zweiter Aufenthalt auf der Insel des Pinheiros"*) relata, agora, a segunda estada de Platzmann na ilha do Pinheiro e imediações, durante uma rápida viagem pra reconhecimento. Em Superagui, após longa observações de uma lontra, compara o jacuguaçu (*Penelope obscura*) com a jacutinga (*Aburria jacutinga*) (p.69-70):

*Dem **Jacu guacu (**Penelope cristata **Gmel.)** geht der weisse Federbusch, der blaue Schnabel des **Jacu tinga (**Penelope Pipile **Gmel.)** sowie die grossen weissen Flecke auf den Flügeln des letzteren ab. Sein tiefschwarzbraunes schillerndes Gefieder ist fast über und über spärlich weiss gesprenkelt, die nackte Auwengegend schwarz, die nackte Kehle roth. Röthlich sind auch die Beine. In dem über einen Fuss langen Schwänze Hessen sich zwölf breite, gleichlange Federn zählen. Der ganze Vogel mass 2½ Fuss in der Länge und lieferte uns einen guten Braten.*

O **jacu-guaçu** (*Penelope cristata* Gmel.) não possui o penacho e bico azul da **jacutinga** (*Penelope pipile* Gmel.)[132] e nem as grandes manchas brancas nas asas. Sua plumagem pardo-escura tem, por todo o corpo, pintas brancas e, a região dos olhos é preta e o pescoço nu e de cor vermelha. As pernas também são avermelhadas. Em sua longa cauda, com mais de um pé de comprimento, há doze penas brancas de tamanhos iguais. A ave media dois pés e meio de comprimento total e nos forneceu um excelente assado.

[132] Embora não tenha sido possível reconhecer os nomes científicos com base em seus respectivos autores, a descrição e fundamentação biogeográfica aponta, certa e respectivamente, para o jacuguaçu (*Penelope obscura* Temminck, 1815) e jacutinga (*Aburria jacutinga* (Spix, 1825)).

Em seguida, relata a visita à região do Sebuí; ali narra o abate de um macuco (*Tinamus solitarius*), descrevendo aspectos de sua reprodução (p.72-73):

*Auf einer Excursion in den Rio Sibui wurde mir eines Tages das Glück, einen **Macucu (**Trachypelmus Tao **Licht.)** zu schiessen. Ich war, den Kahn verlassend, ein gutes Stück den Fluss hinaufgewatet, schwelgend im Anblicke der noch ungewohnten Baumfarren, deren weiche, transparente Kronen, sich maigrün gegen den dunkeln Wald absetzend, an beiden Ufern nicht selten waren. Ein zweisylbiges Pfeifen war schon einzweimal an mein Gehör gedrungen. Auf einmal sehen Dir meine Augen auf einem Baumstamme quer über dem Flusse in Schiessbudenschussweite einen langhalsigen, hochbeinigen, breitbrüstigen kleinen Strauss! Ich vorsichtig unbemerkt anlegen — detoniren und der Vogel lag im Wasser. Das Gefieder, welches sich bei näherer Besichtigung an den Schenkeln und auf dem brauneren Rücken dunkler quergewellt erweist, bringt unter freiem Himmel im Allgemeinen eine lilafarbene Wirkung hervor. Der Macucu erreicht über 1/2 Fuss Länge und legt zwei himmelblaue Eier von der Grösse des Gänseeies!*

Em uma excursão ao rio Sebuí, certo dia eu tive a sorte de atirar em um **macuco** (*Trachypelmus Tao* Licht.)[133]. Deixei a canoa e ainda caminhei um bom trecho ao longo do rio, deliciando-me com a visão de um ainda desconhecido feto arborescente, cujo báculo suave e transparente de cor verde-clara destacava-se contra o verde-escuro da mata, algo nada incomum em ambas as margens do rio. Um pio bissilábico tinha penetrado uma ou duas vezes no meu ouvido. De repente meus olhos vêem – sobre um galho de árvore por cima do rio – bem na linha de tiro, um pássaro de longo pescoço, pernas compridas e peito largo. Cuidadosamente despercebido atirei, e a ave caiu na água. Sua plumagem, além de um exame mais minuciosos das coxas e das costas, parecem pardacentes mas obtêm um efeito roxo se observada a céu aberto. O macuco atingiu mais de meio metro de comprimento e bota dois ovos de coloração azul celeste do tamanho dos de ganso.

Um espaço também é dedicado aos ninhos de guaxe (*Cacicus haemorrhous*) encontrados no caminho de volta (p.76):

*Nachdem uns Compadre Alexandro noch seine Reispflanzung gezeigt hatte, in deren Mitte ein überaus kolossaler Baum stehen geblieben war, aus dessen Krone die beutelförmigen Nester des **Japu (**Cassicus*

Depois o compadre Alexandro nos mostrou uma plantação de arroz, no meio da qual havia permanecido uma colossal árvore, em cuja copa estavam pendurados incontáveis ninhos de **japu** (*Cassicus*

[133] Realocação no gênero *Trachypelmus*, do *Crypturus tao* de Temminck (1823), sinônimo-júnior de *Tinamus solitarius* (Vieillot, 1819)

albirostris ***Vieill.)***, *umlärmt von ihren geschwätzigen Bewohnern, in Unzahl herabhingen* — [...]

albirostris Vieill.)[134] cercados pelos seus barulhentos habitantes.

Em "*Taquaruçu*", Platzmann retorna ao seu estilo de crônicas da natureza, deixado para trás nos dois capítulos anteriores, onde relata sua breve estada em Paranaguá para expor seus quadros durante um feriado de Sete de Setembro. Menciona, com identificação científica, um beija-flor que construíra seu ninho em uma goiabeira.

Wohin ich Dich aber dann zu führen hätte mitten im Garten? An einen Guajavabusch (Psidium Guajava Raddi). Und wenn Du dann davor ständest, würdest Du auf einmal gerade vor der Nase — siehst Du ihn noch nicht? — in der Achsel eines Zweiges einen goldschimmernden ***Kolibri (Trochilus colubris Wilson)*** *entdecken, der auf dem niedlichsten, aus Silk-cotton, Farrenkrautspreublättchen und Flechten zusammengesponnenen und überklebten Nestchen brütet, und Dich vertrauensvoll ansieht und sich nicht stören lässt. Ein ganz allerliebster Anblick! Was doch so ein Thier selbstständig ist und seine Sache versteht!*

Então onde mais eu deveria te levar no meu jardim? A uma goiabeira (Psidium Guajava Raddi); e quando estivesses parada à sua frente, de repente, diante do nariz – tu ainda não o vês? – na axila do ramo está um dourado **colibri** de cor dourada cintilante (*Trochilus colubris* Wilson)[135] cobrindo seus ovos no mais lindo ninho trançado com fios de algodão e decorado com folhas de liquens, olhando-te com toda a confiança e não se deixando perturbar. Uma visão das mais doces! Como pode um animal ser tão independente e, ainda, saber de suas necessidades!

O mesmo beija-flor é, adiante, novamente citado (p.95-96) e Platzmann agora romanceia sobre a sua notável

[134] *Cassicus albirostris* de Vieillot (1816) é sinônimo de *Cacicus chrysopterus* (Vigors, 1825), a popular japuíra ou tecelão. Aqui houve equívoco pois a espécie não constroi ninhos comunitários, preferindo as construções solitárias, além de ser tipicamente silenciosa, em especial quando em reprodução. Seu congenérico *Cacicus haemorrhous* (o guaxe ou guaxo), por outro lado, é bastante ruidoso e reconhecido pelos ninhais aglomerados.

[135] *Trochilus colubris* é atualmente *Archilochus colubris*, espécie que ocorre apenas nas Américas do Norte e Central. Provavelmente Platzmann viu uma fêmea, que – por sinal – é algo semelhante com fêmeas de várias espécies ocorrentes no litoral do Paraná, notavelmente *Thalurania glaucopis* e *Chlorostilbon lucidus*.

resistência, sentado ao ninho, para suportar as ventanias e tempestades.

Der Regen floss den ganzen Tag in Strömen herab. Der ***Kolibri*** *sass auf seinem Neste, es durch Ausbreitung seines Gefieders überdachend. Von. Zeit zu Zeit schüttelte er die Flügel. Der Wind brauste in den schaukelnden Zweigen des Guajavastockes, aber mein- Kolibri Hess sich nicht stören, hatte er doch dem heftigeren Sturme der Nacht muthig die Stirn geboten. Welch kleines Herzchen der Mutterliebe schlug hier warm über den sicherlich vielgeliebten Jungen! Vor welchem frühen Lebenssturme hatte es dieselben schon bewahrt! Wenn man näher hinzutrat, sah man das Gefieder des Kolibri sich zitternd bewegen. Wrar es noch die Angst der überstandenen Gefahr, oder Sorge für die Erhaltung der Brut, welche das kleine Thierchen durchbeiße? Sei ruhig, lieber Kolibri, die sonnigen Tage werden nicht ewig ausbleiben, wo Du, schwirrend von Blume zu Blume, Honigseim für Deine hungrigen Kleinen sammeln kannst!*	A chuva caiu torrencialmente durante todo o dia. O **colibri** estava sentado em seu ninho, cobrindo-se com suas penas arrepiadas. De vez em quando sacudia suas asas. O vento soprava nos galhos da goiabeira, mas meu colibri não se deixava perturbar; tinha enfrentado de frente, a mais violenta tempestade noturna. Que coraçãozinho de amor materno aqui batia calorosamente sobre os amados pequenos filhotes! De quantas tempestades já os teria protegido! Ao nos aproximarmos, víamos suas penas tremerem. Seria ainda o medo do perigo já passado ou a preocupação pela proteção da ninhada? Tenha calma, meu colibri, dias ensolarados não faltarão, quando tu, esvoaçando de flor em flor poderás colher mel para teus famintos pequenos!

Passando ao subtítulo "*In Agostinho's Gesellschaft*", surgem informações verdadeiramente importantes para a avifauna paranaense (p.107-108):

Manchmal wird die Einförmigkeit des Tages durch kleine Begebenheiten — unverhofft kommt oft — unterbrochen. Vor einigen Tagen brachte der Sohn des Nachbar Camillo einen angeschossenen, noch lebenden ***Guará****. Man-weiss nicht, wie man reden soll von dieser Pracht, und würde sich zu einem Naturpsalm begeistert fühlen, wenn einem die Sprache eines David oder Salomo zu Gebote stände. Es ist unmöglich, ein solch rosiges, hochrothes Zinnoberroth in die Augen zu fassen, ohne geblendet, ohne berührt und ergriffen zu Werden. Und einem so überköstlichen*	Às vezes, a monotonia do dia é interrompida de forma inesperada por pequenos acontecimentos. Há alguns dias, Camillo, o filho de um vizinho, trouxe um **guará** ainda vivo, que havia atirado. Um homem não saberia descrever todo esse esplendor e nos sentiríamos inspirados a escrever um salmo à natureza se tivéssemos à nossa disposição as palavras de um Davi ou de um Salomão. É impossível não ficar ofuscado, impressionado ou comovido tendo-se à vista tal cor rósea, com um tom vermelho-cinábrio nos ombros. E, ainda, vendo essa

Kleide, das. sich noch den Bewegungen lebendiger schüchterner Anmuth anschmiegt, giebt erst das Leben Bedeutung und Seele. Nie möchte ich diesen Vogel ausgestopft sehen, nachdem mir das Glück zu Theil wurde, ihn als belebten Organismus zu bewundern.

Es handelt sich nämlich um einen ***Ibis (Ibis rubra L.)****. Man kann sich keinen rötheren Vogel vorstellen. Sogar die hohen Watbeine sind roth und auch der Schnabel spielt ins Röthliche. Letzterer misst mehr oder weniger eine Spanne. Einem Löthrohr ähnlich krümmt er sich stielrund, ohne gerade sehr spitz- zu werden. Man hat hier eine Bohnenhülse, Feijão aguahy, von der ich schon hatte sagen hören: 'como bico de guará', wie der Schnabel eines Guara. Es verhält sich ganz so. Von den Nasenlöchern bis zur stumpfen Spitze der Schnabelkrümmung verlaufen zwei seitliche Rinnen. Zügel, Augengegendund Kehle sind zwar unbefiedert, aber dennoch hochroth. Die Füsse sind geheftet, die Hinterzehe liegt auf. Der innere, plättchenartige-Nagelrand der Mittelzehe ist nicht gekämmt wie beim Reiher, sondern ganzrandig. Und doch hat die Natur diesen Reichtlium des wonnevollsten Rothes nicht ohne einige sehr wirksame Abzeichen gelassen. Es sind die Spitzen der drei längsten Schwungfedern, welche zwei Zoll tief in das dunkelste Blau getaucht sind, und die schneeweiss sich absetzenden Kielrücken der Schwungfedern überhaupt.*

valiosíssima vestimenta se movimentando, o que dá à vida um significado e nobreza à alma. Jamais gostaria de ver essa ave empalhada, depois de poder admirá-lo como um organismo vivo.

Trata-se, de fato de um íbis (*Ibis rubra* L.)[136]. Não se pode imaginar um pássaro mais vermelho. Até mesmo suas longas pernas são avermelhadas, assim como o bico. Este último mede mais ou menos um pé [cerca de 30,5 cm]. Semelhante ao um maçarico, curva-se sem parecer muito pontiagudo. Temos aqui uma vagem, Feijão aguaí, sobre a qual eu já ouvi alguém dizer: 'como bico de guará'. A situação é bem assim. Desde as narinas até a ponta romba da curvatura do bico há dois canais laterais. A região loral[137] e garganta são efetivamente sem penas, mas mesmo assim vermelhas brilhantes. Os pés são palmados, com dedos traseiros mais altos. A borda interior da unha do pé não é pectinada como a da garça e sim uniforme. E mesmo assim, a natureza não deixou de portá-lo com marcas diferentes entre as ricas cores vermelhas; as três penas mais externas das asas são, por dois centímetros, de um azul profundo, com o ráquis branco como neve, o que pode ser visto em voo.

Trata-se, como se vê, de um notável relato sobre o guará (*Eudocimus ruber*) que, inclusive, destaca-se pelo cuidado na descrição das cores, inclusive sobre a coloração branca que existe na ráquis das rêmiges.

---

[136] "*Ibis rubra* L." (A. de Saint-Hilaire, 1822) alude ao *Scolopax rubra* (Linnaeus, 1758), sinônimo-júnior de *Eudocimus ruber*.

[137] Entende-se por região loral, a pequena área que fica entre os olhos e o bico, comumente marcada por cor destacada.

Pouco adiante, Platzmann oferece uma narração interessantíssima, assunto que até o presente não foi sequer mencionado, tampouco documentado na história paranaense: a razão do declínio desta espécie, outrora tão abundante, no litoral do Paraná:

*Die **Guarás** hat es noch zu Lebzeiten Naninha's in zahllosen Schwärmen gegeben. Man denke sich das lebhafte Roth solcher Schaaren auf und an den im Wasser stehenden hellgrünen Manguewäldern. Welche jubelnde Farbenstimmung hatte die Hand des Schöpfers nicht über die Wasserspiegel er friedlichsten Uferlandschaften ausgegossen! 'Da kommen', so erzählt Naninha — o, es ist kränkend! — 'die Menschen mit Stangen in der Nacht, sieben, acht in jedem Canoe, und schlagen die schlafenden, nistenden Vögel zu Tausenden todt, die andern verscheuchen sie'; — denn der **Guarás** habe es so viele gegeben, dass ihr Auffliegen gerauscht habe wie ein nahender Sturm. Zweimal wäre Ordre gekommen, alle Guarás todtzuschlagen und für 1½ Pataca (1½ Frcs.) das Stück abzuliefern. 'Und', fügt sie hinzu — man spreche diesen Leuten nicht ein feines Gefühl ab — 'meine Mutter sagte immer, es that ihr so leid, weil die Federn des **Guarä** ein so zartes Roth gehabt hätten'. Mesquiner Zwecke halber — wahrscheinlich hatte irgend ein Speculant die Bälge zur Fabrikation von Federblumen ankaufen lassen — auf einen mesquinen Gewinn hin, wurde so eine der lieblichsten Harmonien der Schöpfung grausam zerstört. Kaum dass man jetzt noch Züge von einigen zwanzig zu sehen bekommt. Sie sollen alle nach Guaratuba, der nächstsüdlichen Küstenstadt, gezogen sein.*

Os **guarás** tinham bandos incontáveis quando Naninha ainda era moça. Imagine o vermelho vivo de suas tropas, sobrepostos ao verde brilhante da água dos manguezais. Que perfeição de cores tinha a mão do Criador, derramando-as sobre o espelho das águas! '*Lá vem eles*' – relata Naninha – oh, é de doer – '*à noite, pessoas com varas; sete, oito em cada canoa, batendo nos pássaros adormecidos em seus poleiros, matando-os aos milhares e afugentando outros*'; pois havia tantos guarás que a sua revoada parecia o rugir de uma tempestade se aproximando; – duas vezes tinha vindo uma ordem para matar todos os **guarás** e despachar, cada um por meia pataca (1,5 Francos). '*E*' – ela continuou – essa gente não tinha nenhum sentimento – '*minha mãe sempre dizia que ela sentia muito porque as penas dos **guarás** eram tão delicadas'*. Por motivos mesquinhos – talvez algum especulador sempre mandava comprar as peles para a fabricação de flores de penas em troca de um desprezível pagamento – essa maravilha da Criação foi cruelmente arrasada. Atualmente mais se podem ver bandos de vinte pássaros. Todos devem ser se mudado para Guaratuba, a próxima cidade costeira a sul.

Provavelmente essa seja a passagem de maior importância, no ponto de vista ornitológico, de todo o livro de Platzmann. Há décadas se buscam informações sobre a

etimologia do topônimo Guaraqueçaba, ora inferindo-se ter se originado de uma grande quantidade de guarás ali alegadamente existente, ora descartando-se tal suposição, pela falta de documentação adequada (Straube, 1999).

Ocorre que a caça e utilização dessa ave para a confecção de objetos de adorno é conhecida no Paraná desde o Século XVI. São várias as indicações sobre ações de investidas coletivas contra a ave, seja por interesse oficial, seja particular. Há, inclusive, menções de legislações à proibição dessa atividade, bem como de penalidades impostas a alguns que se aventuraram a contravertê-las (Straube, 2011). No entanto, não se conhece nenhum relato semelhante ao aqui apresentado, o qual alude à existência de verdadeiros grupos organizados, auferindo lucro e vantagens comerciais pela prática de caça a esses animais.

Lembramos que Natterer, em sua estada na Baía das Laranjeiras (1820-1821), sugere, por meio das anotações de seus diários (Pelzeln, 1871; Straube, 2012), que a espécie era escassa ali ou, talvez, que já se encontrava em franco declínio. Essa mesma situação pode facilmente ser interpretada pelos relatos de Salvador Coelho, William Michaud e do próprio Platzmann ("*Atualmente mais se podem ver bandos de vinte pássaros*").

A Naninha a que o naturalista se refere é a sra. Anna Maria do Carmo, uma viúva natural de Tibicanga (lugarejo ao norte da ilha das Peças) que foi por ele contratada como cozinheira. Na época de sua estada na ilha do Pinheiro (1858), ela era mãe de quatro filhos e avó de cinco netos (Platzmann, 1872:66). Talvez estivesse, portanto, com idade entre 50 e 60 anos, o que nos torna possível datar, embora com pequena certeza, o início do Século XIX como período da referida mortandade aos guarás. Assim, parece viável teorizar que o belíssimo pássaro carmim fosse efetivamente abundante em Guaraqueçaba em um passado recuado, talvez

por volta de 1800. Ao mesmo tempo, o raciocínio converge para as razões do declínio, motivado por verdadeiras forças-tarefa que culminaram em mortandades impressionantes, tendo como consequência uma grande redução das populações ali residentes ou, quem sabe, a transferência de seus remanescentes para outros locais estuarinos do litoral paranaense.

Nessa mesma passagem aqui tratada, Platzmann também demonstra que realizara pesquisa bibliográfica de obras clássicas ou acessíveis, citando (nas notas de rodapé: (p.108 e 109) autores fundamentais que abordaram o guará: Wied-Neuwied, Aires de Casal, Staden e Saint-Hilaire. Provavelmente com base neste último (Saint-Hilaire, 1822, 1851; Straube, 2009) é que supôs que as aves teriam se mudado para Guaratuba, sem dúvida fundamentando-se na mesma estimativa cronológica que fizemos acima.

Essa teoria não é de todo inaceitável, tendo-se em vista as oscilações populacionais já conhecidas para a espécie em questão, a qual realiza deslocamentos temporários ainda não esclarecidos, em virtude da disponibilidade de ambiente e alimento e, talvez, fugindo de um esforço de sobrecaça. Embora a etimologia do topônimo Guaratuba seja mais do que sedimentada por relatos bastante recuados (Straube, 2011), não é totalmente descartável que grupos de guarás, outrora ocorrentes em Guaraqueçaba, tenham se translocado para os manguezais do litoral-sul, incrementando o estoque lá existente.

No capítulo subsequente (*"Allgemeiner Eindruck des brasilianischen Küstenlandes unter dem fünfundzwanzigsten Grad südlicher Breite"*), Platzmann faz agora menção (p.119) à riqueza de aves aquáticas que se concentram nos estuários paranaenses, especialmente das proximidades de Guaraqueçaba, indicando – logo de início – o colhereiro

(*Platalea ajaja*) em plena fase de reprodução, mas também outros participantes do típico cenário litorâneo:

Grosse rosafarbene Vögel, deren unvergleichlich zartes Roth einen prächtigen Gegensatz zu dem stark vertretenen Grün der Landschaft bildet und sich beim Lüften der Flügel zum reinsten Carmin steigert, stolziren schaarenweise, sich durch den Schnabel als Löffelreiher verrathend, in fremdem Liebreiz der Bewegung auf weichem Schlammsaume hin. Zahlreiche blendendweisse, kranichartige Vögel, seltner durch das brennendste Zinnoberroth das Auge in Erstaunen setzende ***Ibise****, und sich in Blau und Grau versteckende Reiher fliegen ab und zu, oder verharren am Ufer mit unerschöpflicher Geduld. Scharfsichtige Taucher, ihren Flug hemmend, stossen senkrecht in das Wasser, alsbald mit der Beute im Schnabel plätschernd sich erhebend und fortgesetzte, bald verschwundene Ringe auf der Spiegelfläche des gestörten Elements zurücklassend. [...] Aus der Höhe rauschen pfeilschnelle* ***Fregattvögel*** *herab, ihren kühnen Segelflug mit sich scheerenartig öffnendem und schliessendem Steuer regulirend.*

Grandes aves cor de rosa, cujo vermelho extremamente delicado cria um contraste magnífico contra o verde da vegetação, e - na aparência das asas - chega a um carmim mais vivo, caminham em grupos, a cabeça erguida, denunciando-se pelos bicos como coletadoras, na estranha graça da movimentação sobre as macias e inconsistentes orlas do pântano. Numerosas aves, semelhantes ao grou, maravilhosamente brancas, comparáveis ao íbis pelo vermelho-cobre dos olhos, e garças que se ocultam no azul-cinzento, voando ou assentando ou persistindo pela margem, com uma paciência sem fim. Mergulhões de visão atilada, interrompendo vôo, mergulham a prumo na água, logo em seguida, com a presa, murmuram solenes na lama e prosseguem deixando atrás, na superfície líquida, os anéis dos elementos perturbados, que vão desaparecendo... [...] Pelas alturas enevoadas, sobem as **fragatas**, rápidas como flechas, regulando suas arriscadas planagens com o abrir e fechar da cauda, como tesouras (versão traduzida por Trevisan, 2002:165-166).

Em *"Wildschweinsjagd"*, Platzmann descreve uma caçada de porcos-do-mato feita ao longo do rio Sebuí, narrando todo o percurso e muitos flagrantes obtidos. Um deles (p.129-130) aponta para a ocorrência de aves aquáticas:

Wohl eine halbe Stunde vor der Einfahrt in den Fluss lag schon unendlicher Schlamm da, blos wenige Finger hoch vom Wasser überspült. Das Fahrwasser wurde immer schmäler. Rechts und links dämmten sich hohe Schlammmassen auf, zahlreich vertheilten kleinen grauen Reihern, ***Socós (*****Ardea erythromelas** ***Vieill.)*** *genannt, ein*

Meia hora antes da chegada á desembocadura do rio, havia uma interminável extensão de lama, recoberta por apenas alguns dedos de água. A corrente ficava sempre mais estreita. À direita e à esquerda levantavam-se grandes massas de lama ocupadas por numerosas pequenas garças cinzentas, **socós** (*Ardea*

Frühstück bietend, dem diese geduldig spähenden, langsam vorrückenden Thierchen merkwürdigerweise, so weit sie auch auf den feuchten Plänen von einander entfernt stehen, alle in einer Richtung nachgehen. Ganz riesenhaft nahm sich dagegen, sei es dass der Nebel ihn vergrösserte oder die Kleinheit der Socós ihm als Gegensatz diente, ein ***Baguari*** **(Ciconia Maguari. *Temm.)*** *aus, nichts Anderes als ein Storch, dessen Gestalt in der nebelhaften Landschaft, welche der Morgenwind zu entschleiern anfing, einen ganz gespenstischen Umfang annahm.*

erythromelas Vieill.)[138], enfileirados em busca do almoço; essas pacientes e curiosas aves, tão distantes umas das outras, caminham de forma notável na mesma direção, sobre o úmido terreno. Por outro lado, com o tamanho aumentado pela névoa ou por comparação com a pequenez do socó, surgiu – com tamanho enorme – um **baguari** (*Ciconia maguari* Temm.)[139], nada menos do que uma cegonha que, no ambiente tomado pela neblina que se dissipava pela brisa da manhã, surgia sob aparência muito estranha.

Depois de várias descrições interessantes, inclusive da descoberta de uma balanoforácea (*Lophophytum leandri*) – situação raríssima – descreve (p.133-134) o abate de um juvenil de jacutinga, dando detalhes do colorido:

"Bernardo wandte sich um, fragend, ob wir das Rascheln gehört hätten, und zeigte mir alsbald einen balzenden ***Jacu tinga****, der nicht schussgerechter auf dem Zweige eines hohen Baumes sitzen konnte. Mich übereilend wie gewöhnlich, und mehr die liebliche Erscheinung als das Korn des Laufes im Auge habend, erhitzt wie ich war, schoss ich fehl. Der prächtige Vogel flog auf einen andern Zweig. Ich stürzte mich in ein Gräuel von Dickicht und Hindernissen, gewann einen Standpunkt und — was werden meine Leser sagen! — der Aquarellmaler schoss abermals fehl! Bald darauf fiel ein dritter Schuss, dem das stürzende Gewicht des schweren Vogels folgte. Wir hielten ihn bald in Händen mit*

Bernardo virou-se para mim, perguntando se eu não havia escutado um ruído e logo me mostrou um cortejo de **jacutingas**, com um grupo que – em uma árvore alta – não poderia estar em melhor posição para o tiro. Eu, afoito como de costume, e ofegante, corri mirando e atirei, mas o tiro falhou. O magnífico pássaro voou para outro ramo. Embrenhei-me pelo emaranhado da mata, equilibrei-me e (o que dirão meus leitores!) o pintor de aquarelas errou o alvo. Em seguida foi disparado um terceiro tiro, seguido pela queda do pesado pássaro. Logo o tínhamos às mãos, com seu bonito bico azul, topete branco, corpo negro com ombros salpicados de manchas brancas.

---

[138] *Ardea erythromelas* de Vieillot, corresponde atualmente a uma das subespécies de *Ixobrychus exilis* (socoí-vermelho), espécie rara no Paraná, assim como seu congenérico *I.involucris* (socoí-amarelo). Essas duas formas não são facilmente distinguíveis ao olhar leigo e tampouco nelas se destaca o padrão cinzento ("*grauen*") e sim uma tonalidade acastanhada, que predomina no padrão de plumagem. Uma avaliação mais apurada, levando-se em conta os atributos de cor, da alegada abundância e mesmo dos hábitos, aponta para a merecida atribuição desse registro para o socozinho (*Butorides striata*).

[139] É *Ciconia maguari* (Gmelin, 1789).

seinem schönen blauen Schnabel, seinem weissen Federbusche auf dem Kopfe, mit dem nobeln, schwarzen, auf den Schultern weissgesprenkelten Gefieder. Da hatten wir zum wenigsten unsern brasilianischen Birkwenn, nicht Auerhahn.

Am besten ist der ***Jacu tinga*** *(*Penelope Pipile *Gmel.) mit einem noch nicht ausgewachsenen Truthahn zu vergleichen, dem er im Baue seines Körpers ähnlicher ist als den erstgenannten. Die rothe Kehle ist unbefiedert. Die Fahnen der drei bis vier äussersten Schwungfedern verschmälern sich nach oben in schmale, lange, gekrümmte Spitzen, welche wohl eine Jägermütze zieren könnten. Die schwarzen breiten Schwanzfedern aber verlaufen gerade, sind untereinander gleich lang und an den Enden abgerundet."*

Aí tínhamos nosso *Birkwenn* brasileiro e não o *Auerhahn*[140].

Melhor é comparar a **jacutinga** (*Penelope pipile* Gmel.) com um peru ainda não desenvolvido, pois possui compleição corporal mais parecida com esse. A garganta vermelha não tem penas. As três ou quatro penas de voo mais externas, afilam-se com curvas para cima em longas pontas e poderiam adornar um boné de caçador. As grandes penas da cauda são negras, retas, todas iguais em comprimenro e arredondadas na ponta".

Prossegue a narrativa e, agora ao atingir o rio dos Patos, cita macucos (*Tinamus solitarius*) e outro bando de urus (*Odontophorus capueira*) (p.136):

"Die ***Macucus (*Trachypelmus Tao Licht.*)****, grosse, fleischige, breitbrüstige Vögel, Hessen ihr dreimaliges kurzes Pfeifen ertönen, das die Jäger erwiederten und das ihrem rauschenden Fluge nach dem Baume, auf dem sie übernachten wollen, vorausgeht. Es fiel ein Schuss. Die Schatten der Nacht zogen den Gesichtskreis enger und enger. Das Geläute des Urwaldes, die Stimmen der* ***Urus (*Odontophorus dentatus *Licht*****.***, perperam* Perdix guianensis *Lath. supra) erklangen. Wer, der ihn einmal in der Wildniss gehört hat, könnte diesen lieblichen Ton je vergessen? Ein langsamer, weithinschallender, langanhaltender Triller, den ein ganzes Hühnervolk zuletzt, wenn alle andern Vögel sich zur Ruhe begeben haben, mit Einbruch der Nacht beginnt."*

Os macucos (*Trachypelmus tao* Licht.), grandes, carnudos, aves de peito amplo, deixaram ouvir seus três breves piados, que os caçadores revidaram, ouvindo-se o bater ruidoso de suas asas voando para a árvore onde queriam empoleirar. Fêz-se um tiro. As sombras da noite sempre tornam menores as áreas visíveis. Os ruídos da floresta: cantos dos urus (*Odontophorus dentatus* Licht. *perperam Perdix guianensis* Lath. *supra*) [141] se fazem ouvir. Alguém que tivesse ouvido falar dele, naquelas florestas virgens, poderia esquecer desse som? É um trinado apressado, que ecoa ao longe por longos períodos, quando todos os outros pássaros foram pernoitar e que mostra ter começado o anoitecer".

---

[140] Aqui Platzmann refere-se ao *Birkhuhn* (*Tetrao tetrix*) e ao *Auerhuhn* (*Tetrao urogallus*); a comparação não pôde ser compreendida.

[141] Ou melhor, na tradução: "*Odontophorus dentatus* Lichtenstein, erradamente tratado acima como *Perdix guianensis* Latham".

Seguido a capitulação planejada, aparece o "*Ein Beitrag zur Kenntniss des Mangewaldes in Bezugnahme auf die Bai von Paranagua*", onde ele descreve a paisagem peculiar dos manguezais, contornando a viçosa mata atlântica. Como de costume aprofunda-se nas espécies da flora, inclusive com detalhamentos interessantes de morfologia vegetal da conhecida tríade de plantas que domina o cenário. Depois disso, passa à fauna, descrevendo o ninho do jacaré (*Caiman latirostris*), citando alguns mamíferos e, então, passa à apreciação da avifauna (p.154-156):

*Die lautesten Bewohner des Mangue sind die **Saracuras (Aramides cayennensis Gmel.)**. Sie 'singen', wie man sagt, oder vielmehr schreien so laut, dass man, das Gewehr zur Hand nehmend, glaubt, die ganze Gesellschaft hinter dem nächsten Busche antreffen zu müssen. Man kommt aber selten mit einer Beute zurück ohne, über und über voll Schlamm, die weichsten weiten Räume durchmessen zu haben. Für gewöhnlich singen die Saracuras im Chor früh und Abends. Manchmal erschallen nun zwei einzelne Stimmen am hellerlichten Tage. Schleicht man an der Hand eines wegekundigeren Brasilianers heran, so sieht man ein fertiges Nest und rechts und links davon ein Männchen und ein Weibchen, die aus Freude über das fertige Nest — sagt der Brasilianer — aus voller Kehle ausser der Zeit singen.*

Die Saracuras gehen ebenfalls den Krabben und Austern nach. Diese letzteren sind eigentlich die annehmlichste Seite des Manguewaldes, indem seine überirdischen Wurzeln in der That mit den wohlschmeckendsten, reichlichsten Austern dicht überwuchert sind. Die Ostra do

Os habitantes mais ruidosos dos manguezais são as saracuras (*Aramides cayennensis* Gmel.)[142]. Elas "cantam", ou melhor, como se diz, gritam tão alto que, você pega a arma pensando que todo o bando estaria atrás do arbusto. Mas raramente se volta com uma presa, sem que se tenha caminhado por locais distantes e lamacentos. Normalmente, as saracuras cantam em coro e no início da noite. Às vezes pode-se ouvir somente duas vezes durante o dia. Acompanhando silenciosamente um brasileiro prático em caminhos, encontramos um ninho pronto e à sua direita e à sua esquerda um macho e uma fêmea que, de alegria – como diz o brasileiro – fora da hora cantam à plena voz sobre seu ninho.

As saracuras também vivem de caranguejos e ostras. Essas são a parte mais agradável dos manguezais, que têm suas raízes cobertas com as mais saborosas e mais abundantes ostras. A ostra do mangue (*Ostrea arborea* Chem.) é sempre preferida à ostra da pedra, que cresce nos rochedos.

Encimesmada e um pouco

[142] Alocação em *Aramides*, de *Fulica cayennensis* Gmelin, 1789, referindo-se a *Aramides cajanea* (P.L.S.Müller, 1776).

*Mangue (*Ostrea arborea *Chem.) wird der Ostra da Pedra, der an Gestein sitzenden Auster, jederzeit vorgezogen.*

Wenig Wesens von sich macht ein verdriesslicher, spannenhoher, grau- weiss- und braunmelirter ***Reiher (*****Ardea erythromelas** ***Vieill.)****.*

Schneeweisse (Ardea Leuce *Illig. und* Ardea nivea *Licht.), trotz des Elementes, in dem sie leben, nie beschmutzte, oder blaue (*Ardea coerulea *L.) und grössere (*Ardea Cocoi *L.) Stelzfüssler sind den grössten Theil des Jahres in grosser Zahl vorhanden.*

*Oft prangt am Gestade — .o herrliche Zierde! — der Guará (*Ibis rubra *L.), röther als die Blüthe des Granatbaumes, und der Colherëiro (*Platalea Ajaja *L.), die Centifolie unter den Vögeln. Im Fluge gegen den blauen Himmel bezaubert ein Zug solcher Guarás und Colhereiros das theilnahmloseste Auge. Man staunt, so niederes Bereich von so reinen und triumphirenden Farben besucht zu sehen.*

Eigentliche ***Störche (*****Ciconia Maguari** ***Temm.)*** *und einer der grössten Störche der Erde, der* ***Jabiru oder Tujuju (*****Ciconia Mycteria** ***IIig.)*** *fliegen dann und wann bei Annäherung des Kahnes krächzend auf.*

Im Schutze des ungestörtesten Mangueverstecks weilt ein hochedles Geflügel. Die grösste bekannte Ente, der ***Pato (*****Cairina moschata** ***L.)****, schnäbelt daselbst die reifen Samen der Paraturá ab, eines am Ufer hin wachsenden Grases. Die Blüthen dieser Graminee zeigen unter der Loupe die reizendsten, langschwänzigen, grasgrünen Narben und Staubgefässe.*

Die sogenannte türkische Ente nistet allerdings, wie schon Dr. Rengger in seiner

melancólica, no alto das árvores das margens, está uma garça cinzento-branca, mesclada de pardacento (*Ardea erythromelas* Vieill.)[143].

Apesar do ambiente onde vivem, nunca estão sujas e sim brancas como neve as garças *Ardea leuce* Illig. e *Ardea nivea* Licht.[144], bem como a azul (*Ardea coerulea* L.)[145] e a grande (*Ardea cocoi* L.), todas abundantes na maior parte do ano.

Muitas vezes exibe-se na orla – oh, que maravilhoso ornamento! – o guará (*Ibis rubra* L.), mais vermelho do que a flor da romãzeira e o colhereiro (*Platalea ajaja* L.), a centifólia das aves. Voando sob contraste do azul do céu, uma revoada de guarás e colhereiros enfeitiça o mais indiferente dos olhares. Fica-se admirado em ver terras à tão pequenas altitudes, serem visitadas por cores tão puras e triunfantes.

No fim das contas cegonhas (*Ciconia maguari* Temm.) e uma das maiores cegonhas do mundo, o jabiru ou tuiuiu (*Ciconia mycteria* Illig.)[146], logo alçam voo coaxante, com o aproximar das canoas.

Protegido pelos intocados esconderijos dos manguezais, vive uma preciosa ave. O maior pato conhecido, o pato (*Cairina moschata* L.), bica as maduras sementes do paraturá[147], uma das gramíneas que crescem na costa; suas flores, sob a lupa, mostram as mais lindas e longas nervuras e estames de cor verde-capim.

O chamado pato-turco nidifica, como relata o Dr. Rengger na sua viagem

---

143 Vide acima, em discussão sobre a identidade dessa ave, em favor de *Butorides striata* (e não *Ixobrychus* sp.), o que parece ser confirmado pela descrição.

144 *Ardea leuce* Illiger é, na realidade, de Lichtenstein, 1823 e refere-se a *Ardea alba egretta* Gmelin, 1789. *Ardea nivea* (*nec* Lichtenstein) é de Jacquin, 1784, aludindo a *Egretta thula thula* (Molina, 1782).

145 *Ardea caerulea* (não *coerulea*) de Linnaeus é *Egretta caerulea* (Linnaeus, 1758).

146 *Ciconia mycteria* Lichtenstein, 1819 (*nec* Illiger) refere-se ao popular tuiuiú (*Jabiru mycteria*) que não ocorre naquela região. O autor se refere quase certamente ao cabeça-seca (*Mycteria americana* Linnaeus, 1758).

147 A Poaceae *Spartina alterniflora*, planta característica dos manguezais paranaenses.

Reise nach Paraguay (Aarau, 1835) erwähnt, die einzige ihres Geschlechts, auf Bäumen des Hochwaldes, und zwar in den Blattrosetten der Bromeliaceen. Vielleicht, dass ein Feind sie dazu zwingt.

*An die Heimath erinnert ein anderer Wasservogel (***Fulica armillata** ***Vieill.****), fast gar nicht von dem deutschen Blässhuhn verschieden. Einen weniger angenehmen Eindruck bringen die zahlreichen Schaaren der* ***Cormorane (*****Halieus brasilianus** ***Spix)*** *hervor, unseren Seeraben an Gestalt und Grösse ganz und gar gleich, deren Deposita ganze Mangueinseln förmlich weiss übertünchen, deren hässlich grunzende Stimmen meilenweit hörbar sind.*

ao Paraguai (Aarau, 1845)[148] – o único de seu grupo – em árvores de florestas e particularmente em rosetas das bromélias. Talvez um inimigo o force a fazê-lo.

Em retorno para casa, lembrei-me da ave aquática (*Fulica armillata* Vieill.), visto que pouco difere do *Blässhuhn* alemão [149]. Uma impressão não menos agradável nos proporcionam os numerosos bandos do cormorão (*Haliaeus brasilianus* Spix), nosso corvos do mar em forma e tamanho idênticos[150], cujos locais de reunião literalmente pintam de branco ilhas inteiras dos manguezais, fazendo-se ouvir por milhas suas feias vozes como que grunhidos."

No capítulo seguinte *"Ueber Anpflanzung der Manihot utilissima und Zubereitung des Mandiocamehles"*, passa à descrição do beneficiamento rústico da mandioca, incluindo o uso do tipiti, preparação de tapioca etc. Algumas aves são mencionadas:

"Wer, ohne es selbst gehört zu haben, könnte sich das Geschrei der grossschnäbligen ***Tucanos****, das laute Geschwätz der* ***Papageien****, den glockenreinen Ruf der* ***Guaraponga****, welche auf den höchsten Wipfeln einzeln, blendendweiss am blendendblauen Himmel zu sitzen pflegt, harmonisch genug hinzudenken? Wer das Balzen der* ***Jacuhühner****, über die Fruchttraube der Palmen, ihre Nahrung, geneigt, oder das Girren der wilden* ***Tauben****?"*

"Quem, sem ter ele próprio escutado, poderia imaginar o vozerio dos bicudos **tucanos**, o sonoro tagarelar dos **papagaios**, o chamado, como que de uma badalada, da **guaraponga** que, branco-ofuscante contra o azul-ofuscante do céu, pousa nas mais altas copas? Quem [o mesmo se diz para] o grasnar do **jacu** alimentando-se dos coquinhos das palmeiras ou o arrulhar da **pomba selvagem**?"

[148] Livro do naturalista Johann Rudolf Rengger (1795-1832), publicado em Aarau (Suíça) em 1845 sob título de "*Reise nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826*".
[149] Refere-se a *Fulica atra*, vide acima.
[150] Compara aqui, o local *Phalacrocorax brasilianus* com as três espécies da mesma família que ocorrem na Alemanha: *Phalacrocorax aristotelis, P.pygmaeus* e, especialmente, *P.carbo*.

Em “*Fang des Biraguay*”, o autor trata especificamente da atividade pesqueira na Baía de Guaraqueçaba, fornecendo alguns nomes de peixes mais comuns e centrando sua crônica na pesca ao *Pogomias cromis*, um peixe Sciaenidae que ele chama de *biraguay*, também conhecido como miraguaia, piraúna ou corvina-preta. Na ocasião aparecem algumas aves marinhas coadjuvantes do momento (p.180), tratando-se respectivamente de *Larus dominicanus*, *L.maculipennis*, *Phalacrocorax brasilianus* e *Rynchops niger*:

‘Und wie viele ***Möven (*****Larus vociferus** ***Gray*** *und* **L. maculipennis** ***Licht.), Biguás (*****Halieus brasilianus** ***Licht.), Cormorane,*** *und* ***Scheerenschnäbel (*****Rhynchops nigra** ***L.), Talhamares****!”*

“E quantas gaivotas (*Larus vociferus* Gray e *L.maculipennis* Licht.)[151], biguás (*Haliaeus brasilianus* Licht.) e talha-mares (*Rhynchops nigra* L.)!”

O capítulo que segue, “*Pfingsten*”, relata o feriado de Pentecostes. Na casa de um ilhéu, Platzmann indica a presença de um papagaio (*Amazona brasiliensis*) recentemente morto e usado como item de alimentação (p.188):

Darauf handelte es sich natürlich bald um ein Frühstück. Das Haus des Nachbars Camillo, der wahrscheinlich einen Fandango aufgesucht hatte, war verschlossen. Von da konnte keine Hülfe kommen. Dann war aber auch nichts im Hause als ein todter grün, gelb, roth und blauer ***Papagei (*****Psittacus amazonicus** ***L.)****, der, wiewohl der gemeinsten einer, zwar ein schönes Gefieder zeigte, aber nicht den*

Depois disso, naturalmente vamos tratar do almoço. A casa do vizinho Camillo que provavelmente teria ido participar de um fandango, estava trancada. Então, na minha casa não havia mais do que um papagaio (*Psittacus amazonicus* L.)[152] morto, verde, vermelho e azul, como os demais da espécie, exibindo uma das mais bonitas plumagens, mas que não prometia ser o melhor assado. Um bom

[151] Aqui refere-se ao gaivotão (*Larus dominicanus* Lichtenstein, 1823) e à gaivota-maria-velha (*Chroicocephalus maculipennis* (Lichtenstein, 1823).

[152] *Psittacus amazonicus* Linnaeus refere-se, na verdade, a outra espécie: *Amazona amazonica* (Linnaeus, 1766) que não ocorre naquela região sendo, inclusive, pouco conhecida no Paraná. Platzmann queria indicar *Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1766), o que pode ser facilmente deduzido pela simples, porém, satisfatória descrição.

besten Braten versprach. Ein guter Magen kann viel vertragen. Rasch wurde zur That geschritten. Welche Federn lagen da bald umher! Vom zartesten Roth, vom tiefsten Blau, vom reinsten Grün und Gelb schillerten sie in anziehendem Farbenspiele. Ja es sollte mir auch ein Zugemüse werden, mir, der jetzt zum zweiten Male sich zum Schreiben hinsetzt und noch nicht weiter als 'Erster Pfingstfeiertag' gekommen war.

estômago pode suportar muitas e coisas e de imediato passamos à ação. Que penas, em seguida, se espalhavam pelo chão! Do mais delicado vermelho, do mais profundo azul, do mais puro verde-amarelo, apresentavam um furta-cor como atrativo jogo de cores. Sim, para mim deveriam ser legumes, para mim, que agora pela segunda vez sento-me para escrever e não cheguei mais longe do que rabiscar o 'Primeiro dia de Pentecostes'".

No capítulo *"Urwald im Regen"* a atenção é voltada para a saracura-três-potes (*Aramides cajanea*), da qual descreve o colorido e sua vocalização característica (p.208):

"Schweiss mit Regenwasser vermischt läuft in Strömen' vom Antlitz herab. In diesem Bereiche poetischer Naturanschauung, in diesen Gefilden, von denen man nicht weiss, ob die Nymphen des Süsswassers oder Neptuns fischschwänzige Tritonen sich in ihnen tummeln, gelingt es zuweilen als eigentlicher Zweck der Excursion ein ***Saracura (*Aramides cayennensis *Gmel.)*** *zu 'schiessen, olivengraue, flinke Schilfhühner mit rothen Beinen, braunrother Brust, gelbgrünem Schnabel und feurigrothen Augen. Ihr lauter schallender Gesang: 'tricoke—tricoke—tricoke—umpot—umpot—umpot', weckt mich seit Jahren und wird mir unvergesslich sein. Sie sind aber gewöhnlich klüger als der Jäger, dem es nicht so leicht wie dem listigen Jacare gelingt, eines wegzuschnappen. Weder von dem einen noch von dem andern eine Spur."*

O suor se misturava com a água da chuva e corria em torrentes pelas faces. Nessas áreas naturais de visão poética, nas quais não se sabe se as ninfas de água doce (ou tritões com rabo de peixe de Netuno) estariam por perto, sucede - às vezes - como o verdadeiro propósito da excursão, apanhar uma saracura (*Aramides cayennensis* Gmel.) de cor cinzento-olivácea, ágil galináceo pernalta de pernas vermelhas, peito acastanhado com bico verde-amarelado e olhos vermelhos-de-fogo. O canto: '*tricoke-tricoke-tricoke-umpot-umpot-umpot*',me acorda há anos e será algo inesquecível. Mas, elas são em geral mais espertas do que o caçador, pois não é fácil capturá-las, tal como faz o jacaré astuto. Nenhum rastro, nem de um, nem de outro."

Mais à frente, em "*Unterm Rancho am Felsen"* (p. 240-241), cita aves marinhas como biguás (*Phalacrocorax brasilianus*), fragatas (*Fregata magnificens*) e gaivotas, descrevendo inclusive a conhecida interação entre aves e

práticas pesqueiras, tão conhecidas no litoral paranaense (para revisão, *vide* Krul, 2004).

"Da waren es ganz gewiss Hunderttausende von schwarzen Seeraben, die, den ***Wasserspiegel*** *förmlich verfinsternd, herangebraust kamen, von zahlreichen kreischenden* ***Möven*** *und höher stolz einherschwebenden* ***Fregattvögeln*** *begleitet. Das war ein Geflatter! Das war ein Geschrei! Das war ein Schauspiel! Gerade als wenn man einem grossen Militairmanöver zusähe: bald Tausende hier, bald Tausende dort, die schwimmend, jene in einer Schwenkung auffliegend, jetzt niederfallend, nun kämpfend tauchend.*

Es galt augenscheinlich den Fischzügen, welche zwar zu entweichen suchten, aber immer wieder unter einem betäubenden Geplätscher und tausendfachem. Flügelschlage überholt wurden. Auch langbeinige ***Störche****,* ***Reiher*** *und* ***Ibisse****, denen die Zugfische selten zugute kommen, suchten von den Ufern her ihre Beute davonzutragen. "Peixes do fundo", Fische der Tiefe, nennt sie der Brasilianer und unterscheidet von ihnen den sedentairen Fisch, "peixe do baixio". Ein Hauptspass, der gar nicht enden wollte. Und den glänzend schwarzen, am nackten Kröpfe feuerrothen* ***Fregattvögeln*** *sah man so schön unter die weiss geschulterten Flügel, dass man jede Feder erkennen und den schön regulirten Flug nicht genug bewundern konnte. Es that mir leid zu schiessen, zumal cla es Sonntag war, sonst hätte es nicht schwer gehalten, einen dieser* **Tachypeten** *herunterzuholen, von denen nach früher vorgenommener Messung mir bewusst war, dass sie über sieben Fuss klafterten.*

Bei solchen Gelegenheiten giebt es der getödteten Fische, welche ihrer Grösse wegen in der Eile nicht verschluckt werden konnten, so viele, dass die Aeltern hinterher ihren Kindern gestatten, die

"Ali haviam certamente centenas de milhares de negros **corvos-marinhos**, que chegavam ruidosamente e literalmente escurecendo o espelho da água, acompanhados por numerosas **gaivotas** gritando e **fragatas** pairando orgulhosamente. Que vibração! Que algazarra! Que espetáculo! Assim como se estivéssemos assistindo a uma grande manobra militar: logo milhares aqui, agora milhares lá, ora flutuando, ora se lançando, ora caindo, mergulhando.

Era como se os peixes procurassem escapar mas, em um murmúrio ensurdecedor, sendo atacados por milhares de golpes de asas. Também pernaltas como **cegonhas**, **garças** e **íbis** se beneficiavam do momento, tendo as presas ao alcance nas margens, onde os peixes tentavam se refugiar. 'Peixes do fundo', ou peixes do fundo da água como chamavam os brasileiros, diferentes dos peixes sedentários, ou 'peixes do baixio'. Todos eles passando por um momento que parecia não terminar. E o vermelho vivo do papo nu das **fragatas** foi visto – assim como o belo branco das asas nos ombros – sendo possível reconhecer cada pena mas nunca suficiente para se admirar o seu majestoso voo. Desisti de atirar nelas, especialmente porque era domingo, caso contrário não teria sido difícil matar um desses *Tachypeten* [153] , o qual – pelas medidas tomadas anteriormente – deveria possuir mais de sete pés [cerca de 2,15 m] de envergadura.

Em tais ocasiões, abundam peixes mortos que, devido ao seu tamanho, não pode ser rapidamente ingerido; haviam tantos que os pescadores permitiam que seus filhos, na parte de trás das canoas, os recolhessem a bordo. A forma como se escreve a respeito disso é correta,

[153] Germanização de vocábulo, a partir do gênero *Tachypetes* de Vieillot, 1816.

übriggebliebenen todten im Canoe zu sammeln. Die Leute schreiben übrigens ganz richtig das massenhafte Verenden der Fische dem durch den allgemeinen Aufruhr im Wasser aufgewühlten Schlamme zu, der sich den Fischen in die Kiemen hänge und ihnen das Athmen unmöglich mache.

Auch an sterbenden Pelekanen — denn zu dieser Familie gehört sowohl der ***Biguä*** *(***Halieus brasilianus** *Licht.), als der* ***Fregattvogel*** *(***Tachypetes aquila** *Vieill.) — denen die scharfen Stacheln in den Flossen der Bagres (tropischer Welse) die Kehle aufgeschlitzt haben, fehlt es dann nicht. Der Ichthyophag selbst verachtet den* ***Biguä****, weil er ihm _ den Unterhalt erschweren und ganze Districte fischarm machen soll. Ob sich aber der* ***Biguä*** *viel darum kümmert, lasse ich dahingestellt sein. Soviel scheint mir festzustehen, dass beide diesen Sport aus Notwendigkeit betreiben, der eine, der Vogel, mit schärferen Augen und schnelleren Gliedmassen, der andere, der Mensch, mit minderem Geschick und weniger Glück.*

Fragst Du, wie er aussieht, der ungern gesehene Vogel? In seiner Art und vom unparteiischen Standpunkte gar nicht so übel. Alle Federn des dunklen bronzegrün schillernden Gefieders sind schwarz gerändert, wodurch dasselbe fast ein schuppiges Aussehen erhält. Die scharfen Augen schauen smaragdgrün drein: so nenne ich ein innerhalb seiner Umgrenzung hellerwerdendes reines Grün. Stattet nicht die Natur jedes ihrer Geschöpfe mit sowohl eigenthümlichen als in sich harmonischen Liebreizen aus?'

mostrando a morte em massa dos peixes pela turbulência feita pelo lodo na água. Esse resíduo, se aderido às brãnquias dos peixes, impossibilitam a respiração.

Mesmo os pelicanos – em cuja família inclui-se tanto o **biguá** (*Halieus brasilianus* Licht.) quanto a **fragata** (*Tachypetes aquila* Vieill.) [154] – podem morrer por terem os espinhos dos bagres (bagres tropicais) enfiados na garganta. Mesmo o ictiófago biguá o despreza, ainda que, com isso, seus sutento se torne difícil apenas com os outros peixes. Seja isso que acontece ou não, fica incerto, pois parece que não faz a eles a menor diferença. Parece muito claro para mim que aves e homens pescam por necessidade, mas as aves mediante grande agilidade e vista, enquanto o homem conta com menor habilidade e sorte.

Você quer saber como ele se parece? Do ponto de vista imparcial ele não é de todo mau. Todas as penas de sua plumagem são verde brônzeo escuras e iridescentes, demarcadas por preto, dando-lhe uma aparência escamada. Os olhos aguçados são de cor verde esmeralda, que é como eu poderia definir sobre um núcleo verde claro e puro que se vai clareando para as margens. Não teria equipado a natureza, cada qual de suas criaturas, com tamanha singularidade que as tornam harmoniosamente encantadoras?"

Depois dessa pequena revisão, percebe-se que uma análise mais profunda da obra de Platzmann passa a ser prioritária. Isso porque poderá trazer aspectos adicionais e elucidativos, gerando importante resgate de informações

[154] Refere-se ao *Tachypetes aquila* (*nec* Vieillot) de Wied, 1893, hoje *Fregata magnificens* Mathews, 1914.

sobre a avifauna e toda a natureza, geografia e do componente humano, social e cultural da região.

É de se mencionar que, do legado do naturalista alemão, uma contribuição mais concreta, agora no campo botânico, são duas espécies de bromélias descritas em sua homenagem. *Vriesea platzmanni*, descoberta por Édouard Morren [155], baseia-se em espécime colecionado por Platzmann na ilha das Peças em 1859. A descrição aparece no volume 23 (1875:349) da revista belga *La Belgique Horticole: Annales de Botanique et d'horticulture*, sendo citada na *Flora Brasiliensis* (vol.3:546-547). Já *Aechmea platzmanni* é de autoria de Ludwig Wittmack[156], surgindo no volume 13 (n°29:2 e 12) da revista alemã *Englers Botanische Jahrbüch der Systematischen Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie* de 1891.

No *Flora Brasiliensis* (vol.3:319), os autores equivocam-se quanto à localidade-tipo: "*Habitat in Brasiliae australis prov. St. Catharina in insulis sinus Paranaguensis: Platzmann...*" ("Ocorre no sul do Brasil, Província de Santa Catarina (*sic*) em ilha da baía de Paranaguá: Platzmann").

Platzmann, como já mencionado, foi um autor muito celebrado e mencionado em estudos de linguística, sendo que sua produção é considerada vasta, tendo sua obra investigada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1881). Destaca-se o "*Das anonyme Wörterbuch:Tupi-Deutsch und Deutsch-Tupi*", uma adaptação (642 páginas) para o alemão de um dicionário português-tupi-português anônimo, datado

---

[155] Charles Jacques Édouard Morren (1833-1886), nascido na Bélgica, foi professor de botânica e diretor do Jardim Botânico da Universidade de Liége entre 1857 e seu falecimento. Foi reconhecida autoridade no estudo das bromeliáceas, descrevendo várias espécies novas.

[156] Ludwig Wittmack (1839-1929), botânico de Hamburgo (Alemanha), foi professor de botânica nas universidades de Jena e Berlim e trabalhou no *Museum für Naturkunde* da Universidade Humboldt (Berlim).

de 1795 e por ele publicado em 1901[157]. Nesta obra, além de passar os vocábulos para os equivalentes germânicos, ainda oferece explicações sobre a geografia, história natural e superstições populares, enriquecendo sobremaneira o seu conteúdo (Gatschet, 1902). O livro, de apresentação facsimilar, possui duas partes e é, sem dúvida, uma fonte indispensável para historiadores e linguistas, pelo cuidado com que foi editado[158].

Julius Platzmann tinha grande interesse por obras antigas e pelo resgate de seus conteúdos. Foi ele, por exemplo, que publicou uma das primeiras versões facsimilares da obra de José de Anchieta[159], o clássico "*Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*" (1876), surgida dois anos depois de sua tradução alemã ("*Grammatik der brasilianischen Sprache, mit Zugrundelegung des Anchieta*") para a mesma obra (1874). O facsímile do clássico de Ruiz de Montoya de 1640 "*Arte de la lengua guarani e vocabulario de la lengua guarani*", também surgiu por sua iniciativa, em 1876 (Altman, 2009).

Grande parte da base linguística que obtivera quando retornou à Europa teria vindo do próprio botânico Carl von Martius: foi de suas próprias mãos que recebera os "*Glossaria Linguarum Brasiliensium*" (Martius, 1863), obra lexicográfica que gerou os recursos para a publicação do *Flora Brasiliensis*. Martius teria ficado "encantado com os desenhos primorosos de plantas da zona tropical, executados por ele" (Trevisan, 2002) e Platzmann, por sua vez,

[157] A primeira versão, porém, apareceu em 1896 e em português (Platzmann, 1896).
[158] Certamente por mero engano Rodrigues (2008) assim se refere a ele: "Por fim, não se pode esquecer de autores estrangeiros que, ao contrário de Hartt ou de Martius, pouca ou nenhuma ligação tiveram com o Brasil [!], como Cesare Poma, Julius Platzmann e Lucien Adam".
[159] A segunda e a terceira edições são dele: 1874 e 1876, ambas saídas em Leipzig pela casa B.G.Teubner.

interessado pela diversidade linguística do país que o acolheu por tantos anos.

Tomamos a liberdade de transcrever a parte introdutória do artigo de Carolina Michaelis Vasconcellos (1881:3-4), diretamente alusiva à presença de Platzmann no Paraná:

> *"Em 1858 partia para o Rio de Janeiro n'um navio de vela de Hamburgo um jovem naturalista, em condições especiaes para estudar, com a maior vantagem, os thesouros naturaes d'aquele immenso imperio. Formado n'uma universidade allemã, com conhecimentos já solidos nas sciencias naturaes, especialmente de botanica e zoologia, além d'isso dotado de um talento notavel para a pintura, e finalmente, com meios de fortuna, não lhe faltava nenhum requisito essencial para vencer brilhantemente a empreza. O nosso viajante assentou o campo na bahia de Paranaguá (entre o Rio de Janeiro e a colonia allemã D.Francisca), explorando d'ahi principalmente as* ilhas dos Pinheiros *e as* das Peças, *até que julgou conveniente fixar a sua residencia junto do pequeno rio Poraguara (onde comprou uma propriedade), a fim de proceder a uma cuidadosa exploração da fauna, e flora meridional do Brazil, cujos mysterios o haviam sempre fascinado. Durou este trabalho nada menos de seis annos. O seu talento de pintor revelou-se então n'uma serie de aguarellas deliciosas, notabilissimas pelo seu carater artistico e scientifico, pela elevada concepção esthetica e, ao mesmo tempo, profundamente verdadeira, fiel, d'aquella natureza excepcional. assim se explicam os louvores unanimes tributados a essas obras por artistas de primeira ordem, como Friedrich Preller (o auctor das illustrações á Ulyssea de Homero no Museu de Weimar), e os louvores de homens de sicencia eminentes como Martius, o celebre auctor da Flora Brasiliensis, como Tschudi, Avé-Lallemant etc., universalmente conhecidos pelos seus trabalhos scientificos sobre o Brazil – tal foi a fidelidade e a belleza com que o Dr. Platzmann reproduziu o mundo vegetal e animal d'aquellas regiões.*
>
> *Enquanto o pincel trabalhava, nem por isso a penna descançava. A sua familia recebia numerosas cartas, que accompanhavam os seus trabalhos artisticos,*

*como amplo comentario, em que um estylo summamente vivo e pittoresco amenisava as investigações scientificas mais rigorosas. Estas cartas, enriquecidas com cinco tratados especiaes, foram dadas á luz bastante tempo depois do regresso do auctor á alemanha em 1864. O exame d'esses tratados não é para aqui, todavia não deixaremos de apontar os serviços que elle prestou á sciencia da botanica nos seus estudos muito especiaes sobre certas familias (*Rhizophoros, Avicennios *etc.), não falando na coleccionação e classificação dos objectos mais raros de historia natural, de que trouxe admiraveis riquezas para a sua patria. O interesse do auctor não foi ainda completamente absorvido por estes trabalhos; á sua perspicaz intelligencia não escaparam os phenomenos linguisticos dos idiomas da America meridional e central, idiomas que constituem os instrumentos mais valiosos para uma justa apreciação da civilisação d'essas regiões, na época anterior ao domínio europeu".*

Infelizmente, seu espetacular livro sobre a Baía de Paranaguá até o momento não recebeu o cuidado e atenção por parte de pesquisadores de várias áreas do conhecimento. É ainda mais lamentável saber que o atual paradeiro de seus desenhos e pinturas permaneça totalmente ignorado aguardando-se, ao menos, que não tenham sofrido um destino trágico. Visto suas virtudes excepcionais de observador e artista, a tarefa para sua localização deveria ser considerada prioritária e não somente para a História Natural sul-brasileira como também para a História da Arte. Nossa tentativa de rastrear ao menos uma pequena parte de sua obra iconográfica foi malograda, não obstante os esforços movidos junto a vários acervos documentais e museológicos alemães[160] e que levaram a concluir que não

[160] A busca foi centrada em importantes entidades de arquivo e museus de arte de Leipzig e Dresden, graças a esforço e pesquisas pessoalmente feitas por Hans Jacobs, Birgit Ohlhof, Gerd Spitzer, Carlos Roberto Maciel Levy, Birgit Thiemann e Kerstin Fuhrmann. As instituições pesquisadas foram: o *Stadtarquiv* (Leipzig), o *Museum der bildenden*

há, aparentemente, nenhum material produzido por Platzmann nessas instituições. Tristemente sugestivo seria admitir que tais obras estivessem sob a guarda de alguma entidade em Dresden e de alguma forma supositivo imaginar que pudessem ter sido destruídas durante o absurdo bombardeio à cidade, ocorrido, em fevereiro de 1945.

Certo, porém, é que Platzmann expôs seus quadros em algumas ocasiões, mas não se sabe ao certo se para vendê-los ou simplesmente exibir sua arte[161]. Ao retornar à Europa, por exemplo, ele fez uma mostra das pinturas durante o Congresso de Botânica realizado em maio de 1866 no *South Kensington Museum* (Inglaterra) que, inclusive, teve o notável botânico Augustin Pyrame de Candolle (1778-1841) como presidente. Essa passagem é brevemente relatada no editorial da *The Journal of Horticulture,Cottage Gardener, and Country Gentleman* (vol.10, nova série; p. 397): "*The following works were laid on the table:* [...] *...some exceedingly beautiful water-colour drawings, with analyses of flowers; by Mr. Julius Platzmann, of Leipsic...*"..

Künste (Leipzig), o *Naturkunde Museum* (Leipzig), *Stadtgeschichliches Museum* (Leipzig), a Biblioteca Central da *Universität Leipzig,* o *Staatliche Kunstsammlungen* (Dresden). O *Staatliche Ethnographische Sammlungen Sachsen* (*Museum für Völkerkunde* de Dresden), por sua vez, contém registros de doações de Platzmann, a saber: uma coleção de cerâmica chinesa (registrada no acervo em 1883) e publicações e duas fotos de sua autoria (1889). Esse material encontra-se desaparecido.

[161] Ele mesmo relata a venda de algumas de suas pinturas em Paranaguá, durante uma exposição na Câmara Municipal (Platzmann, 1872:79).

1858

EMMANUEL LIAIS

EMMANUEL LIAIS (n. Cherbourg-Octeville, França: 15 de fevereiro de 1826; f. Cherbourg-Octeville, França: 5 de março de 1900) foi, além de naturalista amador e explorador, um astrônomo que se destacou na história do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. Membro de uma rica família ligada à engenharia naval, dedicava-se a observações meteorológicas e astronômicas, produzindo relatórios e publicando artigos. Segundo consta, um desses documentos chegou às mãos do influente político e astrônomo amador François Jean Dominique Arago que o indicou a Urban Jean Joseph Le Verrier (1811-1877)[162], então chefe do Observatório de Paris. Graças à sua competência, Liais foi logo admitido na entidade, primeiro como astrônomo-adjunto e, em 1856, como titular. Nesse tempo, dedicou-se ao estudo do clima, sedimentando as bases técnicas para a Meteorologia e tendo criado a Sociedade de Ciências Físicas e Naturais de Cherburgo[163].

Sua ligação com o Brasil iniciou-se em 1858, quando se dirigiu ao país "*por conta própria, junto com sua esposa, munido apenas de uma carta de recomendação do ministro da Instrução Pública da França*" (Barboza, 2010) ou,

[162] Le Verrier era especialista em mecânica celeste e ficou conhecido por ter descoberto o planeta Netuno.
[163] Um estudo profundo sobre sua contribuição às ciências está sendo preparado por Christina H. da M. Barboza (2012, *in litt*.).

segundo Faye (1859), motivada por uma “..*mision cientifica por el ministro de Instruccion publica y de Cultos*” da França.

Parece que por mero acaso, mas logo depois de ter desembarcado no Rio de Janeiro em 27 de julho, foi convidado pelo Imperial Observatório a participar como voluntário de um grupo que estava seguindo para a Baía de Paranaguá, a fim de estudar um raro fenômeno de eclipse total do sol.



Emmanuel Liais (1826-1900), no frontispício da segunda edição de seu livro “L’éspace celeste” (Fonte: Liais, *circa* 1865]

Essa expedição há algum tempo estava sendo planejada. Em meados de 1858, o Imperial Observatório brasileiro já se animava com a previsão do fenônemo, que ocorreria precisamente no dia 7 de setembro daquele ano e poderia ser visto, acompanhado e estudado por uma equipe habilitada, com algum planejamento.

Tratava-se de um momento importante, que poderia sedimentar definitivamente o Brasil como participante do cenário científico mundial da Astronomia. Afinal, como se sabe, o primeiro evento desse tipo observado cientificamente na América do Norte, deu-se apenas em 18 de julho de 1860 (Todd, 1894) e, com efeito, a primeira observação inglesa para sua observação teve lugar somente em 1893, por uma parceria entre a Sociedade Real de Atronomia, a Royal Society e o Observatório de Física Solar de South Kensington (Barboza, 2010); de acordo com essa mesma autora (citando textualmente Pang, 2002): "*não era muito fácil obter apoio estatal para a ciência nas décadas de 1840 e 1850, e eclipses não eram objetos científicos muito atraentes* [...] *em um período em que a mecânica celeste dominava a pesquisa científica*".

Segundo Barboza (2007): "*Os planos de trabalho e os resultados obtidos pela expedição brasileira foram registrados em relatório oficial e na narrativa individual de Liais, esta última publicada nos* Comptes rendus *da Academia de Ciências de Paris. Seu principal objetivo era observar a coroa, as protuberâncias e as manchas solares, em consonância com os avanços da astrofísica europeia na época. Em linhas gerais, os brasileiros combateram a tese de que as protuberâncias solares eram de algum modo provocadas pelas manchas solares, pelo que receberam a aprovação da Academia Francesa. Fato igualmente digno de nota na Academia, devido ao seu pioneirismo, Liais obteve cerca de uma dúzia de fotografias do eclipse, e só não conseguiu uma imagem da totalidade porque esta teria terminado antes do tempo previsto*".

Pode-se, ainda, afirmar que a produção bibliográfica gerada pela expedição foi razoável, embora os títulos brasileiros mantenham-se confinados a revistas de pequena

circulação e de difícil acesso (para uma revisão bibliográfica profunda, ver Barboza, 2010:277-278).

Dessa forma, pelos esforços pessoais da instituição e interesse particular do imperador Pedro II, formou-se uma missão, especialmente destinada à observação do fenômeno. O grupo foi liderado por Antônio Manuel de Mello (1802-1866), com o apoio de Cândido Batista de Oliveira (1801-1865) além de Liais e mais quatro oficiais do exército que participaram como ajudantes: "*...MM. les capitaines F.-D. Nunes* [Francisco Duarte Nunes], *B. da Silva Barauna* [Brasílio da Silva Baraúna], *R.-E. -G. Galvao* [Rufino Enéas Gustavo Galvão] *et M. le lieutenant J.-F. Coelho* [Jerônimo Francisco Coelho]" (Liais, 1858:787). Além desses, d'Oliveira *et al.* (1859:274) ainda inclui "Francisco George da Silva Araújo", omitido por Liais na relação mas apontado em diversas passagens ao longo da sua publicação, inclusive como coautor.

Mello era conselheiro do império e coronel do corpo de engenheiros e, naquela época, exercia o cargo de diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro. Teve participação importante na história do exército e também na política contemporânea. Foi professor da Academia Militar, diretor da casa de fundição de ferro em Ipanema (hoje Iperó, São Paulo; vide Straube, 2012), diretor do arsenal de corte, ministro da Guerra, deputado provincial por São Paulo e comandante de artilharia durante a Guerra do Paraguai.

Oliveira, por sua vez, era engenheiro e senador pelo Ceará, além de membro e conselheiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. De currículo extenso, formou-se em matemática e filosofia pela Universidade de Coimbra (Portugal), tornando-se – como Liais – aluno de Arago. Deputado pelo Rio Grande do Sul, residiu na qualidade de diplomata, na Itália, Rússia e Áustria e foi inspetor geral do Tesouro Nacional, além de ministro da Fazenda e de

Estrangeiros. Professor da Escola Militar, passou a ministro da Marinha tendo, na ocasião, criado o grupo de fuzileiros navais. Autor de várias obras de literatura, política e economia, foi também presidente do Banco do Brasil e diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Para atender a todas as necessidades desse seleto e habilitado grupo, o império enviou dois navios de sua frota, a corveta Pedro II e a canhoneira Tyetê, bem como suas respectivas tripulações. Liais (1858) menciona textualmente a participações dessas pessoas, destacando-as inclusive pela colaboração destinada ao sucesso da empreitada.

Com base em sua obra, mais nas informações complementares de d'Oliveira *et al.* (1859), arrolam-se os seguintes integrantes[164]: a primeira embarcação (Pedro II), quem comandava era o capitão-de-corveta "T. -R. de Brito", tendo como imediato "C.-A.-N. d'Azambuja" e o apoio dos oficiais administrativos, o comissário "F. de Senna Pereira" e o escrivão "F.-D. da Mota França". Nesse navio estavam também presentes o conselheiro Mello e Liais, com sua esposa, a senhora Margaritha van Kranenbroeck. Já a canhoneira a vapor contava com o comandante "C. P. de Vasconcellos", o sub-comandante "A. Neto de Mendonça" e o senador Oliveira[165].

---

[164] Um detalhe que parece ter passado em branco nas pesquisas históricas consultadas e que merece de antemão ser tratado, alude ao fato de ter existido um grupo ainda maior de intercâmbio que fora especialmente constituído por ocasião do evento. Havia, de fato, além da comissão que chegou a Paranaguá, outros dois pontos de observação, um no Rio de Janeiro, outro em Pernambuco. Na capital do Império, os registros foram procedidos no palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista (hoje sede do Museu Nacional) (d'Oliveira *et al.*, 1859:277). Foram colhidos pelo dr. "J.-F. de Castro-Leal" [José Francisco Castro Leal], auxiliado por "J.-B. da Silvo" (*sic*) e "G.-E. de Almeida Bomfim". No Recife, as anotações foram feitas no recém-inaugurado observatório astronômico (Torre Malakoff, do Arsenal da Marinha) ou "*observatoire de marine de Pernambuco*", segundo Liais (1858:788) por "E.-A. dos Santos, M.A. Bital (*sic*) de Oliveira, et M.A. Viegas junior".

[165] Leia-se Teotônio Raimundo de Brito, que d'Oliveira *et al.* (1859) grafa "Chrotonio Raymundo de Birto", evidente erro tipográfico; também Carlos Augusto Nascentes

Segundo Liais (1858:787), o grupo deixou o Rio de Janeiro em 18 de agosto (às quatro horas da tarde, segundo Liais, 1865:152), chegando em Paranaguá dois dias depois (portanto a 20 de agosto de 1858), após vencer uma tempestade durante a noite (Liais, 1865; d'Oliveira *et al.*, 1859). Essa datação, rica em detalhes, poderia gerar algum confronto com as fontes de Barboza (2010:279), baseada em periódicos cariocas locais:

> *No Rio de Janeiro, sede do Império, os leitores do "Jornal do Commercio" e do "Diário do Rio de Janeiro" acompanhavam toda essa movimentação com algum atraso, lendo as notícias que chegavam do interior* **[ou seja, Paranaguá]** *pela correspondência:*
>
> > *'O senador Candido Batista* ***chegou a este porto no dia 4*** **[de setembro]** ***à noite****, a bordo da canhoneira Tyetê, acompanhado do major Coelho, filho do atual ministro da guerra.*
> >
> > *S. Ex., depois de haver recebido os cumprimentos das autoridades e pessoas gradas do lugar, desembarcou no dia seguinte, às 3 horas da tarde, e veio hospedarse na mesma casa em que já estava o conselheiro Mello, à rua da Boa-Vista.*
> >
> > *Nessa casa teve lugar o baile em festejo ao dia 7, dado a expensas da subscrição popular, agenciada primeiro pelo Dr. Francisco José Corrêa; e depois por outros, e cujas*

Azambuja, Francisco de Paulo Senna Pereira, Francisco Dias da Mota França, Caio Pereira de Vasconcelos e Augusto Neto de Mendonça.

maiores assinaturas não excederam trinta mil réis, havendo muitas de cinco réis.

Diz-se que mesmo assim sempre arranjaram uns novecentos mil réis, o que duvido; mas, novecentos que sejam, já vê Vm. que o baile não podia ser lá essas coisas, quanto mais digno do alto objeto a que o dedicaram, o da presença de cortesãos! (Carta, 1858a)'".

Ocorre que a comissão, nomeada oficialmente em 6 de agosto de 1858 (Liais, 1858:786; d'Oliveira *et al.*, 1859), partiu do Rio de Janeiro em duas datas distintas. O grupo embarcado na Pedro II chegou, como dito, em Paranaguá já em 20 de agosto, mas a tripulação do Tyetê foi se unir aos demais apenas em 4 de setembro, aspecto que é inclusive apontado por d'Oliveira *et al.* (1859:275).

Na data comemorativa da independência, a população local se cotizou para a organização de uma grande festa "popular", tanto para celebrar a efeméride, quanto para saudar o agora completo grupo de cientistas. É de se mencionar que as descrições resgatadas por Barboza (2010) acerca das festividades do 7 de setembro em Paranaguá, são absolutamente realistas, inclusive com nomes de personalidades conhecidas na história do Paraná.

A celebração desse aniversário da independência em especial, no âmbito paranaense, é pouco conhecida, mas, em diversas obras são apontados detalhes muito semelhantes àqueles descritos por Barboza (2010). Em Curitiba, por exemplo, o próprio Avé-Lallemant (1859) dedica várias páginas para descrever o enorme baile organizado no então Liceu de Curitiba (*vide* também E. C. Straube, 1993), para o

qual foi convidado, reunindo informações valiosas sobre os procedimentos protocolares festivos adotados nessa data comemorativa.

Interessante notar que ao chegarem em Paranaguá, Oliveira e Mello se instalaram na casa do "comendador Guimarães", na rua da Boa-Vista (Barboza, 2010). O anfitrião ninguém mais era do que Manuel Antônio Guimarães (1813-1893), um dos mais ricos comerciantes da região, depois condecorado barão e Visconde de Nácar, e que, de fato, era presidente da Câmara Municipal parnanguara em 1858. O seu palacete na então rua da Boa-Vista (hoje rua Visconde de Nácar) era um símbolo da aristocracia local, tendo servido de sede do governo, ao tempo em que Paranaguá foi capital da província. Não à toa foi ali que Pedro II com Teresa Cristina e o Conde d'Eu com a princesa Isabel ficaram hospedados, respectivamente em 1880 e 1884.

O assunto que importa efetivamente para a história do Paraná é, no entanto, a identificação dos sítios selecionados para o trabalho efetuado pela expedição. Referimo-nos a isso pelo simples fato desses locais terem sido pouco mencionados, na literatura especializada e, de certa forma, simplesmente omitidos nas revisões surgidas até então. Mas a questão parece ser de capital importância, especialmente porque, segundo Barboza (2010): "*...a preocupação dos astrônomos em 1858, logo após a chegada em Paranaguá, foi a determinação do ponto central 'exato', dentro da faixa de totalidade, onde deveria ser montado o observatório provisório*".

Liais (1858) assim se refere aos primeiros dias de trabalho em Paranaguá:

"*Le 27 Août, on s'occupa de l'établissement, em outre de*	"Em 27 de agosto, ocupamo-nos com o estabelecimento do

l'observatoire central, de deux stations situées l'une vers la limite nord, l'autre vers la limite sud de la bande de l'eclipse totale. Le but de ces stations était de connaître les phénomènes qui pourraient se passer tout près des bords du soleil placés sur um diamètre perpendiculaire à la marche apparente de la lune"	observatório central, além de duas estações, uma delas localizada na fronteira norte, outra no limite sul da faixa do eclipse total. O objetivo dessas estações foi identificar elementos que poderiam acontecer perto das bordas do sol, quando posicionado sob o diâmetro perpendicular na marcha aparente da lua".

O assim tratado observatório central pôde ser precisamente identificado por Barboza (2010) como a cidade de Paranaguá e, de acordo com os cálculos de Liais (1858), as coordenadas seriam "*25°30'33,2 S de latitude sud et 50°47'23" de longitud ouest de Paris*". Com base nessas informações (e na correção aproximada de longitude a partir de Greenwich-Paris), chega-se a 25°30'33,20"S e 48°27'35,00"W, o que corresponde com grande precisão à cidade de Paranaguá, exatamente na foz do rio Itiberê, quase defronte à ilha da Cotinga.

Esse local foi mais ou menos escolhido com alguma antecedência. Isso porque, logo ao fim de julho de 1858, o coronel Mello apresentou ao governo imperial uma lista com seis pontos favoráveis à observação, havendo-se já de antemão selecionado a histórica cidade portuária paranaense como estação central das atividades (d'Oliveira *et al.*, 1859). Mas não foi tão simples assim. Em 4 de agosto, o astrônomo inglês Richard Christopher Carrington (1826-1875) interveio junto a Liais e, com base nas recém criadas tábuas lunares de Hansen, chegou a resultados diversos daqueles apresentados por Mello. A questão criou um certo impasse, mas embora os cálculos de Carrington indicassem uma linha central do fenômeno pouco mais a sul do que o estimado, prevaleceu mesmo a opinião do diretor do observatório

(d’Oliveira *et al.*, 1859). Essa decisão, uma vez finalizado o trabalho de campo, acabou sendo provada como a mais acertada, apesar de alguns desencontros nos resultados, talvez de ordem metodológica e associados à participação de Azambuja (Faye, 1859:323).

O ponto exato foi uma chácara (ou “*maison de campaigne*” seg. Liais, 1856:158) situada na beira da baía de Paranaguá, uma propriedade de Carlos Tobias Rechsteiner que, segundo Boutin (1971), era um médico suíço formado em medicina cirúrgica pela Real e Imperial Universidade de Viena. Residente em Paranaguá, ele participou, sob o comando de Wilhelm Krebs, dos trabalhos de combate à epidemia de febre amarela que grassava no litoral do Paraná, campanha essa que tinha como líder (ou “*commissario vaccinador provincial*”, seg. Cardoso, 1860) o médico José Cândido da Silva Murici (Costa, 2009). Algum tempo depois, radicou-se em Florianópolis e, depois, em Blumenau (precisamente em 1872), tendo portanto sido sucessor – na qualidade de médico – do famoso naturalista Fritz Müller; faleceu por volta de 1873 [166].

Esse lugar foi escolhido em 23 de agosto que, segundo consta, foi o primeiro momento de bom tempo desde a chegada da equipe. Para d’Oliveira *et al.* (1859:274), as coordenadas desse ponto diferiam um pouco daquelas estimadas por Liais: “*...longitude ouest de Greenwich 48°26’58”95 et une latitude sud de 25°30’33”24 il correspond a la maison de campagne du Dr. Suisse C.F.Reichsteiner* [sic], *situé au bord de la mer*”.

Para as observações, iniciadas já às primeiras horas do 7 de setembro, procedeu-se uma verdadeira divisão de tarefas entre os integrantes, fossem eles astrônomos ou

[166] De acordo com a homepage do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (http://www.arquivodeblumenau.com.br/pesquisa.php?id=14033), acessado em 7 de novembro de 2012.

militares entusiastas. D’Oliveira *et al.* (1859:275) descreve a situação com detalhes ricos e valiosos:

“Le 7 Septb. à 6^h du matin, les instrument furent posés sur leurs montures et à leurs places antérieurement préparées et essayées, et quoique le ciel fut toujours couvert de nuages. Vers 7^h la pluie tomba pendant quelques minutes sur les instruments astronomiques.

A partir de cet instant le tempos s’améliora et s’éclaircit et les observations attendirent le phénomène dans la disposition suivante:

A l’extrémité ouest du jardin M. de Mello observait avec la lunette de l’equatorial de Rio montée parallactiquement à la station mème. Cet instrument étai muni d’um micromètre de position. Près de lui, M. Nunes observait avec um theodolite de Gambey, et M. Pinheiro de Vasconalles [sic] *avec um sextant. A promimité de ces observateurs M. Neto lisait le chronomètre.*

A quelques pas du grand équatorial, M. C. B. d’Oliveira observait avec um chercheur de comète monté équatorialement. Um peu plus loin M. Coelho se servait d’une lunette double. Près de lui, M. Senna Pereira observait le pyrehéliomètre et l’actinomètre”

"A 7 de setembro, às 6:00 h da manhã, os instrumentos foram colocados em seus tripés nos lugares anteriormente preparados e testados, embora o céu ainda estivesse nublado. Por volta de 7:00 h, uma chuva caiu por alguns minutos sobre os instrumentos astronômicos.

A partir deste momento, o tempo melhorou e o céu limpou e as aguardadas observações foram realizadas com a seguinte disposição:

No extremo oeste do jardim, o Sr. Mello observava com o telescópio à equatorial do Rio montado paralacticamente à mesma estação. Este instrumento estava munido de um micrômetro de posição. Ao lado dele, o Sr. Nunes observava com um teodolito de Gambey e o Sr. Pinheiro de Vasconcellos com um sextante. Próximo desses observadores, o Sr. Neto lia o cronômetro.

A poucos passos do grande equatorial, o Sr. C. B. d’Oliveira observava com um “*chercheur de comète*”[167] montado equatorialmente. Um pouco mais longe, o Sr. Coelho servia-se de uma luneta dupla. Ao lado dele, o Sr. Senna Pereira observava o

[167] Telescópio potente, provido de lente grande angular.

Vers l'extremité Est de la station, M. Liais se servait d'um instrument parallactique composé de 4 lunettes parallèles de telle sorte que quand le soleil était au millieu du champ de l'une d'elles, il fût au centre de toutes les autres. L'une de ces lunettes de 2^{m}184 de foyer pouvait recevoir um chassis photographique.

Une autre renfermait des divisions etc la même monture portait um photométre. Près de lui M. Liais avait une collection de polariscopes, um théodolite, um appareil pour les raies du spectre, et um chronomètre.

Enfin un peu en arrivée, et dans l'ombre de la maison, M. Martins observait le barómetre, le thermométre frontes et le psychrométre fronde".

piroheliômetro e o actinômetro.

Na extremidade leste da estação, o Sr. Liais estava usando um instrumento paralático composto de quatro telescópios paralelos, lentes de modo que, quando o sol estivesse no meio do campo de um deles, podia ser visto no centro de todos os outros. Um desses telescópios de 2^{m}184 estava adaptado a receber um chassi fotográfico.

Em outro ponto, a mesma montagem portava um fotômetro. Ao lado dele, o Sr. Liais contava com uma coleção de polariscópios, um teodolito, um dispositivo para as linhas espectrais e um cronômetro.

Finalmente, na sombra da casa o Sr. Martins observava o barômetro, termômetro e o psicrômetro".

Tal como a central, as duas outras estações também podem ser razoavelmente bem identificadas. Isso porque Liais (1858) fornece claramente os seus nomes e posições geográficas: "*La première station fut fixée à l'île dos Pinheiros, distante d'environ huir lieues de l'observatoire central et aisutée par la latitude de 25°23'24" sud et la longitud de 50°36'16"* [...]. *La seconde station étai située à Campinas, au delà des montagnes, par 25°30'11" de latitud sud et la longitude de 51°11'1"* ". Corringindo-se as longitudes a partir de Greenwich-Paris, teríamos: 25°23'24"S e 48°18'14"W para a ilha do Pinheiro e 25°30'11"S e 49°31'08"W para Campinas.

De acordo com d'Oliveira *et al.* (1859:274, 276), a descrição e localização dessas localidades e demais dados sobre o momento do eclipse são as seguintes:

"1. Une station a Campinas position située a dans les montagnes voisines à la distance d'environ 12 lieus à l'ouest de l'observatoire centrale et à la limite australe de la bande de l'eclipse totale. [...] *A la station de Campinas située par 25°30'11" de latitude S. et d'après le chronomètre à 23'37"S à l'O. de la station central, ou 5°43'30"45 à l'O. de Rio de Janeiro le 1. Contact intérieur e au lieu à 10h59m5s. Malheureusement l'heure du chronométre n'a pas été determinée le jo mème de l'eclipse, le soleil ne s'étant montré que de cour instants au moment de l'obscurité totale et vers le dernier contact.*

2. Une station à l'Ile de Pinheiros distante de l'observatoire central d'environ 8 lieues et près de la limite boréale de la bande de l'ombre.[...] *A Pinheiros par la latitude 25°23'34"S à l'est de la station centrale ou 5°8'46"45 à l'ouest de Rio de Janeiro (longitude rapportée à celle de la station centrale à l'aide du chronomètre dans l'espace d'um seul jour) le 1. Contact a été observé à* $9^h36^m13^s$ ".

1. Uma estação foi localizada em Campinas, situada em torno de uma cadeia de montanhas à distância de cerca de 12 léguas a oeste do observatório central e no limite austral da faixa do eclipse total. [...] Na estação de Campinas, localizada a 25°30'11" de latitude S[ul] e, de acordo com o cronômetro, a 23'37"S a oeste da estação central (ou 5°43'30" a oeste do Rio de Janeiro) o primeiro contato interior ocorreu às 10h59m5s. Infelizmente, no momento do eclipse, não foi possível usar o cronômetro [pois] o sol não se mostrou, alternando momentos de escuridão total até o último contato.

2. Uma estação na ilha do Pinheiro distante do observatório central por cerca de 8 léguas e quase na ponta boreal da faixa de sombra. [...] [Na ilha do] Pinheiro, a uma latitude de 25°23'34"S a leste da estação central ou 5°8'46" a oeste do Rio de Janeiro (longitude relatada à estação central, utilizando o cronômetro), o primeiro contato foi observado às 9h36m13s.

Algo que Liais (1858) não menciona, mas que é lembrado por d'Oliveira *et al.* (1859:275) refere-se a uma quarta estação de observação:

"3. Une station à bord du Pedro II. Placé à 200 brasses N.N.E. de l'observatoire centrale".	3. Uma estação a bordo do Pedro II, ancorado a 200 braças NNE do observatório central.

Essa é a razão pela qual Faye (1859) refere-se ora a três, ora a quatro estações de observação; esse mesmo autor chegou a sumarizar os dados obtidos em tabela, mostrando inclusive várias discordâncias nas coordenadas geográficas e horários oficiais do evento (cf. Liais, 1858; d'Oliveira *et al.*, 1859), o que pode ser notado também pelas impressões de Platzmann, como se verá adiante.

	Estacion de Campinos.	Estacion central.	Estacion dos Pinheiros.
Longitud contada al O. de Rio...	5°43'30'',45	5°19'52'',95	5°8'46'',45
Latitud (austral)...	—25 30 11	—25 30 33 ,24	—25 23 34 ,5
1.er contacto exterior.......	Nubes.	Nubes.	9h36m13s
1.er contacto interior.......	10h59m5s	11h 0m24s,8. De Mello. 11 0 24 ,8. Nuñez. 11 0 21 ,3. D'Azambuja.	11h 1m16s,21
2.o contacto interior.......	10 59 6 (1)	11 1 33 ,3. D'Azambuja.	11 1 46 ,2
2.o contacto exterior.......	0 25 5	0 28 32 ,8. De Mello. 0 28 32 ,8. Nuñez. 0 28 40 ,6. Liais. 0 28 40 ,4. D'Azambuja.	Nubes.

Tabela contendo as coordenadas geográficas e horários do eclipse total do sol em 1858 em cada uma das estações, com base nos observadores (Faye, 1859, baseado em Liais, 1858).

O topônimo denominado “Campinas” é mais comumente tratado por Campina nas fontes históricas tradicionais. Conhecido desde as primeiras décadas do Século XVIII (Moreira, 1975), o local é mencionado inclusive pelo ouvidor Raphael Pires Pardinho (Pardinho, 1721). Sua localização é geralmente confundida com o também histórico lugarejo chamado Borda do Campo (por essa razão eventualmente tratada como “Campina da Borda do Campo”) que, nas palavras de Ermelino de Leão (1924-1929), foi um dos primeiros povoados do planalto curitibano, compondo uma estância de propriedade de Baltazar Carrasco dos Reis já em 1697. Toda essa região (hoje entre os municípios de Piraquara e Quatro Barras) era conhecida, até meados do Século XIX, como “fazendas da Borda do Campo”, exatamente por situar-se nos limites das paisagens planálticas (campos naturais) com as florestas da Serra do Mar. Esse lugar era cruzado pelo famoso “Caminho do Itupava” (caminho colonial que ligava Curitiba ao litoral), entre a Borda do Campo e o morro Pão de Ló.

Campina situa-se a cerca de 6 km a nordeste da sede municipal de Piraquara, no sopé planáltico da Serra da Boa Vista (uma subdivisão da Serra do Mar), perto do interflúvio das bacias hidrográficas do Iguaçu e Atlântica. Sua localização geográfica é aproximadamente 25°24’32”S e 49°02’21”W a cerca de 900 metros de altitude, nas adjacências da Barragem do Iraí e do acesso do Morro Anhangava.

Lembramos que, no tempo do tropeirismo, “o problema da obtenção de recursos financeiros que garantissem a normal conservação dos caminhos, notadamente da estrada do Itupava, pela qual circulava quase a totalidade de pessoas e mercadorias entre o litoral e

o planalto, constituia permanente preocupação dos vereadores das câmaras da Comarca" (Moreira, 1975). Devido a isso, propôs-se a instituição de um tributo voluntário a ser pago pelos usuários dos percursos que desciam ao litoral e que eram posicionados estrategicamente em pontos de parada costumeira, recebendo o nome de registros, postos ou barreiras. A barreira da Campina (ou Campinas) era um desses postos, tendo sido visitada por naturalistas viajantes oitocentistas como Johann Natterer e Auguste de Saint-Hilaire (Straube, 2012), mas também o explorador polonês Arkady Fiedler (Straube & Urben-Filho, 2006).

É exatamente ali naquela região que os irmãos André e Antônio Rebouças (*circa* 1871) estabeleceram uma manufatura de barricas, feitas com madeira de pinho especialmente para o transporte de erva-mate, em substituição às caras embalagens (surrões) de couro. Nesse local, os famosos irmãos engenheiros também criaram a primeira iniciativa madeireira no Paraná, a Companhia Florestal Paranaense que, diga-se de passagem foi visitada e descrita pelo explorador inglês Thomas P. Bigg-Wither (1878:73).

Para a expedição de 1858, o grupo de estudiosos do Imperial Observatório ficou hospedado na casa do major Vicente Antônio Rodrigues Borba e sua esposa, a uruguaia Joana Hilária Morocines, pais dos famosos sertanistas Jocelin, Telêmaco e Nestor Borba (vide adiante).

Segundo d'Oliveira *et al.* (1859:274), os responsáveis pela observação do eclipse nesse local seriam os capitães Brasílio da Silva Baraúna e Rufino Enéas Gustavo Galvão que para lá se dirigiram em 31 de agosto de 1858, portanto sete dias antes da ocorrência do fenômeno. Esse adiantamento com relação aos demais é facilmente compreendido, em razão da penosa subida e transposição da

Serra do Mar naquele trecho, bem conhecida de todos os viajantes que por ali passaram (vide descrição de Johann Natterer em Straube, 2012).

Provavelmente os coordenadores da comissão previram que um posto avançado na região próxima à Serra do Mar poderia ser interessante em virtude de uma posição geográfica privilegiada pela altitude. Algo com o que eles não contavam, no entanto, eram as condições climáticas do local, frequentemente sujeito a chuvas e com uma enorme prevalência de nevoeiros e densa nebulosidade ao longo do dia.

Por essa razão, a estação de Campinas é pouco mencionada nas descrições de Liais (1858) e d'Oliveira *et al.* (1859), com destaque para certas passagens esclarecedoras: "*A Campinas, le phénomène a été tellement instantané et l'atmosphère si peu favorable, , que la couronne n'a pu ètre décrite*"[168] . E, também (d'Oliveira *et al.*, 1859:298): "*A Campinas um vent d'E. faible a régné dès le matin et amoncelait les nuages dans les montagnes. Les nuages ont caché le 1. contact. Une éclaircie s'est formée seulement pour la totalité et le dernier contact*"[169] .

Bem da verdade, como se sabe, o mau tempo parecia ser condição para o já previsto malogro da expedição astronômica. E isso se deu mesmo em Paranaguá onde, logo às primeiras horas do dia do eclipse, choveu copiosamente até menos de duas horas antes do fenômeno, quando o céu se abriu. Se tal era a condição no litoral, pode-se prever facilmente que – no planalto contíguo à Serra do Mar – o aspecto climático deveria ser ainda menos animador. E isso, agora, faz sentido se relembrarmos a descrição de Avé-

[168] "Em Campinas, o fenômeno foi tão instantâneo e as condições atmosféricas tão desfavoráveis, que a coroa não pôde ser descrita".

[169] "Em Campinas um vento leste reinou durante toda a manhã, amontoando nuvens nas montanhas. As nuvens encobriram o primeiro contato. Melhoras das condições ocorreram somente a partir dos últimos contatos".

Lallemant, que estando em Curitiba, necessitou ficar recluso aos seus aposentos no momento do eclipse.

Junto à necessária identificação do local definido para a terceira estação indicada, parece importante relacionar uma outra fonte bibliográfica, já exaustivamente abordada acima. É a descrição, por Julius Platzmann, de seu encontro com a delegação de astrônomos no litoral do Paraná.

Essa discussão cruzada é relevante porque na literatura corrente encontramos, além do apresentado na obra de Platzmann, poucos e mal fundamentados indicativos sobre o local onde ocorreram as observações astronômicas [170], de forma que esse resgate pode ser interessante, mesmo para a história brasileira da Astronomia. Para fins de reconstituição histórica, a transcrição da passagem (Platzmann, 1872:23-27) é a seguinte[171]:

"Kaum hatte ich Zeit gehabt, mich an dieses Leben zu gewöhnen, kommt in der fashionabelsten Schaluppe, begleitet von einem Adjutanten und acht Matrosen, der Commandant eines brasilianischen Kriegsschraubendampfers an, uns notificirend, dass dieses kleine Felseneiland das Centrum einer in zwei Tagen stattfindenden totalen Sonnenfinsterniss sei, und er im Auftrage Seiner Majestät diese seltene Himmelserscheinung zu beobachten habe. Ein Empfehlungsschreiben aus Paranagua empfahl ihn überdem, eine freundliche Rücksicht, unserer Fürsorge. Wir thaten unser Möglichstes, die Herren, welche sich sofort an ihre astronomischen Vorstudien machten, so gut wie möglich zu placiren, und hüteten uns selbstverständlich wohl sie zu

"Mal me tinha acostumado a essa vida, chegou uma moderna chalupa e, acompanhado por um ajudante e oito marinheiros, o comandante de um vapor de guerra brasileiro, a fim de nos comunicar que, essa pequena ilha rochosa é o centro de um eclipse solar, que deve ocorrer em dois dias e que ele teria sido incumbido por Sua Majestade de observá-lo. Uma ordem escrita de Paranaguá determinava que, enquanto isso, lhe prestássemos toda consideração e cuidados. Fizemos o possível para servir aos senhores o melhor que podíamos, procurando não incomodá-los. Imediatamente, eles se puseram a fazer seus estudos astronômicos. Os marinheiros – somente homens vistosos

[170] A própria *homepage* do Observatório Nacional (assim como a revisão de Todd, 1894), informa com sendo apenas "Paranaguá" (http://www.on.br; acessada em 28 de fevereiro de 2012), cidade que dista consideravelmente das demais estações.

[171] A tradução, com ligeiras adaptações, é de Francisco Lothar Paulo Lange, na edição em português de Platzmann (2010).

stören. Die Matrosen, lauter stattliche, grosse und starke Leute in weisser Kleidung mit breitem, auf die Achseln zurückgeschlagenen blauen Kragen, behalten sich selbst, fingen an Geschirr auszupacken und die Mahlzeiten zuzurichten. Wir kauften ihnen Hühner, Fische, Krebse, Eier und Bananen dazu, soviel wir einhandeln konnten. Es hätte dessen kaum bedurft, denn die Schaluppe war mit Allem versehen. Die Mannschaft zeichnete sich durch ihr kameradschaftlich flinkes Zusammenhantieren aus. Besonders that sich ein hoher, dicker Mulatte hervor durch seine Geschicklichkeit, mit wenig Utensilien vortreffliche Gerichte herzustellen. Ich sah ihn in Verachtung einer Schüssel und eines Ofens aus freier Hand auf einem im Feuer liegenden Orangenstamme ein Brod kneten, gestalten und backen, das in Form, Farbe und Geschmack einem aus einem Backofen gezogenen in Nichts nachstand.

Der Commandant und sein Adjutant bewahrheiteten die Ansicht, dass die gute Gesellschaft überall dieselbe ist. Sie arbeiteten sehr fleissig und machten vor jeder Mahlzeit Toilette. Die Unterhaltung wurde der gegenseitigen Bequemlichkeit halber französisch geführt. Die Herren wunderten sich nicht wenig, uns ganz allein auf der Insel zu finden. In ihren Händen befand sich eine Manuscript-Specialkarte der Bai von Paranagua, welche der Adjutant, ein blühender junger Mann von jener intacten Schönheit, die uns Sterblichen leider nicht vergönnt ist zu conserviren, mir abzuzeichnen erlaubte. Ich benutzte diese Permission in extremum und Hess nicht eher nach, bis ich ein vollständiges Ebenbild vollendet hatte. Mit einem Schlage würde mir durch dieses schätzbare Hülfsmittel die Orientirung in unseren complicirten Küstenverhältnissen ermöglicht, über welche ich vielleicht sonst nie ins Klare gekommen wäre.

So vergingen die Stunden bis zu dem wichtigen Zeitpunkte. Kostbare astronomische Instrumente hatten sich unterdessen entpuppt. Sie fanden ihre AufsteUung auf einem gegen den Himmel abgeplatteten Felsen auf einer

e robustos, em roupas brancas tendo tombado sobre os ombros para as costas, golas azuis – ocuparam-se desempacotando louças e preparando refeições. Para servi-los, compramos, tantas como possível, galinhas, peixes, caranguejos, ovos e bananas; isso nem foi necessário, pois a chalupa estava provida para tanto. A tripulação, dada sua camaradagem, rapidamente cumpriu com seus afazeres principalmente pelas mãos de um gordo mulato que, dada sua grande habilidade, com poucos utensílios, apresentou excelentes iguarias. Observei-o, na falta de uma bacia e um forno, com suas próprias mãos, dar forma e cozer um pão que nada devia em formato, cor e sabor, num fogo feito com troncos de laranjeiras deitados.

O comandante e o ajudante confirmaram a verdade de que a boa companhia é igual em toda parte. Trabalhavam com muito afinco e, antes de toda refeição, faziam a toalete. Para comodidade de ambas as partes a conversação era parte em francês. Os senhores admiraram-se, não pouco, que nos encontrássemos sozinhos na ilha. Eles possuíam mapa especial manuscrito da baía de Paranaguá o qual, o ajudante – um vigoroso jovem de beleza intacta, a qual não é dada a nós mortais conservar – permitiu que eu copiasse. Imediatamente aproveitei-me da permissão in extremum e não parei antes de completar a cópia do mapa. Assim, com o auxílio desse valioso instrumento, de um golpe, foi possível orientar-me nessa nossa complicada situação na costa atlântica, sem o qual, ela talvez nunca tivesse ficado clara[172].

Desse modo, o tempo foi passando até a hora prevista. Enquanto isso, valiosos instrumentos astronômicos tinham sido preparados; eles foram instalados mais altos sobre uma laje plana a leste da casa

[172] Esse mapa aparece, de fato, encartado nas últimas páginas de Platzmann (1872). Foi reproduzido em Soares & Lana (1994).

Anhöhe östlich über dem Hause und dem Landungsplatze. Seine geographische Lage wurde vermittelst eines künstlichen Horizontes durch den Quadranten vorläufig auf 25° 23' 34" südliche Breite und 5° 06' 01" östliche Länge von Rio de Janeiro festgestellt. Ein Stativ trug den blitzenden Tubus. Compass und Chronometer standen nebenan auf einer vorhandenen, wie dazu geschaffenen Felsenbank. Die Spannung nahm zu, als der erste Contact des Mondes mit der Sonne 9h 36'3" (7. Sept. 1858) annoncirt wurde.

e do ponto de desembarque. Sua situação geográfica foi determinada através de horizonte artificial provisoriamente como 25°23"34" latitude sul e 5°06'01" longitude leste do Rio de Janeiro. Um tripe carregava o brilhante telescópio. Bússola e cronômetro estavam instalados nas proximidades sobre uma pedra saliente. A expectativa cresceu quando foi anunciado o primeiro contato do sol com a lua às 9 horas, 36 minutos e 3 segundos (7 de setembro de 1858).

Die Gruppirung der Scene war eine höchst malerische. Um die Leiter der Beobachtung in dunkelblauer Marineuniform sassen und standen einige Schritte ab die gesunden Gestalten der Matrosen mit ihren weissen Anzügen und hellblauen Aufschlägen, gelben Strohhüten und gebräunten Teints. Der Felsen war mit dem Säbel gereinigt worden. Rundum aber kroch noch tropische Vegetation genug, Passionsblumen (Passiflora alata Ait.) und Marantaceen (Thalia geniculata Vellozo), bis an unsere Füsse heran. Auf dem entwaldeten, doch bewachsenen Abhänge der Insel zwischen Felsen und See erhoben sich einzelne Palmen, auch ein schlankes, baumartiges Farrenkraut, mit ihren eleganten Silhouetten in die völlig blaue Bai hineinragend. Die Farbe der Pflanzendecke auf der Insel selbst war eine tiefdunkelgrüne mit violett blinkenden Lichtern. Die nächsten, zwischen l/4 und xjx Meile entfernten Waldufer erschienen blaugrün abgestuft, Fernen, Himmel und Wasser blau. Gelb war durch Messing und Strohhüte vertreten, Roth durch ein wollenes Hemd und das Ziegeldach des Hauses.

O conjunto do cenário era altamente pitoresco. Em redor do dirigente, em uniforme da Marinha, azul escuro, há alguns passos, estavam sentados ou em pé, as saudáveis figuras dos marinheiros com suas vestimentas brancas e golas em azul meio-tom, chapeus de palha amarelos e sua tez morena. A laje tinha sido limpa com os sabres; porém em volta, ainda até nossos pés, havia muita vegetação tropical, a flor-da-paixão (*Passiflora alata* Ait.) e a marantácea (*Thalia geniculata* Vellozo). Nos desmatados, porém cobertos de vegetação, declives da ilha, entre rochedos e mar, erguiam-se algumas palmeiras e também outras esbeltas árvores refletindo no azul da baía. A cor da cobertura vegetal era de um profundo verde-escuro com brilhos em cor violeta cintilando. Nas proximidades, a um quarto ou meia milha, parecia azul esverdeado e aproximando-se do horizonte, céu e água eram azuis. O amarelo é representado pelo latão polido do equipamento e dos chapeus de palha e o vermelho por uma camisa de flanela e o telhado da casa.

Die Töne fingen an matter zu werden, je mehr sich eine graue Scheibe in die blendende Sonne hineinschob, grau, wie sie wohl Viele in ihrem Leben bei partiellen Sonnenfinsternissen gesehen haben. Es fing an eine bleierne Luft auf der Bai zu lasten. Wie erstaunten wir aber Alle, als plötzlich einen Augenblick lang in den brillantesten

Quanto mais o disco cinza se antepunha frente ao brilhante sol, tanto mais, as cores iam se esmaecendo para o cinza com certamente durante sua vida, muitos observaram em eclipses parciais. Como nós todos ficamos surpresos quando, ao redor do desaparecido sol, repentinamente e num piscar de olhos,

concentrischen Nuancen die Farben des Regenbogens — die letzten Farben während 30 banger Secunden — rund um die verschwundene Sonne zusammenschössen — — wie erschraken wir aber Alle, als urplötzlich eine kohlpechrabenschwarze Scheibe am Himmel stand! Es hatte etwas Fürchterliches, das glaube mir Jeder, der es liest, statt der lichtspendenden Sonne das entsetzliche Schwarz am Himmel drohen zu sehen. Ich werde es nie in meinem Leben vergessen. Ein Neger sah hell dagegen aus. Hinter diesem Discus, den Du Dir gar nicht schwarz genug vorstellen kannst, strahlte ein Strahlendreieck in den umflorten Himmel hinein. Weg war alle Farbe von allem Irdischen! Die Landschaft, welche sich eben noch so farbig vor uns ausgebreitet hatte, lag wie von einem Aschenregen befallen da. Wir sahen einer den andern mit grauem Schauder an. Wo war das rothe Flanellhemd hin?Waren die Ziegel auf dem Dache nicht gebrannt? Siebzehn Sterne wurden gezählt. Die Natur sah hässlich aus wie in der Photographie. Gespenstisch flogen die Reiher, welche heute früh so schneeweiss dagestanden hatten, flatternden Schatten gleich, am Ufer hin. Keine Vogelstimmen wurden gehört, Mimosenzweige und Blumen lagen zur Hand: es mochten aber wohl nicht die rechten sein.

Da - o der aufjubelnden Stimmen im Menschenherzen! - flammten wieder die Farben des Regenbogens auf! Verschwunden war das peinliche Schwarz! Wie ein Paukenschlao-ging wieder Sonnenlicht vom Himmel aus! Wir fühlten uns alle erlöst von der drückendsten Stimmung. Von $11^h01'16''21'''$ *bis* $11^h01'46''20'''$ *hatte die totale Verfinsterung gedauert. Es währte zwar noch eine ziemlich geraume Zeit, ehe die vollen Farben auf die Gegenstände zurückkehrten und die kümmerliche Luft verschwand, aber das restirende Grau selbst*

em meio às brilhantes nuanças, se formaram as cores do arco-íris – as últimas cores, no máximo por trinta segundos; como nos assustamos quando, num repente, um disco cor de carvão pixe pairava no céu! Acreditem-me todos os leitores, que havia algo assustador de ver no céu, em lugar do brilhante sol, o espantoso preto. Na minha vida nunca o esquecerei. Perto do disco preto, um negro parecia branco. Atrás desse disco, cuja negritude não se pode nem imaginar, no céu enlutado brilhava um triângulo de raios de luz. De tudo o que é terreno, desapareceram todas as cores! A paisagem que, de há pouco se nos apresentava tão colorida, parecia como que coberta de cinzas. Olhávamos um para o outro com arrepios; onde estava a camisa de flanelas vermelha? As telhas da casa não haviam sido queimadas? Contamos dezessete estrelas. A natureza parecia fria como numa fotografia. **As garças, que pela manhã eram brancas como a neve, agora voavam fantasmagóricas, como sombras, para a costa. Não se ouvia a voz de pássaros[173].** Flores estavam à mão, mas não pareciam as mesmas.

Então – oh, as jubilosas vozes co coração humano! Resplandeciam novamente as cores do arco-íris! Desaparecido estava o tenebroso preto! De um golpe, a luz do sol brilhava no firmamento! Todos nos sentimos livres da sensação de depressão. Das 11 horas, 1 minuto, 16 segundos e 21 décimos até as 11 horas, 1 minuto, 46 segundos e 20 décimos ocorreu o eclipse total. Ainda demorou um bom tempo até que as cores plenas voltassem e desaparecesse a desagradável atmosfera. No entanto, o

[173] Como complementação, é possível relatar algo semelhante ocorrido durante um evento similar (2 de dezembro de 1992), durante um fenômeno desses em Curitiba (Capão da Imbuia). Na ocasião, foi possível realmente notar o mesmo cenário observado por Platzmann, incluindo um certo mal-estar pessoal e, especialmente, a emissão por sabiás-laranjeiras (*Turdus rufiventris*) de seu piado dissilábico característico, normalmente vocalizado ao fim do dia, quando da preparação para o descanso noturno.

der noch fast ganz bedeckten Sonne war nicht in Vergleich zu bringen mit der eben vorausgegangenen Intensität des Lichtmangels.

Im 8 Legoas entfernten Paranagua, wo die Sonnenfinsterniss desgleichen, wie auch im 25 Legoas entfernten Curitiba von Astronomen beobachtet worden war, soll die Sonne nicht schwarz geworden, sondern grau geblieben sein. Wir hatten also das äusserst seltene Glück genossen, uns in der kleinen Schattenkegelspitze einer centralen und totalen (nicht ringförmigen) Sonnenfinsterniss zu befinden. Die Officiere hatten jede Secunde so wahrzunehmen, dass ich mir blos zweimal erlaubte in den Tubus zu sehen, einmal vor und einmal während der totalen Eklipse. Das zweite Mal wurde ich gefragt, ob ich die Protuberanzen wohl gemerkt hätte. Es war aber nicht Zeit noch einmal hineinzusehen. Ich sollte nun abzeichnen, was ich gesehen hätte. Meine Unzulänglichkeit war nämlich als Zeichner acquirirt worden, und hatte bereits seit früh 9 Uhr mit einem neuen Faberschen Bleistift und einem reinen Blatt Papier andächtig dagesessen. Die Akademie hatte mich wohl auf menschliche Protuberanzen eingeschult, aber astronomische waren mir böhmische Dörfer. Es blieb mir nichts übrig, als eine möglichst schwarz schraffirte Scheibe in einem nach den Himmelsgegenden gestellten Strahlendreiecke auf einem grauen Grunde zu Papier zu bringen.Die Zeit des Austrittes des Mondes aus der Sonne ist mir verloren gegangen.

Eine heitere Tafel folgte der glücklich absolvirten Mission. Der Commandant sowohl als sein Adjutant waren nun die zugänglichsten Gesellschafter. Sie nahmen herzlich Antheil an unseren Plänen und Bestrebungen, und theilten uns viel des Interessanten und für uns insbesondere Nützlichen über ihr Vaterland wie den Charakter seiner Bewohner mit. Wir tauschten unsere Karten aus und gewannen uns so lieb, als man sich in kurzer Zeit gewinnen kann. Nicht ohne Bedauern sah ich die Vorbereitungen zur Abreise treffen. Es waren drei Tage gewesen, verlebt in der

restante do cinza do sol, o qual ainda permanecia parcialmente encoberto não se comparava com a anterior obscuridade.

Em Paranaguá, distante oito léguas e Curitiba, distante vinte e cinco léguas, de onde igualmente os astrônomos observaram o eclipse, o sol não teria se tornado preto, mas permanecido cinza. Tivemos, portanto, a extrema e rara sorte de nos encontrar na pequena ponta do cone de sombra de um eclipse total e central (não em forma de anel). Os oficiais tinham de aproveitar cada segundo, de tal maneira que, por somente duas vezes, me permiti a olhar pelo telescópio; uma vez antes e uma vez durante o eclipse total. Na segunda vez, perguntaram-se se tinha visto as protuberâncias; mas não havia tempo para que eu olhasse mais uma vez. Eu devia desenhar o que tinha visto, tendo então, que usar minhas habilidades como desenhista. Cedo às nove horas sentei-me atento ao que tinha visto, com um novo lápis colorido e uma folha de papel limpa. A academia ensinou-me a desenhar protuberâncias humanas, mas as astronômicas, para mim, eram ‘aldeias da Boêmia’. Não me restava nada, a não ser representar no papel, tendo como fundo o céu, um disco sombreado de preto com um radiante triângulo central. Perdi o período em que a lua saiu frente ao sol.

Ao feliz cumprimento da missão, seguiu-se uma mesa farta. O comandante e seu ajudante foram excelentes anfitriões. De coração participaram de nossos planos e esforços e contaram muito de sua pátria e dos costumes de seus habitantes, assunto para nós interessante e útil. Mutuamos mapas tendo nascido entre nós franca amizade; lamentando assisti aos preparos para sua partida. Permanecerem por três dias transcorridos na maior camaradagem. O capitão não deixou por menos: antes de

anregendsten Gesellschaft. Der Commandant liess es sich nicht nehmen, bevor er in die Schaluppe stieg, uns ein Gastgeschenk, bestehend in 1/2 Dutzend vielversprechender Blechdosen, zu hinterlassen. Ein letzter Händedruck — — das Segel entrollte sich, der Befehl zur Abfahrt war gegeben. Ein günstiger Wind trieb das Boot mit der feiernden Mannschaft schnell über die Bai, der man schon lange nichts mehr von der totalen Sonnenfinsterniss ansah und auch so bald nicht wieder ansehen wird. Bald entzog gegenüberliegender Manguewald den letzten weissen Schimmer den Blicken.".

embarcar na chalupa, nos presenteou com meia dúzia de prometedoras latas de conserva. Um último aperto de mão – largada a vela, foi dada a ordem de partida. Um vento favorável levou a embarcação e sua alegre tripulação pela baía, na qual nada mais se percebia do eclipse total que, tão breve, não se repetirá".

Uma releitura desse fragmento mostra que Platzmann não cita nomes de pessoas e tampouco do navio que teria chegado ao local onde residia. A segunda questão, no entanto, é claramente solucionada de acordo com as informações já indicadas acima. A embarcação era, de fato, a canhoneira Tyetê, um veleiro (Classe Mearim) com 45,72 metros de comprimento construído na Inglaterra sob a supervisão do Almirante Tamandaré, lançado ao mar em 1857 e incorporado à Marinha brasileira em 8 de maio de 1858. A corveta Pedro II, um navio a vapor com 220 hp acionado por rodas de propulsão lateral, por sua vez, era ainda maior (54,55 metros) e fazia parte da frota imperial desde fevereiro de 1851, tendo naufragado dez anos depois na costa do Uruguai (Mendonça & Vasconcelos, 1959). No momento do eclipse, essa última estava ancorada – como dito – a poucas centenas de metros de Paranaguá.

Adicionalmente, o fato de estarem muito bem preparados para as condições que encontrariam, ou seja, de isolamento humano, é mencionado por Barboza (2010), uma vez que consta o grupo ter levado consigo, do Rio de Janeiro, tudo o que pudesse ser necessário para aquela estada. Com base em Liais (1858:787 *apud* Barboza, 2010), "*o arsenal de guerra imperial havia fornecido à equipe 'todo o*

material necessário para o estabelecimento das estações, no caso de não ser encontrada uma habitação próxima às localidades escolhidas".

Dentre o material, estava um mapa que se constitui da fonte primária daquele que foi produzido por Platzmann e encartado em sua obra. Naturalmente que, para a publicação do livro, foi possível – já na Alemanha – a consulta a outros documentos e mapas mas, de qualquer forma, essa carta desenhada por Platzmann é, sem dúvida, o esboço primevo feito por ele, com base em uma única (e preciosa) carta, gentilmente fornecida pelos participantes da expedição imperial.

Algo igualmente interessante está nas entrelinhas. Platzmann, afinal, refere-se a um comandante e um ajudante, além de oito marinheiros, portanto, todos brasileiros. Mas, por qual razão, enfim, o grupo se esforçaria em utilizar o idioma francês: conveniência ("*Bequemlichkeit*") ?

Lembramos que, recém-chegado a Paranaguá, Platzmann esforçou-se em aprender a língua local, que desconhecia e da qual, anos depois, tornou-se fluente. De acordo com sua biografia, ele era praticante (e estudioso) de várias línguas, inclusive o francês mas também o inglês e até mesmo algumas línguas indígenas sulamericanas, razão pela qual ficou internacionalmente conhecido como linguista. O momento do eclipse coincide exatamente com os primeiros dias de sua chegada ao litoral do Paraná quando, portanto, ainda não dominava o português e, provavelmente, o alemão (sua língua natal) não era conhecido pela tripulação. Essa seria uma explicação bastante razoável para a situação. Articulavam a comunicação na língua francesa, provavelmente mais familiar aos militares, em virtude com contato com Liais.

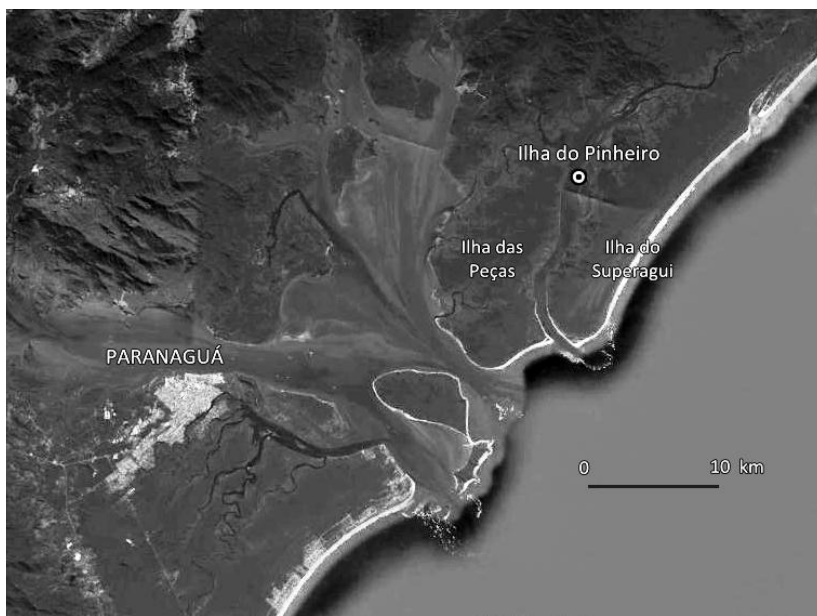
Aqui, ainda que já implícito com base no local preciso onde Platzmann residia, chega-se afinal com grande

precisão à localização da estação nordeste de observação. Era a ilha do Pinheiro (25°21’16,92”S e 48°13’55,10”W), pequeno acidente insular situado na baía das Laranjeiras (município de Guaraqueçaba), entre as ilhas do Superagui e das Peças e a mais de 30 km de Paranaguá.

Como um todo, a literatura subsequente parece ter ignorado a precisa localização indicada mesmo por Liais (*circa* 1865:158): “*...dans les bras nord de la baie nomée Bahia dos Pinheiros, et sur l’île du mêmme nom*” (“...no braço norte da Baía [de Paranaguá] nomeada Baía dos Pinheiros e na ilha de mesmo nome”).

Já o ponto indicado por Platzmann, assumidamente provisório, diverge apenas pouco mais de 4 km a sul da localização real, na face continental da ilha do Superagui, próximo da foz do rio das Pacas. Note-se, ainda, que a longitude informada por ele corresponde à diferença que há, a oeste, daquela onde se situa o Rio de Janeiro, portanto, 43°08’41”W.

Lange (*in* Platzmann, 2011:94), mediante buscas *in situ*, identificou o ponto exato onde Platzmann teria residido, no momento do eclipse. Estaria localizado na face norte da ilha, onde até os dias de hoje, existem ruínas de uma construção de alvenaria de pedras, cobertas com telhas de barro. Ainda segundo esse autor: “*Quando Platzmann chegou à ilha, as telhas ainda eram vermelhas, pois durante o eclipse, por terem perdido a cor, indaga-se se ‘não tinham sido queimadas’. Portanto, era uma construção recente*”.


Ilha do Pinheiro
Ilha das
Peças
Ilha do
Superagui
PARANAGUÁ
0
10 km


Tibicanga
Ilha do
Pinheiro
Ilha do
Superagui
Ilha das
Peças
Ilha do
Pinheirinho

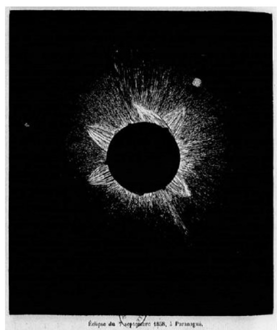
A laje mencionada por Platzmann é, provavelmente, o ponto culminante da ilha a cerca de 30 metros de altitude. O local é bastante íngreme, com vertentes e afloramentos rochosos, sendo quase que completamente coberto por vegetação arbórea que se entremeia pelas encostas. À guisa de enriquecer a descrição da paisagem, ressalta-se que esse lugar se trata do mais importante destino do papagaio-da-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*), espécie endêmica da uma pequena faixa litorânea entre o litorais sul de São Paulo e norte de Santa Catarina, quando de suas incursões para descanso noturno. A ilha, com efeito, é bem conhecida dos moradores locais e protege a maior parte da população desta espécie em toda a sua restrita área de distribuição, sendo palco de inúmeras pesquisas biológicas, iniciadas por Pedro Scherer Neto no início dos anos 80.

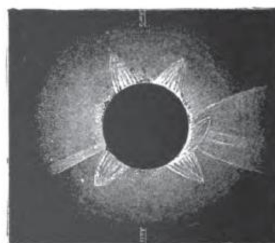
Após essa reavaliação geográfica, pode-se perguntar: - Quem teria participado da coleta de dados em cada uma das estações?. De acordo com Barboza (2010, com base em Cruls, 1891), "...*para localizar os respectivos pontos geográficos, montar os acampamentos e realizar as observações nessas estações secundárias foram enviados apenas ajudantes do Observatório e oficiais do Pedro II*".

Para essa autora, baseada nos próprios relatórios de Oliveira (1891): "...*enquanto os brasileiros concentraram-se no lado oeste do jardim, cada qual com seu instrumento* [...], *Liais ficou no lado leste sozinho, munido de um telescópio composto por quatro oculares, uma delas fotográfica, e de uma coleção de outros instrumentos, como um teodolito, um polariscópio de Savart, um 'aparelho para raias do espectro' e um cronômetro*".

Conforme a apresentação de Liais (1858:787-788), o sítio da ilha do Pinheiro, teria sido "...*confiée à MM. de Brito et Araujo*" e o de Campinas a "*MM. Galvao et Barauna*". E conclui, endossando o afirmado por Barboza

(2010): “*Les autres membres de la Commission restèrent à la station centrale*”.





7th September 1858 (Liais)

Aparência do eclipse solar de 1858, em fotografias colhidas por Emmanuel Liais em Paranaguá (Fontes: Liais, *circa* 1865:172 e Todd, 1894:124).

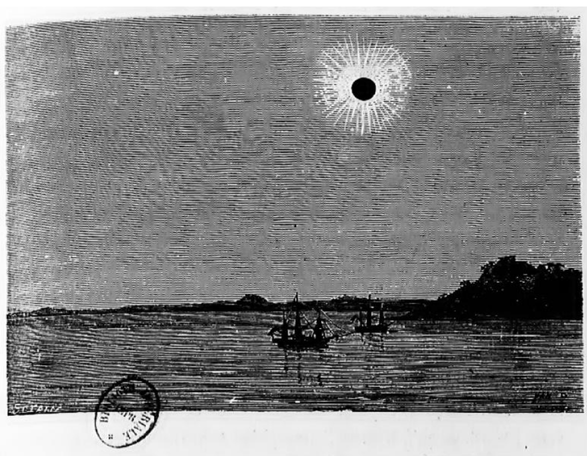
D’Oliveira *et al.* (1859:274), por sua vez, é pouco mais detalhista: “*Cette station* [Campinas] *a été confiée à MM. les capitaines Galvaõ et Barauna qui partirent pour cette station le 31 Août*”. Já com relação à ilha do Pinheiro, ficou ao encargo de “*...M. le capitaine de corvette C.R. de Birto* (sic) *et au 2. Lieutenant F.G.Araujo, qui partirent le 4 Septembre pour cette destination*”.

Como exposto anteriormente, havia também um posto embarcado (a quarta estação) a pouca distância (200 braças = 366 metros) da estação central, estando por ele responsável o sub-comandante Azambuja à bordo da corveta Pedro II. Aqui cabe notar que os resultados desse militar destoaram um pouco daqueles colhidos na chácara de Rechsteiner, em virtude de um desacerto entre cronômetros (d’Oliveira *et al.*, 1859:276).

Aqui se faz necessário um outro esclarecimento. D’Oliveira *et al.* (1859:274) informa que a equipe que se

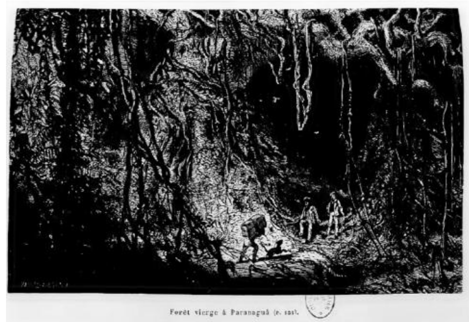
empenharia nas observações na ilha do Pinheiro, teria partido de Paranaguá a 4 de setembro, portanto, logo após ter a embarcação chegado proveniente do Rio de Janeiro. Com base nos registros de Platzmann (nenhum deles datados), pode-se concluir que o grupo aportou na ilha em 5 de setembro, permanecendo ali por três dias. Assim, as datas resgatadas para a história do Paraná acerca dessa célebre presença na ilha do Pinheiro, são: 5 a 7 de setembro de 1858.

Com relação às descrições técnicas do eclipse, parece que a literatura é razoavelmente bem amparada por artigos que surgiram como consequência dos trabalhos de campo, bem como de outras reavaliações inclusive contemporâneas. Algo interessante é que, em sua obra publicada por volta de 1865, Liais apresenta algumas imagens por ele colhidas durante o evento, indiscutivelmente interessantes à história do Paraná.



Aparência da Baía de Paranaguá, vista de Paranaguá, durante o eclipse total do sol de 1858. As embarcações representadas certamente não são aquelas usadas pela comissão ou, talvez, apenas uma delas o seja. Isso se explica pelo fato da canhoneira Tyetê estar, no momento do eclipse, ancorada defronte à ilha do Pinheiro, distante 32 km dali (Fonte: Liais, *circa* 1865:149)

Também nessa obra ocupa quase cinco páginas para descrever a paisagem da floresta encontrada em Paranaguá, durante sua estada (capítulo V "*Éclipse totale de soleil de 1858*": Liais, *circa* 1865:149-162). Detalhista, alude aos manguezais que, em sua opinião, eram uma presença admirável de ser encontrada àquela latitude e também menciona "*...ces curiouses orchidées épiphytes, ces broméliacées, ces bilbergias, ces pitcairnias [...] qui croissent là en parasites sur des arbres gigantesques*"[174], bem como a hegemonia das palmeiras e a existência "*d'immenses touffes de balisiers, de costus, d'helicónias, etc.*".[175]





Paisagem na ilha do Pinheiro (Guaraqueçaba), segundo impressões de Emmanuel Liais, durante a observação do eclipse total do sol de 1858 (Fonte: Liais, *circa* 1865: encarte entre as p.156-157: "*Forét vierge á Paranaguá*" e p.157).

---

[174] "Essas curiosas orquídeas epífitas, bromeliáceas, bilbergias, pitcairnias [...] que crescem como parasitas sobre árvores gigantescas". Nota: *Billbergia* e *Pitcairnia* são gêneros de bromélias.

[175] "...de imensas touceiras de *balisiers*, costus, helicônias, etc.". Nota: Balisier é a heliconiácea *Heliconia balisier,* uma forma híbrida de heliconiácea que não ocorre no litoral do Paraná, mas citada apenas para expressar o conjunto do tipo de plantas e sua riqueza de cores e formas. São citadas também *Costus pyramidalis* e *Heliconia velloziana*.

Meio a toda essa romântica descrição florística e, em pelo menos um fragmento, dedica algumas palavras à fauna (Liais, *circa* 1865:155):

"Des oiseaux nombreux couvert des plus vives couleurs, des ***pics****, des* ***toucans****, des* ***perruches****, etc., remplissaient ces bois, et nous avons entendu de loin la voix forte et vibrante du singe hurleur"*	"Muitas aves das cores mais vivas, **pica-paus**, **tucanos** e **periquitos**, encheram os bosques e ouvimos ao longe a voz forte e vibrante do bugio".

Em 1871, já na qualidade de diretor do Imperial Observatório, o astrônomo francês publicou sua obra mais importante do ponto de vista biológico, um livro de 640 páginas referente às suas observações do clima, geologia, fauna e flora do Brasil (Liais, 1872). Segundo ele, em seu prefácio, a descrição dos "produtos naturais" do país estaria apresentada de forma resumida e com linguagem técnica, apesar de seu interesse particular pela popularização da ciência.

Não obstante, é curioso que esse livro seja tão pouco conhecido dentre os pesquisadores que se dedicam à história da Biologia no Brasil. Diz-se isso porque, além de profundas descrições sobre as características geológicas, ainda inclui informações preciosas sobre a fauna atual em confronto com aquela ocorrente no Período Quaternário, notavelmente mamíferos e seus respectivos dados paleontológicos. Além disso, a obra mostra detalhes fitogeográficos incomuns nos tratados contemporâneos, com adições de detalhes sobre a influência do clima sobre as paisagens e ocorrência de certas espécies de flora.

Infelizmente, quase nada é incluído, em sua obra, sobre a avifauna brasileira que não menções a gêneros mais notáveis pela feição morfológica ou peculiaridade biogeográfica. Nesse sentido, são inexistentes as indicações,

ainda que eventuais, a espécies de aves observadas no Paraná[176], como atesta a passagem (Liais, 1872:304):

"Quoique ayant eu dans mes voyages l'occasion d'observer un nombre considérable d'oiseaux du Brésil, et de recueillir beaucoup de documents pour leur histoire naturelle, je ne puis entreprendre ici la description de la faune ornithologique vivante. Le nombre des espèces est trop grand, et il faudrait au moins un volume entier pour faire l'ornithologie du Brésil. [...] Je me limiterai donc, au point de vue de cette comparaison, aux considérations précédentes, afin de consacrer plus d'étendue à l'examen des mammifères."	"Embora eu tivesse, em minhas viagens, a oportunidade de observar um número considerável de aves do Brasil, e coletar uma grande quantidade de documentos sobre sua história natural, não posso empreender aqui a descrição da avifauna recente. O número de espécies é muito grande para o qual seria necessário pelo menos um volume inteiro para a Ornitologia do Brasil. [...] Vou limitar-me ao ponto de vista desta comparação, às considerações acima, a fim de dedicar mais atenção ao exame dos mamíferos."

Até mesmo sobre os mamíferos, no contexto regional, pouco se aproveita além de uma breve menção (Liais, 1871:512):

"J'ai vu en 1858, dans um grand bois près de Paranagua, du côté nord de la baie, um très-petit animal, à peu près de cette taille, fuir en faisant d'assez grands bonds. Ses oreilles longues, sa forme générale et l'ensemble de sa coloration, autant que j'ai pu les distinguer, me le font référer à l'espèce dont je parle, ou à une espèce très-voisine du même genre. Depuis, je n'ai jamais revu cet animal, mais le fait précédent m'indique la présence des *Eligmodontia* presque jusqu'au Tropique. Deux autres espèces du même genre ont encore été décrites par M. Waterhouse, sous les noms de *Callomys bimaculalus* et *Callomys gracilipes*; l'une provenait de Maldonado, et l'autre de Bahia-Blanca".	"Eu vi em 1858, em uma grande floresta de Paranaguá, no lado norte dessa baía, um animal muito pequeno, aproximadamente do mesmo tamanho, e ágil o suficiente para fugir com grandes saltos. Suas orelhas longas, seu formato geral e a aparência de sua coloração, ainda que eu não o pudesse distinguir, pareciam me indicar que se tratase da espécie a que me referi ou outra próxima do mesmo gênero. Depois disso eu nunca mais pude rever esse animal, mas o registro indica a presença desse Eligomodontia quase no Trópico [de Capricórnio]. Duas outras espécies desse gênero foram descrita pelo sr. Waterhouse, sobre os nomes de *Callomys bimaculatus* e *Callomys gracilipes*; uma delas provém de Maldonado, a outra de Bahia-blanca".

[176] Que provavelmente se restringiu àqueles poucos dias de setembro de 1858.

Algo, no entanto, que se pode aproveitar de todas as obras produzidas por Liais e também por outros autores que participaram das observações, são as descrições do comportamento das aves (e outros animais) frente a um eclipse total do sol no Brasil, assunto esse sabidamente desconhecido na literatura.

Além de Platzmann, cujo conteúdo encontra-se traduzido acima, Liais (*circa* 1865:160) também se refere ao assunto, durante o curto momento do eclipse, descrevendo o comportamento das aves aquáticas, tão abundantes naquela região estuarina:

"Les oiseaux de mer qui s'étaient posés a la surface de l'eau prennent leur vol, le bruit des forêts recommence, autour de nous les grillons reprennent leurs chants. La nature semble se réveiller. Pendant ce temps, le soleil continue de se découvrir peu à peu, et toute rentre enfin dans l'état normal".

"As aves do mar que haviam pousado na superfície da água, agora retomavam o seu voo, e o som da floresta recomeçou, enquanto os grilos ao nosso redor voltavam a cantar. A Natureza parecia se despertar. Enquanto isso o sol continuava a se abrir pouco a pouco e tudo voltava afinal ao seu estado normal".

Da mesma forma, Cândido Batista de Oliveira acaba também se aventurando na questão, ao se mostrar interessado em relatar algumas de suas percepções no tocante às reações demonstradas por humanos e animais (d'Oliveira *et al.*, 1859:299-300):

Effet de l'eclipse sur les hommes et les animaux.

Encore bien que l'impression produite par les éclipses sur les hommes et les animaux ne soit pas du domaine de l'astronomie, la commision s'est conformée à l'usage suivi dans les éclipses antérieures en réunissant les faits qui sont parvenus à sa connaissance.

Les colorations singulières du ciel et des objets donnaient au phénomène un aspect effrayant pour les personnes qui n'étaient pas instruites de son existance, ou pour celles qui n'en comprenaient pas la

"**Efeito do eclipse em homens e animais**.

Mesmo que a impressão produzida pelos eclipses de homens e animais não esteja no campo da astronomia, a comissão cumpriu com a prática seguida em eclipses anteriores, reunindo fatos que vieram a seu conhecimento.

As cores do céu e objetos singulares deu ao fenômeno um aspecto assustador para as pessoas que não foram informadas sobre sua ocorrência ou para as que não entendem a questão. Portanto, não é surpreendente que Campinas, nas montanhas, os observadores tenham

cause. Il n'est done pas étonnant qu'à Campinas, au milieu des montagnes, les observateurs aient noté une grande frayeur chez les habitants.

A Paranaguá mème quelques personnes quoique prévenues ont été effrayées, mais la plus grande partie de la population a éprouvé une impression différente, partagée d'ailleurs par les astronomes de l'expedition, celle de l'admiration de la magnificence du spectacle qui se déroulait sous ses yeux.

A la station centrale de Paranaguá un grand silence s'est fait au moment de l'obscurité totale. Dès que le soleil réapparut, on entendait de nouveau les oiseaux dans les bois et les cigales et les orthoptères recommencèrent leurs bruits autour de nous. A bord du Pedro II, les poules qui avaient été mises em liberté se son retirées dans leur poulailler et Mr. d'Azambuja remarque que les mouettes qui volaient autour du navire, s'arrètèrent par grupes à la surface de l'eau jusqu'au retour de la lumière. Toute fois à Pinheiros un chien qui était attaché près de la station de Mr. de Birto (sic) n'a manifesté aucune inquiétude.

A Campinas on a remarqué que les boeufs, les chevaux et les autres quadrupédes couraient effrayés dans les champs. Les oiseaux de basse cour s'abritaient dans les retraites ordinaires. Les oiseaux sauvages volaient effrayés et étourdis au dessus de la tète des observateurs em cherchant un abri.

Au Palais de St. Christophe on a vu passer des Urubus du côté où ils vont d'ordinaire se poser pour dormir. Des oiseaux em cage ont diminué et presque cessé leurs chants, et um petit chien s'est caché sous un siège comme pour dormir. A 11^h53^m on a encore vu voler des Urubus étourdis."

percebido um grande medo demonstrado pelos moradores.

Em Paranaguá, algumas pessoas, embora prevenidas, manifestavam o mesmo temor, mas a maioria da população experimentou uma sensação diferente, compartilhada também pelos astrônomos da expedição: a admiração da magnificência do espetáculo que se desenrolava à frente de seus olhos.

Na estação central de Paranaguá, um grande silêncio se fez no momento da escuridão total. Quando o sol reapareceu, novamente ouvimos os pássaros nas matas e as cigarras e gafanhotos recomeçaram seus sons à nossa volta. A bordo do Pedro II, galinhas que tinham sido postas em liberdade, recolheram-se aos seus poleiros e o sr Azambuja percebeu que as gaivotas que voavam ao redor do navio, pousaram em grupos na lâmina da água até o retorno da luz. Por todo o tempo em Pinheiros, um cão que estava amarrado perto da estação do Sr. Birto (*sic*), não mostrou qualquer preocupação.

Em Campinas notou-se que os bois, cavalos e outros quadrúpedes corriam assustados pelos campos. As aves de capoeiras se abrigaram em seus refúgios. Aves selvagens voavam assustadas e atordoadas por sobre a cabeça dos observadores, em busca de um abrigo.

No Palácio de São Cristóvão foram vistos passar urubus, tomando uma rota tomada ordinariamente para o repouso noturno. Pássaros cativos, reduziram e quase cessaram seus cantos e um pequeno cão escondeu-se debaixo de um assento para dormir. Um 11:53 h foram observados urubus voando atordoados".

Depois de sua curta estada em Paranaguá e da publicação dos apontamentos e documentações das observações, Liais foi bastante elogiado pela comunidade científica francesa, em particular por Hervé Auguste Ettiene

Albans Faye (1814-1902), astrônomo do Observatório francês, também protegido de Arago. Assim, obtendo grande visibilidade, acabou sendo requisitado pelo imperador Pedro II para que permanecesse no Brasil, a fim de realizar viagens de pesquisa e, também, de se encarregar da reformulação do Observatório Imperial, criado em 1827 (Oliveira & Videira, 2003). Por consequência, acabou sendo, em 1871, nomeado diretor dessa instituição, cargo que manteve até 1881 quando dela se desligou por problemas de rivalidade técnica e política com outro astrônomo, Manuel Pereira Reis (Oliveira & Videira, 2003).

Liais permaneceu no Brasil por quase 24 anos, desde sua chegada a Paranaguá até o regresso definitivo à França. Nesse tempo realizou várias viagens de exploração, observações astronômicas, meteorológicas e mesmo de história natural. Também viajou seguidamente para a Europa para intercâmbios técnicos e de equipamentos.

Como político chegou a ser prefeito, por dez anos, de sua cidade natal. Em 1900 doou sua imensa propriedade, inclusive as edificações e o grande jardim botânico particular, à comunidade local. Com isso, o antigo museu de curiosidades da cidade, fundado em 1832 pelo arqueólogo amador François Henri Duchevreuil e mantido no prédio da Câmara Municipal de Cherbourg-Octeville, foi para lá transferido, quando passou a ser chamado de *Musée Emmanuel Liais*. Aos poucos, a coleção passou a ser gradativamente organizada e ampliada, em especial pela contribuição dos curadores, pela aquisição constante de exemplares de animais marinhos. Atualmente abriga quase 20 mil espécimes e recebe notável número de visitantes[177].

---

[177] Fonte: *homepage* da comuna de Cherbourg-Octeville (Departamento de Mancha): http://www.ville-cherbourg.fr/themes/culture/musees/museum-emmanuel-liais/lhistoire-du-museum/; acessada em 28 de fevereiro de 2012.

Cronologia

1859 São criadas as colônias militares de Chapecó (hoje em Santa Catarina) e Chopim, visando à proteção das fronteiras e a defesa dos habitantes da região contra o ataque dos índios.

1859 Charles Darwin publica "***The origin of species***", obra seminal que revolucionou o conceito de evolução biológica, inserindo o tema seleção natural ao cotidiano.

1859 Nasce Emil August Goeldi, naturalista suiço que fundou o Museu Paraense Emílio Goeldi, uma das maiores coleções de História Natural da América do Sul, sediada em Belém (Pará).

1859 Em Cambridge (EUA), é criado o *Museum of Comparative Zoology*, oficializado pela *Commonwealth of Massachusetts* (estado de Massachusetts) graças ao empenho do naturalista e professor suiço Louis Agassiz. A instituição é parte da Universidade de Harvard.

1859 Em Curitiba, um ano após sua criação e regulamentação, é instalada a "Biblioteca Pública do Paraná" em sua primeira sede.

1859 Inicia-se a "Questão de Palmas", em decorrência da instalação – pelo governo imperial – das colônias

militares de Chopim e Chapecó, cujo entorno foi reclamado pelo presidente argentino como território daquele país. O entrave foi solucionado apenas em 1903, pela ação do Barão do Rio Branco em episódio mediado pelo presidente dos EUA, Grover Cleveland.

1859 Por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, é criada a "*Commissão Scientífica de Exploração*", visando ao reconhecimento e realização de estudos diversos em regiões brasileiras ainda desconhecidas. O primeiro lugar explorado foi o estado do Ceará, razão pela qual o grupo ficou mais conhecido como "Comissão Científica do Ceará". Maior parte da tarefa de coleta de animais, encerrado em 1861, ficou ao encargo de Manoel Ferreira Lagos. O acervo obtido agrupa as peças mais antigas atualmente preservadas pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro.

1860 Fundação da colônia Açungui, às margens do rio Ponta Grossa (vale do Ribeira) para o estabelecimento de imigrantes de várias nacionalidades (alemães, ingleses, franceses, suiços e italianos).

1860 Jean Leon Pallière (1823-1887), filho de um dos integrantes da Missão Francesa de 1816, quando de sua longa viagem pela América do Sul, visita o Paraná (Curitiba, Paranaguá e Guaratuba). Produz a obra "Álbum de cenas americanas" (1864), na qual apresenta duas pinturas consideradas clássicas na

iconografia paranaense ("Canoa no Rio Paranaguá" e "Tropa carregada de mate descendo a Serra").

1861 Em Langenhaltheim (Alemanha) é encontrado o primeiro esqueleto fóssil completo de *Archaeopteryx lytographica*, a mais antiga e primitiva ave conhecida que viveu no Período Jurássico. Um ano antes, em Solnhofen, o paleontólogo Christian von Meyer encontrou uma pena fóssil.

1861 O botânico britânico JOHN WEIR aporta no Rio de Janeiro para uma expedição de coleta que se estende até 1864, durante a qual visita o Paraná (1862-1863).

1862 Migrantes de Minas Gerais e São Paulo dirigem-se ao Norte Pioneiro paranaense, estabelecendo as primeiras grandes fazendas de café da região.

1862 A *Comisión Científica del Pacífico*, sob o comando de Marcos Jimenez de la Espada, chega ao Rio de Janeiro, cumprindo a primeira parte da última expedição naturalista espanhola à América; três anos depois chegavam ao rio Amazonas. No grupo, além do líder herpetólogo, estavam Patricio Paz y Membiela (malacólogo), Juan Isern (botânico), Francisco de Paula Martínez y Sáez (zoólogo), Fernando Amor (geólogo e entomólogo), Manuel Almagro (antropólogo), Rafael Castro y Ordóñez (pintor – e fotógrafo!) e Bartolomé Puig (taxidermista).

1862 a 1863

JOHN WEIR

JOHN WEIR, que consta ter nascido na Inglaterra no início do Século XIX (faleceu em 28 de abril de 1898), veio ao Brasil apenas seis anos depois de Gustav Wallis, embora com mesma missão: colecionar plantas vivas para o cultivo na Europa (Urban, 1908). Enviado pela *Royal Horticultural Society* de Londres, preparou também uma numerosa coleção de exsicatas, inclusive musgos e hepáticas, destinando-as ao herbário do Museu Britânico. Não há nenhuma notícia de ter obtido exemplares de animais.

Visitou as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná entre julho de 1861 e junho de 1863; no meio da viagem esteve no Paraná, onde trabalhou por sete meses (outubro de 1862 a abril de 1863), ao adentrar o estado por Itararé (São Paulo) até Curitiba e, depois, o litoral[178].

Segundo Urban (1908) tem as seguintes localidades de coleta paranaenses: rio Jaguaricatu, rio da Cilada, Furnas, Castro, rio Iapó, Caxambu, fazenda Jaguariaíva, Tucunduva, Boa Vista, Monte Negro, Fortaleza, rio Tibagi, São Jerônimo, rio das Antas, Ponta Grossa, Curitiba, Corvo, Antonina, Morretes, Paranaguá, Votuverava e Açungui. Do porto de Paranaguá seguiu, em data não conhecida, para o Rio de Janeiro, retornando logo depois (8 de junho) para a Inglaterra.

---

[178] Na realidade, Weir foi de Curitiba ao litoral, mas depois retornou à capital e, em seguida, esteve no alto vale do Ribeira para novamente descer a serra até chegar em Paranaguá, quando tomou o navio. É por esse motivo que as datas e localidades parecem não fazer sentido, em uma noção geográfica linear.

Parte do conteúdo das cartas que enviava, contendo descrições de viagem e informando suas descobertas quando da peregrinação ao Brasil, foram publicadas em espaços editoriais ("*Mr.Weir's Journal*") do *Proceedings of the Royal Horticultural Society of London* (Weir, 1861a-d, 1862a-c, 1863a,c,e). Nesse mesmo periódico descreveu, ele mesmo, várias espécies tidas como novas (Weir, 1863b,d). Esses preciosos documentos contêm, inclusive, algumas listas de peças enviadas, tais como localidade e tipo de material (sementes, bulbos, tubérculos etc). Também há interessantes descrições de paisagens, por exemplo, dos campos naturais da região de Itararé e Jaguariaíva (Weir, 1863c), da vegetação da Serra do Mar e das grutas calcárias da Região Metropolitana de Curitiba.

Infelizmente, ao menos em seus diários publicados, Wier não menciona nenhuma espécie animal observada e muito menos dá algum tipo de indicativo que coletasse algo além de plantas. No entanto, são muito importantes as indicações de topônimos visitados e mesmo da logística de deslocamento adotada naquela época. Esses dados servem-se com muita propriedade para interpretações de distâncias entre localidades disponíveis na época e mesmo de suas localizações.

Cronologia

1863 O dinamarquês Johannes Eugenius Bölow Warming chega ao Brasil, trabalhando eventualmente com José Saldanha da Gama e, em especial, no estado de Minas Gerais como secretário particular de Peter Lund. Retorna em 1866 para, no ano seguinte, publicar a obra enciclopédica intitulada "***Symbolae ad floram Brasiliae centralis cognoscendam***" (1867-1893), que a consagrou como um dos primeiros estudiosos a se dedicar à flora do Cerrado e à Ecologia vegetal.

1863 Nascimento de JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY (Filho).

1863 Fritz Müller publica "***Für Darwin***", estudo de aprovação da teoria de Darwin, muito utilizada por subsequentes defensores da evolução orgânica e que baseia-se em provas documentais, baseadas no ciclo de vida de certos crustáceos.

1863 Alfred R.Wallace e Henry W.Bates publicam, respectivamente: "***A narrative of travels on the amazon and Rio Negro***" e "***The naturalist on the river Amazon***", obras fundamentais sobre a região amazônica, visitada por ambos a partir de 1848.

1863 a 1918

TELÊMACO BORBA
e
NESTOR BORBA

TELÊMACO AUGUSTO ENÉAS MOROCINES BORBA (n. Borda do Campo, Quatro Barras/Piraquara: 15 de setembro de 1840; f. Tibagi: 23 de novembro de 1918) [179] é uma personalidade de grande destaque na historiografia paranaense, sendo notável por suas intervenções em diversos campos do conhecimento, mas também conhecido como explorador e sertanista, além de político (*vide* Toca Mercer) e escritor.

Segundo as palavras de Vargas (2001), foi "*Chefe, líder e patriarca, sem rebuços caudilhescos, combinou o refinamento de* gentleman *com a rudeza de sertanista, mistura de fidalgo e caboclo, a usar com igual maestria o florete aristocrático e o facão de campanha*".

Iniciou suas atividades como dirigente do aldeamento de São Pedro de Alcântara [180] e depois teve

---

[179] Eventualmente "Morosini" e "Morocini"; preferimos a grafia adotada por Túlio Vargas (1970), que era seu bisneto por parte de mãe. Segundo esse mesmo autor, Telêmaco foi registrado como nascido em 15 de setembro de 1840, mas comemorava seu aniversário em 2 de agosto.

[180] Vargas (1970:207) aponta para o ano de 1865 a designação de Telêmaco como administrador do aldeamento de São Jerônimo. Esse cargo, no entanto, foi ocupado apenas interinamente, quando seu titular (Joaquim Francisco Lopes, diretor daquele aldeamento entre 1860 e 1867) necessitou se ausentar. Telêmaco era, de fato, administrador do

influência na criação e estabelecimento de outros núcleos indígenas, especialmente no Paraná. Publicou diversos artigos e opúsculos, tanto por iniciativa própria quanto em periódicos científicos, geralmente versando sobre sociologia e linguística indígena. Elegeu-se deputado provincial por nove legislaturas, foi vice-presidente da Província do Paraná e prefeito de Tibagi em nove gestões, além de inúmeros outros cargos do Executivo, ligados à educação e segurança públicas. Faleceu em Tibagi vitimado pela gripe espanhola sendo, posteriormente, homenageado com o batismo de um emergente município que leva o seu nome.

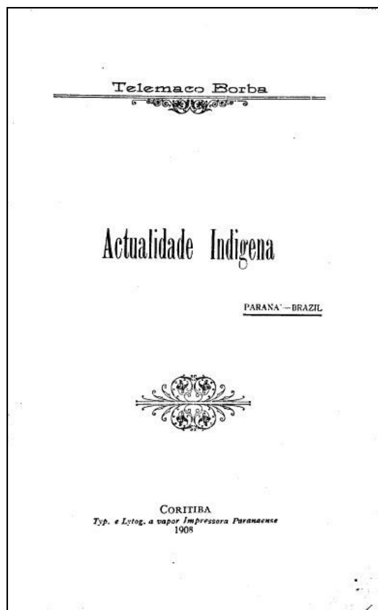


Telêmaco Borba (Fonte: acervo do Museu Paranaense).

---

aldeamento de São Pedro de Alcântara desde 1863 (ali também acumulando as funções de suplente de delegado e inspetor de ensino na colônia de Jataí) e até 1877, quando indicado para gerenciar o aldeamento de Barreiros (Reserva, Paraná) (ver APP, 2007:272, doc n° 0712). Sua gestão coincidiu em parte com a chefia (entre 1863 e 1867), de seu pai Vicente Antônio Rodrigues Borba junto ao estabelecimento contíguo, a colônia militar do Jataí. Também dividiu as atividades de feitoria, em São Pedro, com o frei Timotheo de Castelnuovo que dirigiu o local até seu falecimento em 1895, quando a colônia foi extinta (APP, 2007).




Telemaco Borba

Actualidade Indigena

PARANÁ — BRAZIL

CORITIBA
Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense
1908

Telêmaco Borba, quando capitão maragato, comandando a "fronteira" com São Paulo durante a Revolução Federalista (circa 1893) (Fonte: Vargas, 1970). À direita, capa de sua obra-maior, o livro "*Actualidade indigena*" publicado em 1908.

Uma considerável parte de seu legado escrito relaciona-se aos Kaingang[181], do tronco linguístico Macrojê e concentrado no sul do Brasil, especialmente nos planaltos do Paraná e Santa Catarina, assunto do qual é considerado um dos precursores. Grande conhecedor da língua e costumes, Borba publicou vários estudos a respeito, sendo um deles na "Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brasil" (1883) e outro, intitulado "Observações sobre os indigenas do estado do Paraná", saído em 1904 pela afamada Revista do Museu Paulista.

[181] Denominação essa por ele introduzida e consagrada na literatura etnográfica, em substituição a "coroados". Adotamos aqui a Convenção para a grafia dos nomes tribais, da "Associação Brasileira de Antropologia" (1954).

Nesse último, que é uma preparação compilada para sua obra-maior (abaixo), menciona alguns exemplos da avifauna, mas destaca-se um detalhe linguístico adotado pelos chamados Arés (ou seja, Botocudos [182]): "*O nome da Saracúra em Aré e Guarany é Saracú; na dos Coroados*[183] *é Pet-faug. O sapacurú tem o mesmo nome tanto em Guarany como em Aré; não me recordo do nome que lhe dão os 'Coroados'* " (Borba, 1904:56).

Sua obra-prima foi o livro "*Actualidade indigena*" (Borba, 1908), uma coletânea profunda e detalhada sobre indígenas do Paraná, configurando-se das primeiras informações genuinamente paranaenses a respeito da vida e costumes dos Kaingang e Guarani. Ocorre que Telêmaco conviveu com os indígenas paranaenses por vários anos, desde 1863 (Borba, 1908:prefácio)em especial na região do chamado aldeamento do Jataí[184] (rio Tibagi). Com os Arés, seu contato baseou-se em informações colhidas durante suas viagens ao rio Ivaí percorrido por ele[185] em 1874 desde a foz até a região de Vila Rica e, em fins de 1875, entre Cândido de Abreu (Therezina) e a Corredeira do Ferro (Borba, 1908:165).

Essa obra, reeditada recentemente por intervenção do Instituto Memória (Curitiba), é subdividida em vários tópicos que aparecem em três partes e um apêndice. A primeira delas versa exclusivamente sobre os Kaingang e, a segunda, sobre os Kaiuá-Guarani; à terceira cabe uma comparação linguística entre ambos. A seção mais

---

[182] Referia-se aos Xetás, como mais corriqueira e atualmente conhecidos.

[183] Também conhecido como corocoró e corvo-d'água (*Mesembrinibis cayennensis*).

[184] Ou seja, aldeamento São Pedro de Alcântara, na margem oposta do rio Tibagi, onde situava-se a colônia militar do Jataí.

[185] Essa viagem é citada por Bigg-Wither (1878) nas seguintes circunstâncias. Quando Thomas P.Bigg-Wither findou sua última viagem pelo Paraná (pelo rio Tibagi), da qual Telêmaco participou ativa e presentemente, ambos rumaram para a colônia Teresa Cristina, lá chegando em 25 de setembro de 1874. Dali o primeiro voltou para a Inglaterra e, o segundo, desceu o Ivaí para se juntar ao grupo que ainda estava trabalhando lá.

interessante está no apêndice, onde o autor seleciona subtítulos variados, com destaque para uma narrativa de viagem.

Como seria de se esperar, em virtude das inclinações antropológicas do autor, o texto não tem orientação naturalística, tampouco zoológica. Os animais ali tratados são meramente figurantes do cotidiano e imaginário dos indígenas, embora as narrativas sejam absolutamente seguras e bem apresentadas.

Uma questão a ser abordada logo de antemão relaciona-se aos itens consumidos como alimento pelos Kaingang, dentre os quais são citados apenas mamíferos como antas, macacos, porcos-do-mato e quatis. Ali nenhuma espécie da avifauna é mencionada, embora haja uma rápida indicação a "*algumas jacutingas mortas* (Penelope) *ainda sem depenar...*" (Borba, 1908:28).

A primeira menção explícita a uma ave aparece no capítulo sobre lendas e mitos. Sobre isso relacionam as saracuras (*Aramides saracura*) como pássaros amigáveis que, em um certo momento de inundação, trouxeram cestos de terra para salvar os índios (Borba, 1908:20-21):

> *"Os* Caingangues, *e alguns poucos* Curutons, *alcançaram a custo o cume de* Crinjijimbé, *onde ficaram, uns no solo, outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das arvores; e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer; ja esperavam morrer, quando ouviram o canto das* ***saracuras*** *que vinham carregando terra em cestos, lançando-a á agoa que se retirava lentamente.*
>
> *Gritaram elles ás saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando tambem o canto e convidando os* ***patos*** *a auxilial-as; em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um*

> *açude, por onde sahiram os* Caingangues *que estavam em terra; os que estavam seguros aos galhos das arvores transformaram-se em macacos e os* Curutons *em bugios. As saracuras vieram, com seo trabalho, do lado donde o sol nasce; por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao Grande Paraná".*

Em seguida, o elemento tratado é a gralha-branca, ou *xakró* (*Cyanocorax chrysops*) (Borba, 1908:26), na narrativa sobre a origem do fogo e também o nome genérico "gavião" é lembrado nos cantos destinados a funerais (Borba, 1908:34).

O fragmento mais interessante como fonte ornitológica aparece nos vocabulários. Ali encontramos um pequeno inventário: arara (*Cáéi*), jacu (*Pein*), macuco (*Uô*), nhambú (*Dé*), passarinho (*Haxin*), pato (*Peimbéng*), papagaio (*Cantou*), pena (*Feiê*), perdiz (*Coiampêpê*), pombo (*Petecoin*), tucano (*Gron*) e uru (*Petpuêre*).

Agora com relação aos Caiguás, Borba narra um episódio por ele vivenciado junto a sua tripulação de barco, enquanto navegava pelo rio Paraná. Era 1874 e "*Ao findar da noite, já os johós principiavam a dar seos lamentosos pios; os aracuans cantavam; era madrugada...*". Não se sabe exatamente em que lugar estava o explorador, tampouco se era no Paraná, mas a indicação aponta para jaós (*Crypturellus undulatus*) e aracuãs (*Ortalis sp*.)[186].

Esse texto também compreende algumas lendas, uma das quais trazendo informações sobre aves (Borba, 1908:64): "*Os tigres,* (jaguaretês)*, foram entrando com suas caças mortas; uns traziam passarinhos, inambús, macucos,* (inambú-guassú), [...]. E prossegue: "*Em uma occasião em*

[186] Essa última espécie, cuja presença no noroeste paranaense é suspeita e discutível, será abordada com mais detalhes nesta coleção sob Wladimir Kozák.

que eles andavam caçando, viram um jacú e uma arara (guaá); *dahi guarani. Preparava Derekey sua flecha para matal-a, quando a arara lhe disse: Para que voce vive matando os passaros, para dal-os a comer á tigre jary que comeo tua mãe, em lugar de matal-a e aos netos e procurar teu pae?. Ficou Derekey admirado de ver a arara falar, e esta disse-lhe tudo o que tinha acontecido á sua mãe* [...]".

Já tratando do grupo dos Arés, Borba descreve uma lenda semelhante à dos Kaingang, porém mais descritiva, sobre as saracuras (Borba, 1908:70-71), explicação mitológica para a relação social destes índios com os demais íncolas, agora relacionando-os com o coró-coró ou sapacurú (*Mesembrinibis cayennensis*):

> *"Em um dia, ouvio ao longe o canto do* ***sapacurú*** *(uma especie de ibis dos nosso rios). que delle se approximava. 'Continue firme ahi, eu vou trazer terra para você descer.'*
>
> *Dahi a pouco, pousou nos galhos da palmeira uma* ***saracura*** *e vendo-o ali disse-çhe: Perto daqui tem terra, porque não vae lá? Não posso, estou muito fraco: se eu largar a palmeira com certeza morro. Então a saracura disse: 'Eu vou buscar terra'. Ella e o sapacurú traziam terra no bico e a espalhavam pela agoa que seccava. Nos logares em que o sapacurú largava a terra, como seu bico era maior, ficava a terra elevada, formando montanhas. Antes dessa chuva a terra que habitamos era plana; e a agoa desappareceo, e elle desceo da palmeira, e vivia de fructas e raizes de arvores; mas estava só no meio do s outros animaes que não eram como elle. Um dia o sapacurú disse-lhe: Porque você não vae procurar umacompanheira? Na enseada grande da lagoa ha muitas. Faça uma jangada, entre nella que eu mando os patos lhe conduzirem aonde estão as moças das outras gentes. E na manhan seguinte, os*

patos levaram, a reboque, a jangada com elle dentro. Na beira da lagoa banhavam-se muitas moças; ellas viram a jangada, correram para a margem, assustadas; uma dellas atirou-se á agoa, e nadou para a jangada; ali chegando, elle a prendeo nos braços e os ***patos*** *arrastaram a jangada para o pouso delle. As outras moças contaram á gente dellas o ocorrido, e elles foram em perseguição dos fugitivos, mas não o poderam alcançar. Aré casou-se com a moça, tiveram filhos; mas quando encontramos as outras gentes, sempres estas brigam comnosco. Eis a razão porque vivemos separados e como perdidos nas mattas[...].*

Na mesma obra, rica em detalhes etnográficos, Telêmaco Borba também compõe um vocabulário comparativo entre as línguas portuguesa, caiguá (guarani) e dos Xavantes, que ele encontrara no interior de São Paulo em 1878. Apenas com relação ao segundo grupo, que aqui nos interessa, enumera: arara (*Guaá*), jacú (*Jacù*), macuco (*NhambúGuassú*), papagaio (*Parakao*), tucano (*Tuncan*) e urú (*Urù*).

A terceira parte do livro é um glossário português-Kaingang-Guarani e, nessa ordem, são citados os seguintes exemplos de "Passaros" (Borba, 1908:106-107):

Português	**Kaingang**	**Guarani**
Pássaro	-	*Guirá*
Ovo	*Crê*	*Guirá rupiá*
Arara	*Caéí*	*Guaá*
Periquito	*Cricriye*	*Canharin*
Papagaio	*Canton*	*Parakáo*
Mutum	*Peimbang*	*Mütum*
Jacu	*Cohí*	*Nhacompen*
Jacutinga	*Pein*	*Jacutin*
Urubu	*Nhantan*	*Ruvú*

Urubu-rei	*Nhantang bang copri*	*Ruvú tin*
Aguia	*Cacã*	*Nhapucanin*
Pato	*Pembéng*	*Ipéi*
Pombo	*Petcoin*	*Apicaçu*
Gallo	-	*Ruguaçu avá*
Gallinha	-	*Urúconhã*

Valem, sem dúvida, alguns registros importantes desta lista, em particular de espécies já consideradas raras no contexto estadual, como a arara (quase certamente *Ara chloropterus*), o mutum (*Crax fasciolata*), a jacutinga (*Aburria jacutinga*) e, com efeito, a "águia" ("*Nhapucanin"*), que poderia ser remetida ao gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*).

Cabe agora uma intervenção biográfica, também a respeito de um dos capítulos do "Actualidade indigena", e que se refere a uma épica expedição fluvial muito conhecida da historiografia paranaense.

O irmão mais próximo de Telêmaco era **NESTOR AUGUSTO MOROCINES BORBA** (n. Curitiba, 1842; f. Curitiba, 1881)[187], como ele também sertanista e indigenista. Foi, além de poeta, agrimensor, tabelião e alferes da Companhia Policial da Província do Paraná. Adepto da equitação, foi fundador e secretário do Jockey Clube do Paraná. Dentre outros feitos, destacou-se como "voluntário da pátria", durante a Guerra do Paraguai, para onde se

[187] Biografia segundo Blake (1883-1902: vol.6), exceto anos de nascimento e falecimento, que seguem Vargas (1970). Nestor e Telêmaco eram filhos, dentre outros quatro, do sargento-mor (também major e capitão) Vicente Antônio Rodrigues Borba, eternizado pela participação como comandante de operações nas guerras da Independência e Cisplatina, tendo pertencido ao tronco genealógico do bandeirante Borba Gato. Outro irmão era Jocelin Augusto Morocines Borba, também indigenista, explorador e coronel e que foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, junto a José Cândido da Silva Muricy, Camillo Vanzolini (vide sob Franco Grillo), Ermelino de Leão e Sebastião Paraná, todos esses citados ao longo da presente obra. Uma das filha de Vicente, Emília Sofia Morocini Borba, era casada (1845) com José, filho do já mencionado cronista Antônio Vieira dos Santos.

dirigiu[188] em março de 1865. Gravemente ferido na Batalha do Tuiuti (Vargas, 2001), foi promovido ao posto de capitão honorário.

Entre 1° de janeiro e 14 de fevereiro de 1876, os dois irmãos se associaram a um grupo de expedicionários com a finalidade de realizar uma arrojada viagem de exploração pelo norte e noroeste do Paraná, saindo inicialmente de Curitiba em 4 de dezembro de 1875. Partiram da colônia militar do Jataí descendo o rio Tibagi e, em seguida, tomando o rumo do Paranapanema chegaram ao rio Paraná na região das Setes Quedas, em Guaíra.

A empreitada baseou-se em determinação do presidente da Província do Paraná, Adolfo Lamenha Lins (1845-1881), em mais uma das intervenções políticas visando à comunicação do Paraná com o Mato Grosso do Sul, Paraguai e Bolívia por meio de uma ferrovia (*vide* John H.Elliot, Franz Keller e irmãos Rebouças, neste volume; também Bigg-Wither, 1878).

Conhecendo a dificuldade de transpor o rio Paraná na altura das Sete Quedas, incumbiu os dois sertanistas de uma minuciosa exploração do local, daí a razão para o itinerário percorrido. Regressaram pelo mesmo caminho, depois de investigar o trajeto fluvial do rio Piquiri e fazendo algumas incursões nas adjacências do Mato Grosso do Sul.

Essa viagem gerou a publicação de duas narrativas, uma por parte de Nestor, outra de Telêmaco. A mais conhecida, concluída textualmente em "14 de março de 1876" foi intitulada "*Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo capitão Nestor Borba – notas e considerações*

[188] Pouco antes, no mesmo ano, havia sido designado para o comando do aldeamento indígena de Guarapuava. Ao mesmo tempo, seu irmão Telêmaco assumia interinamente o aldeamento de São Jerônimo e o outro irmão (Jocelin) atuava no aldeamento do Paranapanema (Santo Inácio). A ida de Nestor para guerra também coincidiu com o início da expedição dos Keller (pai e filho) ao longo do rio Ivaí, cujo traçado (de retorno), como se verá adiante, foi repetido por Telêmaco e Nestor exatos onze anos depois.

geraes pelo engenheiro André Rebouças", mas publicada apenas 22 anos depois (Borba, 1898). Nesse artigo, publicado pelo Instituto Historico e Geográfico Brasileiro, consta o texto original de Nestor, com anotações de rodapé de Rebouças e um excerto (Rebouças, 1898)[189], assinado por esse engenheiro que também estava fortemente envolvido – dentre outros assuntos – com a questão do desenvolvimento ferroviário no Paraná.

Borba, ao abrir o documento, já informa sobre seus interesses, dando pistas sobre estudos literários disponíveis (Borba, 1898:64): "*Ha muito tempo nutriamos desejo de visitar a catarata das Sete Quedas, ou Salto de Guayra, que conheciamos unicamente pelas descripções feitas, no seculo passado, por Azara* [vide Straube, 2011)] *e pelos commisionarios portuguezes, demarcadores dos limites entre o Brazil e as possessões espanholas; mas que, por incompletas, não satisfaziam nossa curiosidade. Resolvemos ir verificar o que havia de verdadeiro a esse respeito*".

A obra referida é uma vívida contribuição à orografia e hidrografia deste setor do rio Paraná, em especial na margem sul-matogrossense. No entanto, a única passagem que se liga à fauna e particularmente às aves é (Borba, 1898:68):

> *"No dia 14* [de janeiro de 1876] *continuamos a navegar por essa costa que tem enseadas lindissimas; em uma delas, desagua o Itaquaray encontrámos uma ruína de grande povoação.*

[189] Originalmente considerados como integrantes do mesmo artigo (vide Indice do periódico), os textos de Borba e Rebouças são dimetralmente opostos, embora complementares. Por esse motivo, consideramos nas referências bibliográficas como duas citações distintas (Borba, 1898 e Rebouças, 1898), levando em conta a autoria diferente, sob titulação distinta.

> *Transcreveremos para aqui o que a respeito escrevêmos em nossa carteira de apontamentos... 'Logo que cheguei ao Itaquarahy, onde pretendia almoçar, entrei no matto levando espingarda para caçar* ***motuns****, que havia em abundancia; a poucos passos encontrei as ruinas de uma povoação; conhecem-se estas pelos montes de terra, regularmente alinhados; que com dificuldade se veem; porque nos lugares onde foram povoações, a floresta é tao espessa como em outra qualquer parte; em nenhuma das ruinas encontradas nas costas do Paraná e de seus afluentes que faziam parte da Província de Guayra, se viu ainda vestigio algum de construção de pedra e cal; seus edificios ou eram de páo a pique barreado, ou de taipa".*

Esses dados são de grande valor ornitológico. Referem-se a uma espécie de ave (o mutum, *Crax fasciolata*), confinada (no Paraná) à sua região noroeste e neste estado considerada seriamente ameaçada, em virtude da erradicação de seus últimos ambientes naturais de ocorrência (Straube *et al*., 2004; Straube, 2010). Não bastasse o registro, também relevantes são as informações geográficas e cronológicas, ou seja, localidade e data[190]! Cabe ressaltar, entretanto, que – de acordo com o percurso indicado – os viajantes estariam na margem direita do Paraná, portanto, no estado do Mato Grosso do Sul. Ali, como temos observado em nossas pesquisas ao longo do sistema fluvial do rio Baía (Straube & Bornschein, 1995; Straube, 2010), mutuns ainda ocorrem, embora em pequenos números.

---

[190] Segundo a anotação de André Rebouças (p.68; rodapé), "*Estas ruinas são de Ontiveros*".

Não obstante o relatório de Nestor ter sido publicado sob divulgação nacional, também Telêmaco decidiu divulgar suas impressões sobre a viagem. Sua crônica apareceu no já citado livro "*Actualidade indigena*" (Borba, 1908), abrindo para isso, um capítulo nesta obra, denominando-o "Do Jatahi ao Salto do Guaíra" e afirmando – em rodapé – que: "*Esta primeira parte da descripção, que segue foi escripta, e publicada no* Echo dos Campos, *Castro, em 1882*"[191].

Nesse texto, de enorme valor histórico, Telêmaco é muito mais cuidadoso ao mencionar os elementos da natureza por eles observados. A algumas dezenas de quilômetros depois da colônia de Jataí, ao longo do rio Tibagi já menciona as primeiras aves (p.142):

> *"Á tarde entraram os exploradores nas regiões deshabitadas; principiaram a avistar alguns passaros das familias dos papagaios, como sejam:* ***araras, maitacas, maracanans, jandais****, etc.;* ***pombos pardos*** *e mesmo uma ou outra* ***jacutinga****, porem todos ainda muito ariscos...".*

A descrição mostra claramente a riqueza da avifauna local, já citada por Franz Keller, com a presença de psitacídeos em profusão (inclusive araras-vermelhas) e outros representantes, destacadamente a jacutinga (*Aburria jacutinga*).

Seguindo pelo rio, agora cita dois topônimos fluviais com origem ornitológica (Borba, 1908:144):

---

[191] O efêmero periódico "Echo dos Campos", embora distribuído em Castro, era produzido e impresso em Curitiba, por José Francisco da Rocha Pombo (1859-1933). Aqui pode haver um deslize cronológico, visto que o jornal foi iniciado em 17 de março de 1883 (Cardoso-Filho, 2009).

> *"...Das Sete Ilhas para baixo o rio é composto de corredeiras, rapidos e cachoeiras numa extensão de 18 kilometros, até sahir ao* ***manso das Araras****; desse ponto em diante, até sua foz no Paranapanema, o manso é interrompido apenas pelo rapido de S.Xavier e* ***baixio do Jacú****; sendo tudo o mais calmo e fundo. A's 5 horas da tarde acamparam na foz do* ***ribeiro do Jacú****, onde fizeram grandes caçadas deste gallinaceos que é excellente manjar...".*

Logo depois, ao chegarem ao rio Paranapanema (Borba, 1908:144): "*A caça é abundante e mais bisonha; já se avistam nos barreios alguns veados, antas e jacutingas*" e já percorrendo o rio Paraná, é essa a descrição que se apresenta sobre o trecho entre a foz do Paranapanema e a cidade de Guaíra (Borba, 1908:146):

> *"Um rio de largura immensa; com ilhas de 8 a 15 leguas de extensão, povoadas de bugios, cérvos, macacos,* ***mutuns****, e* ***johós****; com lindas alvas praias onde passeiam descuidados, os grandes* ***tuiuiús****, as* ***garças brancas****,* ***cegonhas****,* ***patos****,* ***gansos****,* ***marrecos*** *e* ***gaivotas****; onde dormem ao calor do sol, as mansas capivaras, dipertadas, não raras vezes, pelo rugido do tigre ou pelo silvo da sucuri; que o descreve quem quizer; porque nós não nos achamos com animo para tanto; toda e qualquer descripção que d'elle tentassemos fazer, nem talvez pallido reflexo seria da grandiosa realidade da suas paizagens".*

Essa descrição mostra aproximadamente o mesmo cenário encontrado por Reinhard Maack (Maack, 1941), outro ativista para a criação de uma reserva para proteção da natureza nesse setor do rio Paraná. Com efeito, o texto de

Telêmaco é bastante objetivo na menção de algumas espécies de interesse como os já citados mutuns (*Crax fasciolata*) e os atualmente extintos jaós (*Crypturellus undulatus*). Também merecem relevo as presenças de patos (*Cairina moschata*), gansos (espécie não identificada) e gaivotas (*Phaetusa simplex*) que compõem – até os dias de hoje – a avifauna desta peculiar região paranaense.

Depois de navegar por longa extensão do rio Piquiri (segundo consta até um salto chamado de Santa Bárbara), resolveram retornar ao rio Paraná para o regresso. No dia 27 de janeiro de 1876 mais informações interessantes (p.160):

> *"No dia 27, acamparam, ás 5 horas da tarde, para pernoitar; como Telemaco se dirigisse a uma moutas onde pusavam algumas* ***anhumas****, (*Palamedia Cornuta*), deparou com uma bandada de capivaras, (*Hydrochaerus Capibara*), que vinham correndo assustadas; parou para observal-as: dahi a pouco avistou um tigre, (*Felix Onça*), que sorrateiramente seguia o rasto das capivaras".*

É notável que mais uma vez se pode resgatar tanto a localização aproximada quanto a data precisa deste registro da anhuma (*Anhima cornuta*), espécie ameaçada no Paraná e que já foi considerada regionalmente extinta (Straube *et al.*, 2004). O local era possivelmente a foz do rio Paracaí (ponto visitado posteriormente por Andreas Mayer, Emilio Dente e Dionísio Seraglia) ou a região entre a desembocadura dos rios Piquiri e do Veado (citado pouco depois, Borba, 1908:160), quase defronte à metade geográfica da ilha Grande.

Alguns dias depois, novos relatos sobre avifauna, agora para a região do rio Ivaí (Borba, 1908:165):

"No dia 30 continuaram a viagem sem incidente digno de nota, a não ser a caçada de algum bugio preto ou ***mutum****.*

Acamparam na ilha do cacique Santigo, que ahi tem seo tumulo junto ao tronco de um grande Jatobaseiro. No dia 31 chegaram ao ***rio dos Patos****, onde fizeram grande estrago nestes palmipedes, que, tendo derribado as penas das azas, não podiam voar, gorpos...Mas, caçaram em tanta quantidade que não puderam aproveitar todos".*

Por fim, rapidamente o autor refere-se ao retorno, dedicando poucas palavras ao rio Paranapanema e restringindo-se ao regresso à colônia Jataí.

Uma visão analítica dos relatos dos Borba, permite-nos reconhecê-los como valiosos sob vários aspectos. Isso não somente para o campo antropológico, que deve ser julgado por especialistas deste campo, mas, em especial, pelas descrições da naturália que, apesar de descompromissadas, mostram com grande fidedignidade o panorama ambiental original daquela região paranaense.

Os dois irmãos não eram propriamente naturalistas mas, na qualidade de observadores curiosos do meio circundante que os acompanhou em suas várias diligências pelo interior do Paraná, puderam contribuir com certo relevo a várias áreas do conhecimento.

Talvez o reconhecimento mais importante que se tenha prestado, particularmente a Telêmaco, foi a descrição de duas espécies de braquiópodos fósseis com base em material coletado por ele em "Tibagy". Tratam-se do *Spirifer iheringi* e *Spirifer borbai*, esse último nominado em

sua homenagem. Na descrição original de ambos, o autor (Kayser, 1900:302) assim se refere às amostras[192]:

> "*Esses Spiriferos foram collecionados pelo Sr. Telemaco Borba em Tibagy, Estado do Paraná, que fez deles presente ao Museu Paulista. O Dr. Derby sujeitou-os a um exame provisório e afirmou ao Sr. Von Ihering que essas espécies foram também por elle encontradas no mesmo Estado em Ponta Grossa e Jaguarahyva e comparadas com espécies do Devoniano inferior da América do Norte*".

---

[192] Para discussão sobre a identidade taxonômica, vide Lange (1954:6). Ambos são atualmente sinônimos-juniores de *Australospirifer iheringi* (Kayser, 1900), espécie característica do Membro Tibagi (389-400 milhões de anos) da Formação Ponta Grossa (Devoniano).



Os fósseis *Spirifer iheringi* e *S.borbai*, segundo a descrição original (Kayser, 1900: apêndice). A legenda é a seguinte (Kayser, 1900:311): "Est. II. Fig. 1. *Spirifer Iheringi* n.sp. Do devoniano inferior (?) do Estado do Paraná. Vista pelo lado do bicco de um molde um pouco disforme. Fig. 2 e 3. *Spirifer borbai* Ih. n.sp. Da mesma proveniência. 2. Vista dorsal de um molde um pouco disforme 3 e 3a vistas ventral e do lado do bico de outro molde. – Os originaes estão no Museu Paulista"

Cronologia

1864 Inicia-se (até 1870) a "Guerra do Paraguai", o maior conflito armado da história das Américas, causado pelo descontentamento paraguaio contra a interferência do Brasil nas questões políticas e econômicas do Uruguai. No embate, morreram 60 mil brasileiros e mais de 300 mil paraguaios, em uma das disputas mais vergonhosas da história dos países que dela participaram.

1864

GUSTAVO RUMBELSPERGER

GUSTAVO RUMBELSPERGER[193] (n. França, 1817; f. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1892), foi um engenheiro francês naturalizado brasileiro que participou da fundação da colônia Teresa Cristina e de expedições pelo rio Ivaí. Estudou em Chalon-em-Champaigne, onde havia uma "Ecole impériale des Arts et Métiers", sistema de ensino criado por Napoleão a fim de dar noções de técnicas de engenharia. Com apenas 17 anos (1834) emigrou ao Brasil, radicando-se em Belo Horizonte (então "Cidade de Minas"); transferiu-se em seguida para a Filadélfia (EUA), onde concluiu seus estudos. Retornou em seguida para o Rio de Janeiro, prestando serviços ao arsenal da Marinha (Nicolas, 1981), momento em que colaborou na produção da carta da província do Rio de Janeiro (1840).

Em 1847, participou do planejamento e implantação do primeiro esquema de colonização de franceses no Paraná[194], a colônia agrícola Teresa Cristina (originalmente "Colonia Thereza", depois "Therezina"), iniciativa capitaneada pelo médico Jean Maurice Faivre que, às nascentes do rio Ivaí, organizou o estabelecimento de 87 famílias de imigrantes. A proposta colonizadora, com ideais humanistas baseados nas obras do socialista Charles Fourier,

[193] Eventualmente grafado como Rumbelsberger ou Rumbelsterger (p.ex. Blake, 1883-1902:volume 3).
[194] Da qual também participou, dentre outros, Pierre Aloys Scherer (vide sob Lellis da Silva).

contou com o estímulo do imperador Pedro II e serviu de base para um sistema cooperativista, pela primeira vez adotado no Brasil.

Em 30 de agosto de 1858, com o falecimento prematuro de Faivre, Rumbelsperger – seu homem de confiança – assume o comando da colônia, condição estendida até novembro de 1870, quando pediu demissão do cargo. Durante esse tempo, graças à sua posição de administrador da próspera e destacada colônia, bem como pelas viagens empreendidas para o Rio de Janeiro, passa a manter contato próximo com o Museu Nacional, em especial por seu interesse notável pelas ciências naturais.

Nesse meio-tempo, atentendo à indicação do presidente da província do Paraná, realizou uma expedição que percorreu quase todo o rio Ivaí, desde a colônia Teresa Cristina, na foz do rio Ubazinho, até a sua desembocadura, no rio Paraná. A viagem iniciou-se em 28 de setembro de 1864, ficando concluída em 21 de dezembro, para a qual o engenheiro apresentou relatório alusivo, datado de 24 de março de 1865 (Rumbelsperger, 1865).

Nesse documento, infelizmente, não há nenhum indício de contato com a fauna, tampouco a flora e vegetação da região percorrida. Resume-se a indicações de afluentes, distâncias, profundidades e presença de corredeiras no percurso fluvial com eventuais apontamentos sobre sua navegabilidade.

Segundo Leonardos (1973:154), Rumbelsperger era “preparador” do campos das investigações zoológicas; para Oberacker-Jr (1985:310), foi um “zoólogo e preparador”. Essas afirmações fazem algum sentido se considerados seus laços com o Museu Nacional, instituição da qual foi contratado como naturalista-viajante em fevereiro de

1884[195]. Sabe-se, ainda, que era um “artista” mas, ao que tudo indica seus conhecimentos de desenho eram restritos ao campo de engenharia. No entanto, segundo Benghi (1991b), “A contribuição de Rumbelsperger à iconografia paranaense soma paisagens locais, em que se destacava a aquarela Salto de Ubá (1850), à ilustração de animais e plantas que enviava para a Corte, enquanto residia no Paraná, e das quais só se tem notícia pelas referências que a elas fazia em sua correspondência”.

Logo ao deixar o Paraná, ele se transferiu para o Rio de Janeiro, levando adiante sua condição de pesquisador, participando de missões científicas e acompanhando outros estudiosos, dentre eles Luis Cruls (Benghi, 1991b)[196]. Sabe-se também que, junto com seu irmão (Ernesto)[197], muitos anos depois (1884-1889) de ter renunciado ao cargo de diretor da colônia, foi incumbido de explorações arqueológicas na Amazônia (ilha de Marajó, Santarém e outros locais), por indicação de Ferreira Penna (Sanjad, 2011).

---

[195] Segundo Mello-Leitão (1937), foi durante a gestão de Ladislau Netto que o engenheiro francês foi admitido como naturalista-viajante, durante os chamados “anos de ouro do Museu Nacional”. Foi, portanto, mais ou menos contemporâneo de Fritz Müller, Carl Wilhelm Friedenreich (famoso por ter formado as bases da coleção de besouros do Museu), Hermann von Ihering, Emil Goeldi, Carlos Moreira e Ernst Ule. No cargo permaneceu até seu falecimento, segundo Armond (1892), após mais de oito anos de função.

[196] A famosa expedição ao Estreito de Magalhães para observação da passagem do planeta Vênus sobre o Sol, ocorrida em 6 de dezembro de 1882 (Cruls, 1887).

[197] Ernesto Rumbelsperger também trabalhou no Museu Nacional (entre 1884 e 1887), desempenhando funções na Seção de Antropologia, como auxiliar do preparador e ajudante de desenho; foi substituído por João Eduardo Beaufils (Keuller, 2008).

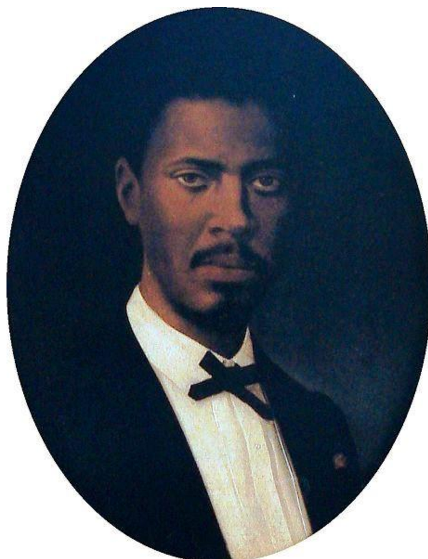
[1864]

ENGENHEIROS REBOUÇAS [198]

ANDRÉ PINTO REBOUÇAS (n. Cachoeira, BA: 13 de janeiro de 1838; f. Funchal, Ilha da Madeira: 9 de maio de 1898) era filho do advogado e conselheiro Antônio Pereira Rebouças e Carolina Pinto Rebouças. Intelectual, foi requisitado por várias vezes pelo governo imperial como consultor de sua especialidade, enquanto professor de Escola Politécnica e membro das sociedades Auxiliadora da Indústria Nacional, Brasileira de Aclimação e Propagação das Belas Artes e do Instituto Politécnico Brasileiro. Foi condecorado com as ordens da Rosa e de Cristo e, ainda, com medalha honorífica pelos serviços prestados durante a Guerra do Paraguai. Ficou famoso em todo o Brasil como engenheiro, mas era também advogado e político, tendo exercido o cargo de deputado, com o qual exerceu grande influência sobre Pedro II, particularmente em questões abolicionistas.

---

[198] O subtítulo, embora pareça estranho, alude a dois personagens e também relembra os nativos de Curitiba que a rua Engenheiros Rebouças (e também o bairro Rebouças) homenageia ambos.



André Pinto Rebouças (1838-1898) (Fonte: Wikipedia)

Junto a seu irmão Antônio, formou-se em ciências físicas e matemáticas, com habilitação em engenharia, depois servindo ambos o Exército (1860) e, também juntos, residindo na Europa (1861) para aperfeiçoar os estudos. Ali dedicaram-se ao estudo dos caminhos de ferro e portos do mar na Inglaterra e França (Blake, 1883-1902), embasamento que, anos depois, seria aplicado ao Brasil. Desde 1861 publicou vários artigos técnicos e livros, referentes às engenharias mecânica, hidráulica, de transportes, bem como relatórios estratégicos, corografias e outros[199].

[199] Segundo Narozniak (2010): "Eles construíram portos, ferrovias, sistemas de abastecimento de água, assessoraram o Exército na Guerra do Paraguai, ajudaram músicos como Carlos Gomes e o nosso Brasílio Itiberê da Cunha, lutaram pela libertação dos escravos, incentivaram a imigração de europeus, o minifúndio, a industrialização, e sobretudo sonharam com um Brasil moderno".

Sua trajetória, então, entremeia-se inevitavelmente com a de seu irmão mais novo **ANTÔNIO PEREIRA REBOUÇAS** (filho) (n. Cachoeira, BA: 13 de junho de 1839; f. São Paulo, SP: 24 de maio de 1874), com quem compartilhou estudos, títulos honoríficos, ligações a agremiações e autoria de publicações. Esse último, ainda, procedeu os levantamentos para criação de ferrovias e outros meios de acessos em Santa Catarina, São Paulo e Paraná, estado com o qual mantinha ligação muito forte.



Antônio Pereira Rebouças (Fonte: acervo do Museu Paranaense).

Ambos chegaram a Curitiba em julho de 1864, cabendo a Antônio o cargo de engenheiro-chefe da

construção da famosa Estrada da Graciosa[200], ligando Curitiba a Morretes e iniciada em 1854. Nesta ocasião, que julgamos ter sido o momento mais recuado de suas participações no cotidiano paranaense, planejavam também "abrir no tempo mais curto possível uma estrada estratégica da Província do Paraná ao Paraguai aproveitando do Rio Curitiba", ou Iguaçu (Trindade, 2007), a chamada "Estrada do Mato-Grosso". Esse caminho possibilitaria uma conexão com outros locais da América do Sul, inclusive a Bolívia, por meio do rio Madeira (Antônio Rebouças, 1870).

Antônio publicou, ao longo de sua vida, várias obras sobre ferrovias e portos, mas também referentes ao abastecimento de água, sistema telegráfico brasileiro e vários relatórios de viagem. Dentre esses destacam-se "Breve noticia de linha entre a villa de Guarapuava e a navegação do baixo Ivahy" (apenso ao Relatório da Província do Paraná de 1869), "Relatorio da commisão exploradora da estrada para Mato Grosso por Guarapuava" (1870), "Tramway de Coritiba a Antonina: memoria justificativa annexa ao requerimento da concessão" (1871) e "Caminho de ferro de D.Izabel, da provincia do Paraná, á de Mato Grosso, pelos valles dos rios Ivahy, Ivinheima, Brilhante e Mondego: memoria anexa á petição inicial de empreza e estudo comparativo das vias de communicação para Mato Grosso" (1872) (Blake, 1883-1902).

Já André, com seu outro irmão (José), publicou o livro "Ensaio de indice geral das madeiras do Brasil" (Rebouças & Rebouças, 1878), em quatro volumes[201].

[200] Esse trajeto, tal como concebido nos dias de hoje é um tanto diferente do "Caminho da Graciosa", picada idealizada já em 1646, mas sujeita a várias retificações e traçados, notavelmente na porção litorânea, a partir da localidade de São João (Moreira, 1975). Sua construção justificou-se como uma alternativa ao difícil Caminho do Itupava (ver Saint-Hilaire e Natterer: Straube, 2011).

[201] Tive acesso apenas ao volume 2, datado de 1878 e com 401 páginas em continuidade com o volume anterior (p.437 a 837). Na obra são citadas as espécies conhecidas de árvores do Brasil (em ordem alfabética de nome popular), dando-se algum destaque a

Apesar dessa produção, pode-se dizer que a participação de André no conhecimento das ciências naturais paranaenses é pequeno. Aparentemente ele não tinha interesse no assunto, exceto por questões utilitaristas, em que, de fato, foi fundamentada a sua formação e legado. Talvez o tópico de sua biografia que mais tangenciou a História Natural sejam seus comentários, em nota de rodapé, a uma narrativa de viagem (entre 1875 e 1876) de Telêmaco e Nestor Borba (Borba, 1898; vide acima), bem como o apêndice de sua autoria apenso a essa mesma obra. Ali, Rebouças (1898) emite suas impressões sobre a região do rio Paraná, englobando a ilha Grande e os saltos de Sete Quedas: "*A leitura da interessante descripção da bella viagem, que ao Salto do Guayra acaba de fazer o bravo capitão Nestor Borba, despertou-nos idéas, que, de há muito, esperavam melhores dias para verem a luz*".

O texto é um manifesto, poético e também técnico, que clama pela criação – na região das Sete Quedas – de uma reserva[202] nos mesmos moldes dos encontrados nos Estados Unidos da América. Citando Yellowstone, Yosemite, Niagara e outros, argumenta longamente sobre os benefícios financeiros dessas iniciativas, já vistas no Hemisfério Norte, pela exploração do turismo (p.85):

> *"No sul da República região alguma póde competir com a do Guayra em bellezas naturaes. Desde a fóz do Ivahy até á do Iguassú, o rio Paraná reúne todas as gradações possíveis do bello ao sublime e do pittoresco ao assombroso! É a região das cascatas e das cataractas por excellencia."*

---

aplicações, ocorrências e denominações mas deixadas em branco a maior parte dos campos.

[202] As palavras de Rebouças são: "*...o que fica acima de toda a discussão é que a geração actual não póde fazer melhor doação ás gerações vindouras, do que reservar intactas, livres do ferro e do fogo, as duas mais bellas ilhas do Araguaya e do Paraná*".

Estrategista, Rebouças também lembra do sistema de transporte deficitário desta região, usando o magnífico contexto natural como propulsor de novas alternativas de deslocamento ao longo do rios Tibagi, Ivaí, Paranapanema e Paraná por meio de embarcações e vapor e por via férrea; propõe, inclusive um itinerário turístico interligando todo o interior paranaense, permitindo um extensíssimo roteiro planáltico.

Cabe lembrar que o primeiro parque nacional no Brasil (Itatiaia) foi criado apenas em 1937, portanto, mais de 60 anos depois da sugestão do célebre engenheiro[203]. Adicionalmente também é forçoso recordar que o extinto Parque Nacional de Sete Quedas, situado exatamente ali onde fora sugerido, chegou a estabelecer-se em 1961, mas – em 1982 – acabou submerso no reservatório de Itaipu.

A história desta unidade de conservação, provavelmente o único parque brasileiro que foi extinto e destruído em nome do "progresso", é muito mais complexa. Nos anos 60, a sua criação deveu-se não somente pelas bases oferecidas pelos Borba com o endosso do engenheiro Rebouças, mas também pelo esforço político do antropólogo José Loureiro Fernandes que buscava, além de proteção do patrimônio natural, uma área extensíssima para a sobrevida dos recém-descobertos índios Xetás. Segundo a antropóloga Carmen Lúcia da Silva: "*A aprovação do Parque Nacional em 20 de maio de 1961, reconhece nos limites do parque o hábitat Xetá que deveria ser definido pelo Serviço de Proteção ao Índio do Ministério da Agricultura. No entanto, sua criação não implicou em garantia de território para aquele grupo que buscou o contato com o administrador da*

[203] O documento, embora publicado em 1898, foi preparado no Rio de Janeiro em 2 de abril de 1876.

fazenda Santa Rosa, e tampouco, protegeu aqueles que ainda fugiam da aproximação com os brancos no interior da mata”[204].

Curiosamente, os irmãos André e Antônio Rebouças também ficaram conhecidos pelas inúmeras tentativas de incrementar a exploração econômica do pinheiro-do-paraná, tendo planejado, desde 1872, uma via de comunicação viável entre o litoral e o planalto paranaense. Também coube aos dois a criação da primeira iniciativa madeireira no Paraná, a Companhia Florestal Paranaense, situada na localidade de Borda do Campo. Essa serraria foi visitada por Thomas P.Bigg-Wither (1878:73) em agosto de 1871 que assim se refere ao anfitrião: "*Sr. Antonio Rebouças was a gentleman of colour, and a man of great enterprise and general capacity. He was held in high estimation by the Emperor. He was also one of the Concessionaires of the Paraná and Matto Grosso Railway Surveys*"[205].

A enorme disponibilidade de matéria-prima daquela época, propulsionava suas ideias: eles foram os pioneiros na produção de barricas, feitas com madeira de pinho, para o transporte de erva-mate, em substituição às caras embalagens (surrões) de couro.

André teve um fim trágico. Exilado com a família imperial, residiu em Lisboa por dois anos, onde produziu vários artigos contrários ao estabelecimento da República no Brasil. Depois disso morou em Paris e Luanda (Angola) e transferiu-se definitivamente para Funchal, na Ilha da Madeira. Já com saúde debilitada, faleceu de uma queda de um penhasco a beira-mar, situação por muitos tida como suicídio.

---

204 Homepage da FUNAI (http://www.mj.gov.br; acessada em 22 de dezembro de 2009).

205 "Sr. Antonio Rebouças era um cavalheiro de cor e um homem de grande empreendedorismo e capacidade geral. Ele era tido em alta estima pelo Imperador. Ele também foi um dos concessionários das pesquisas ferroviárias entre o Paraná e Mato Grosso [do Sul]".

Cronologia

1865 LÉLLIS DA SILVA publica as crônicas de sua viagem pelo interior do Paraná no "***Diario da viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao Rio Paranan***".

1865 Louis Agassiz realiza grande expedição naturalística pelo Sudeste do Brasil e Amazônia, financiada por Nathaniel Thayer e acompanhado do geólogo Frederico Hartt, do malacólogo J.S.Anthony e do ornitólogo Joel Asaph Allen.

1865 Comissionados pelo governo do Paraná, os três KELLER chegam ao Paraná, onde realizam grande obra de exploração e descrição geográfica.

1865 a 1866

FRANZ KELLER

FRANZ KELLER[206] (n. Manheim, Alemanha: 30 de agosto de 1835; f. Munique, Alemanha: 18 de julho de 1890) foi um engenheiro e desenhista, que veio ao Brasil em 1858, acompanhando seu pai Joseph Keller e do irmão, Franz Ferdinand Keller (1842-1922), que também era pintor.

Franz aprendera noções de cartografia com seu pai, quando esse assumiu o cargo de Inspetor de Rodovias e Ferrovias da cidade de Kalsruhe em 1841. Em seguida, aperfeiçoou-se em técnicas de desenho em Dusseldorf (Alemanha), no ateliê de Friedrich Shadow (Benghi, 1991a). Com essas credenciais, pai e os dois filhos foram inicialmente encarregados de realizar pesquisas geográficas (p.ex. rio Paraíba) para o Império, tendo Franz Ferdinand retornado à Alemanha em 1862.

Em 1864, Joseph e Franz foram contratados pelo presidente da Província do Paraná (André Augusto de Pádua Fleury) para realizar estudos técnicos de planejamento de estradas de rodagem, ferrovias e estudos hidrográficos.

[206] Ao retornar de sua segunda viagem ao Amazonas, Franz casou-se em 1867 com a filha primogênita (Sabine Christine) do editor Georg Leuzinger, dono do estabelecimento onde ele preparava suas litogravuras (Borges, 2004) e que já havia atuado no Rio de Janeiro como fotógrafo, por volta de 1832. Posteriormente adotou o sobrenome da família do sogro (Keller-Leuzinger), possivelmente para se diferenciar de seu irmão, também chamado Franz como qual frequentemente é confundido (*vide* Maack, 1981).

Teriam em parte a atribuição de continuar o trabalho iniciado por Rumbelsperger que percorreu o rio Ivaí, com vistas à sua utilização como via de comunicação (Maack, 1981).

A partir de Antonina, depois de cruzar a Serra do Mar, o planalto de Curitiba e os Campos Gerais, passaram ambos a inventariar (em 1865) o rio Ivaí desde a colônia Teresa Cristina até sua foz, no rio Paraná. Depois disso, exploraram o percurso do Paranapanema e nivelaram o Tibagi desde a sua embocadura até a colônia de Jataí. Em seguida, voltaram a Ponta Grossa, passando por São Jerônimo da Serra, fazenda Monte Alegre e Tibagi, permanecendo 10 meses no interior ainda virgem do Paraná (Maack, 1981:53).

A exploração tinha como objetivo principal o reconhecimento dos locais a serem considerados como rota e pontos de parada para um imenso eixo de ligação ligando os portos marítimo de Antonina e fluvial de Nioaque (rio Mondego, hoje rio Miranda), no Mato Grosso do Sul. Esse assunto era recorrente e também avaliações similares foram realizadas por outros engenheiros (p.ex. Bigg-Wither, *vide*) alguns anos depois.

Segundo Benghi (1991a), a recomendação do ministro de Agricultura do Império teria sido um pouco mais abrangente:

> *"...Juntarão a este roteiro uma descrição das tribos selvagens que encontrarem, designação dos lugares que habitam, e mais informações que possam colher [...]. Tanto na Estrada de Ponta Grossa à Colonia Thereza, como no curso do Ivahi e Paraná, indicarão os lugares mais apropriados à fundação de colonias agrícolas, militares e aldeamentos de índios (Relatório do Presidente do Paraná, 1865)".*

Grande parte do material documental produzido pelos Keller pertenciam ao acervo privado de Pedro II. São dezenas de relatórios, mapas ou gravuras, estas preparadas *in loco* pelos dois filhos e em grande parte inéditas até os dias de hoje.

O conteúdo em geral, pouco mostra de assuntos de História Natural, mas é rico em detalhes altimétricos, geológicos, climatológicos, hidrográficos e toponímicos que acompanham os textos produzidos e os encartes sob a forma de cartas geográficas de esmerada qualidade. Algumas localidades paranaenses tem ali a sua primeira descrição, por indicação de cenário orográfico com muitas descrições de acidentes fluviais, população e urbanização.

Também coube a Franz uma série de pinturas retratando a vida dos indígenas e compondo o melhor acervo iconográfico já conhecido sobre os caiuás (Kayoá) e Kaingang, além de paisagens do sertão paranaense, da colônia Teresa Cristina, dos rios Paranapanema, Paraná e Tibagi e, ainda, da vista da cidade de Curitiba em 1865 (Benghi, 1991a). Parte de seu acervo foi publicado, com a colaboração de seu pai, na obra "Noções sobre os indígenas da Província do Paraná" (Keller, 1974)[207] e também acabou divulgado na revista "Illustração Brasileira" do Rio de Janeiro (Lovato, 1974).

Keller também publicou na revista alemã "*Die Gartenlaube – Illustrirtes Familienblatt*", sendo de nosso conhecimento pelo menos um artigo sobre o Paraná nesse periódico, tratando do contato com um grupo indígena ("Coroados") em julho de 1864 no rio Ivaí (Keller, 1874).

Além de desenhista e pintor, Franz Keller foi um dos pioneiros na técnica moderna de fotografia no Brasil, ao

[207] Esse valioso texto foi entregue a Pedro II e ficou inédito no Arquivo Nacional até 1974 quando, enfim, o publicaram na Revista do Museu do Índio (Carneiro, 1950; D'Angelis, 2003).

lado de Hercules Florence (Andrade & Priore, 2004). É que, entre 1861 e 1863, ele organizou um laboratório experimental de fotografia na casa de seu sogro Georg Leuzinger onde, inclusive, teve como aprendiz o famoso fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923) (Carneiro, 1950; Benghi, 1991a).



Fotografia de Franz Keller, retratando os jardins do palácio de São Cristóvão ("S^{t}. Christovão"), na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, em 1862 (Fonte: Homepage da Biblioteca Nacional: http://www.bn.br).

Alguns dos relatórios referentes ao Paraná foram publicados por vários meios mas nunca integralmente (p.ex. Keller & Keller, 1933a, 1933b *in* Maack, 1981). A melhor coletânea encontra-se transcrita na obra de Altamirano Nunes Pereira (1942) em dois capítulos, um sobre o rio Ivaí e, o outro, sobre os rios Tibagi e Paranapanema.

O primeiro deles é datado de 22 de julho de 1865 e, além de uma circunstanciada descrição de viagem (inclusive com localidades visitadas e respectivas datas), inclui apontamentos sobre a vegetação, geologia e clima do local.

A saída ocorreu de Curitiba, em 4 de janeiro de 1865, rumando para Palmeira e Ponta Grossa e, por uma picada, para a "colônia Tereza", no primeiro terço do rio Ivaí, onde chegaram em 22 do mesmo mês.

Durante o percurso, notaram a mudança do tipo vegetacional, passando das matas de araucária para a floresta estacional, exatamente na região da colônia Teresa Cristina, tal como relatado por vários outros exploradores (Keller & Keller, 1865a:168-169):

> *"As espécies características da vegetação na parte superior do vale* [do Rio Ivaí] *são: os pinheiros nos altos, e as palmeiras e as samambaias nas grotas fundas entre os morros. Mas, já na colônia Tereza não existem pinheiros senão à certa distância, e daí em diante vão-se tornando de maneira mais raros que os últimos são os do alto dos morros junto à Vila Rica* [...]. *A vegetação, na parte média do Ivaí, toma um carater mais tropical, produzindo madeiras em tamanho e qualidade superiores; e particulariza-se pela forma elegante do palmito e da larangeira azeda, de que se compôem quasi exclusivamente os matos baixos próximos ao rio".*

Em 7 de maio aportam junto à foz do rio Corumbataí, precisamente onde existia a cidade colonial espanhola de *Villa Rica del Espiritu Santo*, dizimada pela bandeira de Raposo Tavares. Ali descrevem (Keller & Keller, 1865a:161):

> *"Cerrada mata tornou a apossar-se de terrenos, onde á 230 anos descortinavam-se edificios e quintais; e de maneira o fez que não apresenta hoje diferença das florestas virgens das circunvisinhanças; é o mesmo arvoredo baixo de laranjas azedas, que mais acima ou mais abaixo encontra-se em ambas as margens do rio Ivaí com os gigantescos monjoleiros, perobeiras e paus-d'alho como já tínhamos visto á 20 ou 30 léguas acima. Somente alguns*

> *limoeiros, cidreiras degeneradas e bananeiras na margem do Corumbataí restam como vestígios da antiga cultura. Parece que as principais plantações do povoado existiam na margem direita do Corumbataí".*

Seguindo viagem, em 17 de maio chegam ao Salto das Bananeiras e, no dia seguinte, à Corredeira do Ferro, onde percebem nova mudança da paisagem e vegetação, detalhe esse noticiado (Maack, 1941) muitos anos depois (Keller & Keller, 1865a:169):

> *"Abaixo da última corredeira chamada do Ferro, quando as margens já se tem tornado baixas e expostas às enchentes do rio, a navegação apresenta novo aspecto; as boas madeiras de construção desaparecem como já acontecera com os palmitos, plantas mais sensíveis; e são substituidos pelos gigantescos bambuais, de espécie diferente do taquaruçu das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, cacto (Tuna) e palmeira tucum".*

Dali, inclusive, lançam um alerta conservacionista:

> *"Não devemos omitir que, no caso de resolver o governo superar as grandes dificuldades à navegação deste rio, seria de forçosa necessidade conservar as matas no seu curso superior, para não diminuir-se ainda mais o pequeno volume de águas, que agora tem no tempo de seca".*

Foi durante essa viagem pelo rio Ivaí, que Keller ilustrou uma caçada de anta (*Tapirus terrestris*), quadro que ficou famoso nos meios culturais paranaenses. Embora o registro em si não traga nenhuma novidade biogeográfica, ele é mais uma fonte sobre a presença – e abundância – desta espécie no interior do Paraná, no Século XIX.


A famosa ilustração da caçada à anta no Rio Ivaí, de autoria de Franz Keller em 1865.

Aos 4 de junho de 1865 atingem, afinal, a foz do Ivaí no rio Paraná, estimando terem percorrido 91,6 léguas (quase 605 km) em 66 dias. Dias depois ainda exploraram o rio Ivinhema ("Ivinheima") e partes das margens sul-matogrossenses do rio Paraná o qual, para o retorno, foi navegado a montante, tal como o seu importante afluente, o Paranapanema[208]; em 6 de julho aportam no "Aldeamento do Paranapanema"[209], dando como concluída a longa e penosa expedição.

Já o segundo relatório, enviado de Curitiba em 27 de dezembro de 1865, trata da continuação da viagem anteriormente empreendida, referindo-se aos mesmos assuntos tratados no outro documento, porém, aludem

[208] Em certo momento, ao longo da navegação no Paranapanema, encontram-se com Jocelin Borba (vide abaixo sob Telêmaco e Nestor Borba) que viria em socorro dos viajantes. Nessa condição, ainda resolveram retornar às margens do rio Paraná, para investigar a foz do rio Samambaia (Mato Grosso do Sul).

[209] Refere-se ao local onde atualmente está a cidade de Santo Inácio, extremo norte paranaense, onde há ruínas de cidades coloniais espanholas do Século XVI. Foi fundado em 1862 com a chegada dos grupos que viviam no antigo povoamento de Nossa Senhora do Loreto do Pirapó. Extinto em 1878, teve sua população indígena transferida para São Pedro de Alcântara (APL, 2007), sob comando do frei Luiz de Cimitile.

especificamente aos rios Paranapanema (apenas superficialmente tratado) e Tibagi.

Em 23 de junho, estavam na foz do Paranapanema; por ele seguiram rio acima, apontando ilhas e outros acidentes fluviais[210], bem como a aparência hidrográfica e dados geológicos. Em 5 de julho, passaram pela foz do Rio Pirapó e no dia seguinte chegavam, como dito, ao aldeamento.

A viagem pelo rio Paranapanema ainda prosseguiu. Após diversas medições nas ruínas de Santo Inácio, retomaram o rio a montante[211], saindo a 6 de agosto e chegando, afinal à barra do Tibagi na tarde do dia 11.

O tópico mais importante, do ponto de vista ornitológico, apontado durante a navegação do rio Tibagi foi colhido em 14 de agosto (Keller & Keller, 1985b:198):

> *"Segue-se a corredeira das Aráras, e continua a do Biguá. A primeira tem de notável uma pequena ilha, situada no meio do rio, e em cujo barreiro ajuntam-se de ordinário numerosos bandos daqueles pássaros de côr vermelha; e sobre isto grandes matas de palmeiras, que bordam ambas as margens".*

Referem-se, sem dúvida à arara-vermelha (*Ara chloropterus*) sendo que o local situa-se nas proximidades da foz do rio Tibagi e a data era: 15 de agosto de 1865. Nessa região, próxima da metrópole de Londrina, a presença atual de araras é hoje absolutamente improvável e, por assim dizer, o relato destaca-se pelo relevante interesse conservacionista e mesmo biogeográfico.

---

[210] Um desses lugares é a "ilha do Tuiuiú" (Keller & Keller, 1865b:193), anos depois citada por Epifânio C.Pitanga (vide abaixo).

[211] Uma das corredeiras transpostas é chamada de "Anhumas" que poderia ser uma alusão à anhuma (*Anhima cornuta*).

Após mais alguns dias, chegam enfim ao aldeamento de São Pedro de Alcântara, na época comandado pelo frei Timóteo de Castelnuevo. Logo depois seguem para o aldeamento de São Jerônimo dirigido por Joaquim Francisco Lopes, sob colaboração de John H. Elliot e, sem muitos detalhes significativos, chegam à fazenda Monte Alegre[212], passando no vilarejo de Lagoa e em sua sede. No dia 26 de setembro era dada como concluída a viagem, com a chegada na foz do rio Iapó e, em seguida na velha freguesia de Nossa Senhora dos Remédios, hoje cidade de Tibagi. De lá seguiram para Ponta Grossa e Curitiba, chegando na capital da província em 14 de outubro.

Além desses dois documentos, há ainda outro relatório (Keller & Keller, 1867a) que se refere a uma expedição pelo rio Iguaçu, no ano de 1866. Obra rara, seus originais encontram-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tendo sido publicado apenas parcialmente (quatro partes) no jornal "O Dezenove de Dezembro"[213] (Keller & Keller, 1867b; Buch, 2007; Karpinski, 2012).

A dupla teria saído dos arredores de Curitiba (São José dos Pinhais) em 24 de junho de 1866, junto a uma delegação com outros 22 homens, dentre eles o agrimensor Julio Kalkmann, o intérprete de línguas indígenas Antônio de Moraes Dutra e um grande grupo de remadores (Karpinski, 2012).

Logo na saída, meio às várzeas do rio Iguaçu, testemunham a dificuldade de navegação em decorrência da mata ciliar ali existente: "*As margens naquelle estivessem cobertas com a mais cerrada vegetação, de myrtáceas de pouca elevação (cambuí) cujos ramos não deixavam*

[212] Hoje chamada Harmonia, no município de Telêmaco Borba.

[213] A transcrição integral, *ipsis litteris*, encontra-se no Anexo B da excelente dissertação de Buch (2007). Deve-se a Karpinski (2012) uma avaliação igualmente profunda sobre o documento.

passagem alguma para as canôas, muitas vezes era dificil de encontrar um logar secco para o pouso [...]" (Keller & Keller, 1867 *in* Buch, 2007).

Passam pela Serrinha e, em seguida, pelo Salto Caiacanga (12 de julho), descrevendo vários detalhes hidrográficos e, a 18 de julho, chegam à foz do rio Negro, destacando a sua importância para o volume de águas do Iguaçu que, a partir dali, chega a quase 200 metros de largura.

Em 20 de novembro a expedição foi suspensa por ordens superiores[214], em virtude da alegada impossibilidade de navegação do Iguaçu a jusante de União da Vitória. Segundo Karpinski (2012) o ponto final da empreitada (a 30 de outubro) teria sido a confluência do rio Reserva, "na região hoje pertencente ao município de 'Reserva do Iguaçu' que, antes de sua emancipação, se chamava Rondinha e pertencia ao município de Pinhão". Consideramos essa conclusão com certa cautela, uma vez que o "Passo da Reserva"[215], de acordo com as descrições, estaria nas margens do rio Iguaçu. O lugarejo de Rondinha, por sua vez encontra-se distante mais de 10 km a nordeste desse curso fluvial e, perto dali, há uma laje que permite a travessia do rio Bragança, até hoje utilizada. A partir da vila segue uma estrada que chega na foz do rio dos Touros, onde atualmente está o parque estadual de mesmo nome. Nesse local existe efetivamente um espaço favorável para a transposição do Iguaçu, tal como mencionado pelos Keller

---

[214] Karpinski (2012) discorre brilhantemente sobre as condições desfavoráveis que levaram ao malogro da expedição e não apenas oriundas de ordens superiores mas da própria dificuldade encontrada no percurso, inclusive com relação à participação dos seus integrantes.

[215] O nome "Reserva" atribuído à pequena vila que está a poucos metros desse passo é histórico e preservado em muitos mapa oficiais mas, localmente, o lugarejo é chamado de Rondinha. Esse local está próximo da sede da UHE Segredo, em cuja vila encontra-se a sede da prefeitura de Reserva do Iguaçu (vide Straube *et al*., 2006).

aludindo ao afunilamento em forma de canal, onde o rio chega a apenas 25 metros de largura.

Em nenhum momento da narrativa há quaisquer citações a animais, porém, o texto compreende uma rica descrição da paisagem (com alguns detalhes da fitofisionomia), indicando a situação das quase intransponíveis matas de galeria, ricas em mirtáceas, a ocorrência de pinheiros e outras plantas mais características e a modificação da paisagem ao longo do gradiente altitudinal do rio Iguaçu.

O legado dos Keller é incalculável não somente pelas descrições que fizeram de lugares nunca antes visitados mas também por todos os desdobramentos que surgiram em decorrência de suas viagens. Na trilha de Rumbelsperger e Elliot, foram os primeiros a estabelecer rotas terrestres e fluviais pelo interior do Paraná e, graças a isso, favoreceram o deslocamento de vários expedicionários em busca de informações sobre esta região sul-brasileira. Grande parte do que se conhece das paisagens e dos povos que habitavam o estado nos meados do Século XIX deve a historiografia a essa notável família de viajantes.

Em 1867, Franz ainda faria uma segunda viagem ao Brasil, na região amazônica, junto com o seu pai e o antropólogo (e também fotógrafo) Albert Frisch, com o encargo de realizar as primeiras investigações para a construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Nesta viagem preparou várias pinturas, principalmente sobre paisagens mas também mostrando tipos humanos e culturas dos índios. Sobre a expedição, publicou o livro "*The Amazon and Madeira rivers*" (Keller, 1874), contendo riquíssimos detalhes sobre os povos indígenas com os quais tiveram contato, mas também relatos sobre vários aspectos da natureza, inclusive aves. Há, ao longo do texto, centenas de menções a certas características observadas no Paraná, em

comparação com aquelas presenciadas na Amazônia. Esse detalhe mostra que o historiador regional não pode ignorar a obra, apenas por se tratar de temática geograficamente distante, como inadvertidamente poderia ser concluído apenas levando em conta o título.

A mais chamativa dessas passagens é sem dúvida: "*In Curitiba, the capital of the Province of Parana, a stray tapir ran about the streets, and the negro boys used to ride upon it from morning to night*"[216] (Keller, 1874:88), situação absurda nos dias de hoje mas absolutamente valiosa do ponto de vista histórico.

Na mesma obra, diversos detalhes de vegetação são incluídos, como no fragmento (Keller, 1874:95):

"In the forests of the Province of Parana, where Araucaria Brasiliensis and palms and tree-ferns frequently form dense boscages, and where the fern-like zamiae with their strangely ornamented bark, whose fossil predecessors we have probably to seek in the so-called stigmariae, are found everywhere on the shores of little rivulets, we may see a miniature living copy of that antediluvian vegetation whose remains we encounter in our coal-mines. On the shores of these rivers, especially at the mouths of affluents, the formation of charcoal still goes on, though on a minor scale, the immense heaps of leaves and branches covered by the high floods with sand and mud".

"Nas florestas da Província do Paraná, onde *Araucaria brasiliensis*, palmeiras e samambaias arborescentes formam densos bosques e onde as samambaias semelhantes à zamia (com seu córtex estranhamente ornamentado, cujos fósseis antecessores deveríamos provavelmente procurar na tão-conhecida *stigmariae*) são encontrados por toda a parte nas margens de pequenos córregos - se pode ver uma pequena cópia em miniatura da vegetação antediluviana, cujos remanescentes encontramos em nossas minas de carvão. Nas margens desses rios, especialmente na desembocadura de seus afluentes, a formação de carvão vegetal ainda permanece, embora em menor escala, formando pilhas imensas e folhas e galhos cobertos pela areia e lama decorrentes das grandes inundações".

O autor se refere à gimnosperma *Zamia* spp. (Cicadaceae) que apresenta cinco espécies no Brasil, nesse

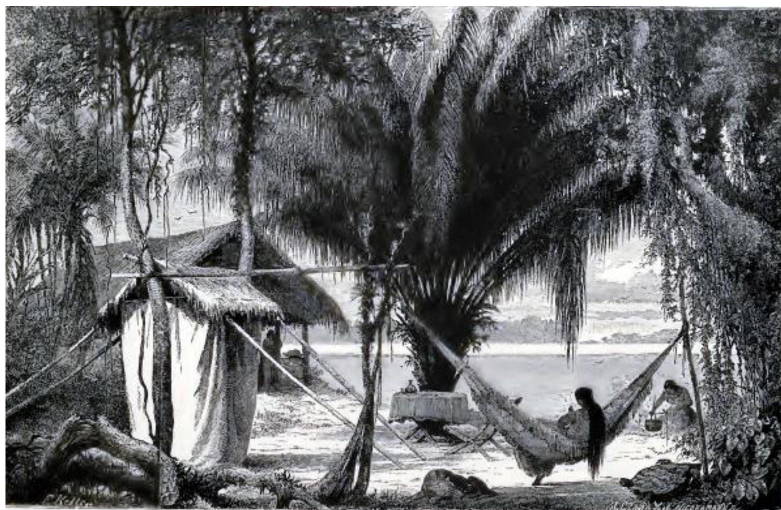
[216] "Em Curitiba, capital da Província do Paraná, uma anta perdida corria pelas ruas e os meninos negros usaram-na para calvargar por todo o dia".

país confinadas à região amazônica e fronteiriça com a Bolívia. Pela descrição (e alegada abundância) é provável que esteja tecendo uma comparação com uma samambaia (portanto uma pteridófita) do gênero *Blechnum*. *Stigmariae* (estigmária), por sua vez, alude a elementos radiculares de várias espécies de fetos arborescentes, quase sempre sem uma identificação possível e compondo um tipo de fossilização particular ocorrida entre os períodos Devoniano e Permiano[217].

Em 1873, os dois Keller retornaram à Europa. Franz mudou-se para Karlsruhe (Alemanha), onde concluiu seu livro acima citado e, em 1888, tornou-se prefeito da cidade (Carneiro, 1950).

[217] A ideia de uma gênese fluvial, portanto decorrente de inundações, é bastante antiga e já ultrapassada. Atualmente sabe-se que, no Brasil, os grandes depósitos de carvão mineral se formaram pelo recobrimento de acúmulos de vegetais por sedimentos marinhos em ambientes costeiros, carreados por consequência de eventos de flutuação do nível do mar (F. A. Sedor, 2012 *in litt.*).






Exemplos da excelente qualidade artística, inclusive com motivos ornitológicos, na obra de Franz Keller-Leuzinger, publicados em sua obra-maior (Keller, 1874).







Exemplos da excelente qualidade artística, inclusive com motivos ornitológicos, na obra de Franz Keller-Leuzinger, publicados em sua obra-maior (Keller, 1874).









Exemplos da excelente qualidade artística, inclusive com motivos ornitológicos, na obra de Franz Keller-Leuzinger, publicados em sua obra-maior (Keller, 1874).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E LITERATURA CONSULTADA

Aguirre, A. C. 1971. **O mono Brachyteles arachnoides (E. Geoffroy): situação atual da espécie no Brasil**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Ciências.51 pp.

Altman, C. 2009. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil. **Revista Argentina de Historiografia Lingüística 1**(2):115-136.

Alvar, J. & Alvar, J. 1979. **Guaraqueçaba: mar e mato**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Tradução Cecília Westphalen. 2 volumes, 207+233 pp.

Andrade, J.M.F. de & Priore, M. del 2004. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro, Editora Campus - Elsevier. 281 p.

Angely, J. 1956. Estudo histórico das coleções botânicas do Paraná (Brasil). **Boletim do Instituto Paranaense de Botânica 2**:3-8.

APP. 2007. **Catálogo seletivo de documentos referentes aos indígenas do Paraná provincial (1853-1870)**. Curitiba, Arquivo Público do Paraná. Coleção Pontos de Acesso, Volume 3. 584 pp.

Armond, N. 1892. Necrologia [Gustavo Rumbelsperger]. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro 8**:5.

Avé-Lallemant, R. 1859. **Reise durch Süd-Brasiliens im Jahre 1858**. Leipzig (Alemanha), F.A.Brockhaus. 2 volumes: ix+509 e viii+450 pp.

Avé-Lallemant, R. 1860. **Reise durch Nord-Brasiliens im Jahre 1859**. Leipzig (Alemanha), F.A.Brockhaus. 2 volumes: xv+369 e vi+369 pp.

Avé-Lallemant, R. [1953]. **Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858**. 2 volumes. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro. Coleção de Obras Raras n° 4, 398 + 360 pp.

Avé-Lallemant, R. [1995]. **1858, viagem pelo Paraná**. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba. Coleção Farol do Saber. 114 pp.

Ávila-Pires, F. D. de. 1999. Mamíferos descritos do estado de Santa Catarina (Brasil). **Revista Brasileira de Zoologia 16**(Supl.2):51-62.

Azambuja, B. A. N. de. 1861. Relatorio das terras publicas e da colonisação apresentado em 31 de março de 1861 ao illustrissimo e excellentissimo senhor Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas pelo director da terceira directoria Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. 73 pp.

Balhana, A. P.; Machado, B. P. & Westphalen, C. M. 1969. **História do Paraná**. Curitiba, Grafipar. 277 pp.

Barboza, C. H. 2007. A observação de eclipses totais do sol no Brasil. **Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível online em http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=27&id=307; acessada em 27 de fevereiro de 2012.

Barboza, C. H. da M. 2007. A observação de eclipses totais do sol no Brasil. **Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível online em http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=27&id=307; acessada em 27 de fevereiro de 2012.

Barboza, C. H. da M. 2010. Ciência e natureza nas expedições astronômicas para o Brasil (1850-1920). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas) 5**(2):273-294.

Beaurepaire-Rohan, H. de 1856. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Paranã no dia 1° de Março de 1856**. Curitiba, Typographia Paranaense de C.Martins Lopes. 193 pp.

Beaurepaire-Rohan, v[isconde de]. 1889. **Diccionario de vocabulos brazileiros**. Rio de Janeiro, Imprensa Official. 147 pp.

Benghi, L. 1991a. [verbete] Keller, Franz – engenheiro, artista (p.233-234). In: PARANÁ. **Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba, Editora Livraria do Chain e Banco do Estado do Paraná. 654 p.

Benghi, L. 1991b. [verbete] Rumbelsperger, Gustavo – engenheiro, cientista, artista (p.422). In: PARANÁ. **Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba, Editora Livraria do Chain e Banco do Estado do Paraná. 654 p.

Bigg-Wither, T. P. 1876a. The valley of the Tibagy, Brazil. **Proceedings of the Royal Geographical Society of London 20**(6):455-469.

Bigg-Wither, T. P. 1876b. The valley of the Tibagy, Brazil. **Journal of the Royal Geographical Society of London 46**: 263-277.

Bigg-Wither, T. P. 1878. **Pioneering in south Brazil**: three years of forest and prairie life in the Province of Paraná. Londres, John Murray. 2 vols., 378+328 p.

Binet, C. 2008. **Histoire de muséum Liais**. Cherbourg, Unica. 79 pp.

Blake, A. V. A. S. 1883-1902. **Diccionario bibliographico brazileiro**. 7 volumes. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

Borba, N. 1898. Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo capitão Nestor Borba - notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças. **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 61**(1):65-74.

Borba, T. 1904. Observações sobre os indigenas do estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista 6**:53-62.

Borba, T. 1908. **Actualidade indigena, Paraná – Brazil**. Curitiba, Impressora Paranaense. 172 pp.

Borges, V. P. 2004. Georges Leuzinger, seus negócios e sua família: entre o Velho e o Novo Mundos. Rio de Janeiro, Casa Rui Barbosa. [Anais do] **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**, p.1-15.

Boutin, L. 1971. Arquivo da Câmara Municipal de Paranaguá. **Portos, rotas e comércio** (Volume 2). São Paulo. Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, Campinas, setembro de 1969.

Bruhns, K. (ed.) 1872. **Alexander von Humboldt: eine Wissenchaftliche Biographie** in verein mit R. Avé-Lallemant, J. V. Carus, A. Dove, H. W. Dove, J. W. Ewald, A. H. R. Grisebach, J. Löwenberg, O. Peschel, G. H. Wiedmann, W. Wundt. Lepzig, F. A. Brockhaus. 328 pp.

Buch, H. E. R. 2007. **Matas ciliares e degradação da paisagem da área lindeira do médio Iguaçu: subsídios para educação ambiental**. União da Vitória, Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná – Minter/FAFI. Dissertação de mestrado. 123 p.

Budasz, R. 1996. Uma tablatura para saltério do Século XIX. **Revista Eletrônica de Musicologia 1**(1), n.p..

Disponível online em http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMv1.1/vol1.1/saltport.html; acessada em 23 de fevereiro de 2012.

Carneiro, D. 1976. Efemérides paranaenses. **Boletim do Instituto Geográfico e Etnográfico Paranaense 31**:125-303.

Carneiro, N. 1950. **Iconografia paranaense**: anterior à fotografia. Curitiba, Impressora Paranaense, 39 p.

Carollo, C. L. L. 1991. [verbete] Elliot, John Henry, explorador, aquarelista, escritor [p.128-130]. *In*: PARANÁ. **Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba, Editora Livraria do Chain e Banco do Estado do Paraná. 654 p.

Carvalho, J. L. de 2010**. Entre pinheirais, novelas e aquarelas: o viajante John Henry Elliott e a vila de Curitiba no Século XIX**. Curitiba, Centro de pós-Graduação e Extensão das Faculdades Integradas "Espírita". Monografia de especialização em História do Brasil. 94 pp.

Casal, M. A. de. 1817 [1945]. **Corografia brazilica** ou relação historico-geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum presbitero secular do Gram Priorado do Crato. Rio de Janeiro, Imprensa Régia. 420 pp. Edição facsimilar editada pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Christiano, B. P. 2007. **A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do *ra-txa hu-ni-ku-i* em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929**. São Paulo, Universidade de São Paulo. Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, tese de doutoramento. 232 pp.

Chrostowski, T. 1911a. Z kolonii polskich w Paranie, I. **Ziemia 2**:802-805.

Chrostowski, T. 1911b. Z kolonii polskich w Paranie, II. **Ziemia 2**:823-826.

Chrostowski, T. 1911c. Z kolonii polskich w Paranie, III. **Ziemia 2**:843-846.

Chrostowski, T. 1922. **Parana: wspomnienia z pdrózy w roku 1914**. Poznan/Varsóvia, Nakladem Ksiegarnia Sw. Wojciecha. 237 pp., 16 fig., 1 mapa. Biblioteka Podrozy, Przygod i Odkyryc, vol. 1.

Coelho, S. J. C. [*circa* 1958]. **Passeio á minha terra**. Curitiba, cópia datilografada, no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. N.p.

Coelho, S. J. C. 1860. **Passeio á minha terra**. São Paulo, Typographia da Lei. 129 pp.

Coelho, S. J. C. 1995. **Passeio à minha terra**. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba. Coleção Farol do Saber.

Conover, B. 1949. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Cathartidae, Accipitridae, Pandionidae, Falconidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, n°4, Publicação 634. 358 p.

Cope, E. D. 1862. Catalogue of the reptiles obtained during the Explorations of the Parana, Paraguay, Vermeja, and Uruguay rivers, by Capt. Thos. J. Page U.S.N.; and of those procured by Lieaut. N. Michler U.S. Top. Eng., Commander of the Expedition conducting the Survey of the Atrato River. I. The Paraguay collection. **Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia 14**:346-359.

Corrêa, M. C. & Koch, Z. 2007. **Museu vivo: guia ilustrado da História do Paraná**. Curitiba, Olhar Brasileiro Editora. 111 pp.

Cory, C. B. 1918. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Bubonidae, Tytonidae, Psittacidae, Steatornithidae, Alcedinidae, Todidae, Momotidae, Nyctibiidae,

Caprimulgidae, Cypselidae, Trochilidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte II, n° 1, Publicação 197. 315 p.

Cory, C. B. 1919. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Trogonidae, Cuculidae, Capitonidae, Ramphastidae, Galbulidae, Bucconidae, Picidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte II, n° 2, Publicação 203. 607 p.

Cory, C. B. & Hellmayr, C. E. 1924. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Pteroptochidae, Conopophagidae, Formicariidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte III, Publicação 223. 369 p.

Cory, C. B. & Hellmayr, C. E. 1925. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Furnariidae, Dendrocolaptidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte IV, Publicação 234. 390 p.

Cory, C. B. Hellmayr, C. E. 1927. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Tyrannidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte V, Publicação 242. 517 p.

Costa, A. da V. & Moraes, E. M. A. de. 2011. A circulação de informação científica no Segundo Reinado por Antonio Vieira dos Santos: "Fitologia das riquissimas mattas e madeiras preciozas da Flora Braziliense", no Município de Paranaguá (1850). **[Anais do] V Congresso Internacional de História**, p. 2183-2190.

Costa, E.V. da. 2007. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo, Editora Unesp. 523 pp.

Costa, I. A. da. 2009. Dr. Krebs. **Iátrico 24**:51-52.

Cruls, L. 1887. Passagem de Vênus sobre o sol a 6 de dezembro de 1882: Comissão de Punta-Arenas (Estreito

de Magalhães). **Anais do Observatório Imperial do Rio de Janeiro 3**:1-126.
Cruls, L. 1891. Eclipse total do Sol em 7 de setembro de 1858. **Revista do Observatório 6**(5):65-67. [citado por Barboza, 2010].
Cunha, O. R. da. 1989. **Talento e atitude**: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. 159 pp.
D'Angelis, W. da R. 2003. **O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica**. Disponível online em http://www.portalkaingang.org; acessado em 10 de julho de 2008.
d'Oliveira, C. B., Mello, A. M.; Liais, E.; Nunes, F. D.; Baraúna, B. da S.; Coelho-Júnior, J. F. & Galvão, R. F. G. (1859). Relation des travaux exécutés par la commision astronomique chargée par le Gouvernement Impérial d'observer dans la ville de Paranaguá l'eclipse totale de soleil qui a eu leiru le 7 septembre 1858. **Astronomische Nachrichten 49**(18-19) n°1170-1171:273-300.
Davatz, T. 1941. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. São Paulo, Livraria Martins Fontes. 276 pp.
Davatz, T. 1972. **Memórias de um colono no Brasil**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 240 pp.
Dean, W. 1996. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras. 484 pp.
Dorr, L. J. & Nicholson, D. H. 2008. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement VII: F-Frer. E. Ruggell (Liechtenstein), A. R. G. Gantner Verlag. 469 pp.

Dorr, L. J. & Nicholson, D. H. 2009. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement VIII: Fres-G. E. Ruggell (Liechtenstein), A.R.G.Gantner Verlag. 550 pp.

Duarte, R. H. 2002. Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História 22**(44):267-288.

Durat, C. A. 2011. Terras de aldeamentos: trajetória de atalaia e sepultura nos campos de guarapuava (século XIX). **Semina 9**(1):1-30.

Dysarz, C. M. 2010. **Dos Alpes à Serra do Mar: a colonização suíça de Superagui sob inspiração do sistema de parceria**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Trabalho de conclusão de curso (TCC), curso de História. 86 pp.

Dysarz, C. M. 2012. Memórias da imigração no Paraná: o caso de William Michaud. **Anais Eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral**, Rio de Janeiro. Disponível online em: http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares; acessado em 27 de janeiro de 2013.

Eigenmann, C. H. 1918. The Pigydiidae, a family of South American catfishes. **Memoirs of the Carnegie Museum 7**(5):259-398.

Elliot, J. H. [1857]. 2007. Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemi, Amambaí, e parte do Ivinhema, com os terrenos adjacentes começado no dia 3 de agosto de 1857, por Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot. *In*: (p.117-152) IHGMS. **As derrotas de Joaquim Francisco Lopes**. Campo

Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Série Relatos Históricos, Volume II[218].

Elliot, J. H. 1847. Resumo do itenerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itareré, Paranapanêma e seus affluentes, pelo Paraná, Ivahy, e sertões adjacentes, emprehendida por ordem do Exm. Sr. Barão de Antonina. (Manuscripto offerecido ao Instituto pelo seu socio correrspondente o sr. Barão de Antonina). **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 9**:17-42.

Elliot, J. H. 1848. Itinerário das viagens exploradoras emprehendidas pelo Sr. barão de Antonina para descobrir uma via de communicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso: feitas nos annos de 1844 e 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliot (Manuscripto inedito offerecido ao Instituto pelo mesmo Sr. barão de Antonina, seu socio correspondente). **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro,** Segunda Série, **3**(10):153-177.

Faye, H. 1859. Informe sobre uma memoria dirigida por Mr. Liais á la Academia de Ciencias de Paris, com motivo del eclipse total de sol de 7 de setiembre de 1858. **Revista de los Progresos de las Ciencias Exactas, Fisicas y Naturales 9**:321-340.

Gatschet, A. S. 1902. [Resenha de] Das anonyme Wörterbuch, Deutsch-Tupi und Tupi-Deutsch, von

[218] Trata-se de uma transcrição, com ortografia atualizada, de um documento, manuscrito, existente no acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (lata 92, pasta 10, documentos folhas 22 a 44)].

Julius Platzmann. **American Anthropologist** (new series) **4**:307-308.

Gillies, A. M. F. 1998. **Henrique de Beaurepaire Rohan: razão e sensibilidade no Século XIX.** Curitiba, Monografias da Universidade Tuiuti do Paraná (História). 109 pp.

Goeldi, E. A. 1894. **As aves do Brasil**. Rio de Janeiro e São Paulo, Livraria Classica de Alves & C. 311 pp.

Goeldi, E. A. 1906. **Album de aves amazonicas** (supplemento illustrativo á obra 'Aves do Brasil'). Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves & Cie. 48 pp. [Inclui o capítulo "*Die Vogelwelt des Amazonenstromes*", 10 pp.].

Gomes, S. A. R. 2009. **Projetos de rearranjos sociais: escravos, índios e negociantes nos textos de Azeredo Coutinho, Silva Lisboa e Vieira dos Santos (1796-1850).** Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Monografia de conclusão do curso de História. 101 pp.

Guisan, F. & Lambert, M. 2002. **William Michaud (1829-1902): Lettres, dessins et aquarelles d'un émigrant vaudois au Brésil.** Vevey, Asociation des Amis de William Michaud e Musée Historique de Vevey. 236 pp, 141 ilustrações.

Guix, J. C. 1995. **A Expedição científica espanhola de 1862-1866 ao Brasil**: aspectos históricos e relevância do material e da informação recolhida. Lisboa, Museu Nacional de História Natural. 15 pp.

Hellen, J. A. 1973. [Resenha de] Reisen Durch Südamerika by Johann Jakob von Tschudi. **The Geographical Journal 139**(2):364-365.

Hellmayr, C.E. 1925. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte IV. 390 p.

Hellmayr, C.E. 1927. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte V. 517 p.
Hellmayr, C.E. 1928. The ornithological collection of the Zoologic Museum in Munich. **Auk 45**(3):293-301.
Hellmayr, C.E. 1929. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Oxyruncidae, Pipridae, Cotingidae, Rupicolidae, Phytotomidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte VI, Publicação 266. 258 p.
Hellmayr, C.E. 1934. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Corvidae, Paridae, Sittidae, Certhiidae, Chamaeidae, Cinclidae, Troglodytidae, Prunellidae, Mimidae, Turdidae, Zeledoniidae, Sylviidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte VII, Publicação 330. 531 p.
Hellmayr, C.E. 1935. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Alaudidae, Hirundinidae, Motacillidae, Bombycillidae, Ptilogonatidae, Dulidae, Vireonidae, Vireolaniidae, Cyclarhidae, Laniidae, Sturnidae, Coerebidae, Compsothlypidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte VIII, Publicação 347. 541 p.
Hellmayr, C.E. 1936. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Tersinidae, Thraupidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte IX, Publicação 365. 458 p.
Hellmayr, C.E. 1937. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Icteridae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte X, Publicação 381. 228 p.
Hellmayr, C.E. 1938. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Ploceidae, Catamblyrhynchidae,

Fringillidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte XI, Publicação 430. 662 p.

Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1942. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Rheidae, Tinamidae, Cracidae, Tetraonidae, Phasianidae, Numididae, Meleagridae, Opisthocomidae, Gruidae, Aramidae, Psophiidae, Rallidae, Heliornithidae, Eurypygidae, Cariamidae, Columbidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, n° 1, Publicação 514. 636 p.

Hellmayr, C. E. & Conover, B. 1948a. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Spheniscidae, Gaviidae, Colymbidae, Diomedeidae, Procellariidae, Hydrobatidae, Pelecanoididae, Phaethontidae, Pelecanidae, Sulidae, Phalacrocoracidae, Anhingidae, Fregatidae, Ardeidae, Cochleariidae, Ciconiidae, Threskiornithidae, Phoenicopteridae, Anhimidae, Anatidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, n° 2, Publicação 615. 434 p.

Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1948b. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Jacanidae, Rostratulidae, Haematopodidae, Charadriidae, Scolopacidae, Recurvirostridae, Phalaropodidae, Burhinidae, Thinocoridae, Chionididae, Stercorariidae, Laridae, Rynchopidae, Alcidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, n° 3, Publicação 616. 383 p.

Hobsbawn, E. **A era dos impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 600 pp.

Ihering, R. von. 1968. **Dicionário dos animais do Brasil**. São Paulo, Editora Universidade de Brasília. 790 p.

IHGB. 1853. Relação dos manuscriptos offerecidos ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, desde 16 de Setembro de 1847 até 16 de Dezembro de 1852. **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil 25**(8):548-576.

IHGMS. 2007. **As derrotas de Joaquim Francisco Lopes**. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Série Relatos Históricos, Volume II. Compilação disponível on line em http://www.ihgms.com.br; acessada em 28 de dezembro de 2009.

Kammler, H. 1994. Karl Julius Platzmann: ein Leipziger und die indianersprachen. **Quetzal Online-Magazin**. URL: http://www.quetzal-leipzig.de/themen/ethnien-und-kulturen/karl-julius-platzmann-ein-leipziger-und-die-indianersprachen-19093.html; acessada em 27 de fevereiro de 2012.

Karpinski, C. 2012. Gentes e paisagens do Rio Iguaçu na viagem expedicionária dos engenheiros Keller em 1866. **Revista de História Regional 17**(1):38-65.

Kashiwagi, H. M. 2011. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: a homonímia sígnica da paisagem em áreas preservadas**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Geografia. 274 pp.

Kauano, E. E.; Torezan, J. M. D.; Cardoso, F. C. G. & Marques, M. C. M. 2012. Landscape structure in the norther coast of Paraná state, a hotspot for the brazilian Atlantic Forest conservacion. **Revista Árvore 36**(5):961-970.

Kayser, E. 1900. Alguns fosseis paleozoicos do Estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista 4**:301- 311, duas pranchas (em anexo)

Keller, F. 1874. **The Amazon and Madeira rivers**: sketches and descriptions from the note-book of an explorer. Londres, Chapman and Hall. 177 p.

Keller, F. 1974. Noções sobre os indígenas da Província do Paraná. **Boletim do Museu do índio (Antropologia) 1**:9-29.

Keller, J. & Keller, F. [1942] 1865a. H – exploração do Rio Ivaí pelos irmãos (*sic*) Keller. *In*: [p.156-188] A.N.Pereira. **Aspectos meridionais do Brasil**. São Paulo, Editora Guaíra.

Keller, J. & Keller, F. [1942] 1865b. I – Exploração dos rios Tibagí e Paranapanema pelos irmãos (*sic*) Keller. *In*: [p.189-227] A.N.Pereira. **Aspectos meridionais do Brasil**. São Paulo, Editora Guaíra.

Keller, J. & Keller, F. 1867a. **Relatorio da exploração do rio Iguassú feita em 1866**. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná pelo Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro. Anexo P, p.1-31 (original no acervo da Biblioteca Nacional).

Keller, J. & Keller, F. 1867b. Relatorio da exploração do rio Iguassú, feita em 1866 pelos engenheiros José e F. Keller. **O Dezenove de Dezembro 817** (31 de agosto):3-4; **821**(14 de setembro):2, **823**(21 de setembro):1-2 e **827**(5 de outubro):2.

Keller, J. & Keller, F. 1933. **Relatorio, Exploração do Rio Ivahy - 1865**. Curitiba, Departmento de Terras do Estado do Paraná.

Keller-Leuzinger, F. 1874. Bei den Coroados-Indianern. **Die Gartenlaube 20**:320-322.

Keuller, A. T. do A. M. 2008. **Os estudos físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)**. São Paulo, Universidade de São Paulo, curso de pós-

graduação em História Social. Tese de doutorado. 314 pp.
Koehler, A.; Pereira, L. C. M.; Nicola, P. A. 2002. A new locality for the Wooly Spider Monkey *Brachyteles arachnoides* (E. Geoffroy, 1806) in Parana state and the urgency of strategies for conservation. **Estudos de Biologia 24**(49):25-28.
Koehler, A. B.; Pereira, L. C. M.; Nicola, P. A. Ângelo, A. C. & Weber, K. S. 2005. The southern muriqui, *Brachyteles arachnoides*, in the State of Parana: current distribution, ecology, and the basis for a conservation strategies. **Neotropical Primates 13**(Suplemento):67-72.
Krul, R. 2004. Aves marinhas costeiras do Paraná. *In:* [p. 37-56] J.O. Branco (ed.) **Aves marinhas e insulares brasileiras: biologia e conservação.** Itajaí, Editora da Univali.
Lange, F. W. (ed.). 1954. **Paleontologia do Paraná**: Volume Comemorativo do 1° Centenário do Estado do Paraná. Curitiba, Museu Paranaense e Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná. 210 p + 31 pranchas.
Lange, F. W. 1954. Paleontologia do Paraná. P.1-105 *In*: Lange, F. W. (ed.). 1954. **Paleontologia do Paraná**: Volume Comemorativo do 1° Centenário do Estado do Paraná. Curitiba, Museu Paranaense e Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná. 210 p + 31 pranchas.
Lange, R. B. & Jablonski, E. F. 1981. Lista prévia dos Mammalia do Estado do Paraná. **Estudos de Biologia 4**:1-35.
Leandro, J. A. 2007. A roda, a prensa, o forno, o tacho: cultura material e farinha de mandioca no litoral do Paraná. **Revista Brasileira de História 27**(54):261-278.

Leão, A. E. de. 1934. **Indice paranaense [ou] Supplemento [do] Diccionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 215+120 pp.

Leão, E. A. de. 1924-1928. **Diccionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 2594 pp.

Lellis da Silva, C. 1865. Diario da viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao Rio Paranan. **Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil 28**(1):1-31.

Leonardos, O. H. 1973. **Geociências no Brasil: a contribuição germânica**. Rio de Janeiro, Forum Editora. 345 pp.

Liais, E. 1858. [Astronomie] Relation des travaux exécutés par la Commision astronomique chargée par le Gouvernement brésilien d'observer dans la ville de Paranagua l'éclipse totale du soleil qui a eu lieu le 7 septembre 1858. **Comptes rendus Hebdomadaires des Séances de l'Academia des Sciences 47**:786-792.

Liais, E. [*circa* 1865]. **L'éspace celeste et la nature tropicale: description physique de l'univers d'apres des observations personneles faites dans les hemispheres**. 2ª edição. Paris, Garnier Frères Libraires Editeurs. 606 pp.

Liais, E. 1872. **Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil**. Paris, Garnier Frères. 640 pp.

Lichtsteiner, N. & Teixeira, R. T. 2008. **Memória e narrativa através das cartas de William Michaud (1848-1902)**. Curitiba, Universidade Tuiuti do Paraná. Série Monografias n° 2. 71 pp.

Linnaei, C. 1758 [1956]. **Systema Naturae** per regna tria naturae secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonimis, locis. Tomus I.

Holimae, Laurentii Salvii. Edição facsimilar editada pelo British Museum (Natural History), Londres. 814 pp.
Lopes, J. C. V. 2002a. **Primórdios das fazendas de Jaguariaíva e região**. Curitiba, edição do autor. 201 pp.
Lopes, J. C. V. 2002b. **Introdução à história de Tibagi**. Curitiba, edição do autor. 196 p.
Lopes, J. C. V. 2005. **História da Fazenda Santa Rita**. Curitiba, Editora Progressiva. 260 pp.
Lopes, J. C. V. 2009. **Superagüi: informações históricas**. Curitiba, Instituto Memória. 246 pp.
Lopes, J. F. 1850. Itinerario de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de communicação entre a província de S.Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo Paraguai (Offerecido ao Instituto pelo seu sócio correspondente o sr. barão de Antonina. **Revista Trimensal de Historia e Geographia 13**(3):315-335.
Lorini, M. L. & Persson, V. G. 1990. Uma nova espécie de Leontopithecus Lesson, 1840, do sul do Brasil (Primates, Callitrichidae). **Boletim do Museu Nacional (nova série) 338**:1-14.
Lorini, M. L. & Persson, V. G. 1994. Status and field research on *Leontopithecus caissara*: the Black-Faced Lion Tamarin Project. **Neotropical Primates 2**(supl.):52-55.
Lovato, L. A. 1974. A contribuição de Franz Keller à Etnografia do Paraná. **Boletim do Museu do Índio (Antropologia) 1**:3-44.
Maack, R. 1941. Algumas observações à respeito da existência e da extensão do arenito superior São Bento ou Caiuá no Estado do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense 1**:107-130.

Maack, R. 1947. Breve notícias sobre a Geologia dos estados do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia 2**:63-154.

Maack, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350 pp.

Maack, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 p.

Macedo, F. R.A. 1951. **Conquista pacífica de Guarapuava**. Curitiba, GERPA. 275 pp.

Malage, K. G. J. M. 2010. **Condá e Viri: chefias indígenas em Palmas – PR, década de 1840**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Curso de Pós-graduação em História, Dissertação de mestrado. 136 pp.

Martins, R. 1995. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, Coleção Farol do Saber. 340 p.

Martius, C. F. P. von. 1863. **Beiträge zur Ethnographie und Sphachenkunde Brasiliens. II. Zur Sprachenkunde.** Glossaria Linguarum Brasiliensium: Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallam os indios no Imperio do Brazil. Erlangen, Von Jungen & sohn. 548 pp.

Martuscelli, P.; Petroni, L. M. & Olmos, F. 1994. Fourteen new localities for the muriqui *Brachyteles arachnoides*. **Neotropical Primates 2**(2):12-15.

Mello-Leitão, C. de. 1937. **A Biologia no Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasiliana vol. 99, 331 pp.

Mello-Leitão, C. de. 1941. **História das expedições científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Série Brasiliana vol. 209, 360 pp.

Mendonça, M. F & Vasconcelos, A. 1959. **Repositório de nomes dos navios da esquadra brasileira**. Rio de Janeiro, SDGM. 3° edição.

Menezes, H. 2008. **Pinhão indígena: a culinária do Paraná**. Curitiba, SENAC. 224 pp.

Moreira, J. E. 1953. **Vieira dos Santos e a sua contribuição ao estudo do folclore do Paraná**. Curitiba, Cadernos de artes e Tradições Populares do Museu de Arqueologia. 46 pp.

Moreira, J. E. 1975. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá** (até a emancipação da Província do Paraná). Curitiba, Imprensa Oficial. 3 volumes: 1045 pp.

Moreira, J. E. 1984. Vieira dos Santos e a sua contribuição ao estudo do folclore no Paraná. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense 41**:23-42.

Mota, L. T. 1996. A guerra de conquista nos territórios dos indios Kaingang do Tibagi. **Revista de História Regional 2**(1):187-207.

Mousson, A. 1873. Zweite notiz über eine von Herrn Gustav Wallis aus dem nördlichen Südamerika zurückgebrachte Mollusken. **Malakozoologische Blätter 21**:1-19

Mousson, A. 1896. Notiz über eine von Herrn Gustav Wallis aus dem nördlichen Südamerika zurückgebrachte Mollusken. **Malakozoologische Blätter 16**:170-189.

Müller, K. 1870a. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 1. Vorberichte. **Die Natur 5**:33-36.

Müller, K. 1870b. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 2. Erziehungsjahre. **Die Natur 6**:41-44.
Müller, K. 1870c. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 3. Reise bis zu den Tropen Brasiliense. **Die Natur 8**:59-62
Müller, K. 1870d. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 4. Reise zum Pindaré. **Die Natur 9**:67-70.
Müller, K. 1870e. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 5. Reise aus dem Pindaré. **Die Natur 11**: 83-86.
Müller, K. 1870f. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 6. Rückkehr von Pindaré. **Die Natur 12**:89-92.
Müller, K. 1870g. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 7. Reise von Amazonenstrome. **Die Natur 13**:97-100.
Müller, K. 1870h. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 8. Am dem Amazonenstrome. **Die Natur 15**:113-116.
Müller, K. 1870i. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 9. Freuden und Leiden des Reisenden. **Die Natur 16**:126-128.
Müller, K. 1870j. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 10. Botanische Entdeckungen im Amazonengebiete **Die Natur 17**:129-132.
Müller, K. 1870k. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 11. Characterthiere des amazonenstromes. **Die Natur 19**:150-152.
Müller, K. 1870l. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 12. Reisen aus dem Purús. **Die Natur 20**:153-156.

Müller, K. 1870m. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 13. Rückkehr vom Purús. **Die Natur 22**:174-176.

Müller, K. 1870n. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 14. Reisen in dem Andengebirge. **Die Natur 23**:180-182.

Müller, K. 1870o. Gustav Wallis: eine biographisch naturgeschichtliche Skizze. 15. Rückreise nach Europa **Die Natur 24**:185-188.

Müller, K. 1870p. Neue Reisen von Gustav Wallis. Erster Artikle. **Die Natur 48**:377-379.

Müller, K. 1870q. Neue Reisen von Gustav Wallis. Zweiter Artikle. **Die Natur 49**:385-388.

Müller, K. 1870r. Neue Reisen von Gustav Wallis. Dritter Artikle. **Die Natur 50**:393-396.

Müller, K. 1870s. Neue Reisen von Gustav Wallis. Vierter Artikle. **Die Natur 51**:401-404.

Müller, K. 1870t. Neue Reisen von Gustav Wallis. Fünfter Artikle. **Die Natur 52**:409-412.

Narchi, W. 1980. A Zoologia no Brasil. *In:* M.G.Ferri e S.Motoyama coord. **História das ciências no Brasil**. São Paulo, Edusp. Vol.2, p.89-116.

Narozniak, J. 2010. **Histórias do Paraná**. Curitiba, Arowak. 238 pp.

Neiva, A. 1929. **Esboço histórico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil**: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista. 143 pp.

Nicolas, M. 1981. **“Sertanistas do Paraná”: os esquecidos**. Curitiba, Assembleia Legislativa do Paraná. 131 pp

Nomura, H. 1995. **Vultos da Zoologia brasileira**, vol.VI. Mossoró, Rio Grande do Norte, Fundação Vingt-Un

Rosado, Coleções Mossoroense, série C, vol.861. p.14-15.

Nomura, H. 1996a. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996b. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996c. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996d. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1997a. **História da Zoologia no Brasil: Século XVIII, terceira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1997b. **Vultos da Zoologia Brasileira**, 2º edição. (Volumes 1-5 reunidos em dois volumes). Vol.1, Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol.931:1-155; Vol.2, Ibidem, vol.936:156-292.

Nomura, H. 1998. História da Zoologia no Brasil: Século XVIII. **Publicações Avulsas do Museu Bocage**: Museu Nacional de História Natural, 2º série, 4, 315 pp.

Oberacker-Júnior, C.H. 1985. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira**. 2 volumes, 4° edição. 519 pp.

Oliveira, C.B.; Mello, A.M.; Liais, E.; Nunes, F.D.; Baraúna, B.R.; Galvão, R.E.G. & Coelho-Júnior, J.F. 1891. Eclipse total do Sol em 7 de setembro de 1858. **Revista do Observatório 6**(6):81-86; (7):97-100; (8):113-117; (9):131-134; (10):148-151.

Oliveira, J. J. M. de. 1856. A emigração dos Kaiuaz: narração coordenada sob apontamentos dados por João Henrique Elliot. **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro 19**:434-448.

Oliveira, J. T. de & Videira, A.A.P. 2003. As polêmicas entre Manoel Pereira Reis, Emmanuel Liais e Luiz Cruls, na passagem do Século XIX para o Século XX. **Revista da SBHC 1**:42-52.

Oliveira, K. & Pereira, L. C. M. 1990. Levantamento de primatas na Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba – PR (BR). **Resumos do XVII Congresso Brasileiro de Zoologia**, Londrina, p. 235.

Ollerton, J.; Chancellor, G & Wyhe, G. van. 2012. John Tweedie and Charles Darwin in Buenos Aires. **Notes & Records Royal Society 66**(2):115-124.

Page, T. J. 1859. **La Plata, the Argentine Confederation, and Paraguay**. Nova york, Harper and Brothers Publishing. 632 pp.

Palmer, T. S. 1926. Notes on persons whose names appear in the nomenclature of California birds: a contribution to the history of the West Coast Ornithology. **Condor 30**(5):261-307.

Papávero, N. & Teixeira, D. M. 2001. Os viajantes e a biogeografia. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos 8**:1015-1037.

Papávero, N. 1971-1973. **Essays on the history of Neotropical Dipterology with special reference to collectors (1750-1905)**. São Paulo, Museu de Zoologia, 2 vols., 446 pp.

Paraná, S. 1899. **Chorographia do Paraná**. Curitiba, Livraria Econômica. 146 pp.

Paraná, S. 1922. **Galeria paranaense: notas biographicas**. Curitiba, Livraria Mundial. 426 pp.

Pardinho, R. P. 1721a [2000]. Provimentos da Vila de Curitiba 1721. *In*: Santos, A.C. de A. (org.). Provimentos do ouvidor Pardinho para Curitiba e Paranagua (1721). **Monumenta 3**(10):27-81.

Pellicer, J. C. 2002. How revolutionary was *Lyrical Ballads* (1798-1800)? **Nordic Journal of English Studies 3**(3):221-239.

Pelzeln, A. von. 1871. **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp (incluindo análise biogeográfica, p.344-390; revisão bibiográfica de localidades, p.391-462) + 69 pp (itinerário, p.I-XX; tabela sinóptica, p.XXI-XLIX) + 2 mapas.

Pereira, A. N. 1942. **Aspectos meridionais do Brasil.** Curitiba, Ed.Guaíra; estante Guairacá, estudos nacionais nº 3, 279 pp.

Pereira, L. C. M. 2006. **Área de vida e padrões de deslocamento de *Brachyteles arachnoides* (E. Geoffroy, 1806) (Primates: Atelinae) em um fragmento florestal no município de Castro, estado do Paraná, Brasil**. Curitiba, UFPR, Curso de Pós-gradução em Engenharia Florestal. Dissertação de mestrado. 107 pp.

Peters, J. A. 1951. The proper citation for certain species described by Tschudi. **Copeia 1**:50.

Piloto, W. 1984. Antônio Vieira dos Santos – “Pai da História Paranaense”, - e os múltiplos aspectos de sua eficiência. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense 41**:43-58.

Pinto, O. M. de O. 1979. **A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX).** São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Coleção Brasiliensa Documenta vol.13, 117 pp.

Pitanga, E. C. de S. 1863. Itinerario do reconhecimento do estado da estrada da cidade de Antonina à Colonia Militar do Jatahy na Provincia do Paraná **Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil 26**(3):537-

Pitanga, E. C. de S. 1864. Diario da viagem do porto do Jatahi á villa de Miranda comprehendendo os rios Tibagi, Paranapanema, Paraná, Samanbaia, Ivinheima e Brilhante, o varadouro do Neoac, e os rios Neoac e Miranda. **Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil 27**(1):149-192.

Platzmann, J. 1872. **Aus der Bai von Paranagua**. Lepzig, B.G.Teubner. 271 p.

Platzmann, J. 1874. **Joseph de Anchieta, arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil novamente dado á luz por Julio Platzmann**. Lipsia, B.G.Teubner. 8 pp.

Platzmann, J. 1896. **O diccionario anonymo da lingua geral do Brasil publicado de novo com seu reverso por Julius Platzmann**: edição facsimilar. Leipzig, B.G.Teubner. 158 p.

Platzmann, J. 2010. Da Baía de Paranaguá. Curitiba, edição do tradutor: Francisco Lothar Paulo Lange. 272 pp.

RBG. 1941. Beaurepaire Rohan. [Editorial da] **Revista Brasileira de Geografia 3**(2):402.

Rebouças, A. & Rebouças, J. 1877-1878. **Ensaio de indice geral das madeiras do Brazil**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional. 4 volumes.

Rebouças, A[ndré]. 1898. Notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças. **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 61**(1):74-87.

Rebouças, A[ntônio]. 1870. Apontamentos sobre a via de communicação do rio Madeira. Rio de Janeiro, Typographia Nacional.

Richter, K. 1986. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**. Florianópolis, UFSC e FURB. 86 pp.

Rodrigues, J. P. 2008. Tupifilia internacional: tupi, cientistas e viajantes do Século XIX. *In*: [p.327-351]. I.S.Lima & L.do Carmo (orgs.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa.

Rosário, L. A. 1996. **As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente.** Florianópolis: FATMA. 81 p.

Rumbelsperger, G. 1865. Recapitulação das observações feitas a partir da confluencia do rio Ivahy no Paraná, em direccção á colonia Thereza. *In*: [p.2-5] Fleury, A. A. de P. 1865. **Relatorio como que o Exm.Sr. Presidente da Provincia Dr. André Augusto de Padua Fleury passou a administração ao Exm. Sr. Vice-presidente Dr. Manuel Alves de Araújo em 4 de junho de 1865**. Curitiba, Tipografia de Candido Martins Lopes. 12 pp.

Rylands, A. B., Kierulff, M. C. M., Mendes. S. L. & Oliveira, M. M. de 2008. *Callithrix aurita*. *In*: **IUCN 2012. IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2012.2. <www.iucnredlist.org>. Acessado em 21 de junho de 2013.

Saint-Hilaire, A. de 1940. **Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai**. São Paulo, Livraria

Martins. Biblioteca Histórica Brasileira, volume 2. 375 pp.

Saint-Hilaire, A. de. 1822. Aperçu d'un voyage dans l'interieur du Brésil, la Province Cisplatine at les missions dites du Paraguay. **Mémoires du Muséum d'histoire Naturelle 9**:307-380.

Saint-Hilaire, A. de. 1851. **Voyage dans l'intérieur du Brésil, quatrième partie: Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine, Tome Second.** Paris, Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur, 423 pp.

Saint-Hilaire, A. de. 1978. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina.** Belo Horizonte, Editora Itatiaia. 209 pp.

Sanglard, G. 2003. De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suiça vista pelos próprios imigrantes. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos 10**(1):173-202.

Sanjad, N. 2011. Ciência de potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material 19**(1):133-164.

Schelbert, L. 1980. **Swiss migration to America: the swiss menonites**. Columbia, Ayes Publishing. 265 pp.

Scherer, E. C. 1960. William Michaud von Vevey (1829-1902). **Acta Tropica 17**(4):289-342.

Scherer, E. C. 1988. **Michaud: o pintor de Superagui**. Curitiba, Imprensa Oficial do Estado do Paraná.

Scherer-Neto, P. & Straube, F. C. 1995. **Aves do Paraná**: história, lista anotada e bibliografia. Campo Largo, Logos Press, 79 pp.

Scherer-Neto, P.; Straube, F. C.; Carrano, E. & Urben-Filho, A. 2011. **Lista das aves do Paraná**. (Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná).

Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 2, 130 pp.
Schmeltz, J. D. E. 1904. [*Nécrológie*: Julius Platzmann]. **Archis Internationales d'Ethnographie 16**:76.
Schmidlin, L. A. J.; Accioly, A.; Accioly, P. & Kirchner, F. F. 2005. Mapeamento e caracterização da vegetação da ilha de Superagüi, utilizando técnicas de geoprocessamento. **Floresta 35**(2):303-315.
Sick, H. 1997. **Tukaní: entre os animais e os índios do Brasil Central**. Rio de Janeiro, Marigo Comunicação Visual. 213 pp.
Smith, G. A. & Bartlett, L. 2009. "A most unprovoked, unwarrantable, and dastardly attack": James Buchanan, Paraguay, and the Water Witch incident of 1855. **The Northern Mariner 19**(3):269-290.
Soares, C. R. & Lana, P. da C. 1994. **Mapas e histórias da Baía de Paranaguá**. Curitiba, Editora UFPR. 98 pp.
Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1976. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol I: A-G. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1136 pp.
Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1979. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol II: H-Le. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 991 pp.
Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1981. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol III: Lh-O. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 980 pp.
Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1983. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and**

collections with dates, commentaries and types. Vol IV: P-Sac. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1214 pp.

Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1985. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol V: Sal-Ste. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1066 pp.

Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1986. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol VI: Sti-Vuy. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 926 pp.

Stafleu, F. A. & Cowan, R.S. 1988. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol VII: W-Z. Boston (EUA), The Hague. 653 pp.

Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1988. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol VII: W-Z. Boston (EUA), The Hague. 653 pp.

Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1992. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement I: A-Ba. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 453 pp.

Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1993. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement II: Be-Bo. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 464 pp.

Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1995. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**.

Supplement III: Br-Ca. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 550 pp.

Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1997. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement IV: Ce-Cz. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 614 pp.

Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1998. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement V: Da-Di. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 432 pp.

Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 2000. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement VI: Do-E. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 518 pp.

Stickel, E. J. S. 2004. **Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil**. São Paulo, Edups. 728 pp.

Straube, E. C. 1993. **Do Licêo de Coritiba ao Colégio Estadual do Paraná**. Curitiba, Fundepar. 142 pp.

Straube, F. C. 2012. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820-1834)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°5, 241 + xiii pp.

Straube, F. C. & Bornschein, M. R. 1995. New or noteworthy records of birds from northwestern Brazil and adjacent areas (Brazil). **Bulletin of the British Ornithologists' Club 115**(4):219-225.

Straube, F. C.; Krul, R. & Carrano, E. 2005. Coletânea da avifauna da região sul do estado do Paraná (Brasil). **Atualidades Ornitológicas 125**:10 [resumo]; versão na íntegra em http://www.ao.com.br/download/sulpr.pdf.

Straube, F. C. & Pacheco, J. F. 2011. O naturalista Tschudi e a imigração suiça. **Educação em Linha 6**(17):27-29.

Straube, F. C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. *In*: [p.43-116] F. C. Straube (Ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.

Straube, F. C. & Urben-Filho, A. 2002a. Tadeusz Chrostowski (1878-1923): biografia e perfil do patrono da Ornitologia paranaense. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 52**:35-52.

Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2002b. A contribuição das expedições zoológicas polonesas (1910-1924) para a História Natural no Paraná. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 52**:53-82.

Straube, F. C. & Urben-Filho, A. 2006. Dicionário geográfico das expedições zoológicas polonesas ao Paraná. **Atualidades Ornitológicas 133**, resumo p.29; disponível online na íntegra em www.ao.com.br/download/polones2.pdf

Straube, F. C. 1999a. "Guará": origem histórica do vocábulo e formação de alguns topônimos paranaenses. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 50**:91-100.

Straube, F. C. 2010. Fontes históricas sobre a presença de araras no Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas 156**:64-87.

Straube, F. C. 2010. Franz Gustav Straube (1802-1853) and his contributions to Entomology. **Metaleptea 30**(3):16-20

Straube, F. C. 2011. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná, Período Pré-Nattereriano**

(1541-1819). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 3, 196 pp.

Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Cândido-Júnior, J. F. 2004. Novas informações sobre a avifauna do Parque Nacional do Iguaçu (Paraná). **Atualidades Ornitológicas 120**: 10 (resumo). Texto disponivel on line, na íntegra, em: http://www.ao.com.br/download/avifapn2.pdf.

Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. 2004. Aves. *In*: [p.145-496] S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. **Livro Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.

Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kopij, G. 2003. Cartas comentadas de Tadeusz Chrostowski, 1. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 54**:225-233.

Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kopij, G. 2007. A imigração polonesa e suas colônias no Paraná, segundo Tadeusz Chrostowski. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 68**:87-116.

Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Piacentini, V. de Q. 2006. O beija-flor-tesoura *Eupetomena macroura* (Gmelin, 1788) e sua ampliação de distribuição pelo sul do Brasil. **Atualidades Ornitológicas 132**:29; texto na íntegra em www.ao.com.br/download/tesoura.pdf; acessado em 15 de outubro de 2008.

Taschenberg, E. L. 1870. Neuer Käfer aus Columbien und Ecuador. **Zeitschrift für die gesammten Naturwissenschaften 35**(1):177-199.

Taunay, A[lfredo] d'E. 1886. **Exposição com que o S.ex. o Sr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay passou a administração da Provincia do Paraná ao Exmo. Sr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho 1° vice-**

presidente a 3 de maio de 1886. Curitiba. 126 pp + 2 mapas e 18 anexos.

Taunay, A[lfredo] d'E. 1888. Os indios Caingangs (coroados de Guarapuava). **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro 51**:251-310.

Taunay, Visconde de [Alfredo d'E]. [1926]. **Paizagens brasileiras**. São Paulo, Editora Companhia Melhoramentos. 134 pp.

Teixeira, M. L. F.; Santos, M. N.; Hagen, S. & Fortes, L. R. 2009. Inventário do material botânico coletado por Fritz Müller em instituições nacionais. **Blumenau em Cadernos 50**(4):68-79.

THE POPULAR SCIENCE MONTHLY [Editorial]. 1879. Sketch of Gustav Wallis. **The Popular Science Monthly 14**:386-387.

Theodoro, J. 1996. Visões e descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). **Revista USP 30**:76-81.

Todd, M. L. 1894. **Total eclipses of the sun**. Boston, Roberts Brothers. Columbian Knowledges Series, n° 1. 244 pp.

Trevisan, E. 2002. **Visitantes estrangeiros no Paraná**. Curitiba, Gráfica Vicentina Editora. 333 p.

Trindade, A. D. 2007. Entre o *East River* e o Iguaçu: os projetos dos irmãos Rebouças para a Província do Paraná. **[Anais do] XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife-PE. 16 pp. Disponível on line em http://www.sbsociologia.com.br/; acessada em 23 de março de 2008.

Trindade, A. D. 2009. Os irmãos Rebouças e as perspectivas da imigração espontânea no Paraná (1865-1875). **[Anais do] 4° Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. 16 p.

Troschel, F. H. 1873. Bericht über Leistungen in der Naturgeschichte der Säugethiere während des Jahres 1872. **Archiv für Natugerschichte 2**:81-114.

Tschudi, J. J. 1861. Mémoire presenté à Son Excellence Monsieur le Senateur João Luis Vieira Cansansão de Sinimbu, Ministre des Affaires Étrangères, par Monsieur J.J. de Tschudi, Envoyé Extraordinaire de la Confedération Suisse près S.M.L'Empereur du Brésil. *In* [p.7-14 do anexo]: B.A.N. de Azambuja. 1861. **Relatorio das terras publicas e da colonisação** apresentado em 31 de março de 1861 ao illustrissimo e excellentissimo senhor Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas pelo director da terceira directoria Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. 73 pp.

Tschudi, J. J. von, 1838. Classification der Batrachier mit Beruchsichtigung der fossilen Thiere dieser Abtheilung der Reptilien. **Mémoires de la Société de Sciences Naturelles de Neuchatel 2**:1-99.

Tschudi, J. J. von. 1847. **Travels in Peru, during the years 1838-1842: on the coast, in the Sierra, across the Cordilleras and the Andes into the primeval forests**. Nova York, Wiley & Putnam. 2 vols., 354 p.

Tschudi, J. J. von. 1848. On the ancient peruvians. **Journal of the Ethnological Society of London 1**:79-85.

Tschudi, J. J. von. 1866-1869. **Reisen durch Südamerika**. Stuttgart, F.A.Brockhaus. 5 volumes: I. 307, II. 381, III. 429, IV. 320 e V.416 pp.

Urban, I. 1908. Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florae brasilensis ratio edendi chronologica systema, index familiarum. p.1-154. *In* K.P.von Martius *et al.* **Flora Brasiliensis**, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum

quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icones illustratas 1 (1): 1-154 + 266 + 31 pp.
Vargas, T. [1970]. **O indomável republicano**. Curitiba, Instituto Assistencial de Autores do Paraná. Série O Formigueiro n° 13. 210 pp.
Vargas, T. 2001. **O maragato: a vida lendária de Telêmaco Borba**. Curitiba, Juruá. 196 p.
Vasconcellos, C. M. 1881. Julius Platzmann e os seus trabalhos sobre as linguas americanas. **Revista da Sociedade de Instrucção do Porto 1**:3-8.
Vaugh, R. Mc. 1943. Botanical collections of the La Plata Expedition (1853-1855). **Brittonia 5**(1):64-79.
Veiga, M. B. C. da. 1984. O pai da História paranaense: Antonio Vieira dos Santos. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense 41**:7-22.
Veitch, J. 1906. **Hortus Veitchii**: a history of rise and progress of the nurseries of messrs. James Veitch and sons, together with an account of the botanical collectors and hybridists employed by them anda list of the most remarkable of their production. Londres, James Veitch and Sons. 542 pp.
Vieira, C. O. da C. 1944. Os simios do estado de São Paulo. **Papeis Avulsos do Departamento de Zoologia do Estado de São Paulo 4**(1):1-31.
Vieira-dos-Santos, A. 1922 [1850]. **Memoria historica, chronologica, topographica e descriptiva da Çidade de Paranaguá e seu municipio**. Curitiba, Typographia Mundial. 471 pp.
Vieira-dos-Santos, A. 1952 [1850]. **Memoria histórica da cidade de Paranaguá e seu municipio**. Curitiba, Museu Paranaense. 2 volumes.

Vieira-dos-Santos, A. 2001 [1850]. **Memória histórica de Paranaguá**. Paranaguá, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. 2 volumes, 404+352 pp.
Vieira-dos-Santos, A. 2002. **Cifras de música para saltério**. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná. [Inclui estudos e transcrições musicais de Rogério Budasz]. 190 pp.
Wallis, G. [1863] 1902. Carta de Gustav Wallis dirigida a D.S.Ferreira Penna sobre o Rio Branco. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia 3**(1/4):88-94.
Wallis, G. 1856a. Die Kultur Gewächse der deutschen Colonie Blumenau in der Provinz St.Catharina im Südlichen Brasilien. **Hamburger Garten- und Blumenzeitung 12**:437-443.
Wallis, G. 1856b. Meine Landung in Brasilien: Lagebuchskisse. **Hamburger Garten- und Blumenzeitung 12**:304-307
Wallis, G. 1856c. Schilderung des südbrasilianischen Urwaldes (Provinz von St.Catharina). **Hamburger Garten- und Blumenzeitung 12**:307-314.
Wallis, G. 1859. Bereisung der Hochebene Curitiba, Provinz Parana im Südlichen Brasiliens. **Hamburger Garten- und Blumenzeitung 15**:394-404.
Wallis, G. 1861a. Nachrichten von G.Wallis aus dem Innern Brasiliens. I. Bericht **Gartenflora 10**:270-273.
Wallis, G. 1861b. Nachrichten von G.Wallis aus dem Innern Brasiliens. II. Bericht **Gartenflora 10**:318-324.
Wallis, G. 1876a. Reise-Erinnerungen von Gustav Wallis. **Gartenflora 25**:39-45.
Wallis, G. 1876b. Reise-Erinnerungen von Gustav Wallis (Fortsetzung). **Gartenflora 25**:111-116.
Wallis, G. 1876c. Reise-Erinnerungen von Gustav Wallis (Fortsetzung). **Gartenflora 25**:144-146.

Wallis, G. 1876d. Reise-Erinnerungen von Gustav Wallis (Fortsetzung). **Gartenflora 25**:299-305.

Wallis, G. 1877a. Reise-Erinnerungen von Gustav Wallis (Fortsetzung). **Gartenflora 26**:77-83.

Wallis, G. 1877b. Reise-Erinnerungen von Gustav Wallis (Fortsetzung). **Gartenflora 26**:344-352.

Walters, M. 2003. **A concise History of Ornithology**. New Haven/London, Yale University Press. 255 pp.

Weir, J. 1861a. LXXXII.- Mission of collector to Brazil. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 1**:627-628.

Weir, J. 1861b. LXXXVII.- Mission of collector to Brazil. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 1**:643-645.

Weir, J. 1861c. XCI.- Mission of collector to Brazil. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 1**:663-664.

Weir, J. 1861d. XCV.- Mission of collector to Brazil. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 1**:683-685.

Weir, J. 1862a. III.- Mission of collector to Brazil. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:34-60.

Weir, J. 1862b. IX.- Mission of collector to Brazil. Letter from Mr.Weir. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:559-572.

Weir, J. 1862c. CII.- Mr Weir's Journal (continued from page 596). **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:785-794.

Weir, J. 1863a. XX.- Letter from Mr.Weir, the collector in south Brazil. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:67-68.

Weir, J. 1863b. XXXVIII.- Report on the plants collected by Mr.Weir, especially the Bignoniaceae. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:179-202.

Weir, J. 1863c. XLV.-. Mr. Weir's Journal (continued from Vol.II, p.795). **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:233-245.

Weir, J. 1863d. LII.- Descriptions of new species of plants collected by Mr.Weir in south Brazil. **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:294-296.

Weir, J. 1863e. LIX.- Mr. Weir's Journal (continued from Vol.III, p.245). **Proceedings of the Royal Horticultural Society 2**:336.

Wissenbach, M. C. C. 1995. Desbravamento e catequese na constituição da nacionalidade brasileira: as expedições do Braão de Antonina no Brasil meridional. **Revista Brasileira de História 15**(30):137-155.

Wright, R. M. & Cunha, M. C. de. 1999. Desctruction, resistance, and transformation – Southern, Coastal and Northern Brazil (1580-1890). p. 287-381, *In*: F.Salomon & S. Schwartz (eds). **The Cambridge History of the Native Peoples of the Americas**. Volume 3: South America, Parte 2. Cambridge, Cambridge University Press.

Yearsley, G. 2007. Gustav Wallis (1830-1878): the king of collectors. **Orchid Review 115**(1274):105-109.

Zimmer, J. T. 1926. Catalogue of the Edward E.Ayer Ornithological Library. Partes 1 e 2. **Publications of the Field Museum of Natural History, Zoological Series 16**(239 e 240):1-706.

Zimmer, K. J.; Whittaker, A. & Oren, D. C. 2001. A cryptic new species of flycatcher (Tyrannidae: *Suiriri*) from the cerrado region of Central South America. **Auk 118**(1):56-78.

ERRATA

1. No primeiro volume da série "Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná" (1541-1819) consta um verbete específico para **JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS II** (entre as páginas 83 e 92), fundamentado por artigos de minha autoria (Straube, 2005, 2008b) e vários outros estudos (Marcondes, 1923; Moreira, 1972). O autor da "Planta da Baía de Paranaguá" datada de 1653, no entanto, não é o famoso cartógrafo português, tal como amplamente reconhecido pela literatura histórica paranaense. Segundo Jefferson de Lima Picanço (*in litt*., 2013): "O mapa de baia de Paranaguá, de 1653 é um documento que está no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. Existem cópias na Biblioteca Nacional (catalogada com o código **AHU_CARTm_023, D. 1182)** e no Itamaraty. Sua autoria foi anteriormente atribuída a Eleodoro Ébano Pereira por vários estudiosos. Demonstra-se que o mapa foi executado (ou mandado executar) por **Pedro de Souza Pereira**, Administrador Geral das Minas e homem de confiança do Governador Geral Salvador Correa de Sá e Benevides. Trata-se do mais antigo mapa de recursos minerais da colônia. Em carta ao Rei, datada de 20 de maio de 1653, Souza Pereira descreve a baía, suas barras, as principais ilhas e as minas de ouro. Seu trabalho, com este mapa, foi o de localizar e organizar a produção das catas de ouro aluvionar no período 1651-59. Cópias deste mapa foram capturadas por piratas holandeses, assustando a administração portuguesa pela possibilidade de invasão da costa pelos batavos. No entanto, o fraco

rendimento destas minas e a oposição dos paulistas inviabilizam as lavras. Com a revolta do Rio de Janeiro, em 1660, Salvador Correa perde seu poder na região, e as lavras voltam a ser exploradas sem controle por parte da família Sá do Rio de Janeiro".

Essa informação possui enorme importância para a História do Paraná, em virtude da antiguidade e detalhamento do referido documento mas, também, de uma admissão de sua autoria, quase unânime (e errônea) entre os estudiosos. Além disso, se trata da primeira informação documentada – ainda que baseada em uma fonte iconográfica – de uma espécie de ave no estado do Paraná, o que se ressalta também pelo seu significado ornitológico.

Referências complementares:

Picanço, J. de L. 2009. A pesquisa mineral no Século XVII: o mapa da baía de Paranaguá, de Pedro de Souza Pereira (1653). **Anais do III Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica** (Ouro Preto, MG). 12 p.

Picanço, J. de L. & Mesquita, M. J. 2011. A cartografia primitiva da baía de Paranaguá (séculos XVI e XVII) e os limites da América portuguesa. **Anais do IV Simpósio Lusobrasileiro de Cartografia Histórica** (Porto, Portugal). 10 p.

* * *

2. No segundo volume (1820-1834), à página 189 (Cronologia), escrevi que, ao retornar à Europa, Langsdorff dirigiu-se para São Petersburgo (Rússia). No entanto, segundo corrigido por J. F. Pacheco (*in litt.*, 2012, amparado por Komissarov, 1988), o naturalista alemão retornou – na realidade – para a Alemanha, tendo falecido 22 anos depois na cidade de Freiburg.

A série **HORI CADERNOS TÉCNICOS** (HCT) é uma iniciativa da Hori Consultoria Ambiental, cujo objetivo é suprir a grande lacuna atualmente existente de documentos técnicos ligados alguns campos específicos das Ciências da Natureza. A coleção abrange temática variada mas com ênfase em instrumentação, metodologia, técnicas complementares, inovadoras ou alternativas, revisões, estudos de caso, relatos e resultados conclusivos de estudos de impactos ambientais, monitoramentos e demais abordagens no campo da consultoria ambiental e do ecoturismo.



http://www.hori.bio.br

HORI CADERNOS TÉCNICOS

HCT n° 1 (dezembro de 2010)

GLOSSÁRIO BRASILEIRO DE BIRDWATCHING (INGLÊS-PORTUGUÊS-INGLÊS) por Fernando C.Straube, Arnaldo B. Guimarães-Júnior, Maria Cecília Vieira-da-Rocha e Dimas Pioli.
ISBN: 978-85-62546-01-3

HCT n° 2 (junho de 2011)

LISTA DAS AVES DO PARANÁ (Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná) por Pedro Scherer-Neto, Fernando C. Straube, Eduardo Carrano e Alberto Urben-Filho. (Com dois suplementos).
ISBN: 978-85-62546-02-0

HCT n° 3 (dezembro de 2011)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período Pré-Nattereriano (1541-1819) por Fernando C. Straube.
ISBN: 978-85-62546-03-7

HCT n° 4 (junho de 2012)

TUBARÕES E RAIAS CAPTURADOS PELA PESCA ARTESANAL NO PARANÁ: GUIA DE IDENTIFICAÇÃO por Hugo Bornatowski e Vinícius Abilhoa (com adendo bibliográfico).
ISBN: 978-85-62546-04-4

HCT n° 5 (setembro de 2012)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 1 (1820-1834) por Fernando C. Straube.
ISBN: 978-85-62546-05-1

HCT n° 6 (agosto de 2013)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ.
Período de Natterer, 2 (1835-1865) por Fernando C. Straube.
ISBN: 978-85-62546-06-8